



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
LINHA: DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO BRASIL
TEMA: CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS EM COMUNIDADES DE
FRONTEIRA

MARLENE NERI SABADIN

CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: ASPECTOS DA
REALIDADE NA TRÍPLICE FRONTEIRA

Salvador
2013

MARLENE NERI SABADIN

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: ASPECTOS DA
REALIDADE NA TRÍPLICE FRONTEIRA**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia – UFBA como requisito para obtenção do grau de Doutora em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso

Co-orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Vanderci de Andrade Aguilera

Salvador
2013

Sistema de Bibliotecas da UFBA

Sabadin, Marlene Neri.

Crenças e altitudes linguísticas : aspectos da realidade na tríplice fronteira / Marlene Neri Sabadin. - 2013.
220 f.: il.

Inclui anexos.

Orientadora: Profª. Drª. Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso.

Co-orientadora: Profª. Drª. Vanderci de Andrade Aguilera.

Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2013.

1. Sociolinguística. 2. Dialetoлогия. 3. Geografia linguística. 4. Plurilinguismo. 5. Linguagem e línguas. I. Cardoso, Suzana Alice Marcelino da Silva. II. Aguilera, Vanderci de Andrade. III. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. IV. Título.

MARLENE NERI SABADIN

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: ASPECTOS DA
REALIDADE NA TRÍPLICE FRONTEIRA**

Esta tese foi julgada adequada para obtenção do grau de Doutora em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

Salvador, 17 de dezembro de 2013.

Prof. Dr. Domingos Sávio Pimentel Siqueira
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a. Dr.^a. Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso
Orientadora
Universidade Federal da Bahia

Prof.^a. Dr.^a. Vanderci de Andrade Aguilera
Co-orientadora
Universidade Estadual de Londrina

Prof.^a Dr.^a Jacyra Andrade Mota
Universidade Federal da Bahia

Prof.^a Dr.^a Marcela Moura Torres Paim
Universidade Federal da Bahia

Prof.^a Dr.^a Aparecida Feola Sella
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Dedico à minha família, que soube compreender os meus momentos de ausência, pelo carinho e apoio, fundamentais nesta caminhada.

AGRADECIMENTOS

A Deus por mais essa inspiração, que guiou meus passos, me deu proteção, sabedoria, força e coragem durante todo o processo de execução deste estudo;

À Prof.^a Dr.^a Suzana Alice Marcelino Cardoso pela valiosa orientação, dedicação manifestada, olhar cuidadoso nas leituras e em seus apontamentos, pelo apoio e compreensão nos momentos difíceis e pela confiança depositada em mim ao longo desse processo;

Aos informantes de Foz do Iguaçu, Ciudad del Este e Puerto Iguazú, participantes desta pesquisa, pela disponibilidade e atenção com que me receberam em suas casas e locais de trabalho, pela acolhida carinhosa, sem os quais este trabalho não existiria;

Às instituições que tornaram esta tese possível. Ao Programa de Pós-Graduação em Letras Dinter – Universidade Estadual do Oeste do Paraná e à Universidade Federal da Bahia;

À Universidade Estadual do Oeste do Paraná e à Secretaria Estadual de Educação do Paraná pelo afastamento integral da docência para realizar meus estudos;

À Prof.^a Dr.^a Célia Marques Telles, pela acolhida em sua residência, durante a primeira semana em Salvador para a realização do estágio de pesquisa e Tirocínio Docente na UFBA, e também, pela receptividade e organização no encaminhamento das atividades de docência durante o Estágio de Doutorado realizado na Universidade Federal da Bahia;

Ao Prof. Dr. Américo Venâncio Lopes Machado Filho, que viabilizou o acompanhamento à disciplina sob sua regência, LET A13 – Introdução ao Estudo de Língua Portuguesa e a docência, nessa disciplina, realizada por mim na UFBA;

À Prof.^a Dr.^a Jacyra Andrade Mota e a Prof.^a Dr.^a Vanderci de Andrade Aguilera, pelas valiosas contribuições no exame de qualificação;

Na certeza de que um trabalho como este não se faz sem o apoio e a contribuição efetiva de professores, colegas de trabalho, amigos e familiares, e por temer o risco da injustiça por omissão, estendo a todos meu mais sincero reconhecimento.

[...] como os cavaleiros que têm huns vocabolos e os lavradores outros, e os cortesãos outros, e os religiosos outros, e os mecanicos outros, e os mercadores outros; ou também se faz em terras esta particularidade, porque os da Beira têm hũas falas e os d'Alentejo outras. E os homens da Estremadura são diferentes dos d'Antre Douro e Minho, porque assi como os tempos, assi também as terras criam diversas condições e conceitos. E o velho, como tem o entender mais firme com o que mais sabe, também suas falas são de peso e as do mancebo mais leves.

(FERNÃO DE OLIVEIRA, [1536] 1975, p. 52)

RESUMO

A tese “Crenças e atitudes linguísticas: aspectos da realidade na Tríplice Fronteira” insere-se no conjunto de pesquisas de cunho sociolinguístico e dialetológico sobre crenças e atitudes linguísticas nos três municípios fronteiriços: Foz do Iguaçu, no Paraná (Brasil), Puerto Iguazú (Argentina) e Ciudad del Este (Paraguai). A escolha da região se dá pela complexidade sociolinguística marcada pelo espaço multiétnico da Tríplice Fronteira, onde se fazem presentes núcleos de imigração de alemães, poloneses, italianos, ucranianos, libaneses, árabes, argentinos, paraguaios, chineses e coreanos, entre outros. Para a composição do *corpus* foram entrevistados vinte e quatro informantes radicados há mais de vinte anos em cada uma das comunidades investigadas, distribuídos quanto ao grau de escolaridade, em dois grupos: universitários e não universitários. Conforme pesquisas da área da Sociolinguística e da Dialetologia, a língua falada em contexto de fronteira reflete as particularidades sociais, regionais, culturais e históricas de cada localidade. Sendo assim, a Tríplice Fronteira, por ser local de encontro de muitas culturas, despertou o interesse em verificar os fatores de variação linguística decorrentes da crença e das atitudes linguísticas nas línguas em contato nessa área de fronteira. Como espaço de contato de línguas, analisam-se, nesta tese, as crenças e atitudes linguísticas dos falantes e os usos linguísticos na fronteira, espaço plurilíngue, compartilhado por práticas resultantes de seu cruzamento.

PALAVRAS-CHAVE: Atitudes. Contato linguístico. Crenças. Variação.

ABSTRACT

The thesis “Beliefs and Attitudes language: aspects of reality in the triple border” is part of the set-based studies on sociolinguistic and dialectological beliefs and attitudes about language in the three border municipalities: Foz do Iguacu, Paraná (Brazil), Puerto Iguazú (Argentina) and Ciudad del Este (Paraguay). The choice of the region is given by the complex sociolinguistic multiethnic space marked by the triple border where nuclei are present immigration of Germans, Poles, Italians, Ukrainians, Lebanese, Arabs, Argentines, Paraguayans, Chinese and Korean, among others. For the composition of the corpus were interviewed twenty-four informants settled for more than twenty years in each of the communities investigated, distributed as to schooling in two groups: university and non-university. As research in the area of Sociolinguistics and Dialectology, the language spoken in the context of border reflects the specific social, regional and cultural history of each location. Thus, the triple border, being a meeting place for many cultures, has sparked interest in verifying the factors of linguistic variation resulting from belief and language attitudes in the languages in contact in this border area. As space language contact, are analyzed, in this thesis, the beliefs and attitudes of language speakers and linguistic uses in border space linguistic environment, shared by practices resulting from their intersection.

KEYWORDS: Attitudes. Language contact. Beliefs. Variation.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Línguas que os informantes dizem falar em Foz do Iguazu.....	108
Gráfico 2 – Línguas que os informantes dizem que falam, leem e escrevem em Foz do Iguazu	109
Gráfico 3 – Línguas que os informantes dizem falar em Ciudad del Este.....	110
Gráfico 4 – Línguas que os informantes dizem que falam, leem e escrevem em Ciudad del Este.....	111
Gráfico 5 – Línguas que os informantes dizem falar em Puerto Iguazú.....	113
Gráfico 6 – Línguas que os informantes dizem que falam, leem e escrevem em Puerto Iguazú	115
Gráfico 7 – É possível ser julgado melhor pelas línguas que fala do que pela inteligência?	174
Gráfico 8 – As mulheres falam melhor o idioma na Tríplice Fronteira.....	177
Gráfico 9 – Escolha linguística e jeito diferenciado para lidar com as pessoas no trabalho	183
Gráfico 10 – Uma pessoa bastante instruída fala melhor na Tríplice Fronteira.....	190
Gráfico 11 – Quem fala melhor na Tríplice Fronteira?.....	193

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa com a localização da Tríplice Fronteira.....	18
Figura 2 – Marco das Três Fronteiras.....	21
Figura 3 – Foz do Iguaçu.....	25
Figura 4 – Santos Dumont.....	26
Figura 5 – Ponte Internacional da Amizade.....	27
Figura 6 – Hidrelétrica de Itaipu.....	28
Figura 7 – Cataratas do Iguaçu.....	30
Figura 8 – Naipi.....	30
Figura 9 – Ciudad del Este.....	31
Figura 10 – Chipa paraguaia.....	35
Figura 11 – O artesanato.....	35
Figura 12 – Puerto Iguazú.....	35
Figura 13 – Fotomontagem do Passeio da Identidade.....	36
Figura 14 – Ponte Tancredo Neves.....	38

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perfil dos habitantes de Foz do Iguaçu.....	28
Quadro 2 – Nível de instrução dos habitantes de Foz do Iguaçu.....	28
Quadro 3 – Perfil dos habitantes de Ciudad del Este.....	33
Quadro 4 – Nível de instrução dos habitantes de Ciudad del Este.....	33
Quadro 5 – Perfil dos habitantes de Puerto Iguazú.....	38
Quadro 6 – Nível de instrução dos habitantes de Puerto Iguazú.....	38
Quadro 7 – Composição dos informantes.....	96
Quadro 8 – Perfil dos informantes de Foz do Iguaçu (BR).....	98
Quadro 9 – Perfil dos informantes de Cidade del Este (PY)	99
Quadro 10 – Perfil dos informantes de Puerto Iguazú (AR).....	99
Quadro 11 – Língua aprendida na família.....	107
Quadro 12 – Pode-se reconhecer a origem de uma pessoa pelo seu jeito de falar.....	122
Quadro 13 – Línguas mais faladas na Tríplice Fronteira.....	126
Quadro 14 – Ocasões em que o bi/multilinguismo se manifesta.....	131
Quadro 15 – Dificuldades linguísticas na Tríplice Fronteira.....	137
Quadro 16 – Mistura linguística na Tríplice Fronteira.....	149
Quadro 17 – A importância da pluralidade linguística na Tríplice Fronteira.....	152
Quadro 18 – Lugares em que a pluralidade linguística se manifesta.....	157
Quadro 19 – As línguas usadas para se ter sucesso na Tríplice Fronteira.....	165
Quadro 20 – A língua utilizada na contratação de empregados.....	168

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 AS RAZÕES QUE DESENCADARAM ESTA PESQUISA.....	13
1.2 DELIMITAÇÃO DO OBJETO E OS OBJETIVOS DESTE ESTUDO.....	14
2 O PARANÁ E A TRÍPLICE FRONTEIRA: DADOS HISTÓRICOS	18
2.1 A HISTÓRIA DO PARANÁ.....	18
2.2 A HISTÓRIA DA TRÍPLICE FRONTEIRA.....	20
2.2.1 Foz do Iguazu/Brasil.....	24
2.2.2 Ciudad del Este/Paraguai.....	30
2.2.3 Puerto Iguazú/Argentina.....	35
3 LÍNGUA: CONCEITOS	40
3.1 Línguas em Contato.....	42
3.1.1 A Variação Linguística.....	51
4 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS NA REGIÃO DE FRONTEIRA BRASIL/PARAGUAI/ARGENTINA	56
4.1 AS CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: CONCEITOS E DEFINIÇÕES.....	56
4.1.1 Inter-relação entre Crenças e Atitudes.....	62
4.1.2 Atitudes Linguísticas e Comunidades de Fala.....	65
4.2 CRENÇAS E ATITUDES: ESTUDOS REPRESENTATIVOS	68
4.2.1 Estudos representativos na esfera internacional.....	74
4.2.2 Estudos representativos no Brasil.....	79
4.3 CONCEITO DE PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLÓGICA DIRECIONADA ÀS CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS	91
5 METODOLOGIA	95
5.1 CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	95
5.2 PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DOS INFORMANTES.....	96
5.3 ESCOLHA DAS LOCALIDADES.....	100
5.4 QUESTIONÁRIOS.....	101
5.5 EXECUÇÃO DOS INQUÉRITOS.....	102
6 ANÁLISE DOS DADOS	104
6.1 ANÁLISE DOS AGRUPAMENTOS DE PERGUNTAS.....	105
6.1.1 Grupo 1 – Identificação da língua materna, da(s) língua(s) que mais fala e	

daquela(s) em que escreve.....	105
6.1.2 Grupo 2 – Crenças e atitudes relativas à identificação de uma pessoa pelo seu jeito de falar.....	117
6.1.3 Grupo 3 – Interferência linguística guarani x espanhol x português.....	139
6.1.4 Grupo 4 – As escolhas linguísticas.....	158
7 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	199
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	202
REFERÊNCIAS.....	204
ANEXO A – Ficha do Informante.....	214
ANEXO B – Questionário das Atitudes Linguísticas do Brasil com o Paraguai e com a Argentina.....	217
ANEXO C – Temas para discursos semi-dirigidos.....	219
ANEXO D – Texto para Leitura.....	220

1 INTRODUÇÃO

Nesta seção apresentam-se as razões que desencadearam a pesquisa, a delimitação do objeto de estudo juntamente com os objetivos, as hipóteses e cada uma das seções que constituem a tese.

1.1 AS RAZÕES QUE DESENCADARAM ESTA PESQUISA

A proposta intitulada “Crenças e atitudes linguísticas: aspectos da realidade na Tríplice Fronteira” insere-se no conjunto de pesquisas de cunho sociolinguístico e dialetológico sobre crenças e atitudes linguísticas.

Um estudo de tal natureza pode contribuir para a compreensão da história destes diferentes grupos, estabelecidos em cada uma das localidades. Pode, por outro lado, estender-se ao campo da educação, fornecendo elementos para a reflexão sobre a relação das crenças e atitudes linguísticas com o ensino-aprendizagem da língua portuguesa em contexto de fronteira.

A escolha da região se deu pela complexidade sociolinguística marcada pelo espaço multiétnico da Tríplice Fronteira Argentina, Brasil e Paraguai. Esse cenário torna-se cada vez mais complexo com a presença de núcleos de imigração de alemães, poloneses, italianos, ucranianos, libaneses, árabes, argentinos, paraguaios, chineses e coreanos, entre outros. Não há como deixar de pesquisar a região quando se vive a aproximadamente 150 km da área de intersecção de duas pontes, dois rios, três cidades, três países, três fronteiras.

O município de Foz do Iguaçu, devido à sua localização na fronteira com a cidade de Puerto Iguazú, situada na Argentina, em que os habitantes falam espanhol e português, e em Ciudad del Este, situada no Paraguai, cujos habitantes falam espanhol, guarani, yopará¹ e português, apresenta, na fala e nas demais manifestações do convívio social, trocas linguísticas e culturais. Embora o multilinguismo seja uma constante neste cenário, observa-se uma carência de pesquisas que abordem as crenças e atitudes linguísticas na Tríplice Fronteira.

¹ Yopará, em espanhol, ou jopará, em guarani, é uma variedade linguística, surgida com base no espanhol e no guarani, falada no Paraguai e Norte da Argentina.

1.2 DELIMITAÇÃO DO OBJETO E OS OBJETIVOS DESTE ESTUDO

As características geográficas e históricas da região Oeste do Paraná favorecem a um estudo pautado na interface etnográfica. Os movimentos de colonização podem ser apontados como responsáveis pelo polimorfismo na fala paranaense, com destaque para áreas de maior conservação e formação de ilhas linguísticas, conforme estudos de Aguilera (1990), Mercer (1992), Rodrigues (2007), Altino (2007) e Busse (2010).

A compreensão dos mecanismos que regem o uso da língua na interação social e a etnicidade dos envolvidos nos mais diversos contextos sociais pode, por exemplo, apontar estratégias que auxiliam na melhoria das relações de convívio em comunidades plurilíngues, muitas vezes propensas a tensões e a dificuldades na comunicação.

A partir dessas considerações, a presente pesquisa pretende responder às seguintes questões: **As três comunidades estudadas mantêm um intercâmbio linguístico, isto é, são plurilíngues no sentido de conhecerem a língua falada pelo seu vizinho e de se expressarem por meio dela? Quais são as interinfluências das línguas em contato?**

Observa-se que a língua portuguesa falada na fronteira é diferente da língua falada em outras regiões do Brasil. Segundo Sturza (2005, p. 48), “o português é ‘brasileiro’ e o espanhol é ‘castelhano’”, e a diferença reside também no fato ligado à “hereditariedade linguística – língua portuguesa de Portugal e língua espanhola da Espanha e aos seus domínios políticos na América hispânica.”(STURZA, 2005, p. 48). Pode-se acrescentar a esse fato, que há três dialetos falados na fronteira, conhecidos por yopará e guaraportunhol² falados mais especificamente por algumas comunidades do Paraguai e da Argentina e o portunhol que é falado pelos habitantes das três comunidades pesquisadas.

Na fronteira do Brasil com Argentina e Paraguai, o fluxo migratório trouxe um contingente significativo de brasileiros que trabalham nos países vizinhos e vice-versa, que contribuíram para estabelecer um comportamento linguístico diferenciado ao se tratar da língua portuguesa nas comunidades de fronteira. Camblong (2002, p. 12) define fronteira como

[...] um território de passagem, de tráfico perpétuo e de agitações simbólicas obscuras, complexas e misturadas. Um mundo dinâmico no qual se usam várias moedas, distintas línguas, mais de um documento pessoal, compra-se e se vende, chora-se e se ri, ama-se e se odeia em movimentos contínuos de um lado para o outro. No habitat fronteiriço as diferenças, a diversidade e as misturas são o pão

² Mistura linguística do guarani com português e espanhol.

nosso de cada dia: tensões ideológicas, preconceitos e estigmas se entrelaçam com simpatias ancestrais, afeto comunitário e idiosincrasia local reconhecida na língua dos habitantes daqui e de nenhum outro lugar. Estamos, pois esboçando “outro mapa” no qual faz ninho e se agita irônica sensação paradoxal: o que é exótico para o centro, para nós é familiar; o que para o Estado-Nação é estrangeiro, para nós é vizinho; o que as gramáticas distinguem, nós o usamos mesclado, pois também na fala atravessamos fronteiras, e por sua vez, as fronteiras nos atravessam continuamente³.

A fronteira aqui referida se caracteriza por uma mobilidade social paradoxal, por vezes de conflito, por vezes de integração, pois apresenta uma série de traços socioculturais e costumes comuns. Nesse espaço, as pessoas circulam, conversam e a prática linguística apresenta outra dinâmica. É comum falar um ou outro idioma, mesclando os idiomas (fato mais frequente entre o português e o espanhol), mantendo um nível de compreensão. Os falantes são capazes de se fazer entender e a comunicação flui normalmente, independentemente do nível de domínio linguístico que cada falante tenha do idioma do outro.

A partir dessas considerações, levantam-se as seguintes hipóteses:

A primeira hipótese consiste em reconhecer que a maneira dos falantes se expressarem não se configura como una e imutável. Pelo contrário, varia conforme o contexto, pois o mesmo falante pode identificar-se com o espanhol argentino ou espanhol paraguaio, ou, contrariamente, com o português brasileiro e como membro de uma classe social específica, mais ou menos escolarizada.

A segunda hipótese está relacionada à diglossia, isto é, à natureza da aquisição da língua portuguesa nas respectivas comunidades, vinculada ao seu uso nas relações comerciais e turísticas.

A terceira hipótese admite que, por se tratar de um contexto plurilíngue com a presença de falantes de várias regiões do Brasil, os falantes de português de Puerto Iguazú e Ciudad del Este poderiam aproximar sua fala à do carioca, à do gaúcho, à do mineiro, à do

³ “[...] un territorio de pasajes, de tráfico perpetuo y de ajetreos simbólicos enrevesados, complejos y mixturados. Un mundo dinámico en el que se manejan varias monedas, distintas lenguas, más de una documentación personal, se compra y se vende, se llora y se ríe, se ama y se odia en movimientos continuos de un lado al otro. En el habitat fronterizo las diferencias, la diversidad y los mestizajes son el pan nuestro de cada día: tensiones ideológicas, prejuicios y estigmas se entrelazan con simpatías ancestrales, afecto comunitario e idiosincrasia local reconocible a la legua por los de aquí nomás. Estamos pues bosquejando “otro mapa” en el que anida y se agita el irónico tufillo paradojal: lo que para el centro es exótico, para nosotros familiar; lo que para el Estado-Nación es extranjero, para nosotros, vecino; lo que las gramáticas distinguen, nosotros lo usamos mezclado, pues también en el habla atravesamos fronteras, y a la vez, las fronteras nos atraviesan en continuidad.” (CAMBLONG, 2002, p. 12). (Tradução nossa).

paulista ou à de qualquer falante de outra região que lá se tenha feito presente.

Enfim, a comprovação dessas hipóteses que orientam a pesquisa pode documentar as crenças e atitudes de falantes de uma língua em relação à língua ou à variante utilizada pelo outro, como também, fatores de variação linguística decorrentes da crença e das atitudes linguísticas nas línguas em contato nessa área de fronteira.

A proposta tem como **objetivo geral** analisar as crenças linguísticas representativas dos diferentes grupos estabelecidos nos três municípios fronteiriços: Foz do Iguaçu, no estado do Paraná (Brasil), Puerto Iguazú, na província de Misiones (Argentina) e Ciudad del Este, no Departamento de Alto Paraná (Paraguai).

Como **objetivos específicos** propõem-se: (I) Identificar as crenças do falante da fronteira relacionadas à língua de interação utilizada neste contexto; (II) Investigar se nas comunidades de fronteira ocorre ou não a diglossia; (III) Identificar fatores de variação linguística decorrentes das crenças e das atitudes linguísticas.

Neste estudo, analisam-se as crenças e atitudes linguísticas, a partir de dados constantes de inquéritos aplicados a falantes do português, estabelecidos há mais de 20 anos, em distintas comunidades da fronteira, que mantêm contato linguístico direto e contínuo entre grupos de indivíduos representantes de culturas diversas e com as continuadas mudanças da Língua Portuguesa e da Língua Espanhola observadas nas três cidades pesquisadas.

Para dar cumprimento ao proposto nos objetivos, esta tese está estruturada em sete seções, a saber:

A primeira seção se constitui da parte introdutória, em que se apresentam a justificativa, os objetivos e as hipóteses, enfim, os elementos que desencadearam a pesquisa.

A segunda seção traz alguns dados do Paraná, da Tríplice Fronteira e da origem de cada uma das comunidades pesquisadas.

A terceira seção discute conceitos e definições de língua; de línguas em contato e variação linguística.

A quarta seção trata da fundamentação teórica, do estudo das crenças e atitudes linguísticas na região de fronteira Brasil/Paraguai/Argentina. As subseções tratam das crenças e atitudes linguísticas: conceitos e definições; das crenças e atitudes: estudos representativos; da inter-relação entre crenças e atitudes; das atitudes linguísticas e comunidades de fala; e do conceito de pesquisa Sociolinguística e Dialetológica direcionada às crenças e atitudes linguísticas.

A quinta seção trata dos procedimentos metodológicos para a preparação da pesquisa,

constituição do corpus, o perfil sociolinguístico dos informantes, escolha das localidades, questionários e execução dos inquéritos.

A sexta seção traz a análise dos dados extraídos do *corpus* constituído das respostas obtidas com os inquéritos aplicados em Foz do Iguaçu, Ciudad del Este e Puerto Iguazú, para visualizar a realidade linguística de cada cidade e entender melhor o processo de variação da língua em comunidades de fronteira.

A sétima seção expõe dos resultados obtidos por meio da análise dos dados para verificar se as hipóteses e os objetivos traçados no princípio deste estudo se confirmam.

E a oitava seção apresenta as considerações finais a respeito do trabalho realizado.

2 O PARANÁ E A TRÍPLICE FRONTEIRA: DADOS HISTÓRICOS

Figura 1 – Mapa com a localização da Tríplice Fronteira



Fonte: Disponível em: <http://www.pmf.pr.gov.br/portal2/home_turismo/>. Acesso em: 02 de maio de 2011.

2.1 HISTÓRIA DO PARANÁ

A história do Estado do Paraná⁴ (WACHOWICZ, 2002, p. 160-163) remonta há milhares de anos. As provas materiais dessa história estão presentes em todo o território paranaense nos vários sítios arqueológicos pesquisados como as pinturas rupestres nos Campos Gerais e os sambaquis⁵ no litoral. Nesses locais foram encontrados vestígios materiais importantes que revelam como viviam os habitantes desta terra antes da vinda dos primeiros europeus para a América. A ocupação europeia no Brasil, em especial no Paraná, aconteceu por duas vias: uma espanhola e a outra portuguesa.

O Estado do Paraná é caracterizado, historicamente, por um povoamento que teve

⁴ A palavra Paraná é de origem Tupi e significa: “Paraná. S.m. (PR) [Do G. para: mar + anã: semelhante, parecido] Paraná: semelhante ao mar, grande como o mar.” (FILIPAK, 2002, p. 108 e 110).

⁵ Designação dada a antiquíssimos depósitos, situados ora na costa, ora em lagoas ou rios do litoral, e formados de montões de conchas, restos de cozinha e de esqueletos amontoados por tribos selvagens que habitaram o litoral americano em época pré-histórica.

orientação nas diversas fases econômicas pelas quais percorreu: tropeirismo⁶, madeira, mate, café e soja. Essas fases resultaram num processo de povoamento irregular, no qual parcelas do território foram ocupadas segundo as motivações de exploração econômica do momento. O início do povoamento, ainda no período colonial, envolve as disputas territoriais entre Portugal e Espanha.

Em 1541, Dom Alvarez Nuñez Cabeza de Vaca, partindo da Ilha de Santa Catarina seguiu por terra em direção a oeste tomando posse simbólica deste território em nome da Espanha. Nesta fase a Coroa Espanhola cria cidades e algumas reduções para assegurar o seu território determinado pelo Tratado de Tordesilhas – acordo bilateral entre os reinos ibéricos de Portugal e Espanha.

No ano de 1554, é criada a primeira povoação européia em território paranaense, a vila de Ontiveros, às margens do Rio Paraná, perto da foz do Rio Ivaí. Dois anos depois, o povoamento se transfere para perto da foz do Rio Piquiri, recebendo o nome de Ciudad Real del Guairá – hoje município de Terra Roxa – que juntamente com Vila Rica do Espírito Santo – nas margens do Rio Ivaí – formou a província de Vera ou do Guairá, a qual pertencia boa parte do atual território paranaense, “tinha a população indígena, de milhares de pessoas, desenvolvendo atividades como o plantio de milho, mandioca, criação de gado e extração de erva mate, além de outras ocupações.” (SANTOS, 2001, p. 19-20).

No início do século XVI, os portugueses criaram duas capitânias sobre o nosso litoral. A primeira, a Capitania de São Vicente, na região compreendida entre a Barra de Paranaguá e a de Bertiooga. A segunda, a Capitania de Sant’Ana, desde a Barra de Paranaguá até onde fosse legítima pelo Tratado de Tordesilhas; mas, referências históricas, datadas de 1540, dão conta da existência de moradores na baía de Paranaguá vindos de Cananéia e São Vicente.

Em meados de 1600, intensifica-se a presença dos vicentinos (moradores da capitânia de São Vicente) em todo o litoral e nos Campos de Curitiba. Em 1648, o povoado de Paranaguá é elevado a categoria de Vila com a denominação de Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá.

O primeiro português a requerer terras em solo paranaense foi Diogo de Unhate, em 1614, que obteve uma Sesmaria na região de Paranaguá, localizada entre os rios Ararapira e Superagüi. Em 1617, Gabriel de Lara funda uma povoação na Ilha da Cotinga, transferiu-a, depois, para a margem esquerda do Rio Taquaré.

Mesmo após os tratados (como de Santo Ildefonso em 1777), no período imperial,

⁶ Atividade econômica ligada ao comércio de tropas de gado.

conflitos, como a Guerra do Paraguai⁷, as dificuldades de fixação persistiram no território desmembrado da Província de São Paulo em 1853. As disputas com Paraguai e Argentina e, posteriormente, com Santa Catarina (na questão do Contestado) avançaram até o início do século XX. “Com isso, o Paraná viveu quase quatro séculos de estagnação econômica.” (NICHOLLS, 1971, p. 28).

O Paraná está localizado na Região Sul do Brasil. Com 399 municípios, tem área de 199.316.694 Km². De acordo com o Censo realizado no ano de 2010 pelo IBGE a população era de 10.444.526 habitantes.

Três tipos de clima são identificados no Paraná, definidos principalmente pela localização do Estado, pelas temperaturas e pelos ciclos de chuva. No litoral, predomina o clima tropical super-úmido, sem estação seca. Nas regiões norte, oeste e sudoeste predomina o clima subtropical úmido mesotérmico, com verões quentes, sem estação seca, com poucas geadas. Na região de Curitiba, nos campos gerais e sul, o verão é brando, sem estações secas e ocorrem geadas severas. A temperatura média do Estado é de 18,5°C.

O Paraná é subdividido em duas bacias de desaguamento: os rios que pertencem ao grande sistema de captação do Rio Paraná e o complexo de rios que pertencem à bacia de drenagem do Oceano Atlântico.

Os principais rios da bacia hidrográfica do Paraná são o Paranapanema, o Tibagi, o Piquiri e o Iguaçu, que formam um complexo hidrográfico com enorme potencial energético. Somente a bacia do Rio Iguaçu, que nasce ao lado de Curitiba e deságua no extremo oeste do estado, no Rio Paraná, na fronteira com o Paraguai, tem potencial hidroelétrico para 11,3 megawatts.

A bacia hidrográfica do Atlântico abrange os sistemas hidrográficos do Rio Ribeira, da baía das Laranjeiras, da baía de Antonina, do Rio *Nhundiaquara*, da baía de Paranaguá e da baía de Guaratuba.

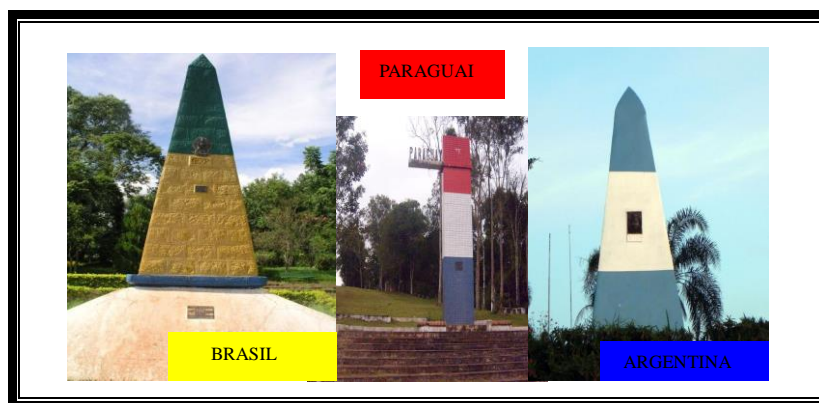
2.2 A HISTÓRIA DA TRÍPLICE FRONTEIRA

O Oeste paranaense destaca-se dentre as regiões do Paraná por estar na fronteira com outros países. A sua formação histórica remete à história do próprio Brasil: a colonização portuguesa e espanhola, os tratados entre Portugal e Espanha, a presença da companhia

⁷ As informações sobre a Guerra do Paraguai serão tratadas na seção 2.2, que discorre sobre a história da Tríplice Fronteira.

jesuítica, a demarcação das fronteiras, os conflitos com o Paraguai, conforme vistos nas seções anteriores.

Figura 2 – Marco das Três Fronteiras⁸



Fonte: acervo pessoal

De acordo com pesquisas realizadas, Borstel (1992), Damke (1988), Pereira (1999), Sabadin (2006), entre outros pesquisadores, apontam que os 19 municípios da região oeste do Paraná, que fazem fronteira com o Paraguai e a Argentina, têm a sua história marcada pelos imigrantes paraguaios, argentinos, indígenas, e descendentes de alemães, poloneses, italianos, ucranianos, libaneses, chineses, coreanos, africanos, árabes e demais etnias. Conforme visto na introdução, a Tríplice Fronteira une três países da América do Sul, com suas respectivas cidades e no município de Foz do Iguaçu. Além da presença de imigrantes de todos os países, é grande também o número de migrantes de todas as regiões brasileiras.

A delimitação dos domínios do Brasil e Paraguai, colônias de Portugal e da Espanha, aconteceu pela primeira vez pela Bula de Alexandre VI, em 1493, logo alterada pelo Tratado de Tordesilhas. Com a unificação das coroas de Portugal e Espanha de 1580 a 1640, ocorreu o avanço das fronteiras portuguesas para o Ocidente. Em 1750, estes dois países assinaram o Tratado de Madri e, em 1777, o de Santo Idelfonso. Em 1844, foi firmado entre Paraguai e Brasil o Tratado de Limites, Aliança e Comércio, não ratificado pelo Brasil.

Apesar da região ter sido pouco ocupada durante os séculos XVI e XVIII por missões jesuíticas, a demografia da região passou a ser alterada especialmente quando esta se tornou um ponto de imigração após a Guerra do Paraguai, ocorrida entre 1864 e 1870, e que colocou em combate o Paraguai contra o Brasil, Uruguai e Argentina. A guerra do Paraguai foi o maior

⁸ Fotomontagem do Marco das Três Fronteiras.

conflito armado internacional ocorrido no continente americano. A consolidação da República do Paraguai e a ocorrência de duas guerras internacionais: Tríplice Aliança (1864-1870) e a Guerra do Chaco⁹ (década de 1930) foram decisivas no processo de elaboração da identidade paraguaia calcada na língua guarani. A Guerra do Chaco foi significativa para os militares da época, porque, mais precisamente, em maio de 1933, o Comandante e Coronel Estigarribia, ordena que o diálogo entre as tropas, as conversas telefônicas entre os Chefes e Oficiais com seus subordinados sejam feitas em guarani. O fato de determinar a comunicação em guarani estabelece um relacionamento de confiança entre eles que foi uma forma estratégica a favor do país. A língua guarani se fortalece no decorrer de ambos os conflitos. Pela vantagem de ser quase totalmente desconhecida pelos exércitos inimigos.

De fato, esta guerra dizimou boa parte da população paraguaia e exigiu do governo daquele país incentivo para que imigrantes povoassem algumas regiões do país, em especial as fronteiriças.

Do lado brasileiro, o povoamento iniciou em 1888 por meio da criação da colônia militar do Iguaçu. Tanto Brasil como Argentina iniciam a ocupação da área por volta do mesmo período.

Os fluxos migratórios de alemães e holandeses vieram engrossar o caldo humano e oficial de populações brasileiras, argentinas e paraguaias em Iguaçu.

Wachowicz (2002, p. 242) relata que “um viajante perguntou a uma cabocla brasileira sua nacionalidade, obteve como resposta: ‘Soy brasileña, señor, gracias a Dios’. Em Foz do Iguaçu, o português era falado apenas pelos funcionários públicos”. Na sequência chegaram imigrantes via Guarapuava e sulistas de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em 1930, as populações das obrages ultrapassavam 10.000 habitantes, quase todos estrangeiros (WACHOWICZ, 2002, p. 243). Em 1931, a mão de obra das obrages foi nacionalizada por Decreto-Lei. Nessa época, Foz do Iguaçu estava interligada e dependia da Argentina; o dinheiro circulante era o peso argentino.

Nos anos sessenta, surge uma nova onda de imigração devido ao aumento de investimento em infra-estrutura, especialmente por parte do Brasil, que teve como consequência a ampliação da movimentação de bens e mão-de-obra na região.

⁹ “Guerra do Chaco foi um conflito armado entre a Bolívia e o Paraguai que se estendeu de 1932 a 1935. Originou-se pela disputa territorial da região do Chaco Boreal, tendo como uma das causas a descoberta de petróleo no sopé dos Andes”. Disponível em: <<http://www.portalbrasil.net/brasil.htm>>. Acesso em: 31 de julho de 2012.

Essa imigração em massa gerou vários conflitos no país, entre brasileiros e indígenas e camponeses paraguaios, conflitos esses em torno das questões sobre posse de terra e que são visíveis até os dias de hoje. Os paraguaios sentem que foram invadidos e desapropriados pelos brasileiros, que contaram com a ajuda e apoio do seu próprio governo, que possibilitou toda a transferência e garantiu a legalidade da compra de propriedades por estrangeiros.

Assim, muitos indígenas e camponeses, por não conseguirem manter suas terras, venderam-nas a um baixo custo aos brasileiros e com isso, até hoje, sofrem as consequências da presença massiva desses estrangeiros no local.

Os conflitos envolvendo brasileiros, camponeses e indígenas paraguaios não se resumem apenas à disputa pela terra; estão relacionados também à destruição florestal, uma vez que a área fronteira destinada aos brasileiros era ocupada por uma reserva, e o uso de agrotóxicos nas lavouras de soja tem provocado vários casos de intoxicação de camponeses na região.

Apesar de Soares (2004) refutar qualquer singularização relacionada ao preconceito, percebemos que alguns vocábulos são (re) criados e assumem novos significados e muitas vezes essa atitude linguística é carregada de significado, como a depreciação do outro, segundo Albuquerque (2009, p. 5):

[...] Assim, “che iru”, que em guarani significa “meu amigo”, “meu companheiro” os brasileiros mudam para “chiru” ou “chiru mandioqueiro”, e passa a ser um termo pejorativo (“bugre”, “índio”, “não civilizado”, etc.). De mesma forma, a palavra portuguesa “rapaz” (“jovem”, “moço”) (...) se transforma em “rapai” na linguagem paraguaia e também adquire um sentido depreciativo (“ignorante”, “inculto”, etc.).

Embora Albuquerque (2009) trace um dos ângulos das relações entre as comunidades, isto é, a ressignificação dos vocábulos. O sentimento de pertença a uma comunidade com diferentes costumes e outros aspectos extremos de diferenciação; muito embora, não seja isso que ocorre em alguns casos, como se comprova com a utilização do termo “brasiguai” que adquiriu sentidos variados ao longo das duas últimas décadas, conforme constata Albuquerque (2009, p. 8) que cita os diferentes empregos do termo:

[...] 1) ao imigrante pobre que foi para o Paraguai, não conseguiu ascender socialmente e que, muitas vezes, regressou ao Brasil; 2) aos grandes fazendeiros brasileiros no Paraguai; 3) aos filhos dos imigrantes que já nasceram naquele país e têm a nacionalidade paraguaia; 4) aos imigrantes e seus descendentes que falam um “idioma fronteiro” e mesclam outros elementos culturais dos dois países; 5) a todos os imigrantes brasileiros na nação vizinha.

Pode-se considerar também significativa a influência cultural brasileira via meios de comunicação, músicas, danças, tradições e culinária nessa ampla zona de fronteira. Percebe-se, que é muito comum assistir aos programas de televisão brasileiros em Puerto Iguazú e em Ciudad del Este. Nos restaurantes, bares e casas noturnas é frequente o gosto pela música brasileira. Assim como, em alguns ambientes de Foz do Iguaçu, com uma frequência menor, isto é, esporadicamente, são ouvidas músicas dos países vizinhos, que têm se mostrado sempre muito agradáveis aos brasileiros.

Destaca-se também que a integração internacional proposta para o bloco do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), assinada em 26 de março de 1991, além de outras questões, tem as questões linguística e cultural como elementos fundamentais para o seu sucesso. Desde 1991, os países membros do MERCOSUL se comprometeram a ensinar e aprender as línguas comuns, português e espanhol, oferta obrigatória de espanhol no ensino médio brasileiro (Lei 11.161, 5/8/2005) e português no ensino médio argentino (Lei 26.468, 16/1/2009). Essas leis obrigam as escolas a ensinar a língua àqueles estudantes que quiserem aprendê-las. A lei argentina inclui o ensino primário na fronteira com o Brasil (províncias de Corrientes e Misiones, e no nordeste da Argentina). Já a aprovação do acordo sobre ensino de português e espanhol no MERCOSUL (PDC-2072/2009) (BRASIL, 2010), foi estabelecido pela Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ), em março de 2010. Trata-se de um acordo que normatiza o ensino de português e espanhol como línguas estrangeiras nos países do MERCOSUL (Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai), porém não se sabe se esse acordo é cumprido pelas escolas dos países que integram o MERCOSUL.

2.2.1 Foz do Iguaçu/ Brasil

De acordo com os Dados Socioeconômicos de Foz do Iguaçu (2011, *online*)¹⁰ descobertas arqueológicas feitas pela Universidade Federal do Paraná, mais especificamente no reservatório de Itaipu, relatam que foram encontrados vestígios da existência de humanos na região há mais seis mil anos antes de Cristo. Os últimos vestígios originam-se de indígenas e de europeus (espanhóis e portugueses).

¹⁰ Dados Socioeconômicos de Foz do Iguaçu. Disponível em: <<http://www.pmfi.pr.gov.br/Portal/VisualizaObj.aspx?IDObj=12845>>. Acesso em: 31 de julho de 2011.

Figura 3 – Foz do Iguaçu



Fonte: acervo pessoal

No ano de 1542, o espanhol Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, chegou ao Rio Iguaçu e por ele seguiu guiado por índios Caingangues. Ao chegar às Cataratas, batiza-as de “Salto Santa Maria” nome que, com o tempo, foi substituído por sua primitiva denominação guarani: *Iguaçu*, *I* – “água” e *guaçu* – “grande”. Segundo registros, Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca é considerado o descobridor das Cataratas.

Foz do Iguaçu recebeu os primeiros habitantes em 1881, Pedro Martins da Silva (brasileiro) e Manuel Gonzáles (espanhol). Tempos mais tarde chegaram os irmãos Goycochéa, que dão início à exploração da erva-mate.

Ainda com registros obtidos na Prefeitura do Município, em julho de 1889, chegou ao local a expedição do Engenheiro e Tenente José Joaquim Firmino. Em 22 de novembro do mesmo ano, o Tenente Antonio Batista da Costa Júnior e o Sargento José Maria de Brito fundaram a Colônia Militar na fronteira, que tinha competência para distribuir terrenos a colonos interessados. O período marca também o início da ocupação do lugar por brasileiros, paraguaios, argentinos, espanhóis e ingleses, já presentes na região e dedicados à extração da erva-mate e da madeira, exportadas via Rio Paraná.

No ano de 1897, com a criação da Agência Fiscal, que tinha como chefe Capitão Lindolfo Siqueira Bastos, 13 casas foram registradas e alguns ranchos de palha. Nos primeiros anos do século XX, a população de Foz do Iguaçu chegou a aproximadamente 2.000 pessoas e a vila dispunha de uma hospedaria, quatro mercearias, um quartel militar rústico, estação telegráfica, engenhos de açúcar e cachaça e uma agricultura de subsistência.

A Colônia Militar passou à condição de “Vila Iguassu” em 1910, distrito do Município de Guarapuava. Na sequência, o Ministro da Guerra emancipou a Colônia, o povoamento civil estava, então, aos cuidados do governo do Paraná, que, em 1912, criou a Coletoria Estadual da Vila. Em 14 de março de 1914, pela Lei 1383, foi criado o Município de Vila Iguaçú, instalado efetivamente no dia 10 de junho do mesmo ano, com a posse do primeiro prefeito, Jorge Schimmelpfeng, e da primeira Câmara de Vereadores. Seus habitantes são designados usualmente pelo gentílico iguaçuenses.

Figura 4 – Santos Dumont¹¹



Fonte: acervo pessoal

A história do Parque Nacional do Iguaçú remonta ao ano de 1916, com a passagem de Alberto Santos Dumont por Foz do Iguaçú. Conhecido como o Pai da Aviação, é considerado o fundador do Parque Nacional do Iguaçú, conforme ilustração em destaque. Naquela época, a área pertencia ao uruguaio Jesus Val. Santos Dumont foi quem intercedeu junto ao Presidente do Estado do Paraná, Sr. Affonso Alves de Camargo, para que a área fosse desapropriada e tornada patrimônio público.

Segundo dados da Prefeitura de Foz do Iguaçú, a estrada que liga Foz do Iguaçú a Curitiba surge em 1920; era uma estrada precária, cheia de obstáculos. Em 1969, foi inaugurado o asfaltamento da estrada que corta o Paraná de leste a oeste e possibilita o trajeto de Foz do Iguaçú a Paranaguá.

Os Decretos nº 6506, de 17 de maio de 1994 e de nº 6587 de 14 de junho do mesmo ano, consolidam e ampliam a área do Parque Nacional do Iguaçú dando-lhes os limites

¹¹ Fotomontagem de Santos Dumont, registrada no Parque Nacional do Iguaçú, as placas ao lado, são as que se encontram aos pés da estátua e foram ampliadas para melhor visualização.

propostos pelo chefe da seção de Parques Nacionais; os limites atuais são 185.000 hectares.

Os Dados Socioeconômicos (2011, *online*)¹² registram que, com a inauguração da ponte internacional da amizade (Brasil-Paraguai), em 1965, e inauguração da BR-277, ligando Foz do Iguaçu a Curitiba e ao litoral, em 1969, o município teve seu desenvolvimento acelerado pela intensificação do seu comércio, principalmente com a cidade paraguaia de Ciudad del Este.

Figura 5 – Ponte Internacional da Amizade



Fonte: acervo pessoal

Outro fator que contribuiu para o aumento da população e o índice de empregos em Foz do Iguaçu foi a construção da Hidroelétrica de Itaipu (Brasil-Paraguai), denominação de origem tupi-guarani que significa “A Pedra que Canta”. A usina foi iniciada na década de 70 e causou fortes impactos em toda a região. Em 1960, o município contava com 28.080 habitantes; em 1970 com 33.970 e havia, em 1980, 136.320 habitantes, registrando um crescimento de 385%. Para 2010, estimava-se uma população de 325.137 habitantes, segundo dados da Prefeitura Municipal, número esse que o Censo 2010 não confirmou, indicando uma população de 256.088 habitantes.

O clima de Foz de Iguaçu é subtropical úmido mesotérmico, classificado por Köppen, um clima temperado e úmido com verão quente. A cidade tem uma das maiores amplitudes térmicas anuais do estado, valor aproximado de 11°C de diferença média entre o inverno e o verão. Isto se deve à menor influência das correntes marítimas do que a que ocorre em outros municípios.

¹² Dados Socioeconômicos de Foz do Iguaçu. Disponível em: <<http://www.pmf.pr.gov.br/Portal/VisualizaObj.aspx?IDObj=12845>>. Acesso em: 31 de julho de 2011.

Figura 6 – Hidrelétrica de Itaipu



Fonte: acervo pessoal

Foz do Iguaçu se localiza no extremo-oeste do Paraná. O acesso ao município pode ser: a) terrestre pela Rodovia Federal BR-277 (Brasil), Ponte Internacional da Amizade (Paraguai) e Ponte Internacional Tancredo Neves (Argentina); b) fluvial pelos rios Paraná, Iguaçu e pelo Lago de Itaipu; c) aéreo pelo Aeroporto Internacional de Foz do Iguaçu.

O Quadro 1 mostra o perfil geral dos habitantes do município de Foz do Iguaçu, de acordo com sexo (homem/mulher) e o Quadro 2 apresenta o nível de instrução escolar dos habitantes.

Quadro 1 – Perfil dos habitantes de Foz do Iguaçu

SEXO	HABITANTES	PERCENTUAL
Homens	124.218	48,50%
Mulheres	131.870	51,50%
Total	256.088	100%

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010)

Quadro 2 – Nível de instrução dos habitantes de Foz do Iguaçu

Nível de Instrução dos Habitantes acima de 15 Anos	HABITANTES	HOMENS	MULHERES
	256.088	124.218	131.870
Sem instrução	30,6%	17,9%	12,7%
Ensino Fundamental Completo	30,3%	12,4%	17,9%
Ensino Médio Completo	36%	15,6%	20,4%
Ensino Universitário Completo	3,71%	1,26%	2,45%

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010)

De acordo com os dados registrados do município de Foz do Iguaçu pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC, 2010) e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

Anísio Teixeira (INEP, 2010, *online*)¹³ foram matriculados 1.770 alunos na Creche; 3.299 alunos no Ensino Pré-escolar; 19.690 alunos nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental; 18.811 alunos no Anos Finais do Ensino fundamental; 10.699 alunos no Ensino Médio e foram registrados 11.948 alunos no Ensino Superior. Percebe-se que a maioria dos iguaçuenses vai para o mercado de trabalho com baixa escolaridade, pouca qualificação profissional, e que a outra parcela de escolarizados e com qualificação profissional é menor, comparando com o índice de alunos que entram no Ensino Fundamental.

Segundo dados do IBGE (2010, *online*)¹⁴, o índice de natalidade de homens é maior do que o de mulheres. Essa prevalência do sexo masculino se mantém até os 14 anos, verificando-se que a partir dos 15 anos há uma redução significativa de homens, no município, com o aumento do número de mulheres. As estatísticas apontam, também, que as pessoas estão vivendo mais, como indicam dados de censos anteriores, cuja estimativa de vida era em torno dos 68 anos, em confronto com os dados de 2010 que mostram a existência de 16 moradores, dos quais 10 são mulheres, com mais de 100.

A origem das Cataratas do Iguaçu data de 120 milhões de anos, resultado de uma sequência de erupções vulcânicas. Sua formação habita o imaginário da população local com lendas indígenas que narram a respeito do maior conjunto de quedas d'água do planeta. Uma delas diz que índios caingangues, que habitavam as margens do Rio Iguaçu, acreditavam que o mundo era governado por *M'BOY*, o deus serpente, filho de Tupã.

A partir desse fato, surgiu a Lenda das Cataratas do Iguaçu e suas várias formas de contar e encantar a população em geral, uma das quais, registrada no site (2011) do Parque Nacional do Iguaçu, aqui se reproduz.

*Lenda das Cataratas*¹⁵

Conta-se que os índios Caingangues, habitantes das margens do Rio Iguaçu, acreditavam que o mundo era governado por M'Boy, um deus que tinha a forma de serpente e era filho de Tupã. Igobi, o cacique dessa tribo, tinha uma filha chamada Naipi, tão bonita que as águas do rio paravam quando

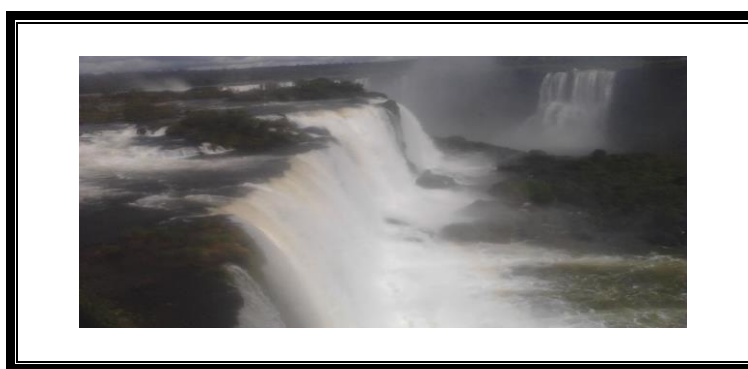
¹³ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=comcontent&view=article&id=206:inep&catid=122:inep-estudos-e-pesquisas&Itemid=229>>. Acesso em: 05 de novembro de 2012.

¹⁴ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 05 de maio de 2011.

¹⁵ Figura de Naipi e Lenda das Cataratas. Disponível em: <<http://www.cataratasdoiguacu.com.br/portal/paginas/226-lenda-das-cataratas.aspx>>. Acesso em: 30 de abril de 2011.

a jovem nelas se mirava. Devido à sua beleza, Naipi era consagrada ao deus M'Boy, passando a viver somente para o seu culto. Havia, porém, entre os Caingangues, um jovem guerreiro chamado Tarobá que, ao ver Naipi, por ela se apaixonou.

Figura 7 – Cataratas do Iguaçu



Fonte: acervo pessoal

No dia da festa de consagração da bela índia, enquanto o cacique e o pajé bebiam cauim (bebida feita de milho fermentado) e os guerreiros dançavam, Tarobá aproveitou e fugiu com a linda Naipi numa canoa rio abaixo, arrastada pela correnteza. Quando M'Boy percebeu a fuga de Naipi e Tarobá, ficou furioso. Penetrou então as entranhas da terra e, retorcendo o seu corpo, produziu uma enorme fenda, onde se formou a gigantesca catarata.



Figura 8 – Naipi

Envolvidos pelas águas, a canoa e os fugitivos caíram de grande altura, desaparecendo para sempre. Diz a lenda que Naipi foi transformada em uma das rochas centrais das cataratas, perpetuamente fustigada pelas águas revoltas. Tarobá foi convertido em uma palmeira situada à beira de um abismo, inclinada sobre a garganta do rio. Debaixo dessa palmeira acha-se a entrada de uma gruta sob a Garganta do Diabo onde o monstro vingativo vigia eternamente as duas vítimas.

2.2.2 Ciudad del Este/Paraguai

Ciudad del Este, que faz divisa com Foz do Iguaçu, é conhecida por seu vasto comércio de produtos importados, mas pouco conhecida pelas atrações turísticas, tradições, cultura, praças, lagos e jardins presentes neste cenário, que na maioria das vezes é destacado pela violência, pelo crime e pelas atitudes ilegais, tal como: contrabando de produtos eletroeletrônicos, armas e drogas.

Figura 9 – Ciudad del Este



Fonte: acervo pessoal

Segundo o Atlas Censal del Paraguay (2004, p. 143), foi no início do século XX que Don Carlos Antônio Lopez fez uma tentativa frustrada de colonizar a região, pois a mata era fechada e habitada pelos índios guaranis que estavam espalhados pela selva. Após a Guerra da Tríplice Aliança, esse território passou à especulação privada que começou a comercializar a madeira local, sem fundar povoados, e sim pequenas madeireiras e pequenos portos para despachar a madeira pelo rio, conhecidos por Puerto Adela, Puerto Irala, Puerto Ñacunday, entre outros. E ainda de acordo com o referido Atlas, até metade do século XX eram as empresas privadas que se beneficiavam da madeira extraída na região.

Em julho de 1945, os territórios de San Pedro e Itapuá foram divididos, e por meio do Decreto Divisão Política do Território da República foi criado o Departamento de Alto Paraná. A partir de então, com a construção da rodovia pavimentada, começa a surgir o pequeno povoado que se transforma no que se conhece hoje por Ciudad del Este, considerada a segunda cidade mais importante no Paraguai, fundada em 3 de fevereiro 1957, isto é, quatrocentos e vinte anos depois de Assunção (1537), primeira cidade colonial e atual capital do país.

De acordo com o Atlas (2004, p. 143), Ciudad del Este já teve dois outros nomes: o primeiro, Puerto Flor de Lis e depois Puerto Presidente Stroessner em homenagem ao

presidente Alfredo Stroessner. Após a sua deposição, em 1989, a cidade passou a ser denominada Ciudad del Este. A cidade também é conhecida pela alcunha de “cidade Jardim”, por ser bastante arborizada e apresentar belos lagos e jardins em seu interior.

Observa-se também que há desigualdades nas condições de vida rural, e esse fato é fonte de conflitos. Tal situação resulta da opressão política de que muitos camponeses e indígenas paraguaios são vítimas, e de questões vinculadas às terras compradas por brasileiros.

Ao enfrentar esse tipo de realidade complexa e perversa, as terras passam a ter um valor comercial elevado, os camponeses e indígenas são expulsos desses locais, e, sem trabalho, eles partem para a criminalidade. Esse fato gera insegurança nas zonas aduaneiras, enfim, constrangimentos que dificultam o bem-estar social.

Dessa forma, os pequenos produtores e os sem-terras (campesinos) lutam principalmente com os grandes proprietários brasileiros. Os brasiguaios que conseguiram ascender socialmente controlam importantes setores da economia, da política e da cultura local nas principais cidades do Paraguai.

De acordo com a BBC Brasil (2012, online)¹⁶ mais de “350 mil brasileiros vivem em terras brasiguaias”.

Os primeiros brasileiros a migrarem para o Paraguai, principalmente no Departamento de Alto Paraná – distante cerca de 50 quilômetros da fronteira – começou na década de 60 a pedido do próprio ditador do Paraguai Alfredo Stroessner (1954-1989), impressionado com a força de trabalho desses sulistas.

No acordo, o militar prometeu proteger os imigrantes, concedendo-lhes os direitos pátrios. Desde então, a tecnologia aliada ao trabalho dos imigrantes colocou o país vizinho no Mapa da produção de grãos, tornando-o o segundo maior exportador de soja da América Latina.

Segundo dados da Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos – DGEEC, a cidade está situada no extremo leste do país, às margens do Rio Paraná, é conhecida como a capital do Departamento de Alto Paraná, está localizada a 327 km de Assunção e com uma população de 367.310 habitantes (DGEEC, 2011, p. 75).

O Quadro 3 mostra o perfil geral dos habitantes do município de Ciudad del Este de acordo com o sexo (homem/mulher) e o Quadro 4 traz dados referentes à instrução escolar

¹⁶ JORNAL, BBC Brasil. Disponível em:<http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/06/120626_paraguai_semterras_jf.shtml>. Acesso em: 02 de agosto de 2012.

(DGEEC, 2011, p. 95-103). Registra-se que os alunos alfabetizados superam os não alfabetizados da faixa etária de 15 anos a mais.

Quadro 3 – Perfil dos habitantes de Ciudad del Este

SEXO	HABITANTES	PERCENTUAL
Homens	224.348	61,08%
Mulheres	142.962	38,92%
Total	367.310	100%

Fonte: Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos – DGEEC (2011)

Quadro 4 – Nível de instrução dos habitantes de Ciudad del Este

Nível de Instrução dos habitantes acima de 15 Anos	HABITANTES	HOMENS	MULHERES
	367.310	224.348	142.962
Sem instrução	5,3%	4,7%	6%
Ensino Fundamental Completo	44,6%	46,1%	42,4%
Ensino Médio Completo	37,2%	38,2%	35,7%
Ensino Universitário Completo	12,9%	11%	15,9%

Fonte: Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos – DGEEC (2011)

Segundo dados do DGEEC (2011, p. 107), Ciudad del Este revela grande crescimento populacional nos últimos anos, observa-se que o número de estudantes matriculados no ensino fundamental aumentou muito nas últimas décadas, e os estudantes matriculados no ensino médio apresentaram crescimento ainda maior do que os dados registrados em Censos anteriores.

O acesso a Ciudad del Este pode ser feito pela Ponte Internacional da Amizade que une a Foz do Iguaçu, Brasil. Há dois portos fluviais de embarque utilizados para a produção de soja e outros itens agrícolas na região — La Paz, em Hernandarias, e das Três Fronteiras, em Presidente Franco — e o Aeroporto Internacional “Guarani”, localizado na Rota 7 (a 320 km de Assunção), um terminal aéreo que possibilita o pouso de aeronaves de pequeno, médio e grande porte.

A cidade é responsável por metade do Produto Interno Bruto (PIB) paraguaio, é a segunda cidade depois de Assunção com maior índice populacional e a terceira maior zona franca de comércio do mundo, perdendo apenas para Miami e Hong Kong (DGEEC, 2009, p. 60). Pode-se acrescentar a esses dados que a venda de eletricidade da usina Hidrelétrica de Itaipu para o Brasil gera mais de trezentos milhões de dólares de renda anual para o país.

As línguas de comunicação são o guarani, o espanhol e o português, não só por estar localizada na fronteira com o Brasil, mas também pelo grande contato com os brasileiros que

são os grandes consumidores do comércio local. Além dessas línguas, outras vozes ecoam neste contexto plurilíngue, segundo Rabossi (2004, p. 2):

[...] vozes nas conversas e nas promoções dos vendedores que ofereciam seus produtos, nas negociações de preços, nas consultas ou nas discussões. E aí, as línguas e os switches entre elas, os entendimentos e os mal-entendidos. O guarani e o espanhol. O português, o árabe e o chinês – mandarim, cantonês ou taiwanês. O inglês, o hindu e o coreano. As notícias em árabe na rede Al-jaze era – antes que ficasse famosa com a guerra do Iraque – em algum canto das casas de eletrônicos ou dos estandes de programas de jogos de computador. As transmissões em português da Rede Globo, na tela gigante da praça de alimentação do Shopping Vendôme, onde se misturavam os cheiros de feijão e churrasco dos restaurantes brasileiros, com o cheiro de massa de esfiha e quibe do restaurante Líbano.

A região também se destaca pelos doces caseiros feitos de leite e frutas de Caacupé, feitos em indústrias caseiras: a tradicional Chipa paraguaia. Da integração entre Brasil e Paraguai surge o dialeto conhecido por “portunhol”, uma mistura de português com espanhol. Não é só a com a língua que isso ocorre, pois os costumes e tradições se mesclam: brasileiros tomam tererê¹⁷ e comem chipa, paraguaios ouvem a música brasileira.

A cidade também apresenta um tipo de artesanato tradicional, trabalhos feitos com madeira nobre, com plumas, com penas, com fibras naturais, com barro, com sementes, entre outros. Ciudad del Este se caracteriza por uma diversidade cultural visível, que se manifesta no artesanato local, tapeçarias, colares, canastras, artigos domésticos e outros produtos de fino acabamento. O artesanato indígena oferece delicados bordados têxteis conhecidos como *aho poi*¹⁸, arte pré-colombiana que consiste em cerâmicas decoradas e ornamentos pessoais do período colonial conhecida como jesuítica – guarani, inspirados no renascimento barroco. O encaixe *ñanduti*¹⁹ é um tecido fino utilizado nas roupas brancas pelas paraguaias; outros artesanatos como copos de chifre, redes, cobertores e muitos outros produtos que se destacam

¹⁷ 1. Refresco de mate ou erva-mate (*Ilex paraguariensis*), servido em cuia ou guampa, sorvido com bombinha, e que se distingue do chimarrão por ter água fria em vez de água quente. É bebida característica dos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e do Paraguai. De maneira geral, o *tererê* é degustado puro ou com suco de limão, no período da tarde, em reuniões nas calçadas das ruas mais tranquilas das cidades – nessas reuniões há apenas uma cuia, que gira de mão em mão. 2 Conversa, bate-papo, que se tem durante a merenda, entre os dois turnos de trabalho. Disponível em: <<http://www.aureliopositivo.com.br/>>. Acesso em: 02 de maio de 2011.

¹⁸ Bordado em estilo rococó. Disponível em: <<http://ciudaddeleste.galeon.com/aficiones250736.html>>. Acesso em: 02 de maio de 2011.

¹⁹ Encaixe muito fino que fazem as paraguaias; do guarani, tecido muito fino utilizado na América do Sul para toda roupa branca. Disponível em: <<http://www.aureliopositivo.com.br/>>. Acesso em: 02 de maio de 2011.

pela criatividade e destreza do artesão.

Figura 10 – Chipa paraguaia



Fonte: acervo pessoal

Figura 11 – O artesanato²⁰



Fonte: <http://3.bp.blogspot.com>

2.2.3 Puerto Iguazú / Argentina

As imagens, da Figura 12, representam um pouco do que é a cidade de Puerto Iguazú, a fotomontagem da feira-livre. Nesse espaço as pessoas se reúnem para saborear e comprar produtos como: queijo, salame, azeitonas, doce de leite, alho, entre outros produtos. Observa-se também que o nome de um dos estabelecimentos está em português “Barraca do Papagaio”. A feira ou feirinha, como é conhecida, é bastante frequentada por brasileiros, logo, alguns estabelecimentos têm seus nomes em português como uma loja de azeitonas e vinhos entre outras mercadorias, chamada “Salame Maluco”.

Figura 12 – Puerto Iguazú



²⁰ Artesanato. Disponível em: <http://3.bp.blogspot.com/_kX_ykC5LuyC/SAVSh3aA7artesanato.jpg>. Acesso em: 02 de maio de 2011.



Fonte: acervo pessoal

Conforme visto anteriormente, o explorador espanhol Álvaro Núñez Cabeza de Vaca descobriu as Cataratas do Iguazu em 1541. Nesse mesmo período chegam os espanhóis, que não interferem na população local, que permaneceu povoada por indígenas até o século XIX.

Figura13 – Fotomontagem do Paseo da Identidade



Fonte: acervo pessoal

As imagens, do *Paseo del la indentidad*, retratam, por meio dos desenhos, um pouco da história da origem do povo de Puerto Iguazú, as raízes indígenas, os rituais, as disputas pela terra e seu cultivo, à religião, a família, assim como também a evolução histórica deste território. A história é contada por meio dos seis murais expostos que transmitem a mensagem do respeito as diferentes identidades. A praça está localizada na área central da cidade. Ponto de encontro dos moradores da cidade, que se reúnem para conversar, a praça também é

frequentada por turistas que querem saber um pouco mais a respeito das origens do local.

De acordo com Instituto Nacional de Estadística y Censos (INDEC, 2010, *online*)²¹, em 1902, o governo argentino destina uma área das terras para o que, futuramente, formaria o Parque Nacional argentino e o Parque Nacional do Iguazu. Em 1907, Gibaja e Nuñez retornam à cidade e instalam o primeiro hotel, pouco antes de surgir a primeira escola. Em 1916 aparece o primeiro registro civil, em 1928 surge o primeiro posto dos correios e outros acontecimentos fundamentais para que fosse oficializado o futuro município.

Em 1943, surge o Parque Nacional do Iguazu, a área urbana de Puerto Aguirre é delimitada, mas só em 1948 são vendidos os primeiros terrenos urbanos.

Puerto Iguazú está localizada na Argentina, é província de Misiones e foi fundada em 12 de agosto de 1901. Seus habitantes são chamados de Iguazuenses. É a quarta cidade mais importante da província e fica a 23 km das Cataratas do Iguazu, principal pólo turístico da região. A cidade conta também com o comércio internacional devido a sua proximidade com o município de Foz do Iguazu através da ponte Internacional Tancredo Neves que une os dois países.

A cidade de Puerto Iguazú apresenta uma população de 81.215 habitantes (INDEC, 2010, *online*). Com o aumento da população, nos últimos anos, a cidade passa a ocupar o terceiro lugar na província. Grande parte da população é mestiça devido à mistura de indígenas, europeus (portugueses, italianos, ucranianos, espanhóis, alemães entre outros) e, em menor quantidade, africanos. Sua população é marcada também pela presença de brasileiros e paraguaios que não aparecem no Censo, porém trabalham na comunidade e vivem em seus respectivos países. Foram registrados também, aproximadamente 600 habitantes indígenas da reserva Mbya Guarani: Fortín Mbororé e Yriapú (INDEC, 2010, *online*).

No final de 1982, os presidentes João Batista Figueiredo e Roberto Bignone acordaram a construção da Ponte Brasil/Argentina, que atravessa o Rio Iguazu, inaugurada em 1985, com o nome de Ponte Tancredo Neves pelos presidentes José Sarney e Raúl Alfonsín.

O Quadro 5 mostra o perfil geral dos habitantes do município de Puerto Iguazu de acordo com o sexo (homem/mulher) e o Quadro 6 apresenta o nível de instrução escolar dos

²¹ Instituto Nacional de Estadística y Censos (INDEC). Disponível em: <http://www.indec.gov.ar/cgi-bin/RpWebEngine.exe/PortalAction?&MODE=MAIN&BASE=CPV2001ARG&MAIN=WebServerMain.inl>>. Acesso em: 06 de maio de 2011.

habitantes.

Quadro 5 – Perfil dos habitantes de Puerto Iguazú

SEXO	HABITANTES	PERCENTUAL
Homens	41.031	50,52%
Mulheres	40.184	49,48%
Total	81.215	100%

Fonte: Instituto Nacional de Estadística y Censos – INDEC (2010)

Quadro 6 – Nível de instrução dos habitantes de Puerto Iguazú

Nível de Instrução dos Habitantes acima de 15 Anos	HABITANTES	HOMENS	MULHERES
	81.215	41.031	40.184
Sem Instrução	12,9%	7,7%	5,2%
Ensino Fundamental Completo	51%	45,8%	47,3%
Ensino Médio Completo	29,7%	42,29%	42,32%
Ensino Universitário Completo	6,39%	4,21%	5,18%

Fonte: Instituto Nacional de Estadística y Censos – INDEC (2010)

Conforme se pode constatar, observando os dados do Quadro 6, o nível de instrução das mulheres supera os índices de instrução dos homens. O índice de pessoas sem instrução de acordo com os últimos censos tem diminuído, e o acesso a universidade ainda é privilégio de poucos. Tudo isso reflete a situação socioeconômica do município, cuja renda tem se mantido no setor gastronômico e turístico.

O acesso terrestre à cidade de Puerto Iguazú é feito por meio da Ponte Tancredo Neves que une as rodovias Nacional 12 AR e BR 469. O acesso fluvial pode ser feito pelo Rio Iguazu e o acesso aéreo é feito pelo aeroporto Internacional de Puerto Iguazú. O Aeroporto é um dos meios de acesso mais utilizados para chegar ao Norte da Argentina porque, por meio fluvial, não é mais uma prática comum neste município.

Figura 14 – Ponte Tancredo Neves



Fonte: acervo pessoal

A cidade possui um centro comercial próximo da Ponte Internacional Tancredo Neves. No centro da cidade há bancos, casas de câmbio, bares, cassinos, restaurantes, lojas de roupas, lojas de equipamentos esportivos, discotecas, pubs, delicatessen, panificadoras entre outras. Puerto Iguazú apresenta atrações turísticas, tais como as Cataratas do Iguazu, o Marco das três Fronteiras, a feira artesanal, o Museu de Imagens da floresta, o Museu Mbororé, o Parque Natural Municipal Luis Honório Rolón e o centro de reabilitação para aves Güira Oga.

3 LÍNGUA: CONCEITOS

“Os homens fazem a língua, e não a língua os homens” (FERNÃO DE OLIVEIRA, ([1536] 1975, p. 43)

Fernão de Oliveira ([1536] 1975) enfoca a oralidade demonstrando a identidade e as particularidades do povo pela estrutura do falar. A partir dessa epígrafe sobre a língua, outras reflexões e outros escritos serão abordados neste capítulo com o objetivo de entender, refletir e conceituar língua, já entendida como elemento de variação e mudança, porque a língua é feita pelos homens.

A diacronia de uma língua é feita pelo povo que usa essa língua. Pelo viés das teorias sobre a natureza das línguas e das representações sobre a mudança linguística e às variações da língua histórica, Fernão de Oliveira ([1536] 1975, p. 45) trata a língua associada ao desenvolvimento cultural. Segundo o autor, a língua é constituída historicamente e sua articulação diz respeito aos costumes e às normas sociais. A função elementar da língua é ser expressão do pensamento e meio de comunicação. Por meio da língua, constroem-se identidades e consciências e maneiras de ver e ser no mundo. A obra gramatical de Fernão de Oliveira ([1536] 1975, p. 52) não somente registra formas e conteúdos da língua e dos falares portugueses como deixou marcas documentais para a análise da sociedade portuguesa de quinhentos.

Através do uso da língua materna, os homens se comunicam, se constituem, por meio da reflexão sobre a língua e autores elaboram teorias. Ao tratar da linguagem, crenças, ideais e valores despontam na educação como elemento constitutivo da cultura e da língua, uma vez que semelhanças e diferenças se consolidam na cultura da analogia, refletindo assim a maneira de conhecer e ser de seu tempo.

Na visão de Saussure ([1916] 1996, p. 22), a linguagem é composta de duas partes: a língua, essencialmente social porque é convencionada por determinada comunidade linguística; e a fala, que é secundária e individual, ou seja, é veículo de transmissão da língua, que se concretiza pelos falantes através da fonação e da articulação vocal.

Alvar (1970, p. 147) define língua como, “um sistema linguístico caracterizado por ser diferenciado, por ter um alto grau de nivelção, sendo um importante veículo de tradição

literária, e às vezes, por impor-se a sistemas linguísticos próprios”²².

Para Coseriu (1979, p.19), “a língua não pode ser isolada dos fatores externos – isto é, de tudo aquilo que constitui a fisicidade, a historicidade e a liberdade expressiva dos falantes”. A língua deve ser entendida, primeiramente, como “função”, depois como “sistema”, um “sistema de oposições funcionais e realizações normais”. Coseriu (1979, p. 183) informa que a língua é primeiro sistema e depois tradição, ou vice-versa, mas é, ao mesmo tempo, e a todo instante, “tradição sistemática” ou “sistema tradicional”.

Quanto à dicotomia língua e fala, Coseriu (1979) propõe a tríade sistema, norma e fala, considerando importante diferenciar nas estruturas que constituem a língua: o que é simplesmente normal ou comum (norma) abrange tudo que é estabelecido e comum nas realizações linguísticas tradicionais (seja fossilizado ou não), e o que é oposicional ou funcional (sistema), pois, de acordo com Coseriu (1979, p. 50):

O sistema é sistema de possibilidades, de coordenadas que indicam os caminhos abertos e os caminhos fechados de um falar compreensível numa comunidade; a norma, em troca, é um sistema de realizações obrigatórias, consagradas social e culturalmente: não corresponde ao que se pode dizer, mas ao que já se disse e tradicionalmente se diz na comunidade considerada”. O sistema abrange as formas ideais de realização duma língua (...) a norma, em troca, corresponde à fixação da língua em moldes tradicionais; e neste sentido, precisamente, a norma representa a todo momento o equilíbrio sincrônico (externo e interno) do sistema.

Coseriu (1979, p. 16) comprova que não há nenhuma contradição entre “sistema e historicidade”, ao contrário: “a historicidade da língua implica a sua sistematicidade”, porque, sendo a língua um saber, ela é aprendida daqueles que “falam melhor”, dos que sabem. E a esse respeito, informa que “o ouvinte adota o que não sabe, o que o satisfaz esteticamente, o que lhe convém socialmente ou o que lhe serve funcionalmente. A adoção é, por isso, um ato de cultura, de gosto e de inteligência prática.” (COSERIU, 1979, p. 78). A partir dessa citação, infere-se que, por meio das escolhas linguísticas do ouvinte, considerando a estética, a conveniência social e o que lhe serve funcionalmente, estão ligadas as crenças que o ouvinte tem sobre a língua e a sua sistematização, isto é, mediante a atitude linguística do falante emerge a variação linguística.

Como afirma Câmara Junior (1981, p. 269), “a língua é uma parte da cultura, mas uma parte que se destaca do todo e com ele se conjuga dicotomicamente [...]”. Nesse sentido, a

²² “un sistema lingüístico caracterizado por su fuerte diferenciación, por poseer un alto grado de nivelación, por ser vehículo de una importante tradición literaria y, en ocasiones, por haberse impuesto a sistemas lingüísticos del mismo origen.” (ALVAR, 1970, p. 147).

língua como instrumento de simbolização do homem no mundo, abarca diferenças e seus conflitos, desdobramentos e deslumbramentos se dão pelos elos que as diversas formas de expressão e comunicação mantêm entre si.

Em outras palavras, é necessário para o homem, ser de contato, aliar seus costumes, suas tradições, seus falares, suas formas e modelos, as origens linguísticas. As línguas faladas, seus sons e usos assim como suas semelhanças e diferenças são como marcas no mundo. Na estruturação da língua, o contato é fator essencial na medida em que nele estão presentes as interações, variações e mudanças linguísticas.

3.1 Línguas em Contato

Ao falar sobre o contato linguístico, se faz necessário considerar os conceitos de pidgin, diglossia e bilinguismo, entendido como o domínio da oralidade de duas línguas distintas (português e espanhol), entre outros temas decorrentes do contato. O resultado linguístico é, por sua vez, dependente da forma pela qual as línguas entraram ou permaneceram em contato.

Longe de conceber as línguas em contato como processo individual, reconhecem os autores consultados que o contato linguístico é produto histórico de pressões sociais, pois essas pressões sociais operam nos resultados dos contatos linguísticos (BLOOMFIELD, 1933; SILVA NETO, 1952; NASCENTES, 1953; WEINREICH, 1953; FERGUSON, 1959; FERGUSON e GUMPERZ, 1960; GUMPERZ, 1971; SAPIR 1980; APPEL e MUYSKEN, 1996; MORENO FERNÁNDEZ, 1998).

De acordo com Bloomfield (1933, p. 472), o contato linguístico surge quando povos falantes de línguas mutuamente ininteligíveis estabelecem estreitas relações, ou seja, quando têm necessidade de se comunicar uns com os outros, como ocorreu durante a exploração de outros países pelos europeus, surge a partir daí uma língua de contato conhecida por pidgin.

Para Silva Neto (1952, p. 67), “A vitória do português não se deveu a imposição violenta da classe dominante. Ela explica-se por seu prestígio superior, que forçava os indivíduos ao uso da língua que exprimia a melhor forma de civilização”. Pode-se inferir dessa citação que o contato entre línguas provocou mudanças linguísticas no Brasil.

No que concerne ao português do Brasil, desde meados do século XVI, como afirma Nascentes (1953, p. 8), colonos portugueses, índios, africanos, e seus descendentes começaram cada qual a seu jeito, a modificar a língua portuguesa do Brasil e, moldando,

assim, o que viria a se constituir no falar brasileiro. Para Nascentes (1953, p. 10), “[...] as pressões sociais continuamente operam sobre a língua, não devendo esta ser estudada fora do contexto social [...]”. Essas pressões ocorrem interna e externamente, uma vez que há contextos favoráveis para a implementação ou manutenção de certos traços linguísticos, cabendo, assim, ao linguísta descrever os fenômenos e identificar os ambientes em que ocorrem.

Weinreich (1953, p. 47) discorre sobre os seguintes tipos de contato entre línguas: contato direto ou indireto; casual ou temporário; permanente ou instável; externo ou interno. Os contatos internos podem incluir a relação entre uma língua dominante, isto é, majoritária, ou línguas dominantes e uma língua minoritária, ou línguas minoritárias. Essas situações podem ser encontradas nas fronteiras de países ou dentro de um país; em regiões próximas a países fronteiriços ou em comunidades bilíngues.

Existem, principalmente, duas motivações sociais que levam uma língua a adquirir vocábulos de outra língua. Segundo Weinreich (1953, p. 56), a primeira razão surge da necessidade prática que a língua apresenta de nomear algo novo que está entrando em sua cultura e que já existe em outra. Já a segunda razão surge da influência cultural sobre outra comunidade e os membros dessa comunidade usam vocábulos estrangeiros como forma de demonstração de sua familiaridade com a língua.

Há ainda outros tipos de contatos interlinguísticos como o espontâneo e o consciente. Segundo Weinreich (1953, p. 74), o contato consciente sucede nos casos de traduções de uma língua para outra. O contato espontâneo é típico das ocorrências de *code-switching*, quando o falante bilíngue passa de um código linguístico a outro ou inclui lexemas de ambas as línguas em suas falas.

As línguas em contato estudadas por Weinreich (1951), Ferguson e Gumperz, (1960), Gumperz (1971) são vistas como um produto histórico de forças sociais, porque ocorrem na maioria das vezes em condição de desigualdade social, surgem da colonização, migração, urbanização entre outras. A consequência do contato linguístico vai depender do grau de intensidade presente na interação das distintas comunidades linguísticas, que vai desde a extinção das línguas minoritárias até mudanças linguísticas significativas como é o caso dos empréstimos linguísticos, mudanças morfossintáticas, semântico-lexicais, fonético-fonológicas e culturais. De acordo com Gumperz (1971, p. 119):

A influência transcultural pode também dar origem a mudança lingüística, o abandono de uma língua nativa em favor de outra. Este fenômeno ocorre mais

frequentemente quando dois grupos se fundem, como na absorção tribal, ou quando os grupos minoritários assumem a cultura do grupo majoritário²³.

A influência transcultural é percebida nas comunidades de fala pesquisadas, pois os informantes e os moradores locais deixavam transparecer na forma de se comunicar e nas atitudes linguísticas, vocábulos do português e/ou do espanhol no uso da língua materna revelando um processo de aculturação. A mistura linguística percebida na região da Tríplice Fronteira dá indícios da existência de uma situação linguística diglósica.

Fishman (1967), retomando o conceito de diglossia e ampliando-o, inclui outros casos de dualidades funcionais estáveis, socialmente determinadas, que podem existir em determinada comunidade de fala. Ao estabelecer esse tipo de dualidade funcional, Fishman (1967, p. 36) observa que:

O bilinguismo sem a diglossia tende a ser transicional, tanto em termos de repertórios linguísticos de comunidades de fala como em termos das variedades de fala envolvidas per se. Sem separar, no entanto, as normas complementares e valores para estabelecer e manter a separação funcional das variedades de fala, aquela língua ou variedade que seja o bastante favorável para ser associada com o movimento predominante das forças sociais tende a substituir a(s) outra(s).²⁴

Segundo Fishman (1967, p. 31-33), o Paraguai é o país que mais se aproxima de uma situação de bilinguismo com diglossia, devido à diferença funcional das duas línguas na sociedade em que o guarani é utilizado em situações informais, íntimas, associado à família e o espanhol utilizado em situações mais formais, associado a situações de prestígio. E agora, quase 50 anos depois dessa afirmação feita por Fishman, 22 anos de MERCOSUL e há quatro anos da aprovação (PDC-2072/2009) da lei que obriga o ensino do português nos países do MERCOSUL, observa-se que, apesar do tempo e das mudanças provocadas por Decretos e Leis, as comunidades estudadas não têm apresentado grandes mudanças. Cardoso (2010, p. 187) afirma que, “não se pode desconhecer a nova fisionomia que se delineou com o MERCOSUL pelo menos no tocante, especificamente, às relações português-espanhol e ao

²³ “Cross-cultural influence may also give rise to language shift, the abandonment of one native tongue in favor of another. This phenomenon most frequently occurs when two groups merge, as in tribal absorption, or when minority groups take on the culture of the surrounding majority.” (GUMPERZ, 1971, p. 119).

²⁴ “Bilingualism without diglossia tends to be transitional both in terms of the linguistic repertoires of speech communities as well as in terms of the speech varieties involved per se. Without separate though complementary norms and values to establish and maintain functional separatism of the speech varieties, that language or variety which is fortunate enough to be associated with the predominant drift of social forces tends to displace the other(s).” (FISHMAN, 1967, p. 36).

papel de cada uma dessas línguas, individualmente, na América Latina”. Logo, com a influência do português não só informalmente, mas também por meio da escola, na região de fronteira com o Brasil, alguns moradores de Ciudad del Este já podem ser considerados trilíngues, apesar do portunhol ser muito forte nas três cidades estudadas, fato observado pela pesquisadora, durante a aplicação dos inquéritos, mas ignorado pela maioria dos informantes, que o veem como um dialeto desprestigiado, se autodenominam falantes do português e não do portunhol, de acordo com a análise das entrevistas adiante.

Retomando a questão da diglossia, de acordo com Ferguson ([1959] 1974, p.112), a diglossia se opõe ao bilinguismo na medida em que a primeira situação reúne duas variedades de uma única e mesma língua. Estas se opõem por terem estatutos sociais diferentes e por terem uma função complementar, enquanto a segunda refere-se à presença de diferentes línguas.

No caso de uma variedade padrão associada ao uso, todos os membros da comunidade linguística têm acesso a ambos os códigos. O que vale ressaltar é que todos os falantes da fronteira têm acesso à variedade padrão do espanhol e do português nas escolas, jornais, televisão, rádio, revistas, internet, entre outros meios. Já que a variedade padrão está associada a um contexto formal, seu uso na fronteira, nas relações comerciais, turísticas, familiares e rotineiras, não se fez presente em nenhuma das línguas, pelo menos nos depoimentos da maioria dos informantes, portanto não foi destacada.

De acordo com Sapir (1980, p. 122), “é excessivamente duvidoso que uma língua possa ser falada numa vasta área sem multiplicar-se dialetalmente”. A mudança é inevitável, não apenas pelo histórico de uma estrutura em constante transformação através do tempo, mas também pela influência mútua das línguas diferentes em contato.

Contato linguístico, multilinguismo e misturas linguísticas, sua definição merece cuidados, tendo em vista a definição de língua como algo abstrato. Para tal definição, Appel e Muysken (1996, p. 12) entendem que seria necessário definir a natureza, a escala e o grau desse contato e determinar a forma, o lugar em que ocorrem essas interações e quem são os interlocutores. Segundo Appel e Muysken (1996, p. 60), a situação de contato gera mudanças no modo de falar dos indivíduos, e gera mudanças nas estruturas das línguas envolvidas.

Para Moreno Fernández (1998, p. 258), o contato linguístico de duas ou mais línguas quaisquer em uma situação qualquer leva inevitavelmente ao bi(multilinguismo), que pode ser individual ou social.

Conforme visto, para que se estabeleça o contato linguístico, são necessárias pelo

menos duas línguas, uma língua e um dialeto ou dois dialetos na mesma comunidade de fala. Consequências poderão advir desse contato visto que, entre elas, se estabelecem relações de força. O percurso e o resultado do contato linguístico depende fundamentalmente do tipo de relação que as respectivas comunidades estabelecem e do tempo de duração através do qual o contato é mantido.

De maneira geral, dois processos sociais geraram o interesse dos sociolinguistas no âmbito do contato linguístico: conquista e imigração. Nessas situações, geralmente, a comunidade linguística minoritária sofre a imposição da língua do grupo político dominante. Se a comunidade linguística conquistada é local, essa influência se dá de forma mais lenta, podendo haver gerações bilíngues nessa comunidade. Devido ao contato nesse ambiente bilíngue haverá, por exemplo, influências entre as línguas.

O estudo das línguas em contato em região de fronteira, mais especificamente português e espanhol, tem em Rona (1959) um precursor dos estudos fronteiriços, seguido por Hensey (1972), Elizaincín, Behares e Barrios (1987), Elizaincín (1992), Meliá (1992), Sturza (2005), Calvet (2002), Aguilera e Busse (2008), Dietrich (2010), Faria Cardoso (2010), que em seus estudos, abordam as línguas faladas na fronteira.

Rona (1959, p. 5) observa que o contato linguístico no Norte do Uruguai deu origem a um dialeto que ele chamou de fronteiriço, isto é, “uma mescla de português e espanhol, mas que não é nem português, nem espanhol e resulta inteligível tanto para os brasileiros quanto para os uruguaios.” (RONA, 1959, p. 7)²⁵. Fronteiriço ainda é usado atualmente como um termo de referência ao dialeto falado na fronteira conforme se apresenta na análise dos inquéritos.

A denominação fronteiriço também é utilizada por Hensey (1972, p. 14), que o classifica como um grupo de dialetos do português falados principalmente em zonas rurais do Norte do Uruguai.

Em vários estudos de Elizaincín, Behares e Barrios (1987, p. 12), as designações mais comuns desta fala na fronteira reconhecida pelos próprios falantes são *carimbão*, *basano*, *brasileiro* y *portuñol*. De acordo com Elizaincín, Behares e Barrios (1987, p. 14), as variedades do fronteiriço designadas de *Dialectos Portugueses del Uruguai* (DPU) são definidos como formas mistas, de base portuguesa e que apresentam forte influência do espanhol.

²⁵ “una mezcla de portugués y español, pero que no es ni portugués, ni español y resulta con frecuencia ininteligible tanto para los brasileños como para los uruguayos.” (RONA, 1959, p. 7).

Elizaincín (1992) afirma que o contato espanhol/ português faz parte de um tipo muito especial: as duas línguas têm a mesma origem, são tipologicamente muito próximas e têm forte relação areal. Segundo Elizaincín (1992, p. 18)²⁶, “gênese, tipologia e realidade há séculos compartilhados provocam convergências significativas em diferentes setores gramaticais das línguas envolvidas”. Um exemplo, citado pelo autor, é o do verbo gostar. Em português, esse tipo de verbo se constrói com o experimentador no nominativo (eu gosto de); em espanhol com dativo (*me gusta*). Mas o contato das duas línguas gera enunciados como *Yo gusto de volver temprano/ Juan gusta de María*. O que seria um desvio de padrão normativo, na zona de fronteira (onde as duas línguas se encontram), esse tipo de construção não é só aceito, mas também é o que caracteriza linguisticamente a região. Verifica-se que o que diverge nos contatos linguísticos são os contextos sociais em que estão inseridos os falantes e o resultado dessas interações.

Devido à longa história de bilinguismo no Paraguai, a influência mútua dos sistemas linguísticos parece inevitável. De acordo com estudos feitos por Meliá (1992, p. 184), o guarani sofreu um processo de *hispanización* que constitui uma terceira língua chamada de guaranhol ou yopará. Por ser um dialeto misto e diferente do guarani paraguaio ensinado nas escolas, o yopará é visto com desprestígio por seus próprios falantes.

Sturza (2005, p. 47) afirma que foi a partir do trabalho de Rona (1959) que “os estudos sobre a presença da língua portuguesa na zona fronteira foram tendo regularidade e continuaram a focalizar este ‘*Dialecto Fronterizo*’ como questão fundamental”. Ao tratar das línguas em contato no Paraguai, Sturza (2005, p. 48) aponta para a importância da população na configuração das línguas da fronteira, “sobretudo a importância étnica e identitária que o guarani ocupa frente a outras línguas, as dos imigrantes e a do Estado”. E Sturza lembra também dos brasiguaios e todo o fluxo migratório na região do Brasil, Argentina e Paraguai:

[...] os brasileiros no Paraguai, chamados brasiguaios, que levam para o interior das terras paraguaias a sua língua portuguesa (a de gaúchos, paulistas, paranaenses, mato-grossenses...).

Na fronteira do Brasil com Argentina e Paraguai, mais ao sul, é esclarecedora a situação de província fronteira de Misiones. Nesta região, o fluxo migratório trouxe, especialmente, para dentro do território argentino, alemães, italianos e polacos, além de um contingente significativo de brasileiros, que contribuíam para fortalecer a presença da língua portuguesa nas comunidades da zona fronteira. (STURZA, 2005, p. 48).

²⁶ “génesis, tipología y a realidad compartidas durante siglos provocan convergencias importantes en diferentes sectores de la gramática de las lenguas involucradas.” (ELIZAINCÍN, 1992, p. 18).

Assim como há paraguaios e argentinos falantes de português, o que comprovaria uma situação de bilinguismo, também há falantes do portunhol variante dialetal que circula na Tríplice Fronteira, conforme já referido, caracterizado por um panorama linguístico heterogêneo. Essa variante dialetal pode ser considerada diglósica para as respectivas comunidades de fala estudadas por ser bastante usada nas relações comerciais e turísticas entre os três países, esse fato confirma uma das hipóteses, conforme se apresenta no capítulo destinado às análises.

Calvet (2002, p. 51) destaca que, “[...] em todos os casos, o contato das línguas produz situações sociais nas quais a passagem de uma língua para outra reveste uma significação social”. A escolha linguística pode identificar o falante como, também, situá-lo economicamente, salientar sua posição política e socioeconômica. De acordo com Aguilera e Busse (2008, p. 23):

O uso da língua está relacionado, portanto, à formação de uma identidade étnica e linguística, e seu caráter dinâmico representa-se num contexto complexo quanto à delimitação de cada uma nos processos de interação e de organização dos grupos sociais.

Ao refletir sobre o uso das diversas línguas e, ao falar sobre elas, é possível observar o que envolve a escolha linguística, suas motivações, os preconceitos em torno do uso da língua minoritária. Enfim, com tal prática é possível compreender que fatores motivam os falantes da fronteira a usar o portunhol ou, ainda, por que priorizam tal escolha nas interações sociais.

O panorama linguístico dos falantes do guarani no Paraguai e na Argentina é traçado por Dietrich (2010, p. 168) que, assim, se manifesta: “o guarani é a língua materna de mais de 90% dos paraguaios e, desde 1992, é a segunda língua oficial do país, ensinada nas escolas primárias e, em parte, nas secundárias, ao lado do castelhano”. Dietrich (2010, p.168) informa que a língua guarani na Argentina, na província de Corrientes, apresenta um caráter e uma evolução independentes do Paraguai por ser a língua co-oficial daquela província desde 2004. Já na província de Misiones, os poucos falantes do guarani originam-se da imigração de correntinos e de paraguaios.

Uma nova variante dialetal está imbricada num processo sócio-histórico de contato de diferentes povos e suas línguas específicas. Logo, o processo sócio-histórico é pré-requisito para a compreensão do resultado da mistura entre as línguas. No caso brasileiro, mesmo antes da independência, a política portuguesa de Marquês de Pombal tinha fortalecido a supremacia da língua portuguesa na colônia, após a expulsão dos padres jesuítas em 1759 e da eliminação

da língua geral ou tupi-guarani de todos os currículos escolares. Apesar desse forte processo de homogeneização linguística, as línguas indígenas, os idiomas e dialetos dos imigrantes que estavam estabelecidos no Brasil não desapareceram. Dietrich (2010, p. 168) informa que até 1998, no Brasil, não havia conhecimento sobre a extensão, nem sobre a natureza da língua guarani e as suas interferências sobre o português regional.

Conforme Dietrich (2010, p. 169):

Em cada um dos lugares explorados, porém, os falantes bilíngues também não abundam. Muitos sabem um pouco de guarani, mas não têm conhecimentos suficientes para o interrogatório completo. Outros falam bem, mas não têm com quem conversar em guarani, faltando-lhes a comunidade linguística da sua terra.

Isso acontece porque os falantes de guarani, na verdade, falam uma variante do guarani, conhecida como yopará, que seria uma característica própria do processo de criouliização, falado por pessoas com pouca ou nenhuma escolaridade. Nas conversas com os informantes, eles afirmam que o guarani escolarizado é difícil de ser falado e compreendido, logo entre eles o uso do yopará é muito frequente.

Ao tratar das ocasiões em que a língua é utilizada, Dietrich (2010, p. 169) afirma que:

A língua da família é o português, ao passo que o guarani se fala só em ocasiões raras, no encontro com um irmão, uma irmã, a mãe ou com amigos na Associação Paraguaia da Terra, no melhor dos casos duas ou três vezes por mês. O guarani, neste caso, fica reduzido à memória do falante e, muitas vezes, palavras e expressões vão-se perdendo, faltando a introdução de outras, novas, no uso do falante. É um guarani que contém muitos arcaísmos (lembranças da língua da mãe, de expressões usadas antes pelos tios, aprendida na escola etc.), mas a língua está morrendo, já que o falante vai se esquecendo das riquezas expressivas da sua língua. O segundo tipo, mais raro, é o guarani vivo da gente que está em contato permanente com paraguaios e que viaja constantemente ao Paraguai.

Nessa citação, percebe-se que a ausência do contato linguístico faz com que a língua desapareça aos poucos. A língua é viva quando ocorre a interação, o contato linguístico, caso contrário, ela está fadada ao esquecimento, à estagnação, excetuando a literatura que nos possibilita o contato com as mais diversas realidades linguísticas.

Ao se referir ao guarani e tupi, Dietrich (2010, p. 170) aponta que “embora os brasiguaios não sejam representantes da tradição tupi da costa atlântica do Brasil, a língua deles não é muito diferente do tupinambá do século XVI e da língua brasílica dos séculos XVII e XVIII. [...]”.

Ao se referir às possíveis influências linguísticas advindas do contato entre as línguas

indígenas e africanas sobre o português brasileiro, Faria Cardoso (2010, p. 158) afirma, também, que “[...] no português não há, positivamente, influência de línguas indígenas (nem de línguas africanas), além daquelas relacionadas ao léxico e às expressões idiomáticas”, tendo em vista que “nenhum desenvolvimento do português” pode ser “classificado como sendo de origem indígena (ou africana)”.

Em suas conclusões, Faria Cardoso (2010, p. 165) afirma que a situação de contato depende “[...] do tipo de situação de contato de línguas, da intensidade deste contato, do tipo de interação e do grau de bilinguismo existente na sociedade, modificar-se-á a forma de adoção e adaptação de empréstimo linguísticos em uma e em outra língua”.

Quanto à influência do português no guarani, Faria Cardoso (2010, p.165) informa que:

[...] pudemos verificar uma ampla adoção de empréstimos linguísticos lexicais e não lexicais que ocasionaram inovações e mudanças linguísticas no guarani. A partir disso, sugerimos que as mudanças linguísticas ocorridas no guarani (principalmente a sintática), por implicar mudança em sua tipologia, sirvam de contra-exemplo à ideia de que o contato entre línguas tipologicamente distintas não produz mudanças gramaticais.

Esta é uma abordagem do contato enquanto constitutivo de um espaço de crenças e atitudes diferenciadas, em que as línguas significam as condições sócio históricas das comunidades de falantes, os quais se encontram expostos cotidianamente nas interações sociais permeadas tanto pela presença do espanhol/guarani como a do português. Nessa situação de contato se inter-relacionam e por vezes, se misturam.

Na fronteira, os sentidos das línguas não são necessariamente os sentidos da língua nacional. As línguas, então, estão constituídas de sentidos que significam ainda mais quando proferidas pelo homem da fronteira, local de transgressão e integração. Embora a fronteira se reporte a uma divisão política, ao se referir às línguas faladas na fronteira, o falante se integra a esse universo linguístico dando um tom todo peculiar, só percebido nesse contexto.

O contato frequente de uma língua em um estado nacional distinto provoca alguns impactos. Esses impactos registram as diferenças, como é o caso das comunidades de fala pesquisadas, falantes do yopará ou do guaraportunhol. Essas duas variantes dialetais são consideradas a língua das classes menos escolarizadas e menos favorecidas socialmente. A língua aprendida na escola, em Ciudad del Este, é o guarani, mas não é falada pelos moradores do local que consideram o guarani uma língua difícil de ser falada. É perceptível o inter-relacionamento das variantes dialetais, cujos traços linguísticos nesta situação diglósica

definem, interferem nas relações sociais. De um lado, brasileiros não se esforçam em aprender guarani por ser considerada uma língua de índio, demonstrando que existe preconceito linguístico e, por outro lado, paraguaios, mesmo correndo o risco de serem ridicularizados pelo sotaque, esforçam-se por falar a língua portuguesa. Observa-se também, que a maioria dos habitantes da Tríplice Fronteira fala portunhol.

No contato linguístico, toda e qualquer língua sofre mudança e variação à medida que não é rígida ou intacta. Nesse sentido, a presença de uma língua influencia outras línguas que estejam em contato com ela. Quando há essa interação entre diferentes línguas, uma ou ambas as línguas sofrerão mudanças. Em outros casos, quando há várias línguas em contato, é possível o surgimento de uma língua completamente nova que será usada como forma de comunicação entre falantes que não dividem uma língua em comum.

3.1.1 A Variação Linguística

A Sociolinguística nos mostra que um falante, mesmo quando se acredita monolíngue, é, de alguma forma, plurilíngue: ele possui uma série de competências que transitam entre formas vernaculares e veiculares, e cada uma delas responde a uma função social determinada. As variações encontradas, nesse caso, derivam simultaneamente de aspectos relacionados ao grupo social, à religião, à faixa etária, à escolaridade, profissão, entre outros aspectos.

Saussure ([1916] 1996, p. 221) concebe a variação como sendo “o fenômeno de uma língua que sofre variações ao longo do tempo, do espaço geográfico, do espaço ou estrutura social, da situação ou contexto de uso”. Isso significa dizer que uma língua está sujeita a reajustar-se no tempo e no espaço para satisfazer às necessidades de expressão e de comunicação, individual ou coletiva, de seus usuários e ocorre em todos os níveis da língua (fonético-fonológico, morfológico, sintático-semântico e lexical).

Para Weinreich, Labov e Herzog (1968, p. 97), toda língua varia, a variação é inerente à língua e se a mudança implica necessariamente variação, a variação não implica necessariamente mudança em curso.

Dessa forma, para os sociolinguistas, nas comunidades de fala, frequentemente, existirão formas linguísticas em variação, isto é, que estão em co-ocorrência (quando duas formas são usadas ao mesmo tempo) e em concorrência (quando duas formas concorrem).

Toda a análise sociolinguística passa então a ser orientada para as variações

sistemáticas, considerando-se que há uma organização implícita por trás da heterogeneidade linguística. A língua não é usada de modo homogêneo por todos os seus usuários. Dependendo da situação, a mesma pessoa pode usar diferentes variedades de uma só forma da língua.

Logo, todas as línguas apresentam variação, e, ainda, variam simultaneamente numa dupla perspectiva, isto é, geográfica e socialmente, podendo-se identificar variação diatópica e diafásica.

No que concerne à faixa etária, segundo Chambers e Trudgil (1980, p. 92-93), a variação estável se caracterizaria por um padrão curvilinear, no qual as faixas intermediárias apresentariam a maior frequência de uso das formas de prestígio, porém a tendência aferida pelos resultados da faixa etária deve ser confirmada pelos resultados das outras variáveis sociais.

Ao tratar da variável sexo nas situações de variação estável, segundo Chambers e Trudgil (1980, p. 98), as mulheres tendem a ser mais sensíveis ao uso das formas de prestígio, o que pode ser aferido numa escala de níveis de formalidade da fala. Por outro lado, nas mudanças em que se abandona o uso de uma forma padrão, o processo tende a ser liderado pelos homens, enquanto as mulheres lideram as mudanças em direção às formas de prestígio. Para Labov ([1972] 2008), as mulheres estão bem a frente dos homens, “na maioria das mudanças linguísticas, as mulheres estão à frente dos homens na proporção de uma geração.” (LABOV, [1972] 2008, p. 78). Porém, como bem nota Scherre (1988, p. 429), “a respeito da variável sexo, pode-se ver na literatura linguística que o seu papel, especialmente do sexo feminino, na questão da mudança não é muito claro”. E, como reconhece o próprio Labov ([1972] 2008, p. 347):

[...] é importante ter em mente que essa propensão das mulheres para as formas de maior prestígio (no sentido do padrão normativo) é limitada àquelas sociedades em que as mulheres desempenham um papel na vida pública.

Ao refletir sobre a citação de Labov ([1972] 2008), observa-se que a mulher que participa da vida pública tem mais chances de interação, ao passo que a mulher cuja vida é mais limitada, isto é, restringe-se ao lar e suas adjacências, as interações acontecem sempre com as mesmas pessoas e a possibilidade de mudança é remota, neste cenário não ocorre a mudança.

A língua portuguesa, assim como todos os idiomas do planeta, não se mostra uniforme.

O uso de uma língua varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social, e assim por diante. Nem individualmente seu uso é uniforme.

Segundo Labov ([1972] 2008, p. 21), a variação revela “um aspecto essencial das relações entre a vida social e cultural do homem e o seu ambiente natural”, uma vez que há contextos favoráveis para a implementação ou manutenção de certos traços linguísticos.

Dubois (1978, p. 448), ao tratar da forma padrão, aponta para ao fato de que:

[...] além das variações locais ou sociais, ela se impõe a ponto de ser empregada correntemente, como o melhor meio de comunicação, por pessoas susceptíveis a utilizar outras formas ou dialetos [...]. É difundida pela escola, pelos meios de comunicação em massa e utilizada nas relações oficiais.

Dubois (1978, p. 448) discorre sobre as variedades de uma língua que são consideradas variedade padrão, por serem faladas por grupos dominantes, elitizados do ponto de vista econômico, político ou cultural. A variedade padrão corresponde ao ideal de falar bem. Sendo assim, quando se fala de padronização se pensa em aspectos puramente sociais que se referem à maneira como dentro de uma sociedade é feita a escolha de uma variedade que servirá como base para a variedade padrão, de que maneira ela é codificada (elaboração de dicionários, gramáticas, normas ortográficas), é promovida e tem sua aceitação viabilizada.

Esse processo se chama normalização e reflete os diferentes graus de poder exercidos pelos diferentes grupos sociais. Como afirma Dubois (1978, p. 448), a variedade padrão sempre está diretamente relacionada a atividades e instituições de prestígio, como mídia, escola e instituições públicas.

Labov ([1972] 2008, p. 188) afirma que, “variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade”. Nesse sentido, a teoria da variação considera a língua em seu contexto sócio-cultural, uma vez que parte da explicação para a heterogeneidade que emerge nos usos linguísticos concretos, pode ser encontrada em fatores externos ao sistema linguístico e não só nos fatores internos à língua.

Para Gnerre (1998, p. 6-7), “uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”. Ou seja, está associado ao prestígio, pois a variedade de maior prestígio dentro de uma sociedade se impõe como variedade padrão, também chamada norma culta e, com tal, passa a ser utilizada nas relações econômicas e sociais como única possibilidade linguística.

Alkmin (2001, p. 39) considera “[...] uma ordenação valorativa das variedades lingüísticas em uso, que refletem a hierarquia dos grupos sociais”. Desse modo, fica evidente a existência de uma variedade de prestígio e de variedades não prestigiadas nas sociedades. Ainda de acordo com Alkmin (2001, p. 40), “a variedade alçada à condição de padrão não detém propriedades intrínsecas que garantem uma qualidade ‘naturalmente’ superior às demais variedades”. Isso se deve ao fato de que, o que vai determinar a qualidade de superior ou inferior está mais ligado à comunidade de fala e aos seus falantes. Alkmin (2001) destaca que o prestígio “[...] coincide com a variedade lingüística falada pela nobreza, pela burguesia, pelo habitante de núcleos urbanos, que são centros de poder econômico e do sistema cultural predominante.” (ALKMIN, 2001, p. 40).

Portanto, isso significa que um conjunto de variedades determina os traços que as particularizam, isto é, as normas que as caracterizam.

Na sociolinguística, a língua deve ser entendida como um elemento social que reflete, condiciona e configura as diferenças representadas pelos grupos sociais. Quanto a isso, as variáveis lingüísticas atuam como indicadores dos diferentes tipos de comportamentos sociais. Labov ([1972] 2008) aponta que as variações sociais e estilísticas desempenham um papel importante na mudança lingüística. Apresenta como definição de ‘social’ “os traços lingüísticos que caracterizam os distintos subgrupos de uma sociedade heterogênea” e como ‘estilística’ “as modificações mediante as quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato do seu ato de fala”. (LABOV [1972] 2008, p. 271)

Além do mais, conforme Naro (2003, p. 16-17), “[...] a operação de uma regra variável é sempre o efeito da atuação simultânea de vários fatores”. Afirmção importante porque é, de fato, impossível acontecer uma variação que não sofra interferência de mais de um fator interno e/ou externo.

Pode-se dizer que, um indivíduo ou grupos de indivíduos adotam certas variedades lingüísticas como forma de diferenciação, de isolamento, por meio de uma linguagem especial, principalmente no campo lexical. É claro que, a variedade lingüística eleita, é decorrente do próprio comportamento social e a criação dessa linguagem específica serve a diversos objetivos como: o desejo de privacidade, respeito, aceitação, de auto-afirmação, de ser entendido apenas por indivíduos do grupo a que pertence e também como forma de querer fazer parte de um determinado grupo.

Seguindo o mesmo entendimento, Scherre (2005, p. 43) afirma que:

Em nome da boa língua pratica-se a injustiça social, muitas vezes humilhando o ser humano por meio da não-aceitação de um de seus bens culturais mais divinos: o domínio inconsciente e pleno de um sistema de comunicação próprio da comunidade em seu redor. E mais do que isto: a escola e a sociedade – da qual a escola é reflexo ativo – fazem associações perversas, sem respaldo lingüístico estrutural, entre domínio de determinadas formas lingüísticas e beleza e feiúra; entre domínio de determinadas formas lingüísticas e elegância e deselegância; entre domínio de determinadas formas lingüísticas e competência ou incompetência; entre domínio de determinadas formas lingüísticas e inteligência e burrice [...].

Para que não se repitam, ou se cometam essas atrocidades referidas por Scherre (2005), buscam-se, dessa maneira, algumas sugestões importantes direcionadas aos responsáveis pelo ensino, nas palavras de Cardoso (2010, p. 183-184):

[...] os que planejam e os que executam, os programadores e os professores – à reflexão sobre as peculiaridades sociais e geográficas da língua; sobre a finalidade de sua utilização; sobre a pluralidade de usos que se constata no falante; sobre a situação de contraste que muitas vezes, vive o professor, falante de um dialeto, professor de alunos dialetalmente diferenciados e mestre da norma que pode não ser a do seu próprio uso cotidiano. Levar o professor a se estabilizar nesse tripé – situação muito geral hoje em dia, com exemplos até mesmo na área universitária – é o que se deve constituir em prioridade para as políticas linguísticas no ensino do vernáculo. Particularizar o ensino da língua afigura-se precipitado porque ainda não se dispõe do embasamento necessário – qualificação e quantificação de dados de cunho nacional – para justificar proposições. De outro modo, impor, sem ajustes, o uso de um registro se figura como declaração do desconhecimento da multifacetada realidade linguística, tão evidente, do país.

Precisa-se reconhecer mais do que nunca a variação linguística, não como forma de exclusão, preconceito, ou para apenas tomar ciência de que ela existe como é feito há anos nas escolas, mas acima de tudo, conhecê-la para respeitá-la, aceitar as diferenças. Compreender a variedade linguística que o aluno leva para a escola e apresentar a ele um registro formal, comum e geral a todos, que permite o seu avanço social, profissional e tecnológico, mas que suas origens devem ser respeitadas, mantidas e nunca discriminadas. Assim, ciente da diversidade linguística, o indivíduo pode transitar em todas esferas sociais sem ser preconceituoso e sem sofrer o preconceito.

4 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS NA REGIÃO DE FRONTEIRA BRASIL/PARAGUAI/ARGENTINA

Esta tese fundamenta-se nos princípios da Sociolinguística e, para tanto, baseia-se em estudos representativos de diversos teóricos nacionais e internacionais, pois tratar do contato linguístico na fronteira é também tratar dos aspectos sociais, ideológicos e culturais da linguagem. O estudo das crenças e atitudes tem por objetivo descrever e analisar sentimentos e ações dos falantes frente à sua língua e em relação ao falar do outro. Nesse aspecto, as crenças e atitudes estabelecem relação direta com a identidade linguística e social do falante. Há uma diversidade de conceitos relacionados às crenças e atitudes, pois tais conceitos estão interconectados aos objetivos e à perspectiva teórico-metodológica da investigação. Essa diversidade conceitual pode ser percebida a partir da seleção do referencial teórico aqui apresentado.

4.1 AS CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: CONCEITOS E DEFINIÇÕES

O conceito de crença abrange questões sobre as quais se desconhece, porém são aceitas como verdade relativa, uma vez que o surgimento de novas informações pode modificar o entendimento dos fatos e alterar o que se tinha como verdade.

O termo atitude tem sido definido de diferentes maneiras. As atitudes são fontes de grande interesse pela sua importância como influenciadoras de maneira determinante do comportamento dos sujeitos. Atitude, enquanto conceito fundamental da Psicologia Social faz junção entre a opinião (crença) e a conduta (atitude) e indica o que interiormente se está disposto a fazer. Portanto as atitudes dependem das crenças que se tem da situação que se deve enfrentar, podendo-se reagir de maneira positiva ou negativa. As atitudes constituem uma parte importante da constituição de cada pessoa e no interior de grupos, sejam eles familiares ou não, e da sociedade. Para esse aspecto chama a atenção Allport (1935, p. 810) ao apresentar a seguinte definição:

atitude é um estado mental e psicológico de disposição, organizado através da experiência, que exerce uma influência direta ou dinâmica na relação do indivíduo diante de todos os objetos e todas as situações com que se encontra relacionado²⁷.

²⁷ “attitude is a mental and neural state of readiness, organized through experience, exerting a directive and dynamic influence upon the individual’s response to all objects and situations with which it is related.” (ALLPORT, 1953, p. 810)

Para Lambert e Lambert (1966, p. 77), atitude é definida como sendo uma ideia carregada de emoções a qual influencia ações de uma classe para situações particulares, conforme a situação social. O fato de que as atitudes podem ser estabelecidas por condicionamento verbal (social) indica um caráter cognitivo. Isto implica que, para compreender e modificar atitudes, é necessário conhecer os conceitos e princípios de conhecimento que respondem pelos aspectos cognitivos. Lambert e Lambert (1966, p. 78) afirmam que seus componentes essenciais são:

os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir. Dizemos que uma atitude está formada quando esses componentes se encontram de tal modo inter-relacionados que os sentimentos e tendências reativas específicas ficam coerentemente associados com uma maneira particular de pensar em certas pessoas ou acontecimentos.

Como se depreende da definição apresentada, esses autores salientam três componentes da atitude: pensamentos e crenças, sentimentos ou emoções, e tendências de reação. No entanto, não há consenso quanto à estrutura que compõe a atitude.

Lambert (1967) distingue três princípios que regem as crenças e suas consequentes atitudes sociais, são eles: (i) associação – princípio pelo qual se evita o contato com pessoas ou coisas que nos desagradem e nos aproximamos daqueles que nos trazem coisas agradáveis; (ii) transferência, pois transferimos nossas expectativas para determinados fins; e (iii) satisfação de necessidade, quando procuramos nos aproximar de pessoas que associamos a coisas agradáveis (LAMBERT, 1967, p. 93).

As crenças podem ser definidas, de acordo com Labov ([1972] 2008, p. 176), como “um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são partilhadas por quase todos os membros de comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão”. Para Labov ([1972] 2008, p. 120), na comunidade de fala, apesar de as pessoas compartilharem as mesmas normas relacionadas à linguagem, não falam da mesma forma. Ao contrário, pois são encontradas com frequência formas linguísticas em variação que concorrem umas com as outras na comunidade de fala.

Fasold ([1974] 1984, p. 158) observa, também, que as atitudes são uma valiosa ferramenta que revelam a “importância social” da linguagem e como ela é usada tal qual “um símbolo de pertencer ao grupo” isto é, “uma identificação”, na sociedade. Por meio de uma série de análises de atitudes linguísticas, Fasold ([1974] 1984, p. 158) observa que:

Falantes que usaram a variedade alta foram classificados positivamente na escala social dominante, bem como nas escalas de solidariedade. Geralmente, as variedades baixas são mais apreciadas nas escalas de solidariedade que as variedades altas na escala social dominante²⁸.

O estudo das atitudes linguísticas constitui um dos aspectos mais interessantes das análises da Sociolinguística moderna. Alvar (1975, p. 93)²⁹ destaca que: “Considerar o que possa ser Sociolinguística é, em primeiro lugar, abordar a questão do conceito de que o falante tem sua própria ferramenta linguística.” Para Alvar (1975), as atitudes linguísticas partem do pressuposto que o falante tem da própria língua.

Dessa forma, as atitudes linguísticas é que definem a escolha, a mudança, a variação, os padrões linguísticos, conforme salienta Blas Arroyo (1994, p. 143):

[...] as atitudes podem contribuir poderosamente para a propagação das mudanças linguísticas, à definição de comunidades de fala, à consolidação dos padrões de uso e da avaliação social e, em geral, a uma ampla gama de fenômenos estreitamente relacionados com a variação linguística na sociedade³⁰.

As crenças que um falante tem de sua língua, isto é, se ele a considera apropriada ou não apropriada perante outras variedades, fará com que ele a utilize e de certa forma propague sua maneira de falar.

A este respeito, Moreno Fernández (1998, p. 178) também se manifesta e destaca que:

[...] atitude em relação à linguagem e seu uso se torna especialmente atraente quando vista na sua verdadeira magnitude o fato de que as línguas não são apenas portadoras de formas e atributos linguísticos determinados, mas também são capazes de transmitir significados ou conotações sociais, bem como valores sentimentais. As regras e as marcas culturais de um grupo se transmitem ou se destacam por meio da língua³¹.

²⁸ “Speakers who used the high variety were rated higher in the power as well as the solidarity scales. Generally, the low varieties are rated higher in solidarity scales whereas the high varieties dominate the power scales.” (FASOLD [1974] 1984, p. 158).

²⁹ “Plantearse qué pueda ser una sociolingüística es, ante todo, enfrentarse con la cuestión del concepto que el hablante tiene de su propio instrumento lingüístico.” (ALVAR, 1975, p. 93).

³⁰ “[...] las actitudes pueden contribuir poderosamente a la difusión de los cambios lingüísticos, a la definición de las comunidades de habla, a la consolidación de los padrones de uso y de evaluación social y, en general, a una serie amplia de fenómenos estrechamente relacionados con la variación lingüística en la sociedad.” (BLAS ARROYO, 1994, p. 143).

³¹ “[...] la actitud ante la lengua y su uso se convierte en especialmente atractiva cuando se aprecia en su justa magnitud el hecho de que las lenguas no son solo portadoras de unas formas y unos atributos lingüísticos determinados, sino que también son capaces de transmitir significados o connotaciones sociales, además de valores sentimentales. Las normas y marcas culturales de un grupo se transmiten o enfatizan por medio de la lengua.” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 178).

Todas essas reações, na realidade, consistem em atitudes que se mantêm em relação à nossa forma de falar e à dos outros, atitudes essas que, muitas vezes, culminam em preconceito em relação a determinadas variedades linguísticas.

A definição de preconceito encontrada no dicionário básico de filosofia de acordo com Marcondes, Souza Filho e Japiassu (1996, p. 219) está assim formulada:

opinião ou crença admitida sem ser discutida ou examinada, internalizada pelos indivíduos sem se darem conta disso, e influenciando seu modo de agir e de considerar as coisas. O termo possui um sentido eminentemente pejorativo, designando o caráter irrefletido e frequentemente dogmático dessas crenças.

E para complementar essa definição, busca-se em Bagno (1999, p. 40), a definição para preconceito linguístico que, no seu entender:

[...] se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação lingüística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito lingüístico, “errada”, feia, estropiada, rudimentar, deficiente, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português.

A partir dos conceitos examinados, verifica-se que as crenças, deixam transparecer nas atitudes linguísticas a maneira de ser e de se relacionar com o outro. Sobre o assunto, Moreno Fernandez (1998, p.179) reitera que:

[...] as atitudes influenciam decisivamente nos processos de variação e mudança lingüística que ocorrem nas comunidades de fala. Uma atitude favorável ou positiva pode fazer com que uma mudança lingüística ocorra mais rapidamente, e que em certos contextos predomine o uso de uma língua em detrimento de outra. [...] Uma atitude desfavorável ou negativa pode levar ao abandono e esquecimento de uma língua ou impedir a propagação de uma variante ou uma mudança lingüística³².

E acrescenta que:

a atitude lingüística é a consciência sociolingüística: os indivíduos forjam atitudes,

³² “[...] las actitudes influyen decisivamente en los procesos de variación y cambio lingüístico que se producen en las comunidades de habla. Una actitud favorable o positiva puede hacer que un cambio lingüístico se cumpla más rápidamente, que en ciertos contextos predomine el uso de una lengua en detrimento de otra. [...] Una actitud desfavorable o negativa puede llevar al abandono y el olvido de una lengua o impedir la difusión de una variante o un cambio lingüístico”. (MORENO FERNANDEZ, 1998, p. 179).

quaisquer que sejam, porque têm consciência de uma série de fatos lingüísticos e sociolingüísticos que se referem a eles ou lhes afetam. (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 181)³³.

Já que os indivíduos podem forjar suas atitudes, porque há a consciência dos fatos lingüísticos, os estudos das crenças e atitudes desenvolveram-se em duas linhas principais de pesquisa, a saber: a comportamentalista e a mentalista (FASOLD, [1974] 1984; LÓPEZ MORALES, 1993; MORENO FERNÁNDEZ, 1998; BLANCO CANALES, 2004). Dentro da perspectiva mentalista e comportamentalista, Fasold ([1974] 1984, p. 147) afirma que o aspecto mentalista está relacionado a uma atitude, a um estímulo e uma resposta de forma variável. Já o behaviorista ou comportamentalista, considera o fato de as atitudes estarem associadas a determinadas reações do indivíduo a certas situações sociais, isto é, as atitudes são percebidas nas reações dadas às respostas por meio de determinado estímulo.

Para López Morales (1993), as atitudes seriam formadas apenas pelo componente afetivo, uma vez que podem ser medidas e observadas abertamente, como menciona López Morales (1993, p. 231-232)³⁴: “Um estado de disposição, uma variável que intervém entre um estímulo que afeta a pessoa e sua reação a ele.” Ao complementar o raciocínio de López Morales, Moreno Fernández (1998, p. 182-183) destaca a atitude:

[...] como um estado interno do indivíduo, uma disposição mental para umas condições ou para uns fatos sociolingüísticos concretos; neste sentido, a atitude seria uma categoria intermediária entre um estímulo e o comportamento ou a ação individual³⁵.

Os comportamentalistas, nas palavras de Moreno Fernández (1998, p. 182)³⁶, estabelecem que “a atitude é uma conduta, uma reação ou resposta a um estímulo, isto é, a uma língua, uma situação ou características sociolingüísticas determinadas”. Ou seja, as atitudes do falante podem ser previstas dentro das mais diversas interações sociais.

Do pensamento de López Morales (1993) e Moreno Fernández (1998) percebe-se que

³³ “[...] la actitud lingüística es la conciencia sociolingüística: los individuos forjan actitudes, del tipo que sea, porque tienen conciencia de una serie de hechos lingüísticos e sociolingüísticos que les conciernen o les afectan.” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 181).

³⁴ “Un estado de disposición, una variable que interviene entre un estímulo que afecta a la persona y su respuesta a él.” (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 231-232).

³⁵ “[...] como un estado interno del individuo, una disposición mental hacia unas condiciones o unos hechos sociolingüísticos concretos; en este sentido, la actitud sería una categoría intermedia entre un estímulo y el comportamiento o la acción individual.” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 182-183).

³⁶ “la actitud es una conducta, una reacción o respuesta a un estímulo, esto es, a una lengua, una situación o unas características sociolingüísticas determinadas.” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 182).

a atitude está intrinsecamente ligada às crenças, às convicções, e a ação sempre corresponde à visão de mundo que se tem ao conhecimento e ao contexto em que se estiver inserida.

A partir disso, constata-se o quanto as crenças e atitudes influenciam diretamente na questão da mudança e variação linguística, pois as crenças estão relacionadas à maneira de pensar, sentir e as atitudes estão ligadas à reação em relação às pessoas, grupos, questões sociais ou a qualquer acontecimento. Portanto, os fundamentos psicológicos das crenças e atitudes apresentam também o componente social, pois estão fundamentadas em quatro atividades humanas: pensar, sentir, reagir e interagir. E, segundo Lambert e Lambert (1966), Fasold ([1974] 1984), López Morales (1993), Blas Arroyo (1994), Moreno Fernández (1998), e Aguilera (2008b), as atitudes linguísticas são formadas por três componentes essenciais: cognoscitivo (percepções, crenças e estereótipos); afetivo (emoções e sentimentos) e conativo (tendência a atuar de certa maneira em relação ao objeto). Logo, as atitudes linguísticas influenciam na interação linguística.

López Morales (1993, p. 235) classifica as atitudes linguísticas de duas maneiras: a “mentalista e a comportamental”. Na perspectiva mentalista, a atitude por ser uma disposição de ordem mental, não pode ser mensurada ou observada diretamente. Quanto à perspectiva comportamental, a atitude é a resposta ou comportamento de um indivíduo em determinada situação social, e assim, pode ser observada de forma direta.

Bisinoto (2007) corrobora com Blanco Canales (2004) ao conceituar as atitudes linguísticas como, “postura, reação ou propósito, mas antes disso há que se considerar os fatores psicológicos e políticos que desencadeiam as atitudes dos falantes perante sua própria língua e a língua do outro.” (BISINOTO, 2007, p. 23).

Ainda a esse respeito, Bisinoto declara que:

a atitude lingüística e a social complementam-se, ou melhor, fundem-se nas ações e reações dos indivíduos. As avaliações manifestas e encobertas, subjetivas e objetivas, mais ou menos conscientes, relativas à linguagem dos homens numa sociedade plural têm a propriedade de fundar e governar tanto as relações de poder quanto o prestígio ou o desprestígio das formas linguísticas, estabelecendo seletividades, evidenciando preconceitos. (BISINOTO, 2007, p. 24).

Ao lado das atitudes dos falantes das línguas desprestigiadas, devem ser situadas as línguas dos falantes com maior prestígio social. A princípio, a atitude do falante cuja língua é mais prestigiada, caracterizada de tranquila e superior às demais variantes, portanto em qualquer situação comunicativa, essa língua será a preferida, logo, não há necessidade de esforço para adquirir outra. Por conseguinte, essa atitude apresenta muitos graus, que vão

desde a auto confiança, segurança até a arrogância linguística consciente.

As atitudes linguísticas consistem em avaliações e julgamentos dos falantes sobre a própria língua e a língua dos outros. Sobre as atitudes linguísticas, Bisinoto considera que “[...] representam pistas importantes para a compreensão das mudanças linguísticas estruturais, mas também respondem a indagações sobre o funcionamento da própria sociedade, afetada pela heterogeneidade linguística.” (BISINOTO, 2007, p. 38).

Aguilera (2008a, p. 106) afirma que “a atitude linguística de um indivíduo é o resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, afetos e tendências a comportar-se de uma forma determinada diante de uma língua ou de uma situação sociolinguística”. Dessa forma as crenças e atitudes estão interligadas. Aguilera (2008b, p. 314) concorda que a compreensão das crenças e atitudes linguísticas auxilia no entendimento das diversas ‘competições’ entre: (i) as múltiplas variedades linguísticas regionais do português; (ii) as questões de prestígio, rejeição e preconceito linguísticos; (iii) o problema do bilinguismo e do contato linguístico em regiões fronteiriças e, dentro do próprio país, em regiões de alta concentração de imigrantes.

Nesse aspecto, Aguilera (2008b, p. 319), também faz suas considerações quanto às aferições relacionadas aos estudos das atitudes na perspectiva mentalista e afirma que elas podem acontecer de duas maneiras: i) diretas – aferições realizadas por meio de questionários ou entrevistas; e ii) indiretas – aferições feitas sem que o informante tenha consciência do objeto da pesquisa, que seria a atitude. E Busse (2010, p. 84) expõe que as crenças e atitudes são o passaporte para a mudança linguística, pois esta se dá em ambiente complexo mediante a atuação de forças sociais, com uma tendência para a manutenção ou implementação de formas advindas de grupos com maior prestígio.

4.1.1 Inter-relação entre Crenças e Atitudes

Ao estudar as crenças e atitudes, verifica-se que, algumas vezes, elas se coadunam quando expressam opinião, gosto, preferência e também diante das escolhas que são feitas em determinada situação. Porém, a interferência das crenças nas atitudes do indivíduo, nem sempre será fator definitivo em suas atitudes, que muitas vezes podem ser superficiais. De acordo com Trudgill (1974, p. 14):

O nosso sotaque e nosso discurso geralmente mostram de que parte do país nós viemos, e que tipo de conhecimento nós temos. Podemos até dar alguma indicação

de alguma de nossas ideias e atitudes, e toda esta informação pode ser usada pelas pessoas com quem estamos falando a ajudá-las a formular uma opinião sobre nós³⁷.

E acrescenta-se ainda, que as atitudes linguísticas são definidas por julgamentos favoráveis ou desfavoráveis sobre a variedade linguística utilizada por determinadas pessoas ou certas comunidades de fala. Esses prejulgamentos podem ser considerados a base do preconceito linguístico, que resultam de uma crença sobre as características pessoais que são atribuídas aos indivíduos já que, em geral, aparecem concretizadas em suas escolhas linguísticas.

Alves (1979) acrescenta que a atitude linguística pode ser vista dentro de um processo, que apresenta certas etapas, e não vista como mero resultado:

[...] Ou seja, a percepção do objeto e a demonstração ativa de um indivíduo, a partir dele e com relação a ele, são precedidas e reforçadas por outros procedimentos: o enquadramento do objeto no sistema de crenças e valores do indivíduo e sua eventual reação emotiva a ele. A tendência para um certo tipo de ação, torna-se assim o produto, o resultado final desse confronto. (ALVES, 1979, p. 27).

Richardson (1996, p. 104) acredita que não só as crenças influenciam as atitudes, e classifica em três as maneiras possíveis de compreender essa relação: I) a primeira relação é de causa e efeito, em que as crenças exercem influência direta nas atitudes. Nesse caso, para que as atitudes sejam mudadas seria necessário mudar as crenças ou vice-versa; II) a segunda está relacionada à interação, ou seja, crenças influenciam atitudes e atitudes influenciam as crenças. Assim, mudanças nas crenças acarretariam mudanças nas atitudes, bem como mudanças nas atitudes acarretariam mudança e/ou na formação de novas crenças; III) a terceira relação é a hermenêutica, que situa o pensamento e as atitudes do falante dentro da complexidade dos contextos em que estiver inserido. Dessa forma, é possível dizer que as crenças e atitudes podem ser divergentes, principalmente devido a fatores contextuais.

Nesse aspecto, se o indivíduo crê ou não em algo, pouca ou nenhuma diferença isso trará para mostrar sua avaliação sobre um fato. A partir dessa constatação pode-se dizer que as crenças são sociais, individuais e flexíveis. Tendo por base as crenças e atitudes linguísticas em situação de fronteira, é possível observar, conforme será apresentado na seção das

³⁷ “Our accent and our speech generally show what part of the country we come from, and what sort of background we have. We may even give some indication of certain of our ideas and attitudes, and all of this information can be used by people we are speaking with to help them formulate an opinion about us.” (TRUDGILL, 1974, p. 14).

análises, a preferência dos sujeitos por determinada escolha linguística e a identificação com o grupo que a concretiza.

Para Barcelos (2001, p. 85), “as crenças devem ser investigadas de maneira interativa, onde crenças e ações [atitudes linguísticas] se inter-relacionem e se interconectem”. De acordo com Barcelos (2001), ao estudar as crenças não há como dissociá-las das atitudes, porque as ações resultam das crenças, toda ação leva a uma reação e nesse vai e vêm elas se inter-relacionam.

Segundo Calvet (2002, p. 65), “existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas e para com aqueles que as utilizam, que torna superficial a análise da língua como simples instrumento.” Os falantes, então, têm a capacidade de emitir valores de juízo, que podem ser positivos ou negativos, sobre a variedade da fala adotada.

Aguilera (2008b), também concorda com Calvet (2002) ao afirmar que cada pessoa tem sempre uma atitude neutra, positiva ou negativa, referente a um objeto ou a um conceito e varia no grau de intensidade dessa avaliação. Assim, qualquer atitude em relação aos grupos com determinada identidade pode ser uma reação às variedades usadas por ele, ou aos indivíduos usuários dessa variedade, já que normas, regras e características culturais de um grupo são transmitidas ou sedimentadas pela língua, modificada, de maneira particular, na fala de cada pessoa (AGUILERA, 2008b, p. 315).

Observa-se, porém, que nem sempre a atitude está relacionada como manifestação da crença que o indivíduo tem sobre um conceito, porque ele pode admitir determinado conceito, ou seja, pode não apenas achar o conceito coerente ou incoerente, mas simultaneamente considerá-lo como verdade absoluta ou como verdade relativa.

Portanto a escolha da variedade e estrutura linguística tem um importante efeito sobre as crenças a respeito da realidade concreta. A escolha linguística mostra as atitudes com que se justificam as crenças. Assim, mais que um veículo para expressar ideias, pode restringir o pensar, tendo em vista que a mídia dissemina o que é *fashion*, quer seja na forma de falar, de comportamento social ou vestuário e algumas pessoas reproduzem esse comportamento sem se quer refletir em seu uso. Ao aprender a língua materna, adquire-se também a forma com que o grupo majoritário avalia a sua língua e as línguas dos outros, isto é, estabelece julgamentos de valor, mais prestígio e menos prestígio, acarretando de certa forma, situações de *bullying* e preconceito linguístico ao grupo minoritário, menos prestigiado socialmente.

4.1.2 Atitudes Linguísticas e Comunidades de Fala

Na coexistência de diferentes variedades linguísticas, a disputa entre essas variedades é percebida por meio da fala, na maneira de pensar, de ser e agir dos falantes. Os valores que são atribuídos a determinadas variedades, consideradas mais ou menos prestigiadas socialmente, revelam as atitudes linguísticas dos falantes frente a tais variedades, atitudes essas, reveladoras de suas crenças, de suas origens que estão associadas à escolaridade, à faixa etária, à classe social, à religião, à cultura, à nacionalidade, a distintas regiões dentro de uma nação, à região urbana e rural, a diferentes grupos sociais e esferas profissionais.

Giles, Ryan e Sebastian (1982, p. 20-25) consideram importantes os estudos das atitudes linguísticas porque pressupõem reconhecer que, em toda sociedade há variedades linguísticas, que são os dialetos, os sotaques e os registros³⁸, que coexistem de forma competitiva e contrastante, variedades essas que podem envolver diferentes línguas ou apenas diferentes estilos de uma determinada língua.

No uso, do dia-a-dia, essas diferenças são confundidas com frequência e têm sido marcas para discriminação em vários níveis sociais. A questão é que as diferenças são estigmatizadas pela sociedade.

A base da descrição de comunidade de fala, pautada em Bloomfield (1933, p. 42) afirma que, “é um grupo de pessoas que interage por meio da fala”³⁹. Alguns autores estabelecem distinção entre comunidade linguística e comunidade de fala, e outros autores, utilizam-nas indiscriminadamente, isto é, utilizam a expressão de acordo com a conveniência de suas pesquisas. Já que alguns autores apresentam diferentes conceitos para comunidade linguística e comunidade de fala, faz-se necessário apresentar alguns desses conceitos estabelecidos pelos estudiosos da linguagem, em ordem cronológica, como é o caso de Gumperz (1971, p.101), que utiliza o termo *linguistic community* e *speech community* isto é, comunidade linguística e comunidade de fala, discriminadamente.

Para Gumperz (1971, p. 113), a língua dos integrantes da comunidade de fala não precisa ser necessariamente a mesma, seus integrantes tanto podem ser monolíngues quanto

³⁸ “Os registros são variedades que ocorrem em função do uso que se faz da língua [...] dependem do receptor, da mensagem ou da situação.” (TRAVAGLIA, 2002, p. 42). Para as variações de cunho social também é corrente a designação "socioleto" e para a variação individual “idioleto”. A diferença entre os termos sotaque e dialeto é que o sotaque é restrito à variedade de pronúncia, enquanto dialeto inclui diferenças de gramática e de vocabulário.

³⁹ “is a group of people who interact by means of speech.” (BLOOMFIELD, 1933, p. 42).

multilíngues e devem estar unidos pela frequência da interação social. Gumperz (1971, p.114) conceitua também como, “um agrupamento humano caracterizado por uma interação frequente, regular e efetivado através de um mesmo sistema de signos verbais, e separado de agrupamentos similares por significantes diferenças no uso da língua”⁴⁰. Para Gumperz (1971, p. 116) é necessário que os membros de uma comunidade linguística estejam unidos por normas e aspirações comuns, no entanto tais normas podem se sobrepor aos limites do idioma, logo os falantes podem compartilhar das mesmas normas em seus atos de fala.

Contrariamente à Gumperz (1971), Labov ([1972] 2008), na pesquisa realizada na Cidade de Nova Iorque em 1966, toma como comunidade de fala os usuários que têm o inglês como primeira língua, isto é, os nativos, não levando em conta os imigrantes, que constituíam cerca de um terço de Nova Iorque. De acordo com Labov ([1972] 2008, p. 120-121):

a comunidade de fala não é definida por qualquer acordo marcado no uso de elementos da língua, nem pela participação em um jogo de normas compartilhadas. Estas normas podem ser observadas em tipos manifestos de comportamentos avaliativos e pela uniformidade dos padrões abstratos de variação, invariantes em níveis particulares de uso.

Labov ([1972] 2008, p. 158) considera comunidade de fala “como um grupo que compartilha as mesmas normas em relação a língua”. A uniformidade de padrões linguísticos, como critério para definir comunidade de fala. Sua concepção de uniformidade diz respeito a regras gramaticais que são compartilhadas na forma de regras variáveis. Ao definir comunidade de fala, enfatiza o primeiro termo do sintagma, deixando em evidência o objeto da Sociolinguística: a comunidade social em seu aspecto linguístico, ou seja, a comunidade de fala.

Todos os falantes de uma ou mais línguas pertencem pelo menos a uma comunidade de fala, de modo que partilham das mesmas normas e variedades linguísticas. Assim, no âmbito da sociedade, as diferenças advindas de distintos grupos sociais encontram-se refletidas na variação da linguagem e nas atitudes dos indivíduos diante dessas variantes. Tais normas são apreendidas pelo pesquisador mediante o valor que os falantes de certa comunidade de fala atribuem a elas, sendo que – normalmente – ao grupo de prestígio, cuja fala é dominante na escola, no trabalho, na mídia, nos discursos políticos, entre outros, são vinculados valores positivos. Segundo Labov ([1972] 2008, p. 192): “membros de uma

⁴⁰ “human aggregate characterized by regular and frequent interaction by means of a shared body of verbal signs and set off from similar aggregates by significant differences in language usage.” (GUMPERZ, 1971, p. 114).

comunidade de fala compartilham um conjunto comum de padrões normativos mesmo quando encontramos variação altamente estratificada na fala real”. Vale ressaltar que a uniformidade das normas compartilhadas pelos falantes geralmente ocorre quando a variável linguística possui marcas sociais evidentes aos falantes. No caso de não haver tais marcas vinculadas às variáveis, as normas compartilhadas correm o risco de não ser tão uniformes; neste caso, a delimitação da comunidade de fala não poderia se restringir unicamente aos valores compartilhados pelos falantes, pois há variáveis que não são, necessariamente, conhecidas por estes falantes, embora Labov acredite que “julgamentos sociais inconscientes sobre a língua podem ser medidos por técnicas.” (LABOV [1972] 2008, p. 248). Portanto, o que é analisado é o grupo de indivíduos em sua comunidade de fala e não o indivíduo tomado isoladamente, pois conforme argumenta Labov ([1972] 2008, p. 256), o vernáculo⁴¹ é propriedade de um grupo e não de um indivíduo.

Hymes ([1967] 1972, p. 47) não concorda com a redução de comunidade de fala à linguagem estabelecida por Bloomfield (1933). Hymes ([1967] 1972, p. 47) acrescenta que é impossível equalizar linguagem com comunidade de fala, quando não se tem clareza, entendimento da natureza da linguagem, e que, “a comunidade de fala não pode ser definida apenas por meio do critério linguístico.” (HYMES, [1967] 1972, p. 123)⁴².

Para Fasold ([1974] 1984, p. 42), há uma sobreposição sobre o conceito de comunidade de fala, pois em geral as pessoas fazem parte de várias comunidades simultaneamente. As pessoas alteram sua forma de falar para se adequar a determinada comunidade de fala, acrescentando, subtraindo, e substituindo regras consideráveis do comportamento comunicativo para se adaptarem à comunidade de interação.

Na definição de Wardhaugh (1986, p. 113), comunidade de fala engloba falantes de várias línguas ou dialetos, pois as pessoas têm características linguísticas próprias para se identificar com um grupo ou para se diferenciar dele. Logo, Wardhaugh (1986) reconhece a impossibilidade de tomar como base apenas o uso de características linguísticas para determinar o que é e o que não é comunidade de fala.

Romaine (1994, p. 22) também faz distinção entre comunidade linguística e comunidade de fala:

⁴¹ Define-se vernáculo como a fala espontânea, empregada de forma natural entre falantes de um mesmo grupo.

⁴² “speech communities cannot be defined solely through the use of linguistic criteria”. (HYMES, [1967] 1972, p. 123).

Uma comunidade de fala não é necessariamente coextensiva com uma comunidade linguística. Um comunidade de fala é um grupo de pessoas que não compartilha necessariamente a mesma língua, mas compartilham um conjunto e as regras para o uso da língua⁴³.

A partir do exposto, observam-se basicamente três tendências gerais para a definição de comunidade de fala: (i) a primeira tendência, refere-se à comunidade de fala como constituída por pessoas que têm a mesma primeira língua, ou seja, elas interagem por meio das regras compartilhadas para o uso da língua materna; (ii) a segunda tendência considera o caráter pragmático da comunicação, independentemente do número de línguas ou variedades empregadas, nesse sentido, uma comunidade de fala pode se constituir de pessoas que se compreendem ao fazer uso da mesma língua, mesmo não sendo esta a materna; e (iii) terceira tendência, uma comunidade de fala pode se constituir de pessoas que julgam pertencer a uma determinada comunidade de fala, já que se identificam socialmente com ela.

A tarefa de definir comunidade de fala não é simples. Essa dificuldade, no entanto, precisa ser transposta, quando o desenvolvimento de um trabalho visa compreender a variação e a mudança linguística.

A concepção aqui adotada, de comunidade de fala, é a mesma concepção, vista anteriormente, simplificada por Bloomfield (1933, p. 42), pois os membros da comunidade de fala investigada interagem por meio de uma mistura linguística, são nascidos ou residentes há mais de 20 anos em cada uma das comunidades investigadas, isto é, moradores de Foz do Iguaçu (BR), de Ciudad del Este (PY) e de Puerto Iguazú (AR), conforme se descreve na seção 4, que trata da metodologia empregada neste estudo.

4.2 CRENÇAS E ATITUDES: ESTUDOS REPRESENTATIVOS

No que se refere à base sociolinguística, busca-se nos estudos de alguns teóricos que tenham suas pesquisas voltadas às crenças e atitudes linguísticas o alicerce para este trabalho.

Ferguson ([1959] 1974, p. 71-94), um dos precursores dos estudos sociolinguísticos nos anos sessenta, com o auxílio de seus alunos, da Universidade de Washington e da Universidade de Georgetown, descreve a situação sociolinguística de diferentes países, dando

⁴³ “A speech community is not necessarily coextensive with a language community. A speech community is a group of people who do not necessarily share same language, but share a set and rules for the use of language.” (ROMAINE, 1994, p. 22).

origem ao *profile formulas*, que são os critérios que situam cada língua em uma categoria. Segundo Ferguson ([1959] 1974, p. 99) é o saber dos informantes a respeito da sua comunidade linguística que estabelece critérios de classificação da categoria linguística. Para isso estabelece três categorias de línguas – “línguas majoritárias, línguas minoritárias e línguas de status especial”; estabelece também cinco tipos de línguas – “vernácula, clássica, padrão, pidgin e crioula”; e sete funções, – “oficial, gregária, veicular, língua de ensino, língua de religião, língua internacional e língua objeto de ensino”.

Ferguson ([1959] 1974) foi o primeiro a discorrer sobre diglossia e, em seu artigo, exemplifica com recortes de variedade linguística o que ele entende por diglossia, como se vê no trecho a seguir:

Diglossia é uma situação lingüística relativamente estável na qual, além dos dialetos principais da língua (que podem incluir um padrão ou padrões regionais), há uma variedade superposta, muito divergente, altamente codificada (na maioria das vezes gramaticalmente mais complexa), veículo de um grande e respeitável corpo da literatura escrita, quer de um período anterior, quer de outra comunidade lingüística, que é aprendida principalmente através da educação formal e usada na maior parte da escrita e fala formais, mas que não é usada por nenhum setor da comunidade na conversação atual. (FERGUSON, [1959] 1974, p. 111).

Ferguson ([1959] 1974, p. 101-103) apresenta quatro comunidades linguísticas distintas, nas quais coexistiam duas variedades da mesma língua convivendo em uma única comunidade linguística: Haiti (francês e crioulo), Grécia (catarevusa e demótico), Suíça (alemão e suíço) e países árabes (árabe clássico e coloquial). Aponta, também, outras características da diglossia, como o prestígio social, referindo-se à variedade utilizada em situações formais, ou seja, em palestras, sermões, discursos políticos, gramáticas, dicionários dentre outras situações que seguem essa mesma linha do discurso. Essa variedade foi classificada por variedade alta. A outra variedade utilizada em situações informais, como em conversas do cotidiano familiar, com os amigos em situações em que a fala não é policiada, isto é, não há preocupação quanto ao emprego das palavras exigido pela norma padrão, a fala é livre, essa variedade foi classificada por variedade baixa. Ferguson ([1959] 1974, p. 107) apresenta outra característica, que é a estabilidade da diglossia, o que faz com que essas situações possam durar por muitos anos.

Os estudos sobre crenças e atitudes, fundamentam-se na Psicologia Social, conduzidos à área dos estudos linguísticos por Lambert e Lambert (1966), que buscavam analisar o indivíduo em seu contexto social e, com isso, ganham destaque dentro dos estudos

Sociolinguísticos de Labov (1963, 1966), Fishman (1971, 1972), Fasold ([1974] 1984) entre outros referendados nesta tese.

Os estudos de Lambert e Lambert, nos anos sessenta, realizados em Montreal-Canadá, despertaram interesses relacionados à linguagem humana por outros pesquisadores no ramo da Sociolinguística, especialmente no que diz respeito às atitudes linguísticas. Lambert e Lambert (1966, p. 76-109) investigaram falantes bilíngues em francês e inglês, numa modalidade de teste que tinha como propósito determinar como os falantes se viam mutuamente. Nessa investigação, Lambert e Lambert utilizaram a linguagem falada como forma de produzir atitudes estereotipadas, uma vez que os falantes se identificavam pelo idioma que utilizavam.

Para tanto, na técnica de avaliação indireta, os indivíduos pesquisados não têm consciência de que a pesquisa se baseava nas suas atitudes linguísticas, inserindo-se, neste tipo de método a técnica do *matched-guise*, que, de acordo com Lambert (1967, p. 94), consiste em ouvir vozes gravadas de declamadores ingleses e franceses lendo pequenas estrofes do mesmo texto. As gravações eram apresentadas aos informantes para que identificassem quais eram as características dos falantes, isto é, procedência, profissão, idade, escolaridade entre outras. Os informantes eram instruídos a indicar o que pensavam sobre as características da personalidade desses leitores, e informados de que ouviriam as gravações de dez leitores, na realidade, tratava-se apenas de cinco declamadores bilíngues que liam uma vez em inglês e uma vez em francês canadense.

Lambert e Lambert (1966, p. 79) afirmam que, “as pessoas nem sempre revelam abertamente suas atitudes”, porque aprendem a manter certas atitudes “escondidas” em determinadas situações sociais. Tais atitudes podem ser inferidas a partir de escalas de medição que incluam, por exemplo, algum tipo de atitude que se pretende averiguar, como é o caso da língua mais ou menos prestigiada.

Além disso, a pesquisa demonstrou que as atitudes de membros de um grupo minoritário são afetadas pelos contatos com grupos que são considerados de posição mais elevada, como ocorre com os grupos de falantes nativos de língua inglesa. O fato de o inglês ser considerado prestigiado fez com que os estudantes pesquisados atribuíssem aos falantes da língua inglesa características mais favoráveis que às dos falantes de língua francesa, mesmo sendo esta a língua materna de muitos deles.

O resultado revelou que, em ambos os grupos pesquisados, os falantes ingleses foram avaliados de maneira mais favorável, isto é, vistos como mais seguros, ambiciosos, atraentes,

inteligentes e de caráter mais positivo que os falantes franceses. Porém, muitos franco-canadenses, contrariamente aos anglo-canadenses, caracterizavam seu grupo como inferior, contudo eram recebidos em ambos os grupos, quando utilizam a língua inglesa.

Concluindo seu estudo, Lambert (1966, p. 85) afirma que “as reações dos estudantes franco-canadenses demonstram, pois, que as atitudes dos membros de um grupo minoritário são afetadas pelos contatos com grupos que são considerados de posição social mais elevada”.

Segundo Lambert e Lambert (1966, p. 93), o falante tende a demonstrar distintos modos de pensar, sentir e agir em relação aos acontecimentos e às pessoas do seu convívio.

Foi a partir desse método de pesquisa que Lambert e Lambert na década de 60 abrem as portas para outros estudos investigativos na área da Sociolinguística, como é o caso dos testes avaliativos aplicados por Labov ([1972] 2008, p. 23-25), que em 1963 desenvolve uma investigação, em sua dissertação de Mestrado, a respeito da mudança fonológica, a centralização dos ditongos /ay/, como por exemplo, em – *white* = branco e /aw/ *doubt* = dúvida – na fala dos nativos e no falar dos pescadores locais, cuja faixa etária era entre 30 e 60 anos, em uma pequena ilha ao Norte da costa americana, chamada Martha’s Vineyard no estado de Massachussets. Labov ([1972] 2008, p. 201) constata “certos indicadores nas atitudes subjetivas em relação à vida na ilha”. Atitudes relacionadas “ao turista de verão, ao seguro-desemprego, ao trabalho no continente, a outros grupos profissionais e étnicos, foram correlacionados com dados obtidos de líderes comunitários e registros históricos e depois com as variáveis linguísticas.” (LABOV, [1972] 2008, p. 201).

A mudança sonora na comunidade indicava atitudes de reivindicação pelos direitos e privilégios locais, contra a ocupação da ilha pelos turistas que estavam adquirindo suas propriedades, ocupando toda ilha, e com isso pressionando o “vineyardense nativo” a se retirar para o interior. Dessa forma, segundo Labov ([1972] 2008, p. 202-208), os dados mostram que o alçamento dos ditongos estava correlacionado com atitudes de forte resistência às incursões dos veranistas. Quando a atitude era de reivindicação, mais forte era a mudança sonora dos ditongos.

De acordo com Labov ([1972] 2008, p. 209-211), ao tratar da faixa etária, o grupo mais jovem de ascendência inglesa considera como referência os idosos e os moradores da parte superior da ilha, porque esses grupos apresentam atitudes convictas de que têm propriedade sobre a ilha. Logo, exerciam influência entre os mais jovens. Dessa forma, Labov ([1972] 2008, p. 219) argumenta que, “o significado da centralização, julgado pelo contexto em que ela ocorre, representa uma orientação positiva em relação à ilha de Martha’s

Vineyard.”

Apesar de ter atribuído o significado da centralização como positivo, Labov ([1972] 2008, p. 221-223) observa que os ditongos centralizados não se manifestam na consciência dos falantes, portanto, busca uma explicação que visa responder de que forma as pressões e as atitudes sociais estão relacionadas com as estruturas linguísticas. Há um desejo comum aos moradores da localidade, que é o de ser diferente dos habitantes do continente, pois possuem uma marca que os unifica e os separa do resto do estado e do país.

Labov ([1972] 2008, p. 202 -203), ao refletir sobre os nova-iorquinos em sua tese de Doutorado, em 1966, observa que a maioria dos informantes demonstra opiniões convictas sobre a língua e se mostram firmes ao expressar essa convicção. A maneira como a língua é percebida pelos informantes está relacionada à aceitação dessa língua. Assim, é recorrente emitir julgamentos a respeito da língua utilizada por um indivíduo, grupos ou uma comunidade em geral.

De acordo com Labov ([1972] 2008, p. 208), quando os nova-iorquinos afirmam que as pessoas de outros estados não se mostram favoráveis ao dialeto falado em Nova Iorque, demonstram uma atitude considerada por Labov de “auto-depreciação linguística”. E esse fato é marcante nas mulheres, que depreciam o dialeto nova-iorquino, enquanto os homens se mostram mais favoráveis ao dialeto utilizado em Nova Iorque. Essa atitude negativa demonstra o pensamento de pessoas que nunca saíram da cidade. Segundo Labov ([1972] 2008, p. 209), as atitudes negativas relacionadas à fala da cidade demonstram a visão negativa que o falante tem de sua própria fala que está relacionada às pressões sofridas pela classe operária para que se adaptasse aos padrões de fala da classe média.

Ao analisar a fala de pais e filhos pertencentes à classe trabalhadora, Labov ([1972] 2008, p. 211-213) argumenta que os informantes mostram não respeitar a fala dos mais velhos. Os mais velhos são confrontados com a insegurança linguística denominado por *pressure from above* (as pressões que vem de cima). Esse mecanismo parte da fala utilizada por um grupo social elevado em sentido à fala das pessoas que se encontram em um nível social mais baixo, procurando adequá-las ao padrão linguístico superior.

Todavia, as pressões vindas de cima, não são as únicas a afetar o falante de Nova Iorque e a provocar mudança. Sua pesquisa mostra que tais pressões podem surgir na parte inferior da sociedade, denominado de *pressures from below*, já que os padrões de estratificação linguísticos se acentuavam ao invés de desaparecer.

Logo, Labov ([1972] 2008) torna-se responsável por fazer da teoria das crenças e

atitudes um método de análise dentro da Sociolinguística. Tal afirmação decorre de seus estudos significativos sobre o inglês americano, iniciado em Martha's Vineyard (1963), perpassando pelas lojas de departamento nova-iorquinas (1966) e recorre às crenças e atitudes linguísticas para explicar como o contexto extralinguístico (valores, sentimentos, estereótipos, situações) influencia nas atitudes linguísticas dos falantes.

Fishman (1971, p. 51-72) explorou as atitudes linguísticas de 450 informantes portorriquenhos que habitavam um bairro de Nova Iorque, frente à língua espanhola e à língua inglesa. Os resultados apontaram para a manifestação de solidariedade dos informantes perante a língua espanhola, pois a consideram como símbolo de sua própria identidade, ainda que os inquiridos demonstrassem a crença dos informantes de que a língua inglesa é a língua de ascensão social e profissional.

Na obra *The sociology of a language*, Fishman (1972, p. 1) investiga a interação entre dois aspectos do comportamento humano: o uso da língua e a organização do comportamento social. Sucintamente, o estudo proposto por Fishman tem foco nos tópicos relacionados à organização social do comportamento da língua, incluindo não só o uso da língua em si, mas também atitudes e comportamentos abertos a respeito da língua e de seus usuários.

No mesmo estudo, Fishman (1972, p. 7) define as características: a) das variedades da língua; b) de suas funções; e c) de seus falantes. Como ocorre a interação constante dessas três características, isto é, as mudanças transformam um ou outro, ocorrem entre e nas comunidades de fala.

O estudo das atitudes e crenças linguísticas, portanto, abrange não só os fenômenos particulares específicos ao tema, como também se estendem ao plurilinguismo e, mais especificamente, à variedade linguística. Para Fishman (1972, p. 15), a expressão variedade é uma designação que não atribui nenhum julgamento, ao contrário do termo dialeto, que está subordinado à língua e não indica apenas variedades linguísticas de origens geográficas diferentes. Quer dizer, o termo variedade, contrariamente ao termo dialeto “ [...] não indica um *status* lingüístico determinado (outro além da diferença) relacionado às outras variedades.” (FISHMAN, 1972, p. 17).⁴⁴

Dessa forma, Fishman (1972, p. 110) desenvolve e dá um novo viés ao conceito de diglossia de Ferguson ([1959] 1974) e acaba com a ideia de que, para que ocorra a diglossia, as línguas ou variedades necessitam parentesco genético. Isso quer dizer, que Fishman

⁴⁴ “[...] indicates no particular linguistic status (other than difference) vis-à-vis other varieties”. (FISHMAN, 1972, p. 17).

considera que há diglossia tanto entre duas línguas como o árabe clássico e o árabe dialetal como entre uma língua europeia e demais línguas indígenas.

Assim, relaciona os papéis sociais, as atitudes sobre diferentes línguas e variedades de linguagens, que refletem o posicionamento das pessoas em diferentes níveis sociais, e como essa postura influencia a interação no interior ou no exterior das fronteiras de uma comunidade de fala.

Em seus estudos, Fasold ([1974] 1984, p.148-149) aponta alguns fenômenos que podem ser influenciados pelas atitudes linguísticas como: a mudança linguística; a maneira como professores e alunos interagem em sala de aula; o desinteresse por determinada variedade linguística; a aprendizagem de uma língua estrangeira; a maneira com que os falantes veem as línguas e dialetos (bonitas, feias, prestigiadas, desprestigiadas); a projeção futura de uma língua; marca definidora de etnicidade e diglossia.

Fasold ([1974] 1984, p. 176) conclui, por meio desses itens elencados, que a forma de perceber a atitude linguística como parte do sistema ideológico dominante serve para organizar, relacionar valores, crenças e comportamento a um conjunto de julgamentos ético e estético.

4.2.1 Estudos representativos na esfera internacional

Como não se pretende fazer uma apresentação exaustiva da descrição dos estudos realizados por tais pesquisadores, destacam-se apenas alguns nomes representativos na esfera internacional: López Morales (1979), que analisa os índices de crenças e atitudes no espanhol de Porto Rico; Rojo (1981), que desenvolve estudos das condutas e atitudes linguísticas na Galiza/Espanha; Alvar (1981), que pesquisa as atitudes linguísticas na Guatemala e em Porto Rico; Blas Arroyo (1994), que estuda as atitudes linguísticas na sociedade valenciana; Gómez Molina (1998), que investiga as crenças e atitudes linguísticas numa comunidade bilíngue e multidialetal em Valência relacionadas ao prestígio social; Moreno Fernández (1998), que estuda as atitudes linguísticas de um indivíduo como resultado de suas crenças, e Blanco Canales (2006), que analisa as crenças e atitudes linguísticas em Alcalá de Henares e sua contribuição na análise Sociolinguística dos dados, entre outros.

López Morales (1979, p. 107-130), ao analisar os índices de crenças e atitudes no espanhol de Porto Rico e o papel relevante das atitudes linguísticas diante da mudança linguística, reflete também sobre questões como insegurança linguística, hipercorreção e

mudança linguística a partir das “atitudes positivas ou negativas”, segundo o *status* social do grupo que a caracteriza (LÓPEZ MORALES, 1989, p. 231). A insegurança linguística acontece quando o próprio falante se sente pouco prestigiado em seu modo de falar, comparando com a fala do grupo dominante, que estabelece as regras e condutas do que seria falar de acordo com a norma padrão. A segurança linguística acontece quando o falante se sente respeitado em sua fala, pois fala de acordo com a norma padrão. Esse fato influencia diretamente nas crenças e atitudes que o falante tem a respeito da variedade utilizada por ele.

Para López Morales (1989, p. 232), a Sociolinguística preocupa-se fundamentalmente em definir os contextos linguísticos e sociais que explicam a variação, e de analisar as atitudes dos usuários frente a certas variantes linguísticas, isto é, os aspectos marginais da língua. De acordo com López Morales (1989, p. 233), os componentes que formam a atitude perante o objeto são: o cognitivo ou cognoscitivo, em que são incluídas as percepções, as crenças e os estereótipos que fazem parte da pessoa; o afetivo, que se refere às emoções e aos sentimentos, e o comportamental, que se apresenta como tendência a agir e reagir de certa maneira de acordo com a situação.

Rojo (1981) desenvolve estudos das condutas e atitudes linguísticas na Galiza/Espanha e chegou às seguintes conclusões sobre a situação linguística no país: a situação diglósica – que para Rojo (1981, p. 270) está associada a duas ou mais variantes em línguas distintas (que é contrário ao conceito de Ferguson ([1959] 1974, p. 111) – ou de desigualdade, dominação ou desequilíbrio entre o galego e o espanhol quanto aos seus usos sociais e quanto ao grau diferente de prestígio social que possuem; a assimilação do espanhol tem ascendido socialmente em relação aos falantes do galego, que tem se apresentado de forma decrescente na região: o galego está presente nos grupos mais tradicionais, porém há outra vertente preocupada em recuperar o galego nas comunidades da classe média urbana falantes do espanhol. O que Rojo (1981, p. 280-301) percebe na Galiza é uma hierarquia de grupos de diversas etnias linguísticas: a) uma minoria de falantes de espanhol, que controlam a economia, o aparato político-administrativo da sociedade galega; b) uma minoria monolíngue em galego, ou com pouco conhecimento do espanhol, absolutamente isolada no campo; c) uma maioria dominante bilíngue de falantes do galego, com diversos graus de competência do espanhol, que são imigrantes ou moradores de núcleos semiurbanos, aldeias e vilas; e d) um sub-grupo do item anterior, uma minoria bilíngue de origem galega, mas que assimilou o espanhol e encontra no espanhol uma ponte para avançar socialmente, e que vai constituir a pequena burguesia.

A descrição do contato de línguas na Galiza estabelece correlações bilaterais entre a língua utilizada, contexto e valores sociais. Partindo da diglossia, o galego seria a língua coloquial, utilizada em contextos informais, enquanto o espanhol seria a língua formal, carregada de prestígio social.

Os estudos desenvolvidos, na Guatemala, por Alvar (1981, p. 393-406) permitiram compreender e interpretar as atitudes individuais dos falantes frente à língua nacional com relação às línguas indígenas que afetam. Cada falante possui uma forma de se comunicar, e ao se comunicar o falante expressa seus valores, portanto, “cada língua é o que seus falantes querem que seja.” (ALVAR 1981, p. 394)⁴⁵. De acordo com Alvar (1981, p. 394), o espanhol é uma língua carregada de prestígio porque é a língua da escola, da igreja, da administração e de comunicação entre todas as pessoas do país.

Quanto às línguas indígenas (ALVAR, 1981, p. 395), são estimadas com menor valor, que desaparecem diante da pressão da escola, da igreja e dos grupos de intelectuais. Em sua pesquisa, Alvar (1981, p. 398) referindo-se muitos lugares da América Latina, declara deparar-se com uma realidade polêmica: a indecisão dos falantes que não emitem juízo de valor relacionado às línguas, porém Alvar (1981) chama atenção para as situações que são conflitivas, pois ao pensar em um problema de nomenclatura se reconstrói do mundo do falante um fragmento de história. A história é encontrada no que os falantes de espanhol da Guatemala pensam sobre si mesmos, quando discorrem sobre a sua língua; os obstáculos encontrados diante da língua nacional e das línguas indígenas. A história é entendida por Alvar (1981, p. 400), como uma necessidade que exige caminhar. Alvar (1981, p. 403) conclui que é na língua que está o tesouro da própria história do indivíduo.

Blas Arroyo (1994, p. 143-155) pesquisa o distrito de Campanar, bairro situado ao oeste da cidade de Valença, local que apresenta nas línguas em contato uma situação típica, que a maioria dos estudiosos classifica como diglósica. As línguas que coexistem na localidade são o espanhol e o catalão que, na realidade dialetal, é conhecido como valenciano.

Blas Arroyo (1994, p. 147)⁴⁶ registra, “o entusiasmo que os falantes manifestam diante do emprego de sua língua em determinados registros oficiais relevantes”. Nessa afirmação, perpassa um discurso envolto de pressão social, que subjaz na obrigação de usar o valenciano nos atos públicos oficiais e nos meios de comunicação. Por outro lado, a outra parte dos falantes, os grupos que não falam essa língua, sente-se seguros e acomodados praticando

⁴⁵ “cada lengua es lo que sus hablantes quieren que sea.” (ALVAR 1981, p. 394).

⁴⁶ “[...] entusiasmo que los hablantes manifiestan ante el empleo de la lengua propia en determinados registros oficiales de especial relevancia.” (BLAS ARROYO, 1994, p. 147).

exclusivamente o castelhano, são os grupos de imigrantes procedentes de locais que falam castelhano, que se opõem à normatização do ensino do valenciano nas escolas.

Ao tratar da diglossia favorável ao castelhano, Blas Arroyo (1994, p. 153) afirma que existe parcialmente, pois se reduz a grupos ou usuários com características sociais bem definidas, isto quer dizer que são maiores de 55 anos, com nível sociocultural baixo, moradores da zona rural, bilíngues com predomínio do valenciano e são os que apresentam suas crenças bem firmes com relação à língua eleita. Enquanto para os mais jovens é heterogênea, porque expõe as diferenças de crenças e atitudes em relação às duas línguas, certos setores manifestam a ausência da identidade linguística, e até consideram o castelhano como símbolo valenciano, em comparação com outro setor que se orgulha de falar valenciano e creem na sua vitalidade futura, já os falantes da cidade valorizam mais o castelhano.

Blas Arroyo (1994, p. 155) conclui que estas diferenças permitem caracterizar relativamente bem a sociedade Campanar no que se refere às adesões linguísticas. Parece, de fato, que ambos, tanto a filiação linguística como a origem ou *status* social, são índices importantes para a estruturação de atitudes Sociolinguísticas nessa comunidade de fala.

Outro estudo desenvolvido em Valência sobre as crenças e atitudes linguísticas numa comunidade bilíngue e multidialetal relacionadas ao prestígio social foi feito por Gómez Molina (1998). De acordo com essa investigação, Gómez Molina (1998, p. 95-96) verifica que não há rejeição por nenhuma das duas línguas e, em geral, não existe pressão por parte dos falantes para que se escolha uma ou outra língua. Há uma atitude positiva diante do uso normal do valenciano, mas o uso predominante do castelhano é um fato, uma escolha legítima que deve ser respeitada, de igual forma o avanço positivo do emprego cada vez maior do valenciano sem que acarrete prejuízo ao castelhano. Outro fato destacado é que a linguagem não é para os valencianos sua única marca de identidade sociocultural. Gómez Molina (1998, p. 96)⁴⁷ exemplifica que “[...] em Valência e área metropolitana, apenas 29,1% dos entrevistados creem que é necessário falar valenciano para se sentir valenciano, seja por sentimento de lealdade, utilidade, orgulho, para evitar a perda, para a integração no grupo [...]”. Gómez Molina (1998) conclui que isso tudo é sinal de identificação de grupo política e socialmente.

Moreno Fernández (1998, p. 179-193), destaca a importância da atitude na relação íntima estabelecida com a língua e com a etnicidade, vínculos de atitude relacionada ao

⁴⁷ “[...] en Valencia y área metropolitana, solo el 29,1% de los informantes encuestados cree necesario hablar valenciano para sentirse valenciano, sea por lealtad, por utilidad, por orgullo, para evitar su pérdida, para la integración en el grupo.” [...]. (GÓMEZ MOLINA, 1998, p. 96).

prestígio e a influência das atitudes nas mudanças linguísticas, consciência sociolinguística e sua relação com a segurança e insegurança linguística. Trata, também, da natureza psíquica das atitudes e de seus componentes, tais como atitudes positivas, atitudes negativas e neutras e sua relação com a insegurança linguística. Para Moreno Fernandez (1998, p. 190), o conceito de prestígio está relacionado a um comportamento que se tem ou a uma atitude que se concede a algo ou alguém, como um estudo realizado em Madrid para descobrir a modalidade de prestígio (individual, profissional, horizontal, vertical, aberto, oculto, entre outros).

Blanco Canales (2006, p. 367) analisa as crenças e atitudes linguísticas no estudo da linguagem em Alcalá de Henares, uma comunidade situada a 30 quilômetros de Madri, local onde convivem pessoas de procedência geográficas diversas. O que em muitas ocasiões propiciou o contato linguístico de diversos dialetos e, também, o desenrolar de processos de mudanças linguísticas diferentes. Seu trabalho consiste em uma investigação de análise sociolinguística da fala de Alcalá, uma comunidade que convive com contato dialetal há mais de cinco décadas. Blanco Canales (2006, p. 367) busca de um lado analisar e descrever as características fonéticas e morfossintáticas da fala de Alcalá e sua relação com diversos fatores linguísticos e extralinguísticos, e, por outro lado, examinar a fase de evolução de alguns processos do espanhol, no que diz respeito à simplificação fonética. Para realizar essa investigação, Blanco Canales (2006, p. 368) conta com o estudo das crenças e atitudes linguísticas para a interpretação dos dados.

Segundo Blanco Canales (2006, p. 369), a análise das crenças e atitudes é fundamental na investigação sociolinguística, pois problemas como a mudança linguística, situação de línguas ou dialetos em contato, aprendizagem de segundas línguas podem ser elucidadas por meio do estudo das atitudes dos falantes. Blanco Canales (2006, p. 370) afirma que o estudo das crenças e atitudes possibilita obter informações sobre o sistema de crenças dos falantes, sobre suas próprias falas e a respeito das falas dos outros falantes. Verifica que, conforme as atitudes dos falantes (positivas ou negativas), esses falantes demonstram as suas crenças, o que possibilita uma investigação a respeito dos fatos linguísticos estigmatizados e os que apresentam prestígio social (explícito ou implícito).

A partir desses dados, Blanco Canales (2006, p. 373) investiga a direção que a mudança linguística estava tomando e também à pressão sobre a fala dos alcalaínos. Se havia desprestígio relacionado a certas variedades linguísticas, em prol da defesa de sua norma ou à expansão de alguns fenômenos com a evolução interna da língua. Após essa investigação, Blanco Canales (2006, p. 374) conclui que: 1) há um caráter normativo e conservador nos

falantes de Alcalá, devido à grande preocupação de se adequar à norma; 2) há aceitação das variantes inovadoras no que se refere à investigação fonética; 3) as mulheres apresentam maior preocupação normativa e foram as responsáveis pelo aprofundamento das análises linguísticas feitas por Blanco Canales; 4) os falantes mais velhos, da primeira geração, apresentam uma fala mais conservadora e os falantes mais jovens, da segunda geração, apresentam uma fala mais inovadora, isso ocorre pela presença dos imigrantes, pois estabelecem um contato mais estreito com esses falantes que trazem um sotaque bem carregado, e os mais jovens apresentam maior tolerância e são menos críticos (BLANCO CANALES, 2006, p. 376); 5) o grande interesse pela língua falada pelos alcalaínos, torna-os conscientes da mudança linguística nas últimas décadas; e, por fim, 6) uma variedade tão conservadora e normativa como é a alcalaína apresenta tendências tão inovadoras e demonstra uma espécie de resistência diante das variedades desprestigiadas.

4.2.2 Estudos representativos no Brasil

Quanto às pesquisas desenvolvidas, relacionadas às crenças e atitudes no Brasil, constata-se um número bastante significativo de pesquisadores que discorrem sobre o tema, porém neste estudo, faz-se um breve percurso do desenvolvimento dessas pesquisas, com objetivo de mostrar como essas pesquisas podem dialogar com a presente tese trazendo à consideração reflexões sobre a obra de: Alves (1979), que investiga as atitudes de nordestinos em São Paulo, com relação às variedades linguísticas nativas e paulistas; Ramos (1997), que procura saber quais as atitudes de falantes de cinco estados brasileiros, isto é, como reagem a diferentes sotaques; Bisinoto (2000), que analisa a atitude sociolinguística na cidade de Cáceres – Mato Grosso; Moralis (2000), que estuda os dialetos em contato e verifica as atitudes linguísticas dos nativos e não nativos do Alto Araguaia – Mato Grosso; Barbosa (2002), que trata da questão do não-sotaque no processo de formação da atitude linguística dos falantes de Brasília; Aguilera (2008a; 2009), que trata das “crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras”; e elaborou o projeto sobre as crenças e atitudes linguísticas, Intitulado “um estudo da relação do português com línguas de contato”; e Busse (2010), que a partir de um recorte de sua tese de doutorado, escreve sobre as crenças e atitudes em três localidades do oeste paranaense: Guaíra, Assis Chateaubriand e Santa Helena.

Alves (1979) investiga as tendências nas atitudes linguísticas dos nordestinos que

residiam em São Paulo, em relação às variedades linguísticas nordestinas e paulistas. Quatro hipóteses nortearam a pesquisa de Alves (1979, p. 37-40): (i) a primeira é a de que nordestinos em São Paulo, pertencentes a um nível socioeconômico cultural baixo, chamados de Grupo B, tendem a apresentar atitudes linguísticas mais positivas, em relação às variedades linguísticas paulistas; (ii) a segunda é a de que nordestinos pertencentes a um nível socioeconômico cultural alto, chamados Grupo A, tendem a apresentar atitudes linguísticas mais positivas em relação às variedades linguísticas nativas; (iii) a terceira é a de que o Grupo B, busca ocultar sua origem regional, como forma de aceitação em São Paulo e, (iv) a quarta é a de que o mesmo não se daria com o Grupo A. O resultado da pesquisa, relacionada às hipóteses (i) e (ii) aponta que o Grupo A prestigiava as variedades linguísticas regionais nordestinas; diferentemente do Grupo B, que estigmatizava o seu dialeto em favor do falar de São Paulo, atitude atribuída por Alves (1979, p. 163-165) às perspectivas otimistas nas quais os falantes enquadravam a cidade de São Paulo. Quanto às hipóteses (iii) e (iv), Alves (1979, p. 164), não foi possível uma análise diacrônica, sugerindo assim um levantamento fonológico e lexical para estudos posteriores. Alves (1979, p. 167) sugere “a realização de uma pesquisa visando observar as atitudes de paulistas em face das variedades linguísticas nordestinas [...]”.

Ramos (1997, p. 105) aplicou aos seus informantes de faixa etária de (14-15 anos) e (25-40 anos), dois questionários a respeito das atitudes linguísticas. O primeiro questionário foi aplicado a 60 falantes de classe média de cinco estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Paraíba. O objetivo estabelecido para o primeiro questionário constituiu na avaliação da linguagem veiculada em noticiários de TV, considerada representativa do padrão culto atual. Ramos (1997, p. 106), com o segundo questionário, visou avaliar atitudes a partir de amostras dos diferentes dialetos. Um total de 31 informantes mineiros respondeu ao segundo questionário.

Ramos (1997, p. 108) apresenta apenas os resultados de uma etapa do trabalho sobre atitudes linguísticas. Os resultados apontaram uma rejeição ao dialeto rural em favor dos dialetos urbanos, o que configura atitudes negativas para o dialeto rural e, positivas, para o dialeto urbano. Há que se considerar que apenas falantes urbanos foram testados.

Trabalhando a questão de aceitação dos cinco dialetos (RAMOS, 1997, p. 111), os resultados apresentam: o mineiro e o paraibano como os menos aceitos, seguidos do carioca e catarinense. O dialeto gaúcho foi contemplado como o mais aceito. O estado do Rio Grande do Sul avalia positivamente o seu dialeto, ao passo que o estado da Paraíba é o que menos

aceita o próprio dialeto.

Ao tratar do dialeto utilizado em noticiários da televisão, em especial o Jornal Nacional, Ramos (1997, p. 116) constata que os falantes do Rio de Janeiro consideram sua fala mais próxima à fala da mídia, contudo os falantes da Paraíba são os que dela mais se distanciam. Na escala de reconhecimento, submetidos a amostras de falas dos diferentes dialetos, falantes de Belo Horizonte atestaram que o dialeto carioca foi o mais reconhecido. O dialeto mineiro ficou em terceiro lugar e o dialeto catarinense obteve o menor índice de reconhecimento.

Ramos (1997, p. 119) conclui que “apesar das limitações, os resultados acima revelaram que o dialeto preferido pelos próprios falantes é também o que é um dos mais aceitos pelos demais”.

Bisinoto (2000, p. 15) identifica e analisa as atitudes sociolinguísticas dos nativos da cidade de Cáceres, MT, e dos habitantes que para a região migraram há pelo menos oito anos. Para a realização desse estudo entrevista 24 informantes, sendo 12 nativos e 12 imigrantes, entre profissionais da língua (professores, advogados, jornalistas e radialistas) e leigos, por meio de entrevistas realizadas individualmente, gravadas e transcritas (BISINOTO, 2000, p. 52).

Quanto à fala dos habitantes de Cáceres, verifica que não se trata de uma variedade homogênea, devido à presença dos falares carioca, gaúcho, mineiro ou nordestino, que convivem harmoniosamente, sem pressão social e, “aparentemente, sem autopolicimento. Forma-se então um quadro de variação altamente complexo, resultando uma linguagem casual polimorfa, dada a diversidade de origens dos imigrantes.” (BISINOTO, 2000, p. 31).

O objetivo da pesquisa de Bisinoto (2000, p. 42) “é investigar a possibilidade da existência de uma estigmatização exacerbada acelerando o desaparecimento do falar local.”

Nesse estudo constata que a variedade linguística local é estigmatizada socialmente e as formas linguísticas estereotipadas são evidências do enfraquecimento e podem ser um prenúncio de um possível desaparecimento do falar nativo. Entrementes, Bisinoto (2000, p. 103) relembra que estigmatização da linguagem não se limita às atitudes preconceituosas do imigrante, e sim, na auto-rejeição do nativo que, ao negar a sua origem, não admite as diferenças e tem vergonha da sua maneira de falar. “O nativo internaliza ou dissimula perante o estigma manifestado pelo imigrante, reproduzindo-o. O que difere essencialmente essas atitudes é a sua motivação.” (BISINOTO, 2000, p. 103).

Bisinoto (2000, p. 103 -105) observa na análise dos resultados que a presença do

estigma evidencia estereótipos da variedade linguística local, o preconceito se manifesta no imigrante e no nativo, pois ambos desprestigiam as formas linguísticas que constituem o falar cacerense. A distinção reside na motivação do preconceito, tendo em vista que, para o imigrante, representa o poder, isto é, uma forma de dominação sobre o nativo; e para o nativo, uma ferramenta de defesa contra as pressões políticas, sociais e econômicas.

Moralis (2000, p. 9) verifica as atitudes linguísticas de goianos, gaúchos, mineiros, baianos, paulistas, e araguienses, sob dois prismas: o primeiro trata das “atitudes sobre a fala de grupos lingüísticos de origens geográficas distintas, em contato dentro de uma mesma comunidade” e o segundo verifica “as atitudes sobre o papel que a linguagem desempenha na atividade ocupacional de indivíduos”.

O objetivo do estudo foi saber quais são “as atitudes lingüísticas manifestadas por falantes nativos e não nativos residentes em Alto Araguaia-MT, com relação às suas falas e às falas dos outros.” (MORALIS, 2000, p. 21). Os informantes selecionados exerciam atividade ocupacional distinta, como: “a política, o comércio e a agropecuária”.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas diretas, que seguiriam um questionário previamente elaborado, ficha pessoal e a observação direta. “Foram selecionados dezoito (18) informantes, três (3) de cada origem geográfica.” (MORALIS, 2000, p. 23).

Assim, Moralis (2000, p. 69) conclui que o falar araguiense é resultado de muitas influências, por isso é mesclado.

Moralis (2000, p. 80) afirma que o araguiense avaliou positivamente os distintos falares do Alto Araguaia, excluindo apenas o gaúcho, pois considera sua forma de falar arrogante. Por outro lado, ao se referirem ao trabalho, foram unânimes em manifestar positivamente a visão que eles têm do gaúcho, reconhecendo a sua contribuição regional. A forma de falar araguiense, que é resultado de uma mistura, não desagrade o gaúcho.

Ao tratar das atitudes linguísticas, levando em conta a atividade ocupacional, Moralis (2000, p. 84) verifica que, “as atitudes dos comerciantes produziram sentidos, inscrevendo ‘todos os seus fregueses’ no mesmo lugar de respeito e tratamento, sem promoção de separação ou diferença”. Quanto aos informantes políticos, buscavam sempre adequação vocabular, para, assim, ter igualdade no tratamento com seus eleitores. Já as atitudes demonstradas pelos informantes agropecuaristas apontam para as diferenças interpessoais, “o que faz com que um vaqueiro não seja tratado da mesma maneira que um comerciante ou comprador de gado.” (MORALIS, 2000, p. 85).

O estudo de Barbosa (2002, p. 9) investiga as falas dos indivíduos nascidos no Distrito

Federal frente à diversidade de sotaques presentes no local desde a sua constituição, originando a formação de um falar próprio dos nativos da capital que tem se refletido especialmente na constituição de uma pronúncia particular de uma fala neutra e sem sotaque.

Esse estudo busca entender como os brasilienses percebem seu falar e suas atitudes perante a sua fala e a fala do outro. Para tanto, Barbosa (2002, p. 42) propõe “um estudo de atitudes explícitas em Brasília, com informantes brasilienses, por meio de entrevistas dirigidas sobre o tema.” As entrevistas foram feitas por meio de um questionário aplicado a doze informantes, entre 19 e 40 anos, do ensino médio e superior, sendo dois homens e duas mulheres moradores de três cidades satélites (Plano Piloto, Taguatinga/Ceilândia e Gama): Plano Piloto é a parte central de Brasília que concentra uma população de classe média alta, setores de administração pública, comércio, bancos, hospitais, escola e universidade; Taguatinga é a cidade mais antiga do Distrito Federal e apresenta indústrias e comércio, uma cidade de classe média e Ceilândia que surgiu como resultado de invasão, apresenta uma população de classe média e baixa, conhecida por “cidade dormitório”, porque oferece o básico para os seus habitantes, Gama também considerada “cidade dormitório”, com uma população de classe média e baixa (BARBOSA, 2002, p. 45-47).

Barbosa (2002, p. 73) concluiu que os informantes entrevistados reconhecem que há uma fala regional particular aos brasilienses, da mesma forma como os informantes definem essa fala como um não sotaque, isto é, uma fala sem traços característicos. Isso mostra que os brasilienses ratificam a imagem externa que existe do Distrito Federal, ou seja, a mesma ideia de modernidade que promoveu a construção da capital do Brasil: um lugar sem fronteiras geográficas e/ou dialetais em um só país; um espaço de todos os brasileiros.

Nesse estudo sobre as “crenças e atitudes lingüísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras”, Aguilera (2008a, p. 105) discutiu as crenças e as atitudes linguísticas assumidas e realizadas na fala de 200 informantes urbanos de vinte e cinco capitais brasileiras “a partir das respostas dadas às Questões Metalingüísticas, que integram os Questionários do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (Comitê Nacional: 2001)” (AGUILERA, 2008a, p. 105).

Aguilera (2008a, p. 106) selecionou os informantes por dois níveis de escolaridade: 50 informantes pertencentes ao nível fundamental, entre 18 e 30 anos; e 50 informantes na faixa de 50 a 65 anos, sendo 25 homens e 25 mulheres de cada faixa etária (I e II). A mesma distribuição se dá em relação aos 100 informantes de nível superior, sendo 50 homens e 50 mulheres.

Após análises dos depoimentos a respeito da língua que cada um fala e sobre a existência ou não de grupos que falam diferente na localidade, Aguilera (2008a, p. 109) verifica que a “grande maioria (92%) acredita falar o português ou língua portuguesa”. Os demais, que se identificavam com o falar brasileiro, o cuiabano, o nativo, “eram corrigidas na reformulação da pergunta em favor da crença majoritária”.

Ao concluir suas análises no que se refere à faixa etária, Aguilera (2008a, p. 110) afirma que, ela, “é definidora da incerteza e da vacilação no momento de o informante expor sua crença sobre a língua que fala”, pois os mais idosos deixam transparecer bem mais que os mais jovens essa insegurança. Esse fato, de acordo com Aguilera (2008a, p. 110), não se restringe apenas à faixa etária, está ligado também à escolaridade, pois os informantes menos escolarizados se mostram mais inseguros na hora de afirmar que língua falam. Quanto aos homens e mulheres, as mulheres, demonstraram mais segurança que os homens, independentemente do nível de escolaridade. Ao tratar da origem do informante, os nativos das regiões Norte e Nordeste demonstraram uma tendência maior à insegurança “sobre a crença de falar o português. Essa tendência pode, também, estar associada à variável nível de escolaridade”. (AGUILERA, 2008a, p. 110).

O estudo sobre “as crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato”, realizado por Aguilera (2009), no período de 2008 a 2009, compreendeu a descrição e análise das crenças e atitudes linguísticas dos falantes do português, em áreas de fronteira e contato linguístico no Paraná, nas localidades de Santo Antônio do Sudoeste, Pranchita, Capanema, Foz do Iguaçu, Marechal Cândido Rondon, Guaíra, Irati e Ponta Grossa.

Para a realização da pesquisa, foram produzidos 18 inquéritos em cada cidade, com exceção de Foz do Iguaçu, município maior que os demais, que exigiu que fossem realizados 36 inquéritos, aplicados a informantes selecionados entre três faixas etárias, isto é, entre 18 e 30 anos, entre 31 e 45 anos e entre 46 e 65 anos, do Ensino Fundamental Incompleto, Ensino Médio e Ensino Superior de ambos os sexos. Esses inquéritos foram realizados, transcritos e revistos por membros da equipe do “Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas”, disponibilizado em forma de CD-ROM, o *corpus* da pesquisa sobre falantes da região do Paraná e está disponível para os pesquisadores interessados em discorrer sobre o tema. Os 36 inquéritos realizados na cidade de Foz do Iguaçu foram baseados em um questionário com 57 questões que envolvem aspectos relativos à língua do informante e outras que são direcionadas à verificação de como se constroem as crenças e atitudes linguísticas desses informantes.

Por meio de questionário metalinguístico, extraído da tese “estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná”, Busse (2010, p. 118) selecionou respostas dos inquéritos realizados com os informantes de três municípios: Guaíra, Assis Chateaubriand e Santa Helena. “A eleição das localidades justifica-se pelos fatores históricos e culturais em que ocorreram os processos de colonização e povoamento dessas áreas.” (BUSSE e SELLA, 2012, p. 80).

Uma das hipóteses era de que a escolarização poderia contribuir na variável relacionada ao conservadorismo e à inovação linguística, por isso Busse (2010, p. 113-114) estabelece os seguintes critérios: i) Homens e mulheres de duas faixas etárias de 18 a 35 anos e de 40 a 65 anos; ii) não escolarizados ou ensino fundamental incompleto; iii) ensino fundamental completo e ensino médio incompleto.

Os questionários têm como objetivos, para Busse (2010, p. 116), “além de refletir aspectos e traços linguísticos específicos da região, confirmar fenômenos observados na região Sul e no Brasil”. Os inquéritos estruturam-se em duas partes: i) em torno da ficha do informante e da localidade; ii) questionário fonético-fonológico com 87 questões, questionário semântico-lexical com 163 questões, questionário morfossintático com 40 questões, questionário metalinguístico com 8 questões e conversa livre (BUSSE, 2010, p. 118).

As questões metalinguísticas forneceram informações para que fosse realizada “uma análise das crenças e atitudes linguísticas dos falantes do Oeste do Paraná.” (BUSSE e SELLA, 2012, p. 77).

De acordo com Busse (2010, p. 266), quanto à fala da região, no que concerne à dimensão diatópica e diastrática, foi constatado, por meio dos dados coletados durante a pesquisa, o crescimento e desenvolvimento socioeconômico dos municípios e do sistema de produção agrícola, pois os minifúndios transformaram-se em latifúndios. Onde havia grandes plantações de grãos e criação de gado, com a construção da hidrelétrica de Itaipu e Salto Caxias houve um alagamento das terras desses produtores, originando assim o desenvolvimento do comércio na fronteira.

Dentre todas as conclusões referentes ao estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná, Busse (2010, p. 268-269) apresenta que, as formas inovadoras e de preservação de traços da fala, no que se refere à dimensão diassexual e diageracional: as mulheres e os jovens são os que apresentam as formas consideradas de prestígio (positivas), em que as formas inovadoras se encontram em expansão; já os homens e os informantes mais idosos apresentam traços de conservadorismo dialetal da fala do grupo de origem, que seria considerado pelos

demais como formas desprestigiadas (negativas) com a manutenção de traços da fala dos primeiros colonizadores e de zonas mais heterogêneas.

Em torno das crenças e atitudes sobre a fala, foi apontado “que esta realidade pode ser observada na implementação da retroflexão na região”. (BUSSE e SELLA, 2012, p. 91). Tanto é que é possível avaliar a noção de falar correto, falar de prestígio, a partir da pressão social sobre a fala em comunidades de contato linguístico.

Busse e Sella (2012, p. 92) concluem que:

Fica a impressão de que há um movimento de assimilação cultural, porque nas falas apresentadas os falantes ora demonstram terem se adaptado ao falar já existente, ora terem aceito o estigma ou ora parecem certos de que quase todos estão falando uma espécie de português. Essa última avaliação pode ser um indício de que a sensibilidade ao multiculturalismo rende também a aceitação da diversidade da língua, no nível fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático, e mesmo de um português praticamente miscigenado, fruto do encontro de culturas, línguas e falares.

O sul do Brasil, por apresentar na maioria das localidades um contexto multiétnico, em que os contatos linguísticos são mais intensos, apresenta comunidades de alemães, poloneses, ucranianos, italianos, espanhóis, japoneses, que são as mais representativas na região, entre outras comunidades menores. Enquanto na região de fronteira, há um movimento étnico imigratório e migratório muito intenso, possibilitando inter-relações sociolinguísticas e culturais intensas, que podem resultar em atitudes de rejeição ou de aceitação, de prestígio (aceitação linguística), de desprestígio (não-aceitação linguística), ao se depararem com a diversidade linguística e cultural desses povos, os estudos sobre crenças e atitudes linguísticas vêm atraindo o interesse de muitos pesquisadores nas últimas décadas. Faz-se a seguir apenas um recorte exemplificativo de alguns estudos realizados no Sul do Brasil e nas zonas fronteiriças, pois as investigações destes autores contribuem direta ou indiretamente nos estudos realizados por esta pesquisadora.

Sobre a situação específica do Sul do Brasil, destacam-se os trabalhos de Frosi, Dal Corno e Faggion (2005), que trataram da estigmatização à solidariedade nas atitudes linguísticas, em regiões do interior gaúcho de forte influência italiana; Bergamaschi (2006), que discorre sobre o bilinguismo de dialeto italiano-português e as atitudes linguísticas em Caxias do Sul. No Paraná, Amâncio (2007), que trata da atitude linguística dos falantes da Tríplice Fronteira – Barracão/ PR, Dionísio Cerqueira/SC e Bernardo de Irigoyen, cidade argentina; Carlos (2008), que analisa as atitudes linguísticas na fronteira de Guaíra/PR; Pastorelli (2011), que estuda as crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um

estudo da relação do português com línguas em contato.

Os estudos de Frosi, Dal Corno e Faggion (2005) fazem parte do projeto de pesquisa “Linguagem da Região de Colonização Italiana” do Nordeste do Rio Grande do Sul: prestígio e estigmatização – estigma –, desenvolvido na Universidade de Caxias do Sul, que trata das situações de contato linguístico, entre o português e dialeto italiano. O estudo das atitudes linguísticas possibilitaram saber a respeito da evolução, permanência e até extinção de uma língua ou variedade linguística.

Apresentam-se aqui apenas três objetivos, dos seis estabelecidos por Frosi, Dal Corno e Faggion (2005, p. 2), que podem relacionar-se com o presente estudo: (a) identificar e descrever as variáveis socioculturais que dão prestígio ou estigmatizam os sistemas de fala da comunidade de Caxias do Sul, (b) determinar quem estigmatiza ou atribui prestígio à fala dialetal italiana e à variedade local de língua portuguesa; (c) determinar quais são as quatro atitudes em relação à variedade de fala do português padrão.

De acordo com Frosi, Dal Corno e Faggion (2005, p. 3), a investigação é conduzida em quatro etapas distintas, com aplicação de instrumentos a um *corpus* constituído por dois grupos. Um deles é composto por 40 sujeitos de nível de escolaridade superior, habitantes da Região de Colonização Italiana (RCI); o segundo, por 47 sujeitos de nível de escolaridade diversa, mas todos habitantes do mesmo bairro do município de Caxias do Sul, distribuídos por gênero e em duas faixas etárias, entre 30 e 55 anos e entre 56 e 81 anos.

Na primeira etapa, os informantes selecionados respondem às perguntas abertas e estruturadas, constantes em um instrumento para registro de reações subjetivas, após a audição de três textos, um em cada uma das variedades linguísticas sob análise.

A segunda etapa, questionário qualitativo, investiga as crenças a respeito da manutenção da fala dialetal italiana, o que revelou as atitudes dos informantes a respeito das mesmas duas variedades linguísticas.

A terceira etapa investiga as reações valorativas com relação à fala dialetal italiana, à fala em língua portuguesa com sotaque dialetal italiano e à fala em língua portuguesa padrão. Para essa análise, foi considerada a origem étnica dos informantes: foram selecionados 19 descendentes de italianos e 11 não-descendentes de italianos (independentemente de gênero e faixa etária). Foram testadas duas variáveis, em suas versões: (i) atitudes positivas e atitudes negativas, de forma a verificar a consistência das opiniões fornecidas nas respostas em relação à fala dialetal italiana, (ii) à fala em língua portuguesa com sotaque de dialeto italiano. Frosi, Dal Corno e Faggion (2005, p. 8) apresentam 32 afirmações para cada uma das variáveis, e

os informantes assinalam suas respostas fazendo a seguinte escolha: concordo plenamente, concordo parcialmente, indeciso (nem concordo, nem discordo), discordo parcialmente, discordo plenamente.

Frosi, Dal Corno e Faggion (2005, p. 9) afirmam que “os idosos dão preferência à fala em dialeto italiano”, (1) e “aquele que fala em português com sotaque de dialeto italiano é instruído”, (2) isto significa que falar em português com sotaque de dialeto italiano é sinal de progresso, porém há os que consideram que, quem fala em português com sotaque de dialeto italiano é atrasado, não progrediu.

Frosi, Dal Corno e Faggion (2005, p. 269) verificam a questão da atitude dos ítalo-descendentes em relação à fala da RCI. Apontam causas históricas para a sedimentação do estigma, como a Campanha de Nacionalização do Ensino, promovida pelo governo Vargas na década de 1930, e a proibição de falar italiano ocorrida na Segunda Guerra Mundial: “A lembrança traumática da guerra continua sendo uma explicação básica para o fato de o italiano ser marcado negativamente.” (FROSI, DAL CORNO E FAGGION, 2005, p. 270). Por outro lado, o uso do dialeto italiano era uma maneira de demonstrar aproximação, pertencimento ao grupo étnico.

Frosi, Dal Corno e Faggion (2005) concluem que existe na região o que elas podem considerar um multiculturalismo devido à presença de outras etnias e suas “marcas são aceitas pelos ítalo-descendentes da RCI, indicando uma superação do preconceito e o reforço a lealdade e solidariedade do grupo anteriormente desprestigiado.” (FROSI, DAL CORNO E FAGGION, 2005, p. 277). Isto é, o desprestígio era atribuído ao estereótipo do colono, do trabalhador rural, tendo em vista o desenvolvimento urbano e seus reflexos sociais.

Bergamaschi (2006), na mesma linha de pesquisa de Frosi, Dal Corno e Faggion (2005), trata das atitudes linguísticas dos falantes em relação às variedades linguísticas do português e do dialeto italiano utilizadas nas duas comunidades, isto é, na Sede de Galópolis (zona urbana) e na Comunidade de Santo Antão na Terceira Léguas (zona rural) (BERGAMASCHI, 2006, p. 14).

Bergamaschi verifica as atitudes linguísticas prestigiadas ou desprestigiadas, assim como preconceito ou estigma, dos falantes nas ocorrências de português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano.

Para tal estudo, Bergamaschi (2006, p. 70) estabelece os seguintes critérios: dois informantes do sexo masculino e dois do sexo feminino pertencentes a três faixas etárias de 15 a 25 anos, de 30 a 45 anos e acima de 50 anos, doze são moradores da zona urbana e doze

residem na zona rural, somando-se vinte e quatro informantes. Quanto ao nível de escolaridade, foram distribuídos informantes do ensino fundamental incompleto e completo; ensino médio incompleto e completo; e ensino superior incompleto.

Bergamaschi (2006, p. 77) informa que todos os informantes ouviram as três versões de um texto e posteriormente responderam a dezenove afirmações presentes no instrumento de pesquisa e na sequência responderam as trinta perguntas do questionário, que foi elaborado com o objetivo de observar aspectos relativos às atitudes de preconceito e estigma presentes nas respostas dos informantes.

Conforme Bergamaschi (2006, p. 76), nas frases positivas, encontram-se palavras que caracterizavam os falantes como pessoas de confiança, inteligentes, trabalhadoras e estudadas, pois atribuíam prestígio aos falantes nas gravações das três variedades linguísticas pesquisadas. Já as frases negativas, ao contrário, desprestigiavam estes mesmos falantes, caracterizando-os com uma visão preconceituosa e estigmatizada de pessoas que enganam os outros, feias, rudes e atrasadas.

Ao confrontar os resultados das análises com duas das três hipóteses levantadas, Bergamaschi (2006, p. 139) conclui que os informantes das três gerações não apresentam atitudes negativas, de preconceito relacionadas ao uso do dialeto italiano, nem quanto ao uso da variedade linguística de português com interferência do dialeto italiano a favor das variedades consideradas de prestígio como o português padrão e o português utilizado nos telejornais. Os resultados apontam para o prestígio relativamente semelhante das três variedades linguísticas consideradas pelos informantes do gênero feminino e masculino na zona urbana e rural.

Amâncio (2007, p. 7) apresenta e problematiza dados relacionados às atitudes sociolinguísticas e à identidade, manifestadas por membros de três cidades, Barracão (Paraná), Dionísio Cerqueira (Santa Catarina), e Bernardo de Irigoyen (Misiones, Argentina), que fazem fronteira seca entre “dois países, três estados e três cidades, formando, assim, as Cidades Trigêmeas”, separadas apenas por linhas imaginárias. Para a execução da pesquisa, Amâncio (2007, p. 31) entrevista vinte informantes, dez homens e dez mulheres, catorze entrevistas com informantes brasileiros, seis entrevistas com informantes argentinos, de faixa etária entre 15 e 25 anos, cuja escolaridade era ensino médio ou superior e nascidos na região. Segundo Amâncio (2007, p. 31), dois fatores levam a diferença de informantes brasileiros e argentinos; o primeiro, porque são dois municípios brasileiros e uma cidade argentina; o segundo fator foi a limitação linguística, pois a pesquisadora não fala espanhol e encontra

obstáculos para entrevistar argentinos não escolarizados.

É recorrente o discurso sobre a rivalidade histórica existente entre brasileiros e argentinos. Porém, de acordo com Amâncio (2007, p. 32), “a harmonia e irmandade anunciadas oficialmente” geram certa inquietação e desconfiança por parte da pesquisadora que foi *in loco* “analisar quais as consequências que tal proximidade gera na esfera da avaliação linguística”. A partir da análise dos dados, Amâncio constata que a situação é mais complexa “do que o discurso oficial leva a crer”.

Amâncio (2007, p. 92) conclui que é evidente, num primeiro olhar, a avaliação positiva e entusiasmada dos informantes relacionados à comunidade ao lado e à sua língua. Contudo, com o decorrer das entrevistas foi percebendo a atitude desinteressada dos brasileiros em falar o idioma dos argentinos.

As Cidades Trigêmeas, portanto, apresentam divergências, e as delimitações entre os dois países é bem visível, isto é, há uma relação complexa e contraditória, uma tensão entre o que chamam de “comunidade ideal”, e de “comunidade real.” (AMÂNCIO, 2007, p. 95).

Carlos (2008, p. 3399) analisa as atitudes linguísticas dos falantes residentes no município de Guaíra no Brasil e Salto del Guairá no Paraguai, relacionadas aos dialetos do português e a situação de bilinguismo entre as línguas portuguesa, a espanhola e a guarani, realizadas por meio do comércio na zona de fronteira.

Conforme Carlos (2008, p. 3400), a pesquisa tem por base os critérios utilizados pelos pesquisadores do ALiB (Atlas Linguístico do Brasil). A coleta de dados foi realizada por meio de inquéritos aplicados a seis informantes de três faixas etárias: de 18 a 30 anos, de 31 a 50 anos e com mais de 51 anos; do sexo masculino e feminino; nascidos na localidade ou que viveram 2/3 de suas vidas no local e que tenham estudado até o ensino médio.

Carlos (2008, p. 3406) conclui que “as atitudes dos brasileiros com relação aos paraguaios na região de Guaíra são bastante positivas”. E no que concerne à linguagem, todos interagem sem grandes dificuldades, seja em português, castelhano ou portunhol. O portunhol é a língua utilizada pela maioria dos habitantes das duas cidades que trabalham no comércio e Carlos (2008, p. 3406) afirma que, “[...] a língua espanhola deveria ser ensinada nas escolas de Guaíra e acrescentamos que a língua portuguesa também deveria ser ensinada nas escolas de Salto del Guairá”.

Carlos salienta a importância do estudo das atitudes linguísticas em regiões fronteiriças, “devido à complexidade das relações que se fazem nessa fronteira, centro de compras muitas vezes ilegais e falsificadas”. (CARLOS, 2008, p. 3406).

Pastorelli (2011, p. 20) investiga as crenças e atitudes linguísticas na fala dos moradores de Capanema, que fica ao Oeste do estado do Paraná e faz divisa com a cidade de Andresito, na Argentina, e seu objetivo foi verificar as crenças positivas e negativas desses informantes em relação à diversidade linguística que se manifestam na interação cotidiana.

Para a seleção dos informantes, Pastorelli (2011, p. 54) estabelece os seguintes critérios: seis informantes do sexo masculino e seis informantes do sexo feminino pertencentes a três faixas etárias de 18 a 30 anos, de 35 a 55 anos e de 60 a 75 anos. Quanto ao nível de escolaridade, foram distribuídos informantes do ensino fundamental; ensino médio; e ensino superior. Para realizar os inquéritos, Pastorelli (2011, p. 55) toma por base o questionário da Dissertação de Mestrado de Bergamaschi (2006).

Ao concluir as análises, Pastorelli (2011, p. 195-196) afirma que a maioria dos informantes de Capanema demonstraram atitudes positivas no que concerne aos argentinos, porém apresentam atitudes negativas ao se referirem aos paraguaios, justificando a diferença sociocultural, que são descendentes de índios, ausência de tecnologia e escolaridade, e a língua utilizada pela maioria é o guarani e o yopará, vista com desprestígio por parte dos informantes. Quanto aos alemães, os informantes os consideram fechados, pois não deixam transparecer as emoções e utilizam um idioma “difícil e esquisito”, portanto visto de maneira negativa, mas são vistos como trabalhadores responsáveis. Ao se referirem aos italianos, os informantes manifestaram atitudes positivas, pois disseram que são alegres e espontâneos, creem na proximidade cultural e linguística, tendo em vista a ascendência latina.

4.3 CONCEITO DE PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLÓGICA DIRECIONADA ÀS CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

A presente pesquisa define-se como de caráter sociolinguístico e dialetológico, uma vez que se busca observar as crenças e atitudes linguísticas das diferentes comunidades pesquisadas e, dessa maneira, compreender o fenômeno da variação linguística, a partir do estudo *in loco*.

Assim, compreende-se que o desenvolvimento desse tipo de investigação, torna-se importante pelo contexto de fronteira em que foi realizada a pesquisa, a riqueza sócio-cultural, a diversidade étnica e a situação linguística que envolve os três países.

Esses fatores supracitados determinam as especificidades linguísticas das localidades, e é justamente essa heterogeneidade verificada na língua, na modalidade oral, que nos interessa neste trabalho: a complexidade do sistema linguístico e as variações nele contidas,

determinadas por diferenças espaciais (geográficas).

Dessa forma, entende-se que, de acordo com Alvar (1968, p. 30), não há um método que seja capaz de abranger em sua completude, a variabilidade de uma língua: “Nunca possuiremos a realidade de qualquer fala, porque a realidade é mutável em cada comunidade, em cada indivíduo dessa coletividade e nos momentos, distintos, de cada indivíduo.”

Em consonância com a citação de Alvar (1968) e tomando por base a variação linguística, combinadas aos princípios sociolinguísticos e dialetológicos, pode-se dessa forma trilhar os conhecimentos dos mecanismos com que opera uma língua e dos fatores que determinam sua evolução. Apontando para a heterogeneidade linguística e a necessidade de confrontar as comunidades de fala. Rossi (1969, p. 87-88) vê nos estudos dialetológicos essa ponte, que permite transitar entre diferentes pontos geográficos ao afirmar que, *Dialetologia*:

[...] é uma ciência eminentemente contextual, isto é, [...] o fato apurado num ponto geográfico ou numa área geográfica só ganha luz, força e sentido documentais na medida em que se preste ao confronto com o fato correspondente – ainda que por ausência – em outro ponto ou em outra área [...]

Bright (1974, p. 17) afirma que a tarefa da Sociolinguística é “demonstrar a co-variação sistemática das variações lingüística e social, e, talvez, até mesmo demonstrar uma relação causal em uma ou outra direção”. Portanto, cabe à Sociolinguística, dentre outras tarefas, descrever em padrões gerais o uso lingüístico numa determinada comunidade de fala, a fim de descrever as alternâncias entre a diversidade lingüística e os indivíduos que compartilham de todas essas variedades.

Em sua íntima relação com a sociedade e comunidade fala, a língua revela-se diversa. Ou seja, há diferenças sociais, de níveis de escolaridade, econômicos, étnicos dos falantes e há diferenças regionais. Os conjuntos destas variedades compõem um sistema relacionado com a comunidade de fala. Portanto a Sociolinguística focaliza as diferenças de que os falantes fazem das línguas ou as crenças desses falantes sobre seu próprio comportamento lingüístico e podem, ainda, de acordo com Bright (1974, p. 18), apreender a diversidade na sua extensão multidialetal, plurilíngue e social. Dessa forma, os estudos sociolinguísticos são aplicados como avaliação da estrutura social e na reflexão sobre a história das línguas.

Complementa essa visão o pensamento de Coseriu (1987, p. 3), que define a Sociolinguística, como: “[...] o estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades falantes”, e a esse respeito Silva-Corvalán (1988, p. 8) acrescenta que:

Sociolingüística e Dialectologia se tem considerado até certo ponto sinônimos uma vez que ambas as disciplinas estudam a língua falada, o uso linguístico e estabelecem as relações que existem entre certos traços lingüísticos e certos grupos de indivíduos. Assim como a Sociolingüística, a Dialectologia reconheceu desde cedo a existência da heterogeneidade lingüística⁴⁸.

Silva-Corvalán (1988, p. 8-9) acrescenta que a Dialectologia especifica o contexto linguístico no sistema do dialeto em questão e delimita a distribuição geográfica das variantes. Por outro lado, a Sociolingüística, além de estudar os dialetos e o valor que a comunidade lhes empresta, incorpora entre outras características, os fatores que incidem na variação. Examina as atitudes dos falantes de acordo com as diversas realizações, analisa sua difusão no sistema linguístico e social considerando o grau de prestígio destas formas e de seus usuários. Pesquisa também a correlação entre as diversas formas linguísticas de uma língua e sua apropriação de acordo com o estrato social dos falantes e o contexto em que estiverem inseridos.

Segundo Pottier (1996, p. 41), a Dialectologia tem como objeto central o estudo dos dialetos da língua, porém “a geografia humana, a econômica e a cultural também se refletem nessa tela de atividades sociais de onde se projetam os padrões lingüísticos dos falantes”.

Nesta perspectiva, a Dialectologia atual não se ocupa apenas de questões diatópicas, porém acompanha a Sociolingüística, ao analisar fatores de ordem sócio-cultural que determinam a variação e mudança linguística. Na verdade, a Dialectologia contemporânea ultrapassa o campo geolingüístico e possibilita o alcance de informações que contemplam a variação linguística em diferentes dimensões: diatópica, diafásica, diastrática e outros subtipos variacionais que tem relação entre si. Para tal, Cardoso (2005) fala da importância dos estudos dialetais para evidenciar não só o que faz referência aos estudos linguísticos:

[...] mas também no que se refere a outros campos do conhecimento com os quais mantém profunda relação e explícita interface. [...] é reconhecida a relevância da contribuição que esse ramo de estudos da linguagem pode trazer à reconstrução da história, ao entendimento da organização demográfica, às questões de natureza antropológica, em geral, e ao próprio ensino da língua materna. (CARDOSO, 2005, p. 130-131).

⁴⁸ “Sociolingüística y Dialectología se han considerado hasta cierto punto sinónimas en cuanto a que ambas disciplinas estudian la lengua hablada, el uso lingüístico y establecen las relaciones que se dan entre ciertos rasgos lingüísticos y ciertos grupos de individuos. Así como la sociolingüística, la dialectología ha reconocido desde siempre la existencia de la heterogeneidad lingüística.” (SILVA-CORVALÁN, 1988, p. 8).

Cardoso (2010, p. 26) busca elucidar o que distingue Dialectologia de Sociolinguística, afirmando que a distinção reside na forma de:

tratar os fenômenos e na perspectiva que imprimem à abordagem dos fatos linguísticos. A dialetologia, nada obstante considerar fatores sociais como elementos relevantes na coleta e tratamento dos dados, tem como base da sua descrição a localização espacial dos fatos considerados, configurando-se, dessa forma, como eminentemente diatópica. A sociolinguística, ainda que estabeleça a intercomparação entre dados diferenciados do ponto de vista espacial, centra-se na correlação entre os fatos linguísticos e os fatores sociais, priorizando, dessa forma, as relações sociolinguísticas.

5 METODOLOGIA

Nesta seção, apresentam-se os procedimentos metodológicos em que se fundamenta esta investigação, assim estruturados: 1) a constituição do *corpus*; 2) o perfil sociolinguístico dos informantes; 3) escolha das localidades; 4) questionários; 5) execução dos inquéritos.

Para a realização desta tese, seguem-se procedimentos metodológicos, com vistas a disciplinar a investigação e alcançar os objetivos traçados. Sobre os passos a serem seguidos, Ferreira e Cardoso (1994, p. 23-36) apresentam e descrevem 4 (quatro) etapas principais que devem ser observadas na pesquisa dialetal:

- 1) preparação da pesquisa;
- 2) execução dos inquéritos;
- 3) exegese e análise dos materiais recolhidos;
- 4) divulgação dos resultados obtidos.

As quatro etapas elencadas pelas autoras serviram de base para a realização dessa pesquisa e são explanadas no decorrer desta seção em que são apresentadas todas as informações de acordo com os cinco itens elencados no primeiro parágrafo desta seção

5.1 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Para a constituição do *corpus*, foram entrevistados oito informantes nascidos na localidade investigada, ou nela moradores há mais de 20 anos, totalizando 24 informantes.

Na seleção dos informantes, foram consideradas as orientações de dialetólogos já consagrados, como Nascentes (1953, p. 14) e Silva Neto (1957, p. 32), aos quais se agrega o pensamento de dialetólogos contemporâneos.

Com base no que foi proposto, como estratégia para a coleta de dados e constituição do *corpus*, estabeleceram-se os seguintes critérios para a seleção de informantes:

- a) Dimensão diasssexual – quatro informantes do sexo feminino e quatro informantes do sexo masculino em cada ponto.
- b) Dimensão dialingual ou plurilingual – no caso, português/espanhol, português/guarani, português/espanhol/guarani, de acordo com a realidade de cada ponto.
- c) Dimensão diageracional – Faixa etária I (18 a 35 anos), Faixa etária II (50 a 65 anos). Segundo Silva-Corvalán (1988, p. 75-76), a variável faixa etária pode revelar três atitudes com relação à língua: “1) identidade de grupo; 2) autocorreção por parte

dos grupos geracionais mais ativos na vida pública; 3) mudança linguística em progresso”.

d) Dimensão diastrática – dois níveis de escolaridade: universitário e não universitário.

5.2 PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DOS INFORMANTES

A composição dos informantes, como se mostra no Quadro 7, contempla falantes de dois níveis de escolaridade, de duas faixas etárias, envolvendo, de forma equitativa, homens e mulheres.

Quadro 7 – Composição dos informantes

Escolaridade	Masculino	Feminino
Não universitário	FI 1 (18 a 35 anos)	FI 2 (18 a 35 anos)
	FII 3 (50 a 65 anos)	FII 4 (50 a 65 anos)
Universitário	FI 5 (18 a 35 anos)	FI 6 (18 a 35 anos)
	FII 7 (50 a 65 anos)	FII 8 (50 a 65 anos)

Para identificação e descrição dos informantes são considerados os critérios apresentados na seguinte ordem:

- a) Identificação da localidade – Precedendo o nome do informante, apresentam-se as iniciais de cada uma das localidades, assim definidas: Foz do Iguaçu (FI), Ciudad del Este (CL), Puerto Iguaçu (PI); seguidas pelo número do informante indicado no Quadro 07.
- b) Iniciais do nome completo.
- c) Idade.
- d) Estado Civil.
- e) Naturalidade.
- f) Tempo de domicílio na localidade.
- g) Domicílios e tempo de permanência fora da localidade (caso tenha ocorrido).
- h) Escolaridade.
- i) Profissão.
- j) Naturalidade da mãe.
- k) Naturalidade do pai.

l) Naturalidade do cônjuge.

A ausência de qualquer um dos itens elencados é indicada com um travessão.

FI/1 – JSV. 34. Casado. Foz do Iguaçu. 34 anos. —. Não universitário (ensino fundamental completo). Vendedor. Paulista. Mineiro. Iguaçuense.

FI/2 – GAS. 29. Casada. Foz do Iguaçu. 23 anos. Seis anos no Rio Grande do Sul. Não universitário (ensino médio completo). Garçonete. Gaúcha. Gaúcho. Paranaense.

FI/3 – JMS. 55. Casado. Gandu/BA. 21 anos. Morou em Camaçari (BA), chegou em Foz do Iguaçu aos 34 anos. Não universitário (ensino fundamental completo). Eletricista predial. Baiana de Gandu. Baiano. Pernambucana de Serra Talhada.

FI/4 – VBS. 50. Divorciada. Foz do Iguaçu. 50 anos. —. Não universitário (ensino fundamental completo). Cozinheira. Paulista. Mineiro. Alagoano.

FI/5 – AAS. 23. Solteiro. Foz do Iguaçu. 23 anos. —. Universitário. Coordenador de esporte e lazer. Cascavel. Desconhecido. —.

FI/6 – LML. 29. Solteira. Foz do Iguaçu. 24 anos. Cinco anos em Cascavel (estudos). Universitário. Vendedora. Mineira de São João Del Rei. Foz do Iguaçu. —.

FI/7 – MB. 51. Casado. Centenário do Sul/PR. 36 anos. Chegou em Foz do Iguaçu aos 15 anos. Universitário. Professor. Formigas em Minas Gerais. Avaré em São Paulo. Foz do Iguaçu.

FI/8 – MDG. 50. Solteira. Capinópolis/MG, até os 4 anos. 36 anos. Morou em Goiás até os 14 anos e chegou em Foz do Iguaçu aos 14 anos. Universitário. Professora. Rio Grande do Norte. Rio Grande do Norte. —.

CL/1 – MFP. 33. Casado. Ciudad del Este. 33 anos. —. Não universitário (ensino Médio). Manobrista. Vila Rica no Paraguai. Vila Rica no Paraguai. Caaguaçu no Paraguai.

CL/2 – NF. 22. Solteira. Ciudad del Este. 22 anos. —. Não Universitário (ensino médio). Estudante. Paraguaia. Paraguaio. —.

CL/3 – CAC. 50. Casado. Ciudad del Este. 46 anos. Morou 4 anos em Assunção. Não Universitário (ensino médio). Segurança. Coronel Olviedo. Coronel Olviedo. Ciudad del Este.

CL/4 – EV. 50. Casada. Ciudad del Este. 49 anos. Morou 1 ano na Argentina. Não Universitário (ensino fundamental completo). Vendedora. Paraguaia. Paraguaio. Argentino.

CL/5 – AG. 25. Solteiro. Ciudad del Este. 25 anos. Morou 6 meses em Minga Guaçu no Paraguai. Universitário. Técnico em computadores. Paraguaia. Paraguaio. —.

CL/6 – CG. 27. Solteira. Ciudad del Este. 27 anos. —. Universitário. Atendente. Paraguaia. Paraguaio. —.

CL/7 – CM. 57. Casado. Assunção. 32 anos. Chegou em Ciudad del Este aos 25 anos. Universitário. Comerciante. Paraguaí. Paraguaí. Paraguaí.

CL/8 – ZL. 50. Casada. Cidade del Este. 49 anos. Morou um ano em Assunção. Universitário. Trabalha na imigração. Paraguaia. Paraguaio. Paraguaio.

PI/1 – AO. 34. Casado. Puerto Iguazú. 32 anos. Morou 2 anos em Buenos Aires. Não universitário (ensino médio). Vendedor. Argentina. Argentino. Brasileira.

PI/2 – MF. 23. Solteira. Puerto Iguazú. 23 anos. —. Não universitário (ensino médio). Garçonete. Argentina. Argentino. —.

PI/3 – OAO. 56. Casado. Puerto Iguazú. 55 anos. Morou 1 ano em Buenos Aires. Não universitário (ensino fundamental completo). Aposentado. Argentina. Argentino. Paraguaia.

PI/4 – CC. 50. Viúva. Puerto Iguazú. 50 anos. —. Não universitário (ensino médio). Inspetora de alunos. Italiana. Alemão. Argentino.

PI/5 – AR. 24. Solteiro. Puerto Iguazú. 24 anos. —. Universitário. Professor. Paraguaia. Paraguaio. —.

PI/6 – LBA. 27. Solteira. Puerto Iguazú. 27 anos. —. Universitário. Vendedora. Argentina. Argentino. —.

PI/7 – RAB. 63. Divorciado. Noroeste da Argentina, Catamarca. 36 anos. Morou 5 anos em Curitiba, chegou aos 27 anos em Puerto Iguazú. Universitário. Consultor empresarial. Argentina. Argentino. Argentina.

PI/8 – NV. 62. Casada. Buenos Aires. 32 anos. Chegou a Puerto Iguazú aos 30 anos. Universitário. Advogada. Argentina. Argentino. Argentina.

Em resumo, o universo dos informantes foi constituído por 24 falantes, assim distribuídos: oito informantes de Foz de Iguacu, oito informantes de Ciudad del Este e oito informantes de Puerto Iguazú, conforme se apresenta nos Quadros 8, 9 e 10.

Quadro 8 – Perfil dos informantes de Foz do Iguacu (BR)

LOCALIDADE Foz do Iguacu (FI) / BR	INFORMANTE	NÍVEL ESCOLAR	IDADE	LOCAL DE NASCIMENTO	TEMPO DE RESIDÊNCIA EM FI	LÍNGUA MATERNA	LÍNGUAS QUE FALA
FI/1	J. V.	Não Universitário (Ens. Fund.)	34 anos	Foz do Iguacu	34 anos	Português	Português
FI/2	G. S.	Não Universitário (Ens. Fund.)	29 anos	Foz do Iguacu	29 anos	Polonês e brasileiro	Português
FI/3	J. M. S.	Não Universitário	55 anos	Gandu/ BA	21 anos	Português	Português
FI/4	V. S.	Não Universitário (Ens. Médio)	50 anos	Foz do Iguacu	50 anos	Espanhol e Português	Português e Espanhol

LOCALIDADE Foz do Iguaçu (FI) / BR	INFORMANTE	NÍVEL ESCOLAR	IDADE	LOCAL DE NASCIMENTO	TEMPO DE RESIDÊNCIA EM FI	LÍNGUA MATERNA	LÍNGUAS QUE FALA
FI/5	A. S.	Universitário	23 anos	Foz do Iguaçu	23 anos	Italiano e Português	Português, Espanhol e Inglês
FI/6	L. M. L.	Universitário	29 anos	Foz do Iguaçu	29 anos	Português	Português e Inglês
FI/7	M. B.	Universitário	51 anos	Centenário do Sul/ PR	36 anos	Português	Português, Espanhol e Guarani
FI/8	M. G.	Universitário	50 anos	Capinópolis/ MG	36 anos	Português	Português

Quadro 9 – Perfil dos informantes de Ciudad del Este (PY)

LOCALIDADE Ciudad del Este (CL) / PY	INFORMANTE	NÍVEL ESCOLAR	IDADE	LOCAL DE NASCIMENTO	TEMPO DE RESIDÊNCIA EM CL	LÍNGUA MATERNA	LÍNGUAS QUE FALA
CL/1	M. P.	Não Universitário (Ens. Fund.)	33 anos	Cidade de Leste	33 anos	Guarani e Castelhano	Português, Guarani e Espanhol
CL/2	N. F.	Não Universitário (Universitário incompleto)	22 anos	Cidade de Leste	22 anos	Espanhol	Português e Espanhol
CL/3	C. C.	Não Universitário (Ens. Fund.)	50 anos	Cidade de Leste	50 anos	Guarani	Português, Espanhol e Guarani
CL/4	E. V.	Não Universitário (Ens. Fund.)	50 anos	Cidade de Leste	50 anos	Guarani	Português e Espanhol
CL/5	A. G.	Universitário	25 anos	Cidade de Leste	25 anos	Espanhol e Guarani	Espanhol, Guarani e Português
CL/6	C. G.	Universitário	27 anos	Cidade de Leste	27 anos	Espanhol	Português, Espanhol e Castelhano
CL/7	C. M.	Universitário	57 anos	Assunção/PY	32 anos	Guarani e Castelhano	Espanhol e Português
CL/8	Z. Z.	Universitário	50 anos	Cidade de Leste	50 anos	Espanhol e Guarani	Português e Espanhol

Quadro 10 – Perfil dos informantes de Puerto Iguazú (AR)

LOCALIDADE Puerto Iguazú (PI) / AR	INFORMANTE	NÍVEL ESCOLAR	IDADE	LOCAL DE NASCIMENTO	TEMPO DE RESIDÊNCIA EM PI	LÍNGUA MATERNA	LÍNGUAS QUE FALA
PI/ 1	A. O.	Não Universitário (Ens. Médio.)	34 anos	Puerto Iguazú	34 anos	Português e Espanhol	Português e Espanhol
PI/2	M. F.	Não Universitário (Ens. Fund.)	23 anos	Puerto Iguazú	23 anos	Português, Espanhol e Inglês	Espanhol, Inglês e Português

LOCALIDADE Puerto Iguazú (PI) / AR	INFORMANTE	NÍVEL ESCOLAR	IDADE	LOCAL DE NASCIMENTO	TEMPO DE RESIDÊNCIA EM PI	LÍNGUA MATERNA	LÍNGUAS QUE FALA
PI/3	O. O.	Não Universitário (Ens. Fund.)	56 anos	Puerto Iguazú	56 anos	Castelhano	Castelhano, Inglês e Português
PI/4	C. C.	Não Universitário (Ens. Fund.)	50 anos	Puerto Iguazú	50 anos	Português e Castelhano	Português, Castelhano e Espanhol
PI/5	A. R.	Universitário	23 anos	Puerto Iguazú	23 anos	Guarani e Português	Português, Castelhano e Espanhol
PI/6	L. A.	Universitário	27 anos	Puerto Iguazú	27 anos	Guarani e Português	Castelhano Argentino e Português
PI/7	R. B.	Universitário	63 anos	Noroeste da Argentina, Catamarca/ Santa	36 anos	Espanhol	Português, Espanhol e Castelhano
PI/8	N. V.	Universitário	62 anos	Buenos Aires/ AR	32 anos	Espanhol	Espanhol e Português

5.3 ESCOLHA DAS LOCALIDADES

A escolha das localidades submetidas à investigação sociolinguística orientou-se pelos critérios que, a seguir, se apresentam.

O primeiro critério diz respeito à distribuição geográfica das localidades e às características do português falado na área pesquisada. Assim, foram selecionadas Foz do Iguaçu no Brasil, Ciudad del Este no Paraguai e Puerto Iguazú na Argentina, localidades que formam a Tríplice Fronteira.

O segundo critério está relacionado ao contexto plurilíngue e ao fato de, nessa área, registrar-se a presença de falantes oriundos de várias regiões do Brasil, particularmente em virtude da migração ocorrida com a construção da usina hidrelétrica de Itaipu, e, assim, esses falantes hispânicos podem aproximar sua fala à do carioca, à do gaúcho, à do mineiro, à do paulista ou à de qualquer falante de outra região em que residiu ou reside.

As análises feitas nesta tese tomam como referência o fato de que as crenças e as atitudes linguísticas são as propulsoras das reações de uma sociedade. Para tal, selecionaram-se dados que revelam o posicionamento dos falantes relacionados às crenças e atitudes linguísticas em contexto plurilíngue e multicultural.

5.4 QUESTIONÁRIOS

A pesquisa de campo compreendeu várias etapas: identificação do universo da pesquisa, seleção dos informantes, realização de inquéritos experimentais e definitivos, visitas às comunidades da fronteira que seriam investigadas, visando ao contato com pessoas da comunidade, para dar conhecimento aos informantes da finalidade do trabalho e da destinação do material a ser recolhido.

Na fase da pesquisa piloto, optou-se por adotar o mesmo Questionário elaborado por Reis⁴⁹ (2006) para a sua tese “Atlas lingüístico das regiões sul-mato-grossenses na fronteira Brasil/Paraguai: em busca das inter-influências das línguas em contato”, desenvolvida na Universidade Estadual de Londrina, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Vanderci de Andrade Aguilera. A pesquisa-piloto (entrevistas feitas em português), para esta tese, foi aplicada a quatro informantes (dois informantes de Foz do Iguazu, uma informante de Puerto Iguazú e um informante de Ciudad del Este) nos meses de outubro e novembro de 2010. Após a aplicação-piloto, foram feitas as alterações necessárias nos questionários, como acréscimos e supressões, para contemplar os objetivos desse estudo.

O referido questionário, cujas perguntas foram feitas oralmente, compreende: (i) o questionário das crenças e atitudes linguísticas com dezoito perguntas; (ii) temas para discursos semi-dirigidos com quatro temas e (iii) um texto para leitura. Foi utilizada também, a Ficha do Informante adotada pelo Comitê Nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Questionários 2001.

Os temas para discursos semi-dirigidos com quatro temas e com exemplos de perguntas: 1) Relato Pessoal – Relate sobre um acontecimento marcante em sua vida (casamento, viagem, namoro...); 2) Comentário – De que programa de televisão você/ o (a) senhor(a) gosta mais? Por quê? 3) Descrição – Você/ o (a) senhor(a) trabalha em quê? Fale um pouco sobre o seu trabalho; 4) Relato não pessoal – Conte um caso/ um fato de seu conhecimento (de que tenha ouvido falar, que tenha acontecido com um amigo, parente, etc.

Com a aplicação de temas para discursos semi-dirigidos, esperava-se obter informações complementares. Mas isso não foi alcançado, uma vez que os informantes se limitavam a retomar questões anteriores.

⁴⁹ O questionário utilizado por Reis é resultado de uma triagem dos questionários do: “Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul (ALMS)” (OLIVEIRA, 2007), e também do Extrato do questionário lingüístico “Atitudes Lingüísticas na Fronteira do Brasil com o Paraguai.” (SANCHES 2006).

O texto para a leitura mostra que alguns informantes de Ciudad del Este e de Puerto Iguazú embora dissessem falar e ler em português, muitas vezes, durante a leitura, substituíam algumas palavras que estavam escritas em português pela sua correspondente em espanhol, como é o caso de filho, pronunciavam “hijo”. Constata-se que, a partir do momento que o leitor identifica o sentido do texto, é como se ele perdesse a noção do que está diante de seus olhos, pois se deixa envolver pela compreensão da leitura. Esse fato aconteceu com diversos informantes de ambas as cidades, porém em Foz do Iguazú a leitura do texto não trouxe maiores resultados.

5.5 EXECUÇÃO DOS INQUÉRITOS

As entrevistas foram realizadas em locais em que, de preferência, estivessem a sós a inquiridora e o(a) inquirido(a), visando a atender à disponibilidade dos entrevistados. Todas as entrevistas foram realizadas em português, os inquéritos linguísticos foram salvos em *pendrive* e no arquivo do computador com os dados dos informantes (nome, idade, localidade, assim como as fichas dos informantes). Fasold ([1974]1984, p. 152) explica que entrevistas facilitam a obtenção de respostas e o pesquisador pode conduzir a conversa caso os indivíduos pesquisados tendam a mudar de assunto e até mesmo aprofundar questões levantadas pelos informantes. Embora o autor julgue como uma desvantagem o tempo consumido para realização das entrevistas orais, considera-se este instrumento de vital importância para esta pesquisa, uma vez que através delas obtiveram-se dados extremamente significativos sobre as crenças e atitudes na Tríplice Fronteira.

A coleta de dados foi realizada nos meses de dezembro de 2010, janeiro e fevereiro de 2011. O tempo de aplicação dos inquéritos foi de quinze minutos a uma hora e quinze minutos. As entrevistas realizadas em quinze minutos devem-se à objetividade dos informantes, à sua timidez e por estar no local de trabalho, não se prolongavam nas respostas. A maioria dos informantes respondeu as entrevistas num tempo aproximado de trinta minutos. Para um informante registrou-se uma hora e quinze minutos de entrevista, tendo em vista que ele sempre trazia outras informações relacionadas aos seus projetos realizados com estudantes e fugia um pouco do assunto. Ao término das entrevistas, registraram-se 696 minutos, isto é 11h36min de inquéritos realizados. Alguns Para a aplicação dos inquéritos foi utilizado gravador de voz, com as seguintes características: marca SONY ICD – PX820 digital, com 2GB de memória interna *flash*, com capacidade de armazenar 534 horas e 25 minutos (Modo

LP), 89 horas (Modo SP) 33 horas e 20 minutos (Modo HQ), 22 horas e 15 minutos (Modo SHQ); função de gravação ativada por voz (VOR), microfone embutido de alta sensibilidade (2 níveis: *Low/High*), relógio e alarme, com registro de data e hora da gravação, conexão USB 2.0 para conexão com o computador e transferência de arquivos de alta velocidade, indicador de carga de bateria, visor de cristal líquido (LCD) de 2,8 cm x 2,2 cm grande para fácil visualização; entrada para fone de ouvido e microfone externo, alto-falante incorporado com potência de 250mw. Compatível com MP3 e WMA. Dimensões: 30mm x 103.5mm x 16mm (L x C x A). Alimentação: 2 pilhas AAA, podendo utilizar pilhas recarregáveis. Longa duração da Pilha: Funciona 26 horas em gravação e 30 horas em reprodução.

A transcrição grafemática dos dados foi realizada de março a dezembro de 2011, observando-se que as transcrições mais demoradas e que ofereceram mais dificuldade foram as referente aos informantes de Ciudad del Este e Puerto Iguazú em virtude de as entrevistas apresentarem uma mescla de português e espanhol.

6 ANÁLISE DOS DADOS

As crenças e as atitudes linguísticas se manifestam na forma de se expressar de todo falante. No que concerne ao homem da fronteira, observa-se uma linguagem carregada de conteúdo e expressão que, além de identificar a nacionalidade (brasileiro, paraguaio ou argentino), apresenta realidades diferentes vivenciadas por distintos grupos sociais.

Nesta seção, procede-se à análise do *corpus* constituído das respostas obtidas com os inquéritos aplicados em Foz do Iguaçu, Ciudad del Este e Puerto Iguazú e espera-se, com isso, visualizar a realidade linguística de cada cidade, bem como entender melhor o processo de variação da língua em comunidades de fronteira.

Para a análise dos dados, optou-se por agrupar as perguntas de acordo com a temática dominante e a afinidade existente entre elas. Dessa forma, foram constituídos quatro grupos assim estabelecidos: Grupo 1 – Identificação da língua materna, da(s) língua(s) que mais fala e daquela(s) em que lê e escreve. Grupo 2 – Crenças e atitudes relativas à identificação de uma pessoa pelo seu jeito de falar, pela língua mais utilizada na fronteira e das ocasiões em que as pessoas brasileiras, argentinas, paraguaias falam português, espanhol, guarani, yopará e as dificuldades linguísticas no uso da língua falada na fronteira. Grupo 3 – Interferência linguística guarani-espanhol-português, como essa inter-relação é percebida pelo informante, a importância da pluralidade linguística na fronteira e onde é mais frequente, na família, na escola, no trabalho, no comércio ou nas relações de amizade. Grupo 4 – Escolha linguística para ter sucesso na fronteira, a preferência linguística ao contratar empregados — julgados pela língua e não pela competência — definição se é o homem ou a mulher quem fala melhor o idioma, a escolha linguística no trabalho de acordo com o grau de escolarização — uma pessoa instruída fala melhor do que a que tem pouca ou nenhuma instrução — e a escolha entre os diferentes falares da fronteira.

No corpo da análise, os informantes aparecem identificados pela localidade (letras iniciais), pelo grau de escolaridade, pelo gênero e faixa etária, conforme disposto na metodologia. A análise das respostas dadas pelos informantes permite compreender quais são as crenças do informante da fronteira diante das diversas manifestações linguísticas.

6.1 ANÁLISE DOS AGRUPAMENTOS DE PERGUNTAS

Para facilitar a análise e permitir uma melhor intercomparação entre os dados das três localidades, as respostas reunidas em grupos passam a ser analisadas.

6.1.1 Grupo 1 – Identificação da língua materna, da(s) língua(s) que mais fala e daquela(s) em que lê e escreve.

O primeiro grupo reúne as respostas a três perguntas – **1. *Que língua você o (a) senhor (a) aprendeu na família?*** **2. *Em que língua você o (a) senhor (a) mais fala? Por quê?*** e **3. *Em que língua você o (a) senhor (a) lê e escreve?*** – que são tratadas, inicialmente, de forma individual e a seguir reunidas em um comentário único.

Pergunta 1. *Que língua você o (a) senhor (a) aprendeu na família?*

Da conversa com os oito informantes de Foz do Iguaçu, cinco deles, informantes FI/1, FI/3, FI/6, FI/7 e FI/8 disseram ter aprendido o português com a família, e os demais aprenderam outra língua, como é o caso da informante FI/2 que aprendeu polonês e da informante FI/4 que aprendeu espanhol. O informante FI/7 aprendeu português e declarou ter aprendido a “língua mineira” que é entendida como uma variedade de uso do português, no qual destaca a pronúncia do /R/ em coda silábica realizado como retroflexo, como se documenta na sua fala a seguir transcrita:

FI/7 – Eu aprendi língua mineira, que é brasileiro do interior de Minas, **po/R/ta**, etc., em português familiar, depois o português acadêmico. Mas é a mesma, são variantes, aí por conseguinte...

Já o informante FI/5 menciona sua infância e recorda que ouvia os pais falar italiano e, portanto, sabe algumas palavras soltas. O fato, porém, de falar apenas algumas palavras soltas não indica que o informante seja bilíngue. Apesar de fazer essa referência ao italiano, ele é um falante monolíngue que apresenta um pouco do conhecimento lexical do italiano.

Ao tratar dos informantes de Ciudad del Este, verifica-se que apenas quatro informantes CL/3, CL/4, CL/5 e CL/8 aprenderam guarani em casa. Duas informantes CL/2 e CL/6 aprenderam espanhol e dois informantes CL/7 e CL/1 aprenderam o guarani e o espanhol com a família. O informante CL/1 discorre sobre a influência da televisão no seu aprendizado do português:

CL/1 – [...] na família eu aprendi o guarani, espanhol e português também pelo meio da tevê.

Nessa afirmação, é notório que a televisão, além de ser veículo formador de opinião, de entretenimento, de difusão cultural, entre outras características, também é um instrumento de disseminação linguística. E o fato de aprender português por meio das emissoras de televisão do Brasil tem sido recorrente na fala dos informantes das duas cidades dos países vizinhos, conforme os demais depoimentos.

Quanto aos informantes de Puerto Iguazú, segundo as respostas dadas, todos falam espanhol, que é considerada a língua oficial do país, porém alguns informantes se dizem falantes do português e do guarani. Dois informantes PI/7 e PI/8 afirmam que aprenderam apenas espanhol. O informante PI/1 é falante de espanhol e português, e aprendeu português com a família. O informante PI/3 aprendeu castelhano. A informante PI/4 aprendeu castelhano e fala um pouco de português, que, de acordo com ela, foi aprendido na família. Os informantes PI/5 e PI/6 aprenderam guarani e português e a informante PI/2 além do espanhol, referiu-se ao português e ao inglês como as línguas aprendidas. As respostas dos oito informantes acabam por surpreender, uma vez que, tratando-se de uma cidade situada na Argentina cuja língua oficial é o espanhol, cinco deles afirmam falar português. Sabe-se que há um número significativo de brasileiros que residem na comunidade e que desempenham suas funções profissionais e comerciais na localidade. Os informantes acreditam que falam português, porém apresentam forte influência do espanhol, mesclam muito uma língua e outra, o que demonstra, na verdade, que o português foi aprendido informalmente, na família, com os turistas e que, em nenhum momento, essa aprendizagem se deu de maneira formal, passou por uma instituição escolar. Para demonstrar que não há barreiras relacionadas à receptividade e acolhimento aos brasileiros, fazem referência, como língua do seu domínio, primeiro ao português e depois mencionam o espanhol.

Em síntese, as línguas aprendidas na família das três comunidades de fala destacam-se no Quadro 11.

Quadro 11 – Língua aprendida na família⁵⁰

Línguas	Cidades			Total
	Foz do Iguaçu	Ciudad del Este	Puerto Iguazú	
Português	06	—	—	06
Espanhol	—	02	02	04
Guarani	—	02	—	02
Castelhano	—	—	01	01
Polonês	01	—	—	01
Português e Espanhol	01	—	01	02
Português e Guarani	—	—	02	02
Português e Castelhano	—	—	01	01
Espanhol e Guarani	—	02	—	02
Guarani e Castelhano	—	02	—	02
Português, Espanhol e Inglês	—	—	01	01
Total	08	08	08	24

As perguntas, 2 e 3, são analisadas conjuntamente, tendo em vista que uma complementa a outra:

Pergunta 2. *Em que língua você o (a) senhor (a) mais fala? Por quê?*

Pergunta 3. *Em que língua você o (a) senhor (a) lê e escreve?*

As respostas a essas perguntas podem confirmar ou não o que foi dito anteriormente pelos informantes. Dessa forma, pretende-se saber quais são as atitudes linguísticas do informante com relação às línguas que ele domina.

Em Foz do Iguaçu, 75% dos informantes, isto é, seis informantes FI/1, FI/3, FI/4, FI/6, FI/7 e FI/8 afirmam falar em português. A informante FI/2, que representa 12,5%, afirma falar brasileiro, e pode-se inferir da resposta da informante que brasileiro é a língua falada por quem mora no Brasil, da mesma forma que portugueses falam português, franceses falam francês, italianos falam italiano, japoneses falam japonês e assim por diante. O informante FI/5, representando 12,5%, afirma falar espanhol a maior parte do tempo.

A Informante FI/4 sabe ler também em espanhol, porém se sente constrangida em falar, conforme se pode observar da sua afirmação:

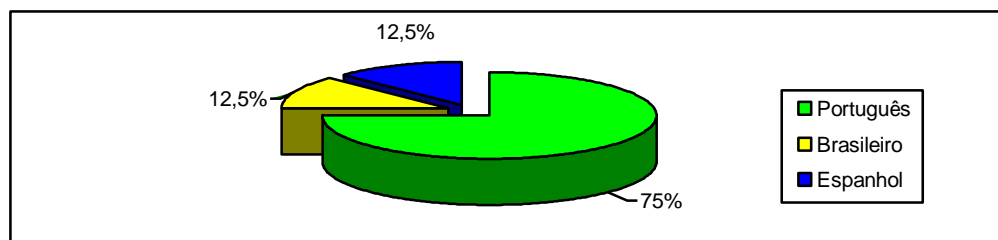
⁵⁰ Registram-se no quadro as expressões **espanhol** e **castelhano** como usadas pelos informantes durante a entrevista.

FI/4 – Falar eu não consigo muito não, mas lê eu leio em espanhol, mais falar assim eu tenho vergonha. [...] Português.

A vergonha de falar, da informante, está fundamentada em estereótipos intergrupais, isto é, ela poderia ser vista como falante do portunhol, visto como uma língua falada pelos moradores da fronteira, menos escolarizados e trabalhadores do comércio informal.

O Gráfico 1 demonstra, de forma sucinta, as línguas que os informantes dizem falar em Foz do Iguaçu, e os dados revelam a resistência dos brasileiros em falar outras línguas além de mostrar que o número de falantes de espanhol tem se apresentado bastante reduzido.

Gráfico 1 – Línguas que os informantes dizem falar em Foz do Iguaçu



No que concerne às línguas que os informantes dizem que falam, leem e escrevem, além do português, pode-se observar, no Gráfico 2, que 62,5% dos informantes de Foz do Iguaçu, sendo eles FI/1, FI/2, FI/3, FI/4 e FI/8 falam, leem e escrevem apenas em português. De certa forma, esses dados mostram a resistência dos iguaçuenses em aprender outros idiomas. O informante FI/5, que representa 12,5%, fala, lê e escreve português, inglês e espanhol com certa dificuldade e a informante FI/6, que representa 12,5% afirma falar, ler e escrever, além do português um pouco de inglês. O informante FI/5, apesar de estudar inglês e espanhol, informa que escreve mal, como indicam as seguintes passagens a eles referentes:

FI/5 – Eu falo mais espanhol. [...] Porque eu trabalho aqui e por uma movimentação muito grande de argentino. [...] apesar de eu estar estudando eu escrevo muito mal, né? [...] Inglês, espanhol e português.

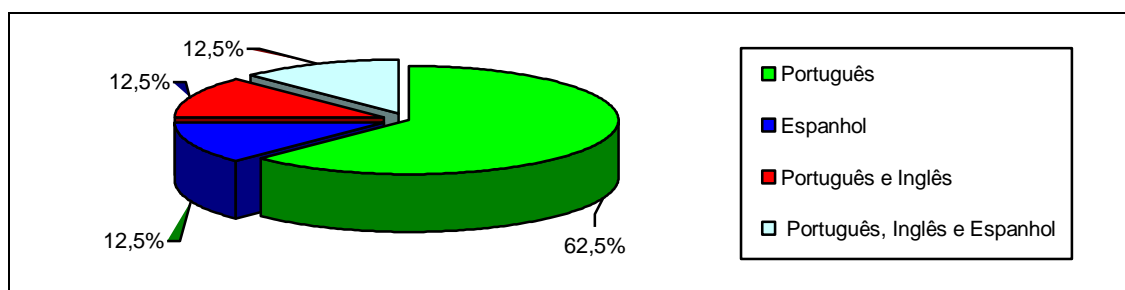
FI/6 – Português. [...] Porque eu sei, foi o que eu aprendi. [...] Português e um pouco de inglês.

O informante FI/7, que representa 12,5%, afirma falar, ler e escrever em espanhol e que chegou a dar aulas em Ciudad del Este, Paraguai:

FI/7 – Por morar na fronteira, aprendi espanhol, daí, aprendi a ler e escrever em espanhol, depois de formado, fui dar aulas no Paraguai. Então eu falo espanhol também.

O Gráfico 2 apresenta as línguas que os informantes dizem que falam, leem e escrevem, além do português, pois, como se pode observar, são poucos os entrevistados que são letrados em outras línguas.

Gráfico 2 – Línguas que os informantes dizem que falam, leem e escrevem em Foz do Iguçu



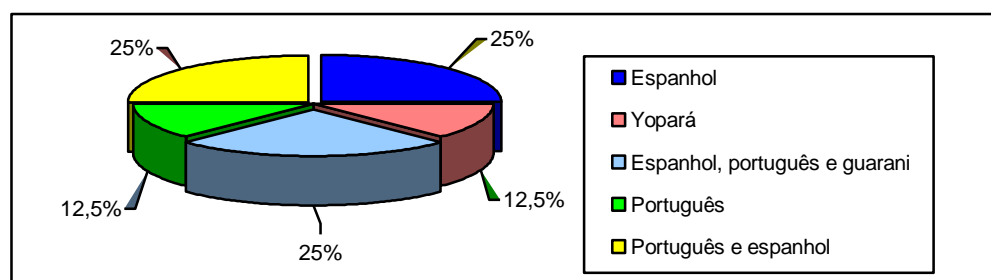
Ao analisar as respostas dos informantes de Ciudad del Este, observa-se que, apesar de mesclarem as línguas, todos os informantes falam português, afinal era um dos critérios para ser inquirido. Assim, apresentam-se dados em que o (a) informante aponta a(s) língua(s) que ele(a) mais fala. Dois informantes CL/1 e CL/5, indicando 25%, falam espanhol, português e guarani; outros dois informantes CL/2 e CL/8, representando 25%, falam espanhol; o informante CL/3, que corresponde a 12,5%, disse que fala yopará; a informante CL/4, representando 12,5%, informou que fala português; e os informantes CL/6 e CL/7, que juntos representam 25%, afirmam falar português e espanhol.

Constata-se que o número elevado de línguas faladas em Ciudad del Este comprova que se trata de uma comunidade com nítidas evidências de bilinguismo e, em muitos casos, apresentando situações em que três línguas são utilizadas nas interações sociais, conforme visto anteriormente. As interações ocorrem normalmente entre pessoas ligadas ao comércio formal e informal e os clientes, que na maioria das vezes são brasileiros, falam português, ou portunhol, logo a maioria das pessoas que estão nesse meio também falam português. Para demonstrar essa situação, destaca-se a resposta do informante CL/5, que traz algumas considerações a respeito do contexto linguístico em que se encontra:

CL/5 – No meu trabalho eu ouço mais o português, porque noventa por cento dos meus clientes ou as pessoas que frequentam o lugar onde trabalho são brasileiros [...]. Eu falo mais em português. E em minha casa, com minha mãe e meu pai assim, misturado, eu falo guarani, espanhol, mais guarani do que espanhol, e com os amigos mais espanhol.

O Gráfico 3 ilustra o número significativo de falantes do português em Ciudad del Este, dados estes que apontam para uma terceira língua, o português, pois está sempre presente, se forem somados os dados em que o português está presente com outras línguas, isto é, 62,5% dos falantes.

Gráfico 3 – Línguas que os informantes dizem falar em Ciudad del Este



No que se refere às línguas que os informantes de Ciudad del Este dizem que falam, leem e escrevem, observa-se que 75%, isto é, seis informantes CL/1, CL/2, CL/4, CL/6, CL/7 e CL/8 falam, leem e escrevem apenas em espanhol, de acordo com o excerto das respostas dos informantes a seguir apresentados:

CL/1 – Espanhol, porque o guarani é muito difícil pra... é como inglês também, né? Fala de uma forma, mais iscribe de outra forma, né?

CL/7 – Espanhol para ler e escrever, português para ler tudo bem, mas para escrever é mais difícil, eu não estudei, eu só aprendi assim.

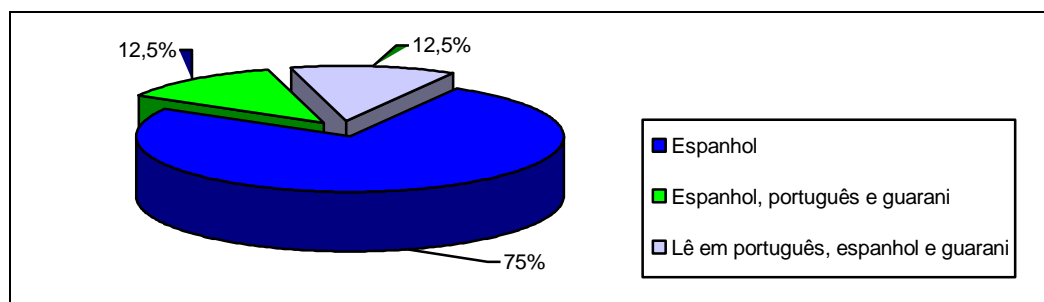
O informante CL/3, que representa 12,5%, lê em português, espanhol e guarani, já o informante CL/5, representando 12,5%, afirma falar, ler e escrever em espanhol, português e guarani, conforme recorte da entrevista a seguir:

CL/5 – [...] Eu leio e escrevo em espanhol perfeitamente, e guarani eu leio perfeitamente, escrever já é um pouco mais difícil, mas a gente escreve também. E em

português, de repente se for necessário eu escrevo também [...].

O Gráfico 4 apresenta o perfil linguístico dos informantes de Ciudad del Este, como se pode observar, com dados referentes às outras línguas além do espanhol. Embora essa seja uma informação dada por um informante, é um dado significativo, demonstra que a cidade está despontando para a terceira língua, o português, que há pouco tempo estava presente apenas no discurso oral informal e que começa a despontar com o ensino formal, em escolas, nos países do MERCOSUL. Por outro lado, as cidades da Tríplice Fronteira já podem ser consideradas bilíngues (Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú), e Ciudad del Este que é historicamente bilíngue por falar espanhol e guarani e depois do acordo do MERCOSUL, com o ensino do português, passa a ser trilingue.

Gráfico 4 – Línguas que os informantes dizem que falam, leem e escrevem em Ciudad del Este



Quanto aos informantes de Puerto Iguazú, constata-se que 25% afirmam falar espanhol, como é o caso dos informantes PI/1 e PI/8, outros 25% são representados pelas informantes PI/2 e PI/6, que se dizem falantes do português e espanhol de acordo com o recorte da fala com a informante PI/6:

PI/6 – Português. [...] Eu acho que pela triplé frontera que a gente está, tem muitas pessoas do Brasil, então, aí, a gente pode praticá mais o idioma.

Os informantes PI/3, PI/4 e PI/5, somando 37,5%, afirmam falar castelhano, enquanto que 12,5%, representado pelo informante PI/7 falante de portunhol. Os informantes PI/3 e PI/7 apresentam considerações a respeito de suas escolhas:

PI/3 – É, por la situación del trabalho e... Durante el día uno siempre fala más castelhano, pero también cuando tem que falar com brasileiro o turista, aí falamos português, portunhol, que és uma mescla de, de idiomas.

PI/7 – Aqui na região eu falo portunhol. [...] Porque eu acho que é a língua que representa mais de trezentos milhões de habitantes.

A informante PI/8, falante de espanhol, demonstra ter consciência de falar portunhol com os brasileiros e justifica sua dificuldade em falar português, conforme se pode observar no excerto a seguir:

PI/8 – Porque a língua principal é o espanhol, mi trabajo, às vezes tengo que ver-me com personas que hablan portunhol, e trato de hablar um portunhol habitual. [...] a cá viene de noite muitos brasileiros, então eu trato de que ellos fiquem tranquilos, trato de falar-lhes em português, para que nos entendamos mejor, ou portunhol certo [....].

Nas respostas obtidas, podemos constatar que a atitude do informante perante a língua que ele domina é sempre positiva, porém nas interações sociais, todos procuram fazer uso da língua do interlocutor para se fazer entender, diversificando a sua fala, isto é, usam uma variante mais próxima do interlocutor. Percebe-se, também, que algumas línguas não consideradas pelo informante, na pergunta anterior, são apresentadas agora, como é o caso do português e o portunhol.

O Gráfico 5 apresenta os dados referentes aos falantes das diversas línguas em Puerto Iguazú. Pode-se perceber que o castelhano predomina sobre o espanhol, dado revelado nas respostas à segunda pergunta, pois na primeira pergunta era o espanhol quem se destacava. Uma consideração, porém, se faz necessária para esclarecer o uso das duas denominações, espanhol e castelhano. Durante os inquéritos, percebeu-se que alguns informantes não utilizam o espanhol e o castelhano como sinônimos, de acordo com as respostas obtidas. Em vista disso, consideram-se as duas denominações separadamente, espanhol e castelhano, tendo em vista que alguns informantes estabelecem diferença entre as duas denominações:

PI/4 – Castelhana... Porque vibo a cá e trabajo em la província com alunos, la escuela, entonce tem que se hablar si el espanhol.

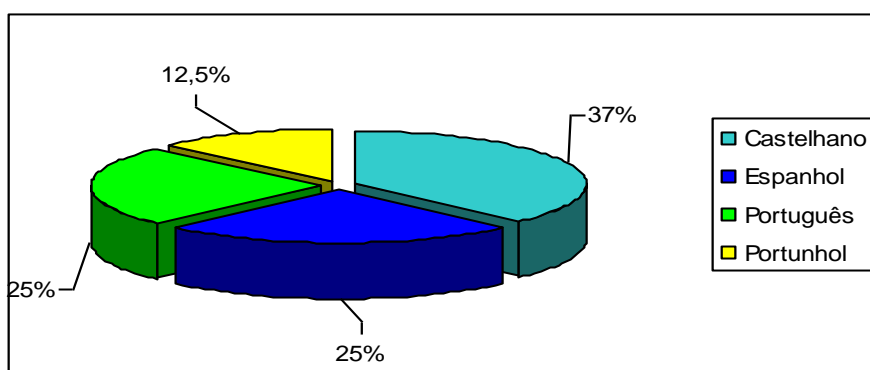
PI/7 – Leio muito em português, escrevo em portunhol, mas leio muito mais em espanhol, castelhano e escrevo em castelhano.

Embora alguns informantes façam distinção entre o espanhol e o castelhano, observa-se que se trata da mesma língua, portanto, castelhano e espanhol são sinônimos. Infere-se, assim, que essa distinção estabelecida por alguns informantes está ligada à origem do

espanhol, que abrange questões políticas, ideológicas e de colonização, assim a maioria dos informantes de Puerto Iguazú afirmam falar castelhano que é uma construção popular.

Os dados comprovam que a interação entre brasileiros e argentinos é menor do que a interação com os paraguaios, pois o comércio em Puerto Iguazú não tem a variedade de produtos importados presentes em Ciudad del Este.

Gráfico 5 – Línguas que os informantes dizem que falam em Puerto Iguazú



Considerando-se as línguas que os informantes dizem falar, ilustradas no Gráfico 5, no que se refere ao espanhol e ao castelhano, tendo em vista que os termos são sinônimos, tem-se na realidade que (espanhol 25% + castelhano 37,5%) 62,5% falam espanhol, 25% falam português e apenas 12,5% são falantes do portunhol.

Quanto aos informantes de Puerto Iguazú que dizem que falam, leem e escrevem, apenas em espanhol, representam 50%, isto é, quatro informantes, PI/1, PI/2, PI/4 e PI/8; outros 25% correspondem aos informantes PI/3 e PI/5, que falam, leem e escrevem apenas em castelhano. Já a informante PI/6, representando 12,5%, afirma falar, ler e escrever o castelhano argentino. Na verdade, todos os informantes falam, leem e escrevem em espanhol, porém eles têm a crença de que espanhol e castelhano são diferentes, fazem distinção entre as variedades faladas e estabelecem diferentes denominações, conforme se pode constatar na resposta do informante PI/7, que representa 12,5%, informa que fala, lê e escreve em castelhano e espanhol:

PI/7 – [...] Leio muito em português, escrevo em portunhol, mas leio muito mais em espanhol, castelhano e escrevo em castelhano.

Embora o informante PI/7 leia em português, ele não têm habilidade para escrever,

pois disse que escreve em portunhol, a variante mais utilizada na Tríplice Fronteira. O desprestígio, porém, que circunda o portunhol, faz com que poucos informantes se apresentem como falantes do portunhol. Por mais que os informantes de Ciudad del Este e Puerto Iguazú se autodenominassem falantes de português, a maioria deles, na verdade, fala portunhol, e as marcas do espanhol estavam bem presentes durante a aplicação e transcrição dos inquéritos realizados.

A informante PI/8 faz suas considerações a respeito da língua em que fala, lê e escreve:

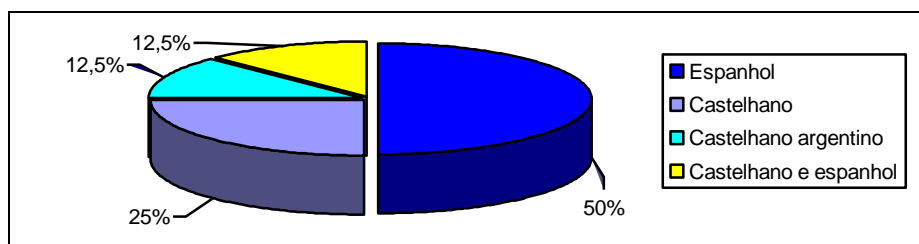
PI/8 – [...] mi padres são netamente argentinos, com raízes européias, italianos, franceses, pero já de segunda, terceira geração argentina, então totalmente um espanhol claro, claro, sem mistura, não mesclado, que é muy distinto, desse de muitas famílias a cá [...].

Dos dados que refletem a realidade dos falantes de Puerto Iguazú, que, embora digam falar português, percebe-se que falam portunhol, conforme observado durante a aplicação dos inquéritos, em que sempre se mostram bastante receptivos aos brasileiros, e a receptividade está na aceitação do português e no esforço para poder se comunicar nessa língua. De acordo com os informantes, não há interesse em aprender uma língua estrangeira,

O Gráfico 6 apresenta as línguas que os informantes dizem falar, observa-se que eles se dividem em castelhano e espanhol. Alguns estabelecem distinção entre as duas formas, porém o que se constatou, durante os inquéritos, é que eles usam os termos indiscriminadamente. Sabe-se, porém, que a distinção entre espanhol e castelhano está relacionada ao prestígio social. A língua que é mais prestigiada é a que tem história, pois a língua sempre é vista como forma de manifestar poder, conhecimento e discernimento social.

A partir destes dados, apresentados no Gráfico 6, pode-se dizer que, na verdade, 100% dos informantes falam espanhol, tendo em vista que espanhol, castelhano e castelhano argentino são a mesma língua

Gráfico 6 – Línguas que os informantes dizem que falam, leem e escrevem em Puerto Iguazú



Pode-se dizer, após análise desse primeiro grupo de respostas, que os brasileiros e argentinos têm atitudes positivas em relação à sua língua nacional e os dados revelam que eles não se mostram interessados em aprender outros idiomas. As atitudes consideradas negativas estão relacionadas à acomodação linguística dos falantes dessas comunidades. Por que acomodação linguística? Em nenhum momento observou-se o interesse da maioria dos informantes em formalizar o conhecimento de pelo menos mais um idioma, e nesse caso, a referência é quanto ao português para as comunidades de Ciudad del Este e Puerto Iguazú e ao espanhol para a comunidade de Foz do Iguazu, nada obstante um dos acordos do MERCOSUL prever o ensino dessas línguas para melhorar a interação entre os países, como se lê no acordo sobre ensino de português e espanhol no MERCOSUL (PDC-2072/2009). Conforme o Portal do MEC (2013, online)⁵¹, trata-se de um acordo que estabelece regras para o ensino de português e espanhol como línguas estrangeiras nos países do MERCOSUL (Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai), aprovado pela Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ), em março de 2010.

Segundo o acordo, cada país deverá credenciar uma rede de instituições para a capacitação de professores com cursos de duração mínima de 3 anos e 2.400 horas de estudo. O reconhecimento oficial do título garante que não haverá distinção entre professores de nacionalidades diferentes. Ou seja, não poderão ser exigidos de professores de outros países do MERCOSUL quaisquer requisitos para o exercício da docência que não sejam aqueles já exigidos para os seus cidadãos. O acordo também estabelece que o credenciamento para o ensino de português e espanhol como línguas estrangeiras não permite a docência de qualquer outra disciplina.

Essas atitudes linguísticas revelam ainda que a comunicação é estabelecida

⁵¹ Portal MEC, Brasília. Escola de Fronteira. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12586:escola-de-fronteira&catid=341:escola-de-fronteira&Itemid=835>. Acesso em: 10 de março de 2013.

informalmente, no cotidiano, porque os informantes afirmam que não precisam estudar para progredir profissionalmente, nos negócios e nas relações sociais, isto é, a interação em portunhol é fato na Tríplice Fronteira. O portunhol proporciona o alcance de alguns objetivos dos moradores locais, como o de comprar e vender e, quando necessário, fazem uso de um termo ou outro em inglês e assim a vida segue na fronteira.

Por outro lado, numa situação de bilinguismo, como a analisada, as atitudes linguísticas passam a ser entendidas como as reações do sujeito bilíngue diante da situação das línguas que conhece. As causas que levam um bilíngue a escolher entre uma língua ou outra para usar em determinadas situações são, por um lado, o conhecimento das duas línguas, suas atitudes em relação a elas, seu nível de identificação e seu desejo de utilizá-las. Por outro, os fatores sociais, as normas que regulam o uso de uma ou de outra língua em distintas situações públicas ou privadas. Portanto, as atitudes em relação à língua estão entre os principais fatores para esclarecer que línguas são aprendidas na família, e em que língua o informante mais fala, lê e escreve.

A atitude de um bilíngue ou trilíngue relacionada a duas ou mais línguas faladas na fronteira influenciará o seu comportamento nessa área de contato em que cada língua é usada, nas mais diversas situações. O falante pode se sentir constrangido devido a sua pronúncia, como é o caso de alguns informantes analisados que leem, compreendem, mas têm vergonha de falar.

Uma vez que a língua identifica o grupo, funciona tanto como instrumento de comunicação, quanto como símbolo de identidade de grupo. A língua é acompanhada de crenças e atitudes positivas e negativas, que pertencem aos usuários que não sabem usá-la e muitas vezes são silenciadas devido ao preconceito relacionado à sua língua materna. Isso sucede com o yopará, sobre o qual alguns informantes disseram que é a língua falada pelas pessoas menos escolarizadas e de pouco poder aquisitivo.

Na análise das línguas em contato, nota-se que existe preconceito linguístico e que está relacionado ao portunhol, ao yopará e ao guaraportunhol. Conforme se depreende das respostas de alguns informantes, que conhecem a variante dialetal, sabem do seu uso, identificam as pessoas que utilizam essa variante, porém afirmam não utilizar tal variante, com o intuito de se colocar num patamar superior aos demais.

6.1.2 Grupo 2 – Crenças e atitudes relativas à identificação de uma pessoa pelo seu jeito de falar

Ao observar a maneira de um indivíduo falar, pode-se identificar seu país ou região de origem. Os informantes que reconhecem a origem dos falantes pontuam alguns elementos como forma de identificação: a maioria dos informantes sinaliza o sotaque como um ponto marcador da origem; outros destacam o léxico; alguns acreditam que o falante pode ser identificado pelo tom da voz, por expressões próprias utilizadas pela região de origem. Assim, uma variante utilizada por membros da comunidade que possuem prestígio social, adquire também esse prestígio, isto é, a valorização de uma variante por ela ser utilizada por um grupo dominante, e passa a ser reconhecida como variante padrão ou de prestígio. Por outro lado, uma variante falada por classes menos escolarizadas, passa a ser vista de maneira negativa e transforma-se numa variante tida como não-padrão, na área, ou estigmatizada, pelo fato de ser utilizada por um grupo dominado.

O conjunto que se passa a analisar constitui-se de quatro perguntas, assim distribuídas:

4. *Pode-se reconhecer a origem de uma pessoa pelo seu jeito de falar? Cite exemplos.*

5. *Qual a língua mais utilizada na fronteira? Por quê? Em que ocasiões essa língua é mais utilizada?*

6. *Em que ocasiões as pessoas brasileiras/ argentinas/ paraguaias falam espanhol/ castelhano/ yopará/ guarani/ português/ árabe etc.? Por quê?*

7. *Quais as dificuldades linguísticas que você o(a) senhor (a) encontra no uso da língua falada na fronteira? Por quê?*

A análise parte da abordagem de cada uma das perguntas, em separado, e, ao final, apresenta-se uma reflexão geral sobre as crenças e atitudes desse conjunto de respostas.

Pergunta 4. *Pode-se reconhecer a origem de uma pessoa pelo seu jeito de falar? Cite exemplos.*

Com esta pergunta, busca-se identificar o grau de percepção que tem o falante da diversidade de usos na sua própria língua e do comportamento que têm falantes de outras línguas maternas quando utilizam a língua portuguesa.

Dos oito informantes inquiridos de cada localidade, isto é, vinte quatro informantes no total, apenas dois deles — um de Ciudad del Este e outro de Puerto Iguazú — demonstraram em suas respostas que não percebem a origem de uma pessoa pelo seu jeito de falar. Pode-se

dizer que todos os informantes de Foz do Iguaçu reconhecem a procedência da pessoa pelo seu modo de falar, conforme documentado no *corpus*:

FI/1 – É... Isso aqui dentro do nosso estado, nosso país mais ou menos. Eu acho que pode sim. Eu, eu converso com bastante carioca eles têm um jeito de falá, pessoas que veio lá do Nordeste, tem um cearense que trabalha aí [...], já sabe da onde mais ou menos qual é a região deles, mais ou menos assim dá pra distingui.

FI/4 – Pode. [...] O paraguaio tem uma forma de falar. O argentino tem outra, alemão, italiano e aqui no Brasil, aqui no Brasil eu defino bem também. Quem é mineiro, mato-grossense, carioca [...].

FI/5 – [...] Não, não acho que não tem. [...] Pois é, talvez um pouco mais arrastado do mineiro [...]

O informante FI/7 traz alguns exemplos de variação lexical como forma de identificação da localidade de origem, conforme o depoimento:

FI/7 – Sim, pode. [...] se você vier pra mim e falá assim, vai comer macaxera, eu já sei que você é lá do Ceará, da Bahia, aipim, se vier falá vou comê aipim, se vier assim, ai que saudade de uma cuca, eu sei é uma pessoa do interior do Paraná, que veio do Rio Grande, ou é do Rio Grande, dá pra sabê tranquilamente [...].

Os informantes FI/2, FI/3, FI/6 e FI/8 referem-se ao sotaque e algumas interjeições, como forma de identificar a origem, procedência desses falantes, de acordo com os trechos extraídos das entrevistas:

FI/2 – Pelo sotaque, pelo jeito da pessoa se expressá.

FI/3 – Pelo sotaque sim, [...] Qualquer estrangeiro mesmo falando portugueis tem um sotaque, né? Por exemplo, [...] um americano há vários anos no Brasil ele assim, tem um sotaque diferente.

FI/6 – Quase sempre, tem regionalismo,[...] por exemplo, nordestino, o pessoal de São Paulo tem o sotaque puxado.

FI/8 – É provável, geralmente as pessoas trazem o sotaque, né? A maneira, né? Que ela fala, é as particularidades que seriam os dialetos, que elas falam, isso identifica. Uai, é de minera, é deixa o vê, tchê, por exemplo, quando fala assim é de gaúcho [...].

No que tange à Ciudad del Este, todos os informantes identificam a origem da pessoa pelo seu jeito de falar e também apontam o sotaque (que chamam de tom, tonada, tono) como

fator que identifica a procedência das pessoas, como é o caso dos informantes CL/1, CL/2, CL/4, CL/5 e CL/7, conforme se expressaram nas entrevistas:

CL/1 – [...] Sim, né? Por exemplo, o Via Riquenho, ele tem um tono de aquele tipo mexicano, de onde você veeiim, é aquele tono, né? Depoi tem aquele que são de Assunção.

CL/2 – Sim. É o tom quando ele é de outro país vem falá aqui em espanhol é totalmente diferente, no és o mesmo. É a mesma coisa eu falo português mais com um tom diferente, então posso reconhecê.

CL/4 – Si, quando um argentino fala português eu percebo pelo sotaque.

CL/5 – Eu acho que sim, não é? Pela cultura, pelo tono de voz, essas coisa, por exemplo, os paulistas por exemplo que quando falam, dá pra vê de longe que são paulista, porque eles já começam gritando, falando alto, falando rápido, eu acho isso, por exemplo.

CL/7 – Si, todo estrangeiro em mi país fala diferente, segundo a tonada de cada um dele a gente pode distingui de onde ele vem, e o brasileiro pra mim é coisa simples, o carioca fala diferente o paulista, o baiano.

Verifica-se na resposta do informante CL/5, questões relacionadas à influência das línguas em contato, neste caso o português coloquial falado pelos brasileiros.

A questão relativa à crença de que todo paulista fala gritando, alto e rápido, julgamentos a respeito das pessoas de acordo com suas características linguísticas, é uma forma de criar estereótipos, considerados como a base cognitiva do preconceito. O estereótipo tem sua origem na crença sobre as características pessoais que se atribui aos indivíduos. É possível identificar tais estereótipos através da língua, já que, em geral, aparecem concretizados na atitude linguística dos falantes. Nota-se, na resposta do informante CL/5, que a atitude de rejeição está vinculada à forma de falar de alguns paulistas e que é percebida pela atitude negativa que teve, diante de tal sotaque. Essa constatação decorre do fato de o informante conhecer uma fração dos paulistas, descendentes de italianos que, na maioria das vezes, fala alto e, ao mesmo tempo, tal atitude linguística do italiano é para ser ouvido, e é ouvido quem fala mais alto.

Os informantes CL/3 e CL/6 respondem que identificam a origem do falante pela forma de se expressar:

CL/3 – Mais ou menos, mais ou menos às vezes vem uno é americano e é francês mais

ou menos sei como ele fala de donde que país é [...]

CL/6 – Pode. Algumas pessoas brasileiras vêm falar castelhano e a gente sabe como é, elas se expressam diferente, a forma de falar.

A informante CL/8 não apresenta clareza ao responder, parecendo não ter entendido a pergunta, como se pode inferir de sua resposta:

CL/8 – Sim. É português em Brasil, inglês em lo ambiente de grupo.

Quando se observa a realidade linguístico-cultural da Tríplice Fronteira, pensa-se nas condições geográficas e sociais de um lugar que tem a diferença como marco importante. Ali convivem grupos de nacionalidades diversas, pessoas que possuem em seu repertório linguístico mais de um idioma.

Ao tratar das respostas dos oito informantes de Puerto Iguazú, constata-se que os informantes PI/2, PI/6, PI/7 e PI/8 referem-se ao sotaque como forma de identificar a origem da pessoa, como se vê documentado nos seguintes trechos:

PI/2 – Pode. Muito, pelo tonado como um inglês que falando espanhol se dá conta, como o português também é muita diferença.

PI/6 – Sim, não de que lugares, mas dá pra perceber quando são brasileiro do corazón, do Paraguai dá pra percebê pela forma já de entrá, de falá, né? [...] tem os sutaques diferentes correntinos.

PI/7 – Ah sem dúvida, sem dúvida, por exemplo, se eu escuto falar dez pessoa latino-américa, latinoamérica espanhol, castelhano, eu sei quem é argentino, quem é boliviano, quem é peruano, quem é mexicano, porque cada um é, embora tenha um sotaque diferente [...].

PI/8 – Si, mas, o sea, el europeu quizá se puede mesclar entre un alemán e um holandês por exemplo, italiano se da cuenta, um francês también, por la entonación, espanhol indubitavelmente también, despos los demais países já nó, porque son mui cerrados, un viejo, un croata, un belga, un austríaco, aí já não, ma digo los europeus, lo digo certo, pero já lo no puedo identificar bien[...]

Conforme indicado nos próximos excertos, os informantes PI/1, PI/3 e PI/4 afirmam que podem identificar a procedência do indivíduo pelo jeito de falar:

PI/1 – Sim, pelo idioma, pelo idioma, porque se você está me falando português eu sei

que é brasileira, ou é de Portugal, não tem muitos países que falam portuguêses [...].

PI/3 – É, estando aqui na frontera e como nós conocemo a todos los turista é ma fácil reconocer a los extranjeros e saber língua ellos están praticando.

PI/4 – Pode. Muitas veces me preguntaban cê é brasileira? (Risos) Meus pais são brasileiro.

O informante PI/5, apesar de não afirmar que reconhece a origem da pessoa pelo seu jeito de falar, usa o gentílico informando a procedência da mãe

PI/5 – [...] minha mãe. Ela é paraguaia.

De certa forma fica implícito que ele reconhece a origem de uma pessoa pelo seu jeito de falar. Percebe-se, também, que os indivíduos que pertencem a um grupo social com menos poder aquisitivo parecem aceitar o estereótipo como são avaliados pelos grupos dominantes, e esse tipo de preconceito linguístico/estilístico acaba por refletir na educação, nas relações sociais e nos projetos de carreira profissional.

A diversidade linguística, presente neste cenário, mostra que a fronteira linguística é estabelecida a partir do momento em que o falante de determinado idioma o utiliza para que seu interlocutor não o compreenda, fato esse, muito comum na fronteira, principalmente no comércio de Ciudad del Este, na interação entre chefes e seus subordinados coreanos, árabes, falantes do guarani e de outras línguas com exceção do espanhol. Nesse caso, constata-se claramente a fronteira linguística estabelecida por esses falantes.

A origem da pessoa é reconhecida pelo seu jeito de falar nas três cidades e revela que a forma com que o idioma é utilizado pelos falantes das diversas línguas inclui ou exclui o receptor. A partir do momento, que o emissor altera o código linguístico numa interação com mais de três interlocutores e um deles deixa de entender a mensagem, a exclusão é estabelecida. As diferenças entre os três países afloram nos sentimentos e valores que os informantes deixam transparecer sobre o português e o espanhol.

Confirma-se a ideia de que os informantes reconhecem a origem de uma pessoa pelo seu jeito de falar, e que, possuem consciência de que há três nacionalidades distintas na região: brasileiros, paraguaios e argentinos. São bilíngues em algum nível, demonstram essa noção e reconhecem que cada idioma é um símbolo, respectivamente, do Brasil, do Paraguai e da Argentina.

O Quadro 12 traz um resumo das respostas dos vinte e quatro informantes das três comunidades e mostra que todos afirmam reconhecer a origem de uma pessoa pelo seu jeito de falar ou pelo sotaque.

Quadro 12 – Pode-se reconhecer a origem de uma pessoa pelo seu jeito de falar.

Cidades	Foz do Iguaçu	Ciudad del Este	Puerto Iguazú	Total
Formas de Identificação				
Sotaque	04	05	04	13
Maneira de Falar	04	03	04	11
Total	08	08	08	24

Pergunta 5. Qual a língua mais utilizada na fronteira? Por quê? Em que ocasiões essa língua é mais utilizada?

O objetivo é saber, entre os diferentes idiomas utilizados na fronteira, pelas diversas etnias ali presentes, que língua é mais utilizada, tanto por brasileiros, quanto por argentinos e paraguaios. Apesar da convivência entre essas etnias, pode-se verificar, nas respostas dos informantes de Foz do Iguaçu, a referência feita ao idioma falado em cada uma das três localidades, ou seja, português e espanhol, ou portunhol. Os informantes FI/1, FI/4, FI/5 e FI/8 acreditam que a língua mais utilizada na fronteira seja o espanhol, seguida pelo portunhol e o português. Conforme excertos destacados:

FI/1 – Eu acredito que o espanhol. [...] Porque a gente já faz frontera aqui com dois países [...].

FI/4 – Ah! O espanhol [...] por causa dos dois países.

FI/5 – Eu acho que é o espanhol [...].

FI/8 – [...] Eu acho que é o castelhano, espanhol, porque o brasileiro fala... porque trabalha no Paraguai, o argentino também utiliza, é mais próximo esse do que o português, né?[...].

Os informantes FI/3 e FI/6 citam o portunhol como a língua mais utilizada na fronteira, e a forma de eles se referirem ao portunhol demonstra o jeito descontraído do brasileiro, pois o brasileiro é conhecido por sempre encontrar uma saída para enfrentar as dificuldades. Ao se deparar com obstáculos para falar espanhol, surge essa mescla linguística,

conhecida por portunhol, para auxiliar na comunicação entre os habitantes da fronteira. Esse fato ocorre também com os falantes de Puerto Iguazú e de Ciudad del Este:

FI/3 – Acho que mais... portunhol, né? (risos) mistura de português com espanhol, a pessoa se vira bem com o portunhol, [...] qualquer lugar que você vai aqui, tanto no trabalho como na fronteira aqui, portunhol é bem falado.

FI/6 – Portunhol (risos) [...] é uma forma das pessoas interagirem, né? Misturam o espanhol lá do Paraguai com o nosso português, e uns se sentem à vontade de tentá falá um pouco o que o outro fala.

A informante FI/2 não faz referência nem ao português nem ao espanhol, mas sim à brasileira, como a língua falada na fronteira, devido ao número expressivo de brasileiros que moram na fronteira:

FI/2 – Eu acho que é a brasileira, [...] Porque tem bastante brasileiro, mais convivência.

O informante FI/7 parece não ter muita certeza quanto à língua mais falada na fronteira e faz referência ao portunhol de uma forma pejorativa, mas finda por optar pela indicação do português:

FI/7 – Bom, é o português porque a maioria das pessoas que estão ali são brasileiros, no entanto, tem muito de portunhol. [...] No comércio, na região da fronteira muito próxima ao Paraguai e Argentina, **portunhol, que é um português mal falado pelos argentinos e paraguaios, e que é um espanhol muito mal falado pelo brasileiro** aqui na fronteira. Mas eu penso que ainda é a língua portuguesa mesmo, Foz do Iguazu é ainda maior concentração de gente ali na fronteira.

A crença que o informante FI/7 tem a respeito do portunhol, de acordo com sua definição, em destaque no trecho transcrito, demonstra uma atitude carregada de preconceito, de certo modo já cristalizado. Essa mentalidade acaba por fazer parte do modo de ser, de estar e pensar do informante e se manifesta por meio de sua linguagem e de suas atitudes.

Os informantes de Ciudad del Este, CL/1, CL/3, CL/4 e CL/6, referem-se ao português como a língua mais falada na fronteira e os demais informantes afirmam ser o espanhol ou portunhol a língua mais utilizada na região:

CL/1 – Aqui na verdade é o português mesmo, [...] porque tem mais freguês brasileiro que, que do argentino, né?

CL/3 – É o português. [...] E a cá a frontera, maioria, são tão brasileiro só português mais.

CL/4 – Português. [...] Porque lo comércio, português.

CL/6 – Português.[...] Pelas lojas e pelos turistas.

O Informante CL/7 afirma que a língua mais falada na fronteira é o português, porém ao concluir sua resposta, acaba por citar o português e o espanhol, conforme excerto:

CL/7 – O português. [...] Porque hay na relación, digamo assi, mucha gente brasileira, falando português, então a gente tem que procurá entendê, se não fica calado, né? Sem falá, sem nada, eu acho que, o que a gente mais fala é português e espanhol.

Os informantes CL/2, CL/5 e CL/8 apontam as duas línguas (português e espanhol) como as línguas mais utilizadas na fronteira devido ao comércio entre o Brasil e o Paraguai, principalmente em Ciudad del Este:

CL/2 – Aqui na frontera, o espanhol e o português. [...] Por causa do comércio e tem muito turista, eles mais são brasileiros.

CL/5 – Na fronteira? Espanhol e português. [...] Porque é um convívio constante, né? [...] No trabalho, Ciudad del Este é uma cidade comercial, onde os fregueses, os cliente são brasileiro, argentino, então constantemente estamos falando em português e espanhol.

CL/8 – El português, el espanhol é el português. [...] Porque tamos en la frontera case juntos muy unidos ai a um passo.

Observa-se que em Ciudad del Este existe a combinação do esforço e do desejo de aprender português, motivado pelo contato linguístico com os brasileiros que, por si só, é otimizada por atitudes favoráveis com relação à língua falada nesse espaço fronteiriço. Tal motivação provoca no indivíduo o interesse em adotar vários aspectos comportamentais que os caracterizem como integrantes de outro grupo linguístico e cultural com que interagem. Nesse sentido, falar a língua do outro é tornar-se um pouco o outro, sem romper com sua própria língua, isto é, o falante não nega sua língua de origem, mas procura falar a língua do outro para se integrar ao outro, com interesse particular de se comunicar com a comunidade de fala da referida língua (português e espanhol), quer seja por motivos comerciais, turísticos ou apenas de interação social.

Em Puerto Iguazú, os informantes PI/2, PI/3, PI/5, PI/6 e PI/8 dizem ser o português o idioma mais falado na fronteira, seguido pelo espanhol, portunhol e castelhano:

PI/2 – Português.[...] Porque tem muito brasileiro [...].

PI/3 – Português. [...] Porque na zona donde más brasileiro hay como turista, como hay aquí en Puerto Iguazú hay mucho brasileiro que mora, que viene a trabalhá en las lojas para atender a los turistas brasileiros e se uno vá a Foz todo brasileiro, se vá a Paraguai todo falam português.

PI/5 – A mais utilizada é o português. [...] Porque tem muita gente que vem aqui consumir o produto argentino[...].

PI/6 – Eu acho que o português mesmo. [...] Trabajamos mais com as pessoas do Brasil[...].

PI/8 – [...] é português. [...] E porque, nosotros com mas que dos países vizinhos somos una sola región. [...] mucha actividad comercial, mucho intercambio comercial, especialmente em mucho intercambio turístico[...].

O informante PI/1 faz referência ao portunhol, mas afirma que o espanhol é o mais falado. A informante PI/4 destaca o castelhano e o informante PI/7 fala do viveiro linguístico, das várias etnias, não aponta nenhuma língua como a mais falada na fronteira e descreve a fronteira como um lugar de manifestação de todas as línguas devido ao grande fluxo de turistas no local:

PI/1 – [...] é portunhol que eles chamam, seria uma mezcla de português com espanhol, mas o que mais se fala é o espanhol. [...] Porque é o que mas tem, tem Paraguai que é espanhol e Argentina é espanhol, Brasil é único que tem português [...].

PI/4 – [...] se usam quase todo dia guarani, português e espanhol se usa mucho. E obrigadamente castelhano obrigadamente. [...] La escuela é, no se permite porque se tem que hablar castelhano.

PI/7 – Aqui na fronteira nós temos, eu chamo isso de viveiro. [...] Um vivero, ou talvez uma panela muito grande que tem ingredientes culturais tão diferentes e permanentemente ele está fervendo, e nesse, nesse, nessa cocina, dessa panela, tem língua diferente, espaço cultural múltiplo e diferente a vez, que faz que isso seja um grande valor agregado da região [...].

Observa-se que há a crença de que sempre se fala a língua do estrangeiro, isto é, a maioria dos argentinos e paraguaios afirma que fala português nas interações com os

brasileiros e os brasileiros acreditam falar o espanhol. Percebe-se que, embora os falantes afirmem falar português, quando inquiridos, é forte a influência da língua materna (espanhol), ou a mudança de código linguístico em suas falas. Quanto aos brasileiros, não se pode fazer a mesma observação, pois os inquiridos foram feitos em português.

O Quadro 13 resume a realidade observada nas três comunidades.

Quadro 13 – Línguas mais faladas na Tríplice Fronteira⁵²

Línguas	Cidades			Total
	Foz do Iguaçu	Ciudad del Este	Puerto Iguazú	
Português	01	04	05	10
Brasileiro	01	—	—	01
Castelhano	—	—	01	01
Espanhol	04	—	01	05
Portunhol	02	—	—	02
Português e espanhol	—	03	—	03
Português, espanhol e portunhol	—	01	—	01
Todas as línguas	—	—	01	01
Total	08	08	08	24

De acordo com estudos feitos com base em pesquisas realizadas na fronteira (BARRIOS, 1996; ELIZAINCÍN, 1992; RABOSI, 2004; RONA, 1963), é comum que em muitas comunidades ocorram conflitos entre grupos linguísticos diferentes, com o objetivo de estabelecer qual variedade de fala que mais se sobressai, ou qual a que deve ser mais utilizada nas relações de fronteira, porém não ficou evidente nas três comunidades pesquisadas. Constata-se, nas declarações dos informantes e nos momentos de interação, nos contatos realizados na fronteira, pela busca dos informantes que se enquadrassem nos critérios apontados na metodologia, que a Tríplice Fronteira se sente orgulhosa de ser o que é, isto é, um caldeirão linguístico. Dessa forma, a avaliação da própria língua pelos usuários se torna importante, pois aponta para as crenças que os informantes têm a respeito de si mesmos. A

⁵² Registra-se no quadro a denominação **brasileiro** usada pela informante durante a entrevista para se referir ao português, mas como ela mora no Brasil, em sua concepção, fala brasileiro. Conforme transcrição da entrevista na página 123.

maioria dos falantes, com raras exceções, apontou o português seguido do espanhol como a língua mais falada na fronteira, porque avaliam positivamente a comunidade de fala à qual pertencem, isto é, 50% dos informantes de Foz do Iguaçu afirmam ser o espanhol, enquanto 50% dos informantes de Ciudad del Este e 62,5% dos informantes de Puerto Iguazú afirmam ser o português.

Embora a fronteira seja vista como local de conflito, devido à violência, tráfico, contrabando, entre outros fatores negativos, o que se pode destacar é que, atualmente, esse estigma não é só característico da fronteira, mas de grandes centros urbanos nacionais e internacionais em que produtos importados se façam presentes ou não.

A variante dialetal falada na fronteira pode ser definida não como uma modalidade que reflete influência do espanhol sobre o português, mas uma variedade linguística que mostra a influência do português sobre o espanhol que resulta numa forma de falar conhecida por portunhol, assumida por poucos informantes.

Apesar de todos os informantes se considerarem falantes do português, percebe-se a frequente alternância do código linguístico (português/espanhol). Essa ocorrência permite verificar a situação de contato linguístico vivenciada hoje no Paraguai, em Ciudad del Este, devido à coexistência dessas duas línguas que afloram na região de fronteira, principalmente em Ciudad del Este e Foz do Iguaçu.

Partindo dessas reações ou posicionamentos linguísticos nas comunidades investigadas, foi possível observar que os informantes acreditam falar a língua do outro e, conseqüentemente, identificam-se com o grupo que a concretiza. Como conseqüência disso, formam-se uma ou mais comunidades de fala que, como já foi definido por Bloomfield (1933, p. 42), se trata de um grupo de pessoas que interagem, por meio da fala, pois que conhecem e compartilham ao menos uma variedade linguística.

Pergunta 6. *Em que ocasiões as pessoas brasileiras/ argentinas/ paraguaias falam espanhol/ castelhano/ yopará/ guarani/ português/ árabe etc.? Por quê?*

Sabe-se que a região de fronteira reúne diversas etnias, conforme mencionado anteriormente, porém o objetivo desta pergunta é saber se, nas diversas interações sociais, há alternância no código linguístico, em que ocasiões o bi/multilinguismo se manifesta e o que isso representa.

Todos os informantes inquiridos em Foz do Iguaçu apontam para o espanhol como a língua utilizada no comércio, no contato com turistas e quando vão às compras nos países

vizinhos, conforme recorte de alguns excertos retirados das falas dos informantes FI/1, FI/4 e FI/8:

FI/1 – É, na verdade a gente fala entre nós o português, tá certo? Mas, aqui a gente recebe muito turista argentino, paraguaio, boliviano, toda América do Sul aqui ou pessoas que vêm de outras regiões também, de outros continente, mas esse pessoal quando vem aqui, a recepção e o pessoal que trabalha na frente todos falam espanhol fluente[...]

FI/4 – Ah, não! A gente vê as pessoas falando, né? No comércio pra atender uma pessoa de fora eu acho assim. Quando você vê que se não tão falando português é o espanhol.

FI/8 – Quando estão no Paraguai, por exemplo. Quando vão à Argentina se eles sabem o espanhol, então eles vão utilizar esse aí que é mais fácil a comunicação, ou quando eles vêm para o Brasil [...].

Os informantes inquiridos manifestam atitudes positivas em relação ao espanhol, e novamente o espanhol é visto na fronteira como a língua do comércio, do turismo e das relações sociais com os moradores de Ciudad del Leste e de Puerto Iguazú. A partir dessas respostas, é possível depreender que há motivação integrativa, o indivíduo se apropria do espanhol para desempenhar determinadas funções ou obter algum tipo de ganho social, considerando que toda língua é investida de cultura e subjetividade. Uma vez que o indivíduo busca apropriar-se da língua para uma finalidade específica, sua motivação advém de uma atitude linguística favorável com relação ao grupo falante da língua, pois ela surge de um interesse e de uma necessidade individual.

Ao tratar da mesma questão com os informantes de Ciudad del Este, observa-se que, além do espanhol, eles apontam o guarani, o yopará. O yopará, segundo eles, é mais utilizado no contexto familiar e com os amigos, pois, conforme foi visto anteriormente, o yopará é falado por pessoas não escolarizadas de um nível socioeconômico baixo, como ilustram os trechos a seguir:

CL/1 – Yopará sim. É que fala...(Risos) que fala espanhol e guarani, alguma vezes se lembra como que era no espanhol e fala guarani, yopará.

CL/4 – Quando estão juntos, pra se comunicá, a comunicação dos paraguaio é yopará. [...] É uma mescla de espanhol com guarani, dos palavra em guarani e o restante em espanhol. [...] Em todo o tempo, é o que mais se fala. Guarani, guarani mesmo que se estuda na escola, ninguém fala, ninguém entende também, parece chinês. Nem eu entendo o guarani mesmo.

CL/5 – Yopará,[...] a gente fala mais com a família, com a família sempre a gente ta falando o yopará. Com os amigos também, ma, mas com a família assim. E eu costume falar mais yopará assim quando têm clientes ou pessoa, perto de pessoa donde de repente é, são paraguaio, ou são argentino, porque tem argentino que aqui perto da fronteira falam também o guarani, ou seja falam mas yopará do que o guarani. Misturam bastante espanhol com o guarani.

A informante CL/6 fala da crença de adaptação à língua do outro, no comércio, pois, se o vendedor quiser vender seu produto precisa falar a língua do outro:

CL/6 – É mais pelo trabalho mesmo, de repente você trabalha com árabe, com chinês ou trabalha com brasileiro, você vende, se você é vendedora, você tem que ver o cliente em que língua fala e tem que se adaptá.

O informante CL/7 traz uma definição do que ele entende por yopará. Apresenta também a sua compreensão relacionada ao portunhol, que é o que ele chama de a língua fronteira, que seria, de acordo com a sua crença, uma espécie de yopará entre o português e o espanhol. A informante CL/8 se refere ao yopará como a língua falada cotidianamente e pode-se inferir que até os brasileiros que vão a Ciudad del Este falam yopará:

CL/7 – O yopará, é aqui a língua paraguaia, o yopará é aquela mistura que faz entre o espanhol e o guarani, que solo Paraguai pode falar, brasileiro não consegue falar yopará. Agora, o que o brasileiro fala é aquela língua fronteira que é o yopará entre o espanhol e o português. [...] o yopará [...] aprende no ambiente, na rua mesmo, todo mundo fala de um jeito, num espanhol mal falado. [...] Claro, não na mistura, a gente, se eu te falo uma coisa assim em espanhol, você não vai entender, erúla sília, sília (espanhol), erúla (guarani). Significa trazer na cadeia, né? Entendeu? Aí, é o yopará[...].

CL/8 – Em todo momento, em todo momento fala-se. Lo brasileiro que vivem acá, Paraguai mesmo habla e, em yopará.

Em Puerto Iguazú, os turistas buscam outros atrativos, como: as Cataratas do Iguazu, Aldeias Indígenas, Museu de Esculturas, minas de pedras semipreciosas, cassinos e o Parque Temático. De acordo com os informantes, a cidade apresenta um comércio que se reduz aos gêneros alimentícios, artigos de couro, vinhos e ao setor gastronômico e recebe turistas de todos os países. Constatou-se que são os brasileiros que mais frequentam o comércio em Puerto Iguazú e a língua mais utilizada de acordo com os informantes PI/1, PI/2 e PI/3 é o português:

PI/1 – Espanhol eu falo aqui, porque a maioria só fala espanhol, e quando falo português é quando cruzo a fronteira, quando vou fazer compras, quando vô no Paraguai, falo mais o português prá pessoa também ter mais facilidade de trato, né?[...].

PI/2 – Nós falamos o português e quando vem uma pessoa de fora que fala, só nessa ocasiões. [...] Só quando vem brasileiro. [...].

PI/3 – El castelhano falam em todo momento, não, é la língua donde más comunicación hay con la familia, com... Se uno vá al banco, ao correio, oficina de trabalho, oficina pública. [...] O português más en el comercial [...] el centro comercial con los turistas para vender, para ofrecer mercaderías, servicios a los turistas extranjeros.

O informante PI/7 diz que o espanhol é a língua do dia a dia, porém quando se depara com brasileiros, procura falar português:

PI/7 – Si, que são as más comunes, bom, aqui as pessoas argentinas que moramos aqui falamos todos los días em espanhol, todo día, mas tendo presença de pessoas assim brasileiras, assim como você, nós procuramos aprimorar o português porque achamos que é uma língua de duzentos milhões, e o espanhol é um complemento desse continente que é o Brasil [...]

A informante PI/8 fala da importância do interlocutor para saber qual língua utilizar na comunicação, menciona o guarani e diz que é bastante utilizado em reuniões sociais e nas relações familiares, informando que os argentinos sempre se preocuparam em falar português nas interações com os brasileiros. Destaca que, por outro lado, em Foz do Iguaçu não há a mesma preocupação, pois alguns vendedores não demonstram nenhum interesse em falar o espanhol:

PI/8 – Bom, depende com quem que es tu interlocutor, las circunstancias que estás viviendo, logicamente todo de acordo com las limitaciones de cada uno, nó? Pelo te reitero que la gente que vive a cá, habla mucho guarani, especialmente, por exemplo la gente de guarani, yo note, quando hay reuniones sociales, aniversários algum festejo. [...]. Todos los argentinos, vendedores argentinos, comerciantes argentinos, praticamente hablavam a sus clientes todo em português, e se esforçavam por aprender português, hablava na vereda quando passava, senhor, senhora, freguês, jaqueta, calça, sacola, tudo utilizando o idioma totalmente em português. Coisa que não acontecia durante muchos años com lo comércio em Foz do Iguaçu. El comércio em Foz do Iguaçu, siempre hablo em português [...].

O Quadro 14 traz uma síntese das respostas dos informantes das três comunidades,

informando as ocasiões em que as pessoas brasileiras, argentinas e paraguaias utilizam português, espanhol, guarani, yopará, árabe ou necessitam se adaptar a língua do interlocutor.

Quadro 14 – Ocasões em que o bi/multilinguismo se manifesta

Cidades Línguas	Foz do Iguaçu	Ciudad del Este	Puerto Iguazú
Português	Diariamente com os colegas, em casa e com as pessoas conhecidas	No comércio com os turistas brasileiros	No comércio, quando cruzam a fronteira e com turistas brasileiros
Espanhol	No comércio, com os turistas e nos países vizinhos	—	Diariamente na comunidade
Castelhano	—	—	Dois informantes dizem falar diariamente
Guarani	—	Na escola	Uma informante diz que nas reuniões sociais, festas, interações familiares
Yopará	—	Diariamente, com a família, com os amigos e na rua	—
Outras	Um informantes diz falar árabe em restaurante árabe e nos negócios no Paraguai	Uma informante fala da necessidade de se adaptar à língua do interlocutor, no comércio com árabes e chineses	Uma informante fala da necessidade de se adaptar à língua do interlocutor

Após analisar as repostas, observa-se que, em uma comunidade bi/multilíngue, a língua pode ser usada como forma de inclusão ou exclusão, principalmente no comércio, nas reuniões sociais, quando um grupo quer excluir outro, juízos de valor que falantes monolíngues apresentam em relação a usuários de outras variedades da mesma língua, yopará e guarani. De acordo com Moreno Fernández (1998, p.180)⁵³, “as atitudes lingüísticas estão relacionadas com as próprias línguas e com a identidade dos grupos que as utilizam”.

Portanto, as atitudes linguísticas dizem respeito à identidade de um grupo, e está relacionada às reações subjetivas desse grupo diante da(s) língua(s) que o(s) falante(s) usa(m) e influencia na aquisição da língua estrangeira ou de segundas línguas. Observa-se que, falar

⁵³ “Se puede decir que las actitudes lingüísticas tienen que ver con las lenguas mismas y con la identidad de los grupos que las manejan.” (MORENO FERNÁNDEZ 1998, p. 180).

ou não a língua do outro, ser influenciado ou não, essa escolha vai mais além do que estabelecer relações sociais, está ligada ao poder, prestígio e aos benefícios dessa interação, principalmente na Tríplice Fronteira.

No que diz respeito às atitudes dos informantes de Foz do Iguaçu, em casa, com os amigos a língua falada é o português. Ao interagir com os moradores do Paraguai e da Argentina, eles se autodenominam receptivos aos falantes do espanhol, e que, as pessoas costumam interagir em espanhol quando conhecem a língua.

Os informantes de Ciudad del Este falam yopará em casa e com os amigos, espanhol e guarani em reuniões sociais e interagem com os brasileiros em português.

Em relação às línguas utilizadas em casa e com os amigos em Puerto Iguazú, os informantes disseram que usam o espanhol. Na interação com os brasileiros, eles procuram falar português, embora, na fala de alguns informantes estivesse presente também o portunhol, o que mostra que as respostas não são uniformes. Os grupos distinguem-se quanto ao uso e à avaliação destas línguas, conforme visto nos excertos que ilustraram as falas dos informantes.

A próxima questão trata das dificuldades linguísticas encontradas no uso da língua falada na fronteira.

Pergunta 7. Quais as dificuldades linguísticas que você o (a) senhor (a) encontra no uso da língua falada na fronteira? Por quê?

Com essa pergunta, pretende-se saber quais são as dificuldades enfrentadas, sejam elas relacionadas ao preconceito linguístico, dificuldade de se expressar, de compreender o outro e de ser compreendido. Enfim, quais são os obstáculos encontrados ao se deparar com falantes de uma língua estrangeira e qual é a atitude dos informantes diante das dificuldades encontradas.

Os oito informantes de Foz do Iguaçu dizem que as dificuldades são várias, alguns têm dificuldade em se expressar na língua do outro; outros compreendem, mas não falam, porque a maioria dos informantes aprendeu espanhol ouvindo, na rua, no ambiente de trabalho; a maioria não estudou nenhuma língua estrangeira; apenas um informante diz ter feito curso de espanhol e inglês, mas, mesmo assim, encontra algumas dificuldades na escrita.

Para o informante FI/1, a maior dificuldade reside em falar; ele entende o que está sendo dito, mas não fala. Embora ele não faça referência ao idioma, pode-se inferir que se trata do espanhol e a informante FI/2 cita, além do espanhol, o inglês, explicando que a dificuldade reside na falta de estudo desses idiomas:

FI/1 – [...] eu entendo bem o que eles estão falando, mas para mim falá eu... Eu encontro, sim, dificuldade.

FI/2 – [...] O inglês, o espanhol. [...] Por causa, tipo assim, a gente não faz nenhum curso, então eu estou se habituando, então é bem complicadinho.

O informante FI/3 faz referência às dificuldades encontradas em entender os vários idiomas falados na fronteira e declara que, desses idiomas, o que ele entende um pouco é o espanhol.

A informante FI/4 diz não ter dificuldade. A explicação consiste em dizer que, por trabalhar na cozinha do hotel, ela praticamente não tem contato com pessoas falantes de outras línguas, logo, ainda não percebe nenhuma dificuldade, pois a ausência de dificuldade está relacionada à ausência de contato linguístico.

O informante FI/5 diz que a maior dificuldade está em escrever porque para falar ele não encontra dificuldade por se expressar bem. A informante FI/6 encontra dificuldade em entender, pois alguns falantes do espanhol falam rápido, utilizam gírias e palavras em guarani e isso dificulta a compreensão:

FI/5 – De escrevê. [...] Porque também não sei te falá, poxa. (Risos) Olha eu consigo falá e me expressá muito bem, perguntá, mas na hora de escrevê, porque eu não tenho muita... apesar do espanhol, sê como você fala mesmo você escreve, o inglês já não é, você fala de uma maneira, mas escreve de outra muitas palavras, né? Então é essa dificuldade.

FI/6 – [...] Entendê o que a pessoa que fala espanhol fala, porque uns falam mais rápido, e usam gírias que a gente não entende, e às vezes até na fronteira misturam um pouco do guarani, então, às vezes o sotaque é carregado do guarani e são usadas palavras em guarani também.

O informante FI/7 acaba por emitir um julgamento a respeito do espanhol falado na cidade. Para ele as pessoas se dizem falantes de espanhol, mas na verdade não o são. Responsabiliza os veículos de comunicação visual, como outdoors e as placas, por fazer circular textos mal escritos contra os quais se têm manifestado os educadores, tentando mudar esse cenário linguístico:

FI/7 – Dificuldade nem tanto [...] e assim, é uma cobrança dos educadores da região, né? Todo mundo acha! – Ah, eu falo espanhol – Não! Não fala! Pouca gente sequer escreve em espanhol, então, essa é uma dificuldade pelas coisas mal feitas, as placas,

outdoors nas avenidas todos mal feitos, mal escritos, sabe até, às vezes dificulta a comunicação, porque a pessoa tá tentando falá uma língua e não fala nem uma, nem outra, essa é uma dificuldade que nós temos assim, embora se comuniquem, se ajeitam, mas é uma coisa mesmo de fronteira, mesmo assim.

A informante FI/8 faz referência ao cuidado que se deve ter com o léxico e os falsos cognatos em que as palavras parecem ter um significado, mas na realidade apresentam outro significado, e essa situação pode se tornar embaraçosa para o falante quando usa uma língua estrangeira:

FI/8 – São inúmeras as dificuldades que existem, por exemplo, mesmo o próprio espanhol, castelhano, lá, paraguaios e argentinos já são diferentes, né? Por exemplo, o brasileiro, quando ele fala também tem diferença, porque, por mais que você conheça por exemplo, você fala o espanhol o castelhano, você não conhece as variações que ela possui, dentro do próprio país [...].

Ao analisar as respostas dos informantes de Ciudad del Este, verifica-se que alguns informantes assumem que encontram dificuldades na hora de interagir com um estrangeiro, porém outros dizem não ter dificuldade nenhuma, embora tivessem deixado transparecer dificuldades relacionadas à compreensão do português durante a aplicação dos inquéritos, conforme podemos depreender na resposta do informante CL/1:

CL/1 – É que é mais difícil é o inglês, né? Essa daí que é. [...] Mais o menos, tem mais o menos ele fala espanhol, mais o menos é, meio difícil também só uma coisa assim.

A informante CL/2 acrescenta que as dificuldades estão relacionadas aos brasileiros falando o espanhol, por isso a atitude de eles falarem português para ser mais receptivos aos brasileiros:

CL/2 – Os brasileiros falando espanhol, pra vocês são muito difícil porque não só quando no... A minha família vai ou nós vamos ao Brasil nós falamos português, mas quando você vem pra aqui, nós falamos também o português é pra acomodar a vocês.

O informante CL/3 diz não encontrar nenhuma dificuldade na língua falada na fronteira, porém nota-se que apresenta dificuldades na compreensão das perguntas realizadas, isso significa que algumas pessoas têm dificuldade em assumir suas dificuldades linguísticas impossibilitando muitas vezes a comunicação.

A informante CL/4 acredita que a língua do futuro, no comércio e nas negociações,

será o chinês, portanto a atitude seria estudá-la para as futuras interações comerciais. O informante CL/5 afirma não encontrar dificuldade no uso da língua falada na fronteira, faz referência ao português, língua que ele aprendeu com os amigos e que foi aperfeiçoada no trabalho:

CL/5 – De repente podia se o português, né? Porque, não é meu idioma oficial, mais eu sinto, eu tenho vários amigos assim, brasileiro e de repente eu, eu acho que falo certo, mai tem vez, que quando tô falando tudo errado, acho que eles dizem assim porque sou paraguaio e como falar eu aprendi falando só com meus amigos, primeiramente foram com amigos, e depois fui aperfeiçoando assim com, trabalho essas coisa.

Por sua vez, o informante CL/7 declara que a mistura linguística enriquece a fronteira e que não se deve fazer opção por uma língua e, sim, assumir a atitude de aprender a falar todos os idiomas:

CL/7 – No, eu acho que a gente tiene, fica enriquecido, falando toda a língua fronteira. Acho melhor, não tem como diferenciar, fica com uma sola língua, tem que falar de tudo.

Ao conversar com os informantes de Puerto Iguazú, nota-se que nem todos apresentam dificuldade relacionada às línguas estrangeiras faladas na fronteira, como é o caso do informante PI/1 que, declara ter aprendido português por meio dos programas assistidos por emissoras de televisão brasileiras:

PI/1 – Pra mim não tem muita dificuldade. [...] Porque português pra mim é fácil, desde pequeno eu falo português, me criei assistindo TV brasileira, pra mim não é tão difícil, [...] não é tão complicado pra mim.

A informante PI/2 diz que sua dificuldade reside na compreensão do guarani que, segundo ela, é uma língua falada pelos paraguaios e cuja pronúncia é muito fechada. Para o informante PI/3, a dificuldade está em falar mal todas as línguas por causa da mescla linguística que ocorre nas interações e o informante PI/5, por sua vez, declara que o português tem uma pronúncia fechada e que o guarani é um idioma muito difícil de ser falado e escrito:

PI/2 – A dificuldade é o guarani. [...] É muito difícil pra falar. [...] E os Paraguaio, os Paraguaio falam demais é muito fechado. [...] Sim, mas esse é muito difícil pra falar. [...] Não, pouco e nada. É muito difícil.

PI/3 – E a dificultad que uno tiene es que muchas vezes fala mal, el castellano, el portugués, el guarani, se mezcla muito.

PI/5 – A dificuldade que eu tenho, é no... Num... Num vocabulário que eu tenho. [...] O português é mais cerrado pra falá e o guarani é uma, um idioma muito difícil pra escrever e pra falá.

O informante PI/7 aborda as dificuldades encontradas nas transações comerciais, pois, a falta de conhecimento linguístico faz com que tome a atitude de buscar uma pessoa que domine o idioma e estabeleça essa interação, o que o faz reforçar a atitude de falar mais de uma língua para interagir nessas ocasiões:

PI/7 – Muita, muita, muita dificuldade, por exemplo, no dia-a-dia, [...], o chinês fala sua própria língua, e eu fizer uma transação comercial com o chinês, que ele faz se assessorar com outro em chinês porque eu não sei o que ele está falando, é complicado. Aqui na fronteira eu vejo, que às vezes essa falta de conhecimento, em profundidade da língua ela traz muita, muita é fragilidade, nas questões da convivência econômica, social, cultural, política [...].

A informante PI/8 declara que a dificuldade reside na mistura de três idiomas muito fortes, português, espanhol e guarani, e que, na hora da dificuldade, a atitude a ser tomada é a linguagem gestual que tem auxiliado nesses momentos:

PI/8 – E é la mistura de três idiomas, três idiomas muy fortes como, muy entrelaçados, logicamente, el português porque és la língua madre del Brasil, el espanhol es nuestro, el Paraguai que tiene su espanhol, pero muy arraigado también el guarani, [...], e nadie deixa de hablar su idioma, entonces bueno, língua temo quando encontramos que hable solo espanhol, solo guarani, solo português, nó, e bueno, logicamente las senhas, los gestos, el language gestual és algo que ajuda mucho el nel momento de apuro.

As atitudes linguísticas estão relacionadas à maneira com que os informantes agem diante das dificuldades encontradas na língua falada na fronteira. Do ponto de vista social, a função da língua não é estabelecer apenas relações sociais, mas também tem a função de transmitir informações sobre o falante.

O Quadro 15 sintetiza as dificuldades linguísticas encontradas nas línguas faladas na fronteira, de acordo com os informantes das três comunidades de fala.

Quadro 15 – Dificuldades linguísticas na Tríplice Fronteira

FOZ DO IGUAÇU	CIUDAD DEL ESTE	PUERTO IGUAZÚ
<ul style="list-style-type: none"> • Expressar-se na língua do outro e não falar espanhol e inglês por não ter estudado; • Interagir, já que, alguns compreendem, mas não falam; • Entender os vários idiomas falados na fronteira, pois alguns falantes do espanhol falam rápido, utilizam gírias e palavras em guarani; • Falar uma língua e não falar nenhuma e nem outra; • Lidar com os falsos cognatos e variações linguísticas do espanhol e do castelhano; • Escrever. 	<ul style="list-style-type: none"> • Interagir com o estrangeiro; • Compreender os brasileiros falando o espanhol; • Falar outro idioma, como por exemplo o inglês; • Entender o português porque não é o idioma oficial. 	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender os idiomas guarani e português: o guarani é um idioma muito difícil de ser falado e escrito e o português que tem uma pronúncia fechada; • Falar mal todas as línguas por causa da mescla linguística, ausência de vocabulário e falta de conhecimento linguístico; • Misturar os três idiomas muito fortes, português, espanhol e guarani. A falta de conhecimento em profundidade da língua fragiliza a convivência econômica, social, cultural e política.

Conforme visto, a fronteira está constituída não só pelas línguas nacionais (o português, o espanhol e o guarani), mas também pelas práticas linguísticas decorrentes do uso dessas línguas.

Quando o informante não consegue usar o idioma, sua atitude é a de utilizar a linguagem gestual, ou de contratar um intérprete falante de outras línguas (inglês, chinês, árabe, francês, etc.), conhecedor do idioma para que haja a interação.

Após analisar esse segundo grupo de respostas, verifica-se que alguns informantes sentem a necessidade de estudar outro idioma, fato não percebido no primeiro grupo de respostas.

Os indivíduos organizam sistemas simbólicos para conhecer e reconhecer essa realidade, formando, assim, uma consciência sobre o mundo, os seres que o habitam, as coisas e sobre eles mesmos. Um desses sistemas é a língua. À medida que tais sistemas são particulares a determinado grupo, pode-se reconhecer um modo particular de viver de tais indivíduos e caracterizá-los como detentores de uma identidade cultural própria.

Gumperz (1971, p. 99) afirma que a estrutura linguística tem um importante efeito sobre o modo como se percebe a realidade, pois a linguagem ajuda a formar as bases dos estereótipos que justificam as crenças e atitudes de alguém. Os indivíduos, quando aprendem a língua materna, adquirem também a forma com que seu grupo avalia essa língua e as línguas

dos outros. Os estereótipos estão baseados em valores que a comunidade possui.

Existe a crença de que as línguas receptoras são quase sempre línguas faladas por países econômica e politicamente dependentes, como é o caso de Ciudad del Este e Puerto Iguazú, cuja economia se mantém devido ao grande fluxo de brasileiros que compram as mercadorias ofertadas por esses países, e a língua utilizada nessa transação é o português brasileiro não-padrão, isto é, o português falado informalmente pelo processo da simplificação e com uso de gírias.

A maioria das pessoas que compram mercadorias nesses dois países, geralmente com o objetivo de revendê-las no Brasil, são pessoas que praticam o comércio informal e, algumas vezes, com baixa escolaridade e isso influencia o contato linguístico que se manifesta no portunhol falado, tanto por paraguaios quanto pelos argentinos.

O espanhol, por outro lado, não se manifestou na fala de nenhum brasileiro residente em Foz do Iguaçu, porque as entrevistas foram feitas em português. Caso tivessem sido feitas em espanhol, para os informantes falantes do português, essa modalidade linguística poderia ter se manifestado na fala dos brasileiros. Isso comprova a crença de que as línguas receptoras são sempre as minoritárias, de países dependentes economicamente e que a Tríplice Fronteira é uma região que apresenta diglossia.

Identificar-se com uma língua ou uma variedade linguística é antes querer fazer parte e tomar para si um ideal social formado pela tradição, pelos padrões determinados e convencionados como mais prestigiosos e adequados. A não identificação com estes modelos gera a insegurança de ser quem é e falar como se fala. Seus efeitos são mediados por uma gama de variáveis, destacando-se dentre elas as atitudes, que são moldadas pelos fatores sociais.

Os comportamentos linguístico-sociais dos informantes se revelam de duas formas: alguns são voltados para a própria fala (atitudes positivas) e outros são em relação à fala do outro (atitudes negativas). A própria língua é valorizada quando o indivíduo fala ou acredita falar. Nessa questão de valores surgem os sentimentos de segurança e insegurança linguística, vistos no decorrer deste trabalho, mas que vale a pena retomar, de acordo com Calvet (2002, p. 72)

[...] segurança linguística quando, por razões sociais variadas, os falantes não se sentem questionados em seu modo de falar, quando consideram sua norma a norma. Ao contrário, há insegurança linguística quando os falantes consideram seu modo de falar pouco valorizado e têm em mente outro modelo, mais prestigioso, mas que não praticam.

Esse fato se constata nas respostas da maioria dos informantes que, devido à sua insegurança linguística, não se autodenominavam falantes do português. Labov ([1972] 2008, p. 372) afirma que, “me inclino a acreditar que o desenvolvimento de diferenças linguísticas tem valor positivo na evolução cultural humana – e que o pluralismo cultural pode até ser um elemento necessário na extensão humana da evolução biológica.” Por isso, alguns moradores da fronteira sentem a necessidade de se conscientizar de suas dificuldades para conviver com as diferenças em relação à sua fala e à fala do outro.

A diversidade linguística é fato não apenas na Tríplice Fronteira, mas em todas as comunidades de fala que mantêm contato linguístico e a riqueza da diferença consiste em assumir sua maneira de falar, aceitar-se, aceitar o outro, buscar formas de convivência e não reveladoras de preconceito. Para superar as dificuldades linguísticas encontradas e apresentadas no Quadro 15, é importante procurar formas de conhecimento linguístico por meio dos vários instrumentos de escolarização disponíveis no mercado, cursos presenciais, à distância, autoconhecimento, enfim existem muitos recursos para superar as dificuldades, basta apenas buscá-los.

6.1.3 Grupo 3 – Interferência linguística guarani x espanhol x português

O terceiro grupo reúne as respostas a quatro perguntas:

8. No dia-a-dia, dizem que as pessoas misturam as línguas: ora falam espanhol, ora guarani, ora português, ora árabe. É verdade que isso acontece?

9. O que você o (a) senhor (a) acha dessa mistura de línguas? É comum aqui as pessoas dizerem as mesmas coisas em diferentes línguas para melhor se fazerem entender? Saberia dar exemplos?

10. Você o (a) senhor (a) acha importante essa pluralidade linguística na fronteira? Por quê?

11. Onde você o (a) senhor (a) convive mais frequentemente com essa realidade linguística (as pessoas falando línguas diferentes em diferentes ocasiões?) na família; na escola: colegas/colegas, professor/alunos; no trabalho: relação com clientes, no convívio patrão/empregado; no comércio: quando vai as compras; na igreja e nas relações de amizade.

Segue-se, no exame deste grupo de respostas, o mesmo procedimento: as respostas são

tratadas, inicialmente, de forma individual e a seguir reunidas em um comentário único.

Com as questões 8 e 9, pretende-se saber o pensamento dos informantes a respeito da mistura das línguas. A análise destas respostas pode esclarecer de que forma essa mistura acontece, se é intencional, isto é, o habitante da fronteira faz uso das diversas línguas para que o interlocutor compreenda o que está sendo dito ou a mistura acontece naturalmente pela falta de vocabulário.

Pergunta 8. *No dia-a-dia, dizem que as pessoas misturam as línguas: ora falam espanhol, ora guarani, ora português, ora árabe. É verdade que isso acontece?*

Pergunta 9. *O que você o(a) senhor (a) acha dessa mistura de línguas? É comum aqui as pessoas dizerem as mesmas coisas em diferentes línguas para melhor se fazerem entender? Saberá dar exemplos?*

Nas respostas dos informantes de Foz do Iguaçu, há unanimidade em dizer que há a mistura das línguas em diversas situações. O informante FI/1 diz que as pessoas misturam as línguas e ele gosta dessa mistura, mas no seu caso o faz como uma espécie de brincadeira, uma forma de mostrar conhecimento, porque ele faz curso de inglês e essa mistura está presente no local de trabalho:

FI/1 – **Acontece** e muito, às vezes até na brincadeira, [...] a gente começa falando português, depois fala alguma coisa em espanhol ou inglês é uma brincadeira assim, mas mistura sim e bastante. [...] **Eu acho legal**, eu acho legal. [...] Ah, então, eu tenho um exemplo sim, eu fazia um curso de inglês ai no centro e tem um pessoal aqui, que fazia o curso junto comigo, aí... essa turma aqui dentro do hotel, a gente falava em inglês e quem tava e quem não tem o conhecimento, não sabia o que a gente tava falando a gente falava pra praticá e mostrá que a gente tava fazendo inglês, mas estávamos aprendendo.

A informante FI/2 afirma que com ela não acontece isso, porém vê na mistura das línguas uma forma de aproximação. Percebe-se na receptividade dos informantes das três comunidades que há um relacionamento de amizade, não de arrogância ou intolerância por não falarem a mesma língua. A informante faz referência também à aprendizagem porque, quando o estrangeiro pede alguma coisa que ela não entende, a comunicação passa a ser gestual. Dessa forma ela compreende o que está sendo pedido e vai aprendendo novas expressões, tendo em vista que a palavra precede o gesto e esse tipo de comunicação acontece no local de trabalho:

FI/2 – Comigo não. (Risos). [...] **É legal**, porque a gente vai se conhecendo vai aprendendo mais. Eles mostram com a mão, mostram no cardápio, né? E a gente entende.

A crença do informante FI/3 é de que as pessoas misturam as línguas porque se confundem, pois há muitas etnias em Foz do Iguaçu que circulam nos três países. Ele acredita que, no dia-a-dia, as pessoas se confundem e que a mistura é mais frequente onde há aglomerado de pessoas, como no ponto de ônibus, local frequentado pelo informante. As pessoas que lá se encontram não utilizam as diferentes línguas para melhor se fazer entender. Segundo o informante, há uma acomodação linguística devido aos afazeres diários, todos estão voltados a sua individualidade e não se importam com o semelhante que está ao seu lado, tanto que muitas vezes acabam por falar seu próprio idioma independentemente se o ouvinte compreenderá ou não:

FI/3 – **Acontece** sim. Aqui como tem uma variedade grande de línguas, então as pessoa, às vezes tão acostumada, de repente entra num ponto de ônibus, alguém vai pedir informação eles falam aí, (inint.) tem alguns brasileiros que moram na Argentina e no Paraguai, aí quando cê diz, eles falam espanhol, “a desculpe” eles esquece onde estão e se atrapalham com a língua, que devem falar, no caso, pensam que tão falando... fazem uma pergunta em português e falam em espanhol. E às vezes os árabe também, [...] Eu acho que é por causa do dia-a-dia, né? **As pessoa se confundem**, como são vários idiomas que existem [...]. Acho que não.

A informante FI/4 traz o portunhol como resultado da mistura das línguas, suscita a questão lexical e comenta que o léxico utilizado em diferentes regiões do Brasil pode ter o mesmo significado para os paraguaios. Essa percepção da informante pode ocorrer devido ao contato linguístico e cultural, pois falantes de diferentes idiomas se utilizam do mesmo léxico em algumas ocasiões, e muitos desses elementos lexicais são oriundos de variantes regionais brasileiras, também percebidas no uso da língua falada na fronteira. Dessa mistura, novas lexias vão surgindo como resultado do contato de diferentes línguas e culturas em ambientes em que várias etnias se fazem presentes:

FI/4 – **Portunhol**. [...] **Com certeza** (risos). Sim. Ah, [...] têm muitas palavras que por exemplo, o gaúcho fala, que o paraguaio tem, [...] parece que tem uma parte do Paraná, Santa Catarina, Rio, que têm palavras deles que não sei se o brasileiro copiou do espanhol ou vice-versa [...].

O informante FI/5 fala que mistura as línguas e considera boa a mistura linguística,

contudo, muitas vezes, as pessoas pensam que estão falando uma língua estrangeira, mas não estão falando nem uma língua, nem outra, e que a mistura acontece no local de trabalho:

FI/5 – **Muito**, eu me pego toda hora falando em espanhol. [...] **Acredito que seja bom** até, apesar do povo falar que fala a língua que na realidade não é, só porque acha que mora perto do Brasil, do Paraguai e da Argentina ele acha que fala alguma coisa, mas às vezes acaba não saindo nem o portunhol sai o um outro dialeto que é inventado ali [...]. Aqui no trabalho sim, mas fora do trabalho não.

A informante FI/6 diz que não acontece com ela nem com seu grupo a mistura linguística, mas a considera interessante, enriquecedora, que muitos estrangeiros acabam por utilizar itens lexicais diferentes e gestos para se fazer entender em seu local de trabalho:

FI/6 – **Claro, né?** Mais no dia-a-dia aqui, espanhol eu acho que só é utilizado nesses momentos mesmo, de conversa com pessoas que falam espanhol, [...] não no meu grupo [...]. **Acho interessante**. De certa forma, acho que enriquece. [...] Hã... vem muito americano, e americano geralmente usa gestos, né? Eles quase nunca conseguem falá uma palavra ou tentá falá em espanhol, né? Acontece também alemão que tenta falá em inglês, né? Que acham que a gente vai entender melhor ou em espanhol, sempre usando um dos dois idiomas [...].

Para o informante FI/7, a mistura das línguas muitas vezes causa um desconforto porque na opinião dele é intencional, principalmente quando ocorre no comércio. Isso demonstra que a alternância linguística na fala do patrão com o funcionário para que o cliente não o entenda é uma forma de exclusão. Embora o informante tenha se sentido enfurecido por não compreendê-los quando dialogam em línguas diferentes, ele vê a mistura linguística, que acontece nas interações cotidianas, positiva para a região:

FI/7 – **Isso acontece sim**. Se você entra numa loja e a loja é de um árabe, e ele tá falando com outro árabe colega de trabalho dele, ele tem que fala com você que é em português, ele tem que falá com outro empregado dele que é um argentino, que é um paraguaio, então você vê essas linguagens todas, e quando você não entende a língua, aí você fica muito bravo [...] Acontece em Foz do Iguaçu, no Paraguai, na Argentina isso acontece no cotidiano, no cotidiano a gente vive isso lá. [...] **Eu acho saudável**.

A informante FI/8 considera natural a mistura linguística por ser um contexto de fronteira e que, pelo fato de muitas vezes não compreender o que estão falando, ela aprende, devido ao esforço feito em entender o que o outro está falando:

FI/8 – **Ah! Tem sim.** [...] Por exemplo, no Brasil, ele é paraguaio, trabalha no Paraguai e mora aqui no Brasil, então, o próprio sotaque, às vezes ele conversa contigo em português, mas de vez em quando ele introduz palavras em espanhol. [...] **Eu acho natural** [...]. É um aprendizado e aos poucos mesmo que ela seja produzida, mesmo que às vezes você sinta dificuldade por não conhecer, você começa a partir dali a conhecer aquela palavra, então isso já ajuda.

Os informantes de Ciudad del Este também afirmam que há muita mistura das línguas nas mais diversas ocasiões, seja para se fazer entender ou como forma de expressar, demonstrar o que está sentindo. O informante CL/1 diz que ocorre a mistura, porque é uma cidade bilíngue e quando ocorre o esquecimento de alguns termos em espanhol, então, esses elementos são expressos em guarani:

CL/1 – **Acontece** também, né? Dependendo da pessoa, né? Porque tem só que falá guarani e otro só que falá espanhol, né? [...] **é bom**, [...] que mucha vece a pessoa no se lembra do que tava falando em espanhol. [...] No se lembra no espanhol, então coloca ai o guarani... (Risos) aí, entra o guarani. Faz como que é um engate aí... (Risos) uma mistura.

Para a informante CL/2, a mistura linguística é positiva porque acaba por tornar o falante mais fluente na língua do outro, o comércio local requisita de seus funcionários a fluência em pelo menos dois idiomas e quem fala mais de um idioma é mais valorizado e são maiores as oportunidades de emprego:

CL/2 – **Si, acontece** é o mesmo que expliquei pra você. [...] **é bom**, porque assim, as pessoas vão facilitando mais a sua língua, pode falar com mais fluidez a língua de outro... de otro país. [...] Sim, acho, acho importante. [...] Porque aqui na Cidade de Leste o comércio é o que mais move, agora pra você conseguir um trabalho você tem que ter pelo menos duas línguas é mais fácil se você falar sua língua materna e outra língua, é... as pessoa valora mais.

O informante CL/3 faz referência à mistura linguística que **acontece** na cidade e considera **tranquila**, porém nunca aconteceu com ele. Já a informante CL/4 reconhece que há mistura das línguas e se coloca como exemplo, pois fala com seu esposo em espanhol e xinga seus filhos em guarani, quando está com as amigas fala em yopará e afirma que, ao falar em guarani, ela expressa a verdade, isto é, demonstra o que está sentindo.

Pode-se dizer que a diversidade linguística nesse caso é imbuída de significado, o uso das diferentes línguas não acontece ao acaso, como a própria informante traz em sua resposta. Ao dizer que a verdade é expressa em guarani, demonstra sua crença relacionada à língua

materna, vista como símbolo de amor, dedicação e verdade, logo, ela diz que quando as pessoas falam em guarani, expressam-se em guarani, demonstram o que sentem e tornam-se autênticas:

CL/4 – **Na minha casa** eu falo em espanhol porque meu marido é argentino e quando eu xingo meus filhos eu falo em guarani. [...] Porque eu expresso a verdade, né? Eu falo em guarani. E quando eu falo com as minhas amigas, falo yopará. [...] **Abre muito a inteligência** [...]. Eu posso tá concentrada, eu posso aprendê, eu posso estar atenta, eu percebo. A língua faz isso, quando você fala várias línguas, abre muito a mente da pessoa.

Para o informante CL/5, a mistura linguística acontece devido à agitação de seu trabalho, que reflete em casa, com os amigos e que, em certas ocasiões, essa mistura acaba virando brincadeira e motivo de piada:

CL/5 – **Acontece**, acontece. Porque muitas vezes, acontece de repente pela agitação, né? Você tá falando com um brasileiro, tá falando com um argentino, chega um gringo e te fala também, aí você, aí, acaba misturando e muita vez você leva isso pra sua casa também. [...] **Eu acho bom**, porque quanto mais língua uma pessoa falou eu acho que é, são mais porta que se abrem pra pessoa, né? Poder assim, enfrentá uma situação ou de repente, pra cultura mesmo da pessoa. [...] Aqui sim. Tem coisa por exem... que eu falo assim, com meus amigos [...]

Para a informante CL/6, a mistura linguística acontece **sim**, diariamente e ela **acha engraçada**. Já para o informante CL/7, a mistura acontece cotidianamente, é muito salutar e reconhece que o contato com culturas diferentes traz muita aprendizagem conforme se pode notar:

CL/7 – **Acontece**, tudo dia, acontece, de repente fica falando com uma persona que só fala português, fala o chinês también e o japonês. Um tiempo aqui eram forte. [...] **Acho bom**, uma cultura diferente, a gente va aprendiendo vai se formando em todas coisa, aprende a falar. [...] Isso que você tem na mano é caneta, aqui em espanhol, em espanhol seria bolígrafo. Em yopará seria lápis.

A informante CL/8 afirma que a mistura acontece sim, durante a comunicação, pois, por estar na fronteira, isso é comum. Além do mais, ela acredita que as pessoas devem falar um pouco de cada idioma, não só português e espanhol, e acrescenta que pela fronteira passam pessoas do mundo inteiro:

CL/8 – **Si, é, é.** [...] Es bien, para la comunicación está también. [...] Sí, se usa. **Es necesario** mais de una língua, porque se llegan de todo el mundo, no solamente Brasil e Paraguai vários más europeo, sueco, todo, de toda la parte del mundo. Por (inint.) um poquito mais difícil com lo europeo aí que manejar el inglés, manejar otras línguas.

Com relação à cidade de Puerto Iguazú, os informantes reiteram que os falantes misturam as línguas, no dia-a-dia, e que isso dá um colorido típico à região, citando quando e onde isso acontece. O informante PI/1 aponta que encontra dificuldade ao falar com pessoas mais velhas, porque a maioria fala guarani e, segundo ele, não é fácil falar e entender guarani. Quando conversa com brasileiros, ao buscar expressões em português para entendê-los, para ele, esse gesto é uma maneira de mostrar afeto, receptividade e fazer novas amizades, logo ele considera positiva a mistura linguística:

PI/1 – **Acontece** em alguns lugares, porque aqui tem muita mescla, tem muito, aqui nessa cidade tem muito brasileiro, tem paraguaio mesclado [...] a pessoa mais de idade do Paraguai, falam mais guarani, guarani eu não entendo nada quase, guarani é um idioma muito difícil pra mim, pero português não, português sim é fácil. [...] **Eu acho bom.** Um exemplo de amizade, para fazer amizade. [...]. Por exemplo, pra ir comprá, talheres, que falam, essas coisa pra mim é fácil, tênis, aqui é sapatilha, é diferente todo aqui [...].

Para a informante PI/2, a mistura linguística é positiva, acontece frequentemente no trabalho e a considera complicada, pois se sente atrapalhada em determinadas situações como sucede em seu trabalho onde há momentos em que usa o seu próprio idioma para que o outro não a entenda:

PI/2 – **Acontece**, por exemplo, você tem cinco membros, um fala português, outro espanhol, outro inglês e aí você atrapalha tudo, você chegou na mesa que o português fala inglês e fica te olhando e cê lembrou que não é essa. Aí ele fala que não fala português, daí então, assim... tem momento que é muito trabalho. [...] **Muito complicado**, mas muito **boa** também **pra quem entende.** (Risos) [...] Por exemplo, cê tá falando com alguém e vem... vem... você sabe que não entende a língua e você fala outra pra que no entenda. [...]

Para o informante PI/3, a mistura linguística é negativa, principalmente na escola, quando professora e alunos falam castelhano e informa também que a mistura linguística acontece no ambiente gastronômico:

PI/3 – **Es verdad.** [...] **Es bom não misturar** para uno tener más conocimiento, [...] en el caso, aquí de Puerto Iguazú castellano, no, pasa en la escuela, a la maestra, a los alumnos, falam todo.[...] Es común, es común. Aquí en la zona siempre... Principalmente en las comidas, cuando uno va al restaurante pide las comida para que

el garçon posa entender tiene que falar la mesma cosa[...].

Os informantes PI/4 e PI/5 afirmam estar acostumados a essa mistura e concordam que a mistura acontece diariamente em diversos lugares. O informante PI/5 considera a mistura linguística positiva, pois dessa forma pode falar um pouco de várias línguas:

PI/5 – É verdade, porque aqui falam muito portunhol, guaranhol eles **mesclam tudo**. [...] **Eu acho legal (Risos) eu gosto**. [...] quando você vive na fronteira você tem que sabê tudo, eu sei português, guarani, inglês e castelhano.

Para a informante PI/6, a mistura das línguas acontece de maneira negativa porque, com isso, as pessoas se expressam mal, mas ela procura entender, ser entendida por meio de gestos e exemplifica:

PI/6 – Sí, si elas misturam si, si **mistura muito**. [...] **Que às vezes se expressa muito mal** às pessoas tudo misturado, não está falando bem, né? Não, é um idioma tudo misturado. [...] Eu acho que tem diferentes maneira de expressar-se, mas sim tratamos de entender às vezes procuramos uma maneira de chegar a entender, procuramos uma palavra que nos possa entender também. [...] eu aprendi assim também saber o que significava isso, mas por meio de senha que eu fui aprendendo.

O informante PI/7 afirma que a mistura linguística acontece de maneira positiva, em reuniões, em diferentes ambientes sociais, na convivência com os amigos, e isso se torna, muitas vezes, motivo de brincadeira, tendo em vista os falsos cognatos, como exemplifica:

PI/7 – É verdade, **acontece**, mas eu quero significar que, isso acontece e eu acho isso **muito bom**, mas acontece só para as reuniões, as convivências sociais, [...] mais para os acontecimentos assim, que tenham outro perfil, seja jurídico comercial, juridico político, aí, aí a gente tem muita dúvida. [...] Por exemplo, vocês têm o término, o termo esquisito, “isso é esquisito”, nossa senhora, você fica de olho, não dá pra... pra confiar nisso aí; “é muito esquisito” alguma coisa está errada; prá nós “exquisito” [...] é algo muito delicioso, muito bom. Partindo desse exemplo muito simples, tem muitas coisas sim que são importantes, que são necessário conversa o mesmo termo pra se fazer entender melhor.

Para a informante PI/8, a mistura das línguas é positiva e dá um colorido típico que identifica a região. A maioria dos jovens domina os três idiomas devido ao contexto de fronteira e ao turismo que abre as portas para esse ramo na região, ao passo que as pessoas mais velhas apresentam maior dificuldade por não terem esse domínio linguístico.

PI/8 – **Bueno**, yo creo que le da um color típico a la zona, cierto, **a mi me agrada** personalmente ir a Brasil e entender a brasileiro, me gusta que venga a cá, me há pasado, encontrar-me com gente brasileira, em outros lugares lejanos que a cá, e ver-los por exemplo que tiene dificultad em dar-se a entender, e trato de assistir-lo [...]. Hablo de região, no hablamos de três fronteiras para mim és uma só região. [...] É aqui vai caso que te dizia, em Iguazú la gente que mora aqui, sempre hecho esforço por entender los outro idioma, especialmente el português, no hablemos quiza de línguas estrangeiras mais lejanas, cierto, pero hoy día, reitero hablo Iguazú que é muy típico na atividade turística, no é lo mismo ahora de case treinta años atrás. Hoy los jovenes, la mayoría maneja dos o três idiomas [...].

Pode-se perceber nas respostas dos informantes que a maioria tem o mesmo discurso sobre a mistura linguística, e isso é exemplificado pela prática da experiência sociolinguística. Seus argumentos são recheados de exemplos que são facilmente compreendidos. Para esse fato, chama atenção Schlieben-Lange (1993, p. 95) ao afirmar que

[...] o discurso público sobre língua(s) contém principalmente avaliações, isto é, julgamentos sobre 'bonito' e 'feio', 'bom' e 'ruim', eficiente, etc. Mas também contém elementos de saber, como sobre a distribuição das línguas no tempo e no espaço (por exemplo, 'cada vila tem um dialeto diferente'), sobre situações e tipos de textos, para os quais uma e outra língua (ou forma linguística) é mais adequada.

Compreende-se, então, que o informante, ao manifestar sua opinião sobre a sua língua e sobre outras línguas, ou a mistura linguística que ocorre no cotidiano, explicita o seu saber que é baseado em sua vivência. Há percepção de que todos possuem características semelhantes que vão desde o uso de palavras até o jeito de expressá-las. Tal semelhança é conferida pelos anos de convivência desses falares na Tríplice Fronteira, resultando em uma mistura linguística. A compreensão das crenças e atitudes em relação à(s) própria(s) língua(s) e à(s) língua(s) do outro é de suma importância, porque a partir dessa compreensão, pode-se delinear o possível quadro linguístico dessas comunidades.

Com o entendimento de que as atitudes linguísticas dos informantes são dotadas de sentido, considera-se nas respostas da maioria dos inquiridos das três comunidades que há uma voz que diz que o homem da fronteira possui uma fala característica, o portunhol. Na voz dos demais informantes, que a região não possui uma fala característica, e sim que possui muitas influências linguísticas.

Observou-se que a influência linguística é penetrada de cultura e nessa inter-relação, elas se interpenetram e se refletem como se estivessem diante de um espelho. Dessa forma, por meio da mistura linguística, hábitos, ideias, costumes, fatos, visões do mundo, crenças e

atitudes refletem as características gerais das comunidades que formam a Tríplice Fronteira, como forma de identificação deles mesmos e dos outros; portanto, a mistura linguística é uma marca característica das comunidades locais.

Em Foz do Iguaçu, 87,5% dos informantes concordam que há mistura linguística na Tríplice Fronteira, porém, 12,5% consideram a mistura linguística negativa. Afirmam que as pessoas se confundem, pensam estar falando um idioma e na verdade falam outro. Esse fato, apesar de ser percebido por apenas um informante, demonstra que a língua orienta grande parte das atitudes e comportamentos dos falantes, sem que haja consciência disso.

A partir do momento que um indivíduo faz parte de uma comunidade de fala, em que diferentes idiomas se fazem presentes, ele acaba por internalizá-los pelo processo de assimilação. Sem se dar conta, na ausência de vocabulário, o indivíduo acaba por fazer uso de vocábulos de outras línguas, fato esse muito comum na aprendizagem de línguas estrangeiras, principalmente quando o contato linguístico ocorre de forma natural.

Em Ciudad del Este, 100% dos informantes consideram a mistura linguística positiva, por veicular o conhecimento, as crenças e atitudes características da realidade da Tríplice Fronteira. Os informantes percebem a mistura linguística e a associam ao trabalho, adotando concepções positivas de usar estratégias fáceis de comunicação, com a crença de se sair bem nas tarefas cotidianas da fronteira, entre outras razões. O fato de misturar as línguas é a melhor estratégia para estabelecer relações sociais e comerciais com o estrangeiro e funciona como contrapartida para reforçar as crenças implícitas sobre como lidar com a mistura linguística na Tríplice Fronteira.

Em Puerto Iguazú, 62,5% dos informantes consideram a mistura linguística positiva e 37,5% dos informantes consideram a mistura linguística negativa. Conforme visto, a informante PI/2 considera “complicada, trabalhosa, boa apenas para quem entende”; o informante PI/3 afirma que “é bom não misturar as línguas, pois para que haja entendimento, há que se falar o mesmo idioma”; para a informante PI/6, “as pessoas se expressam muito mal”, porém ela busca uma maneira de se fazer entender por meio de gestos.

A atitude desses informantes diante da mistura linguística faz com que se identifiquem as ideologias implícitas, suposições de senso comum, cristalizadas às formas convencionais de agir linguisticamente dentro desse ambiente. Se o informante as reconhece, significa que pode romper com essas amarras que a tradição linguística impõe e optar, de maneira consciente, por aceitar ou não a mudança. Com base na compreensão crítica de todo o contexto geográfico no qual o falante se encontra, a escolha linguística será por opção e não

por falta de alternativas, destacando-se que não há como impedir a mistura linguística a partir do momento que a mudança faz parte da comunidade de fala.

A mistura linguística é algo automático e direto, portanto é normal nesse processo que algumas pessoas se defrontem com resistências. Essas resistências estão conectadas ao conhecimento implícito da mistura linguística, apontado como fator negativo por 16,66% do total dos informantes. Logo, há uma complexidade em meio ao contato entre as línguas, que envolvem fatores afetivos que ali transitam. O pensamento que representa a crença, composto tanto do conhecimento cognitivo, quanto do saber fazer, agir que representa a atitude.

A partir dessas considerações, pode-se dizer que a língua é a manifestação dos valores, crenças e atitudes das pessoas. Inclui a mistura linguística utilizada pelo grupo da qual fazem parte. Representa um papel importante no modo como usam, não somente a língua materna, mas também como lidam com os outros idiomas. É por meio das atitudes linguísticas que se compartilha com os outros a cultura, respeitando as idiosincrasias, experiências de cada um; portanto, a mistura linguística é fato na Tríplice Fronteira.

A mistura linguística deixou de ser concebida como restrita a pequenos grupos e passou a ser vinculada à constituição de contextos conversacionais maiores, tornando-se um ingrediente propulsor de possíveis mudanças linguísticas, culturais e sociais.

O Quadro 16 traz a síntese de como é vista a mistura linguística na fronteira.

Quadro 16 – Mistura linguística na Tríplice Fronteira

Cidades	Foz do Iguaçu	Ciudad del Este	Puerto Iguazú
Mistura Linguística			
Existe	08	08	08
Positiva	07	08	05
Negativa	01	---	03

Ao analisar as respostas das perguntas 10 e 11, busca-se saber como é vista a pluralidade linguística na fronteira e em que situações essa pluralidade se manifesta com mais intensidade. Como foi referido várias vezes, há imigrantes de vários países que residem em Foz do Iguaçu e em Ciudad del Este, fato ao qual se agrega a intensa movimentação de turistas na fronteira que vão às compras no Paraguai e uma outra parte desses turistas, que é muito significativa, que busca visitar os pontos turísticos das três fronteiras. A partir do conhecimento dessa realidade da região é que foi feita a seguinte pergunta:

Pergunta 10. *Você / o(a) senhor (a) acha importante essa pluralidade linguística na fronteira? Por quê?*

Os informantes de Foz do Iguaçu consideram importante a pluralidade linguística na fronteira, ressaltam também a importância de conhecer outras culturas e que o conhecimento advindo desse intercâmbio linguístico é de grande importância para todos, conforme se pode observar por meio da transcrição dos excertos dos informantes FI/5 e FI/7.

Para o informante FI/5, a pluralidade é importante, porém ele resalta a importância das línguas mais utilizadas na fronteira que são o português e o espanhol. Sua crença consiste em dizer que as pessoas pensam que sabem falar a língua por pronunciarem alguns vocábulos aprendidos no dia a dia e isso não significa que saibam o idioma. Afirma também que não adianta aprender outras línguas que não as do contexto, porque essas línguas jamais serão utilizada pelo falante:

FI/5 – É importante.[...] As pessoas acham que falam, não vão atrás pra buscá falá aquilo bem, acabam achando que sim e acabam quebrando a cara achando que falam alguma coisa. É importante, mas tem que saber, né? [...] não adianta você querê falá uma língua que você nunca vai vê. Aqui se você quiser aprendê espanhol é muito fácil você se formou e vai três vezes no Paraguai você vai tomá interesse por falá espanhol, apesar deles tentarem falá o português, os paraguaios falarem português. [...]

Na visão do informante FI/7, além da pluralidade linguística presente na fronteira, traz a questão da variação linguística, que segundo ele também merece destaque:

FI/7 – Acho muito importante, é muito rico, enriquece, só enriquece, embora penso que nós devemos sempre valorizá questões regionais, pontuais, ali, o Norte do Paraná fala assim, o Sul, o catarina fala assim, o nordestino fala assim, tem um cantar muito marcante, na língua, na fala, mas é importante também o contato com outras falas e até outras línguas de outros países.

Em Ciudad del Este, os informantes consideram importante a pluralidade linguística, e também apontam para o contato com diferentes culturas. Destaca-se a resposta dos informantes CL/4 e CL/5, para exemplificar essa questão.

A informante CL/4 considera importante, mas enfatiza que não é bom, sua crença reside no falar bem a língua, que não basta aprendê-la no cotidiano, ela aponta para a necessidade da escolarização quando se quer falar uma língua estrangeira:

CL/4 – É importante, só que não é bom, isso que eu queria falar [...] Porque se tem que

falá uma língua, tem que falá bem, tem que aprendê bem, porque a pessoa que vai falá tem que estudá, tem que aprendê, falá, escrevê, e lê.

Para o informante CL/5, a pluralidade é importante e ele acredita que as pessoas que têm negócios na fronteira devem falar alguns vocábulos em todas as línguas para melhor receber seus clientes, e que essa necessidade de falar outras línguas é natural:

CL/5 – Claro que sim, porque é uma cidade, Cidade do Leste é uma cidade cosmopolita, aonde têm várias culturas, tem chinês, coreano, tem um pouco de tudo, então a gente tem que sabê no mínimo como cumprimentá uma pessoa no idioma dele, ou seja, eu sinto necessidade de falar por exemplo:[...] vem um japonês falo pra ele “Kon'nichiwa”, então a gente faz de tudo, a gente vai falando assim, a gente tem uma necessidade natural de sabê como é, como é que é a palavra prá cumprimentá eles.

Ao analisar as respostas dos informantes de Puerto Iguazú, em que todos consideram importante a pluralidade linguística, destaca-se a resposta do informante PI/7. O informante aponta para os conflitos gerados por não entender a fala do outro, as diferentes culturas e as fronteiras linguísticas. Ele destaca a situação de um brasileiro que fala perfeitamente o espanhol, porém, ao se deparar com argentinos e paraguaios que falam determinada variante do espanhol, encontra limites na conversação:

PI/7 – É importante porque ela é uma particularidade que, por naturalidade, deve-se conviver na fronteira. [...] Participando de um workshop em Assunção, capital do Paraguai, ma lá tem um grupo de vinte sete pessoa, já passaram dez turma, tá, e a dez turma sempre estão misturada, é participantes paraguaios, de distinta região do Paraguai e argentino, aqui do estado de Misiones, mas os facilitadores são brasileiros, o facilitador tentando falar um espanhol perfeito para dois países que têm diferença no espanhol [...].

Percebe-se na resposta de todos os informantes selecionados das três localidades, divergentes opiniões relacionadas à pluralidade linguística. A maioria dos entrevistados expõe suas crenças a respeito da diversidade de línguas nas comunidades, apesar de essas crenças não estarem fundamentadas em teorias. Suas atitudes linguísticas se pautam no que os informantes consideram adequado e inadequado para a fronteira.

Observa-se, nos excertos destacados, a presença da afetividade dos informantes no que diz respeito aos diferentes falares nas três comunidades. A pluralidade linguística pode conduzir as pessoas a diversas crenças por ser apresentada como um caleidoscópio mental, em que as pessoas dão sentido ao mundo ao seu redor, expressando suas crenças, tradições,

sentimentos e emoções por meio das atitudes linguísticas.

Desta forma, a idéia de valoração dos falares é evidenciada pelos sentidos que produzem as atitudes linguísticas dos informantes. De um lado, tem-se o próprio falar elevado a uma condição superior; do outro, tem-se a pluralidade linguística enquadrada numa condição menor, em que se aprendem alguns termos, vocábulos e expressões para poder interagir. Dessa forma, muitas vezes o falante enfrenta constrangimentos que limitam sua articulação efetiva e revela também atitudes linguísticas de superação em situações concretas, conforme se procura resumir no Quadro 17.

Quadro 17 – A importância da pluralidade linguística na Tríplice Fronteira

FOZ DO IGUAÇU	CIUDAD DEL ESTE	PUERTO IGUAZÚ
<p>Todos consideram importante a pluralidade linguística e também apontam para o contato com diferentes culturas.</p> <p>PORÉM, alguns informantes destacam:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ a importância pelo português e espanhol como as línguas mais utilizadas na fronteira; ➤ a necessidade de aprender outras línguas, que não as do contexto, pois jamais serão utilizada pelo falante; ➤ a questão da variação linguística. 	<p>Todos consideram importante a pluralidade linguística e também apontam para o contato com diferentes culturas.</p> <p>PORÉM, alguns informantes destacam:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ a importância de falar bem a língua, não bastando aprendê-la no cotidiano; ➤ a necessidade de escolarização para falar uma língua estrangeira; ➤ a necessidade de os comerciantes falarem alguns vocábulos em todas as línguas para melhor receber seus clientes. 	<p>Todos consideram importante a pluralidade linguística e também apontam para o contato com diferentes culturas.</p> <p>PORÉM, alguns informantes destacam:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ a geração de conflitos por não entender a fala do outro; ➤ as fronteiras linguísticas, isto é, o conflito entre falantes do espanhol padrão diante de falantes de outras variedades da língua espanhola .

Com a pergunta 11, pretende-se saber um pouco mais a respeito da pluralidade linguística e localizar os lugares em que essa realidade linguística é mais frequente:

Pergunta 11. Onde você / o (a) senhor (a) convive mais frequentemente com essa realidade linguística (as pessoas falando línguas diferentes em diferentes ocasiões?) na família, na escola (colega/colegas, professor/alunos), no trabalho (relação com clientes, no convívio patrão/empregado), no comércio, quando vai as compras, na igreja, nas relações de amizade.

Em Foz do Iguaçu, constata-se que, para a maioria dos informantes, a pluralidade linguística tem se destacado mais no local de trabalho. Alguns acreditam que a pluralidade se manifesta nos momentos de descontração, quando estão com amigos, porque, como se autodenominam falantes de mais de uma língua, sentem-se à vontade para falar em outros

idiomas; os demais apontaram a rua, ponto de ônibus, conforme veremos nos excertos destacados.

Para os informantes FI/1, FI/2, FI/3 e FI/6, a pluralidade linguística se manifesta no local de trabalho, e o informante FI/1 se sente à vontade ao afirmar que fala outros idiomas com os colegas de trabalho, ao jogar futebol e na escola, conforme destaque dado ao excerto:

FI/1 – Nos futebol, nas escola, certo? Desde quando você tá jogando bola cê vai de repente chamar a atenção do colega seu, cê fala em espanhol, fala em inglês com ele é mais ou menos por aí. Aqui no hotel também, né? Com os colega fora do horário de serviço cê fica jogando conversa assim.

A informante FI/4 destaca que a pluralidade linguística está presente em toda parte, no dia a dia das pessoas. A crença da informante perpassa pelas diferentes culturas e pelos hábitos de cada um. Cita exemplos como tomar *tererê*, que é tomado frio e está ligado aos habitantes de Ciudad del Este e o *chimarrão* (típico da região sul do Brasil) que é tomado quente e é montado com erva-mate moída mais fina que a erva do mate *tererê*:

FI/4 – Em toda parte, até na rua assim, que a gente mora, entendeu? Sempre tem alguém misturado, né? [...] Tá tomando *tererê*, tá tomando *chimarrão*, aí cê vê que se falam, né?

Na resposta do informante FI/5, a pluralidade linguística se manifesta sobretudo nos ambientes noturnos, conhecidos por baladas, local onde os jovens se reúnem para dançar, beber e conversar. Nesse caso, a crença está associada a falantes dos três países que se encontram nesses locais em Foz do Iguaçu, em Ciudad del Leste e em Puerto Iguazú. As danceterias e bares são bastante populares na fronteira e frequentados pelos moradores da região, falantes das mais diversas línguas: espanhol, árabe, japonês, chinês, coreano, guarani, porém o intercâmbio linguístico mais frequente é entre o português e espanhol

FI/5 – Balada também é interessante esse tipo de coisa, porque os brasileiros vão pros outros países e o pessoal dos outros países vem pro Brasil. Então se você quer ir numa balada aqui tem a... principalmente na Argentina tem, você chega lá e só encontra brasileiro, né? E se você não precisa procurá muito e no Brasil você encontra muito paraguaio e argentino, entende?

Os informantes FI/7 e FI/8 acreditam que a pluralidade linguística ocorre bastante no próprio local de trabalho já que ambos são professores. Como referido em seções anteriores,

Foz do Iguaçu é conhecida pelas diversas etnias que lá se fazem presentes e a escola se torna um ambiente propício para a percepção da pluralidade linguística na fala das crianças e dos jovens. Por ser região de fronteira, os informantes não se deparam apenas com falantes do Paraguai e da Argentina, mas também com falantes de outros países e encontram dificuldade como a apontada pelo informante FI/7, para entender os falantes de outros idiomas no comércio local:

FI/7 – Eu convivo na escola onde eu trabalho, na escola onde minha filha trabalha tem árabe, tem chinês, que eu não citei aqui prá você que é um problema, às vezes lá, você tá em um posto de gasolina abastecendo, o dono é um chinês, daí, fala em chinês com o outro aí você qué entendê, então é uma loucura, tem o chinês, o coreano, que é diferente, não é chinês, são línguas distintas, então situação do dia a dia ali em Foz do Iguaçu, normalmente no comércio, né? Na escola [...] Você tem ali os alunos árabes, os alunos coreanos, os alunos chineses, os alunos paraguaios, alunos brasileiros, e brasileiros de várias regiões do Brasil, interessante citá isso, então a gente convive no dia a dia mesmo com outras línguas.

Em Ciudad del Este, também houve a confirmação, por parte dos informantes, de que a pluralidade linguística ocorre, porém é percebida entre o guarani, espanhol e português.

Para o informante CL/1, o uso das diferentes línguas acontece mais no interior de Ciudad del Este, isto é, na zona rural. Ele acredita que as pessoas do interior, ao se dirigirem à Ciudad del Este para trabalhar ou para as compras e não falam espanhol, apenas guarani misturam as línguas para explicar em guarani o que não foi entendido em espanhol, ou explicar em espanhol o que não foi entendido em guarani:

CL/1 – Ah, na verdade aqui no, no interior do país, que é que têm pessoas que só falam guarani e espanhol nada, e aí que, é uma vez um tem que explicá em guarani por isso.

Os informantes CL/2, CL/5 e CL/7 percebem que a pluralidade linguística está presente no centro da cidade, local onde o comércio está localizado e por isso o fluxo de turistas é intenso. Para os informantes CL/4 e CL/6, o uso das diversas línguas acontece no local de trabalho, a informante CL/8 afirma que a pluralidade linguística é comum na fronteira e o informante CL/7 faz referência ao comércio, dizendo que as pessoas misturam todas as línguas para se fazer entender:

CL/7 – No comércio, no comércio que vai aparecer isso e no interior donde mora

brasileiros, japoneses e outras nacionalidades. Aí tem outro jeito diferente de novo. Ma, aí comercialmente, a gente mistura todo. Cê escuita o chinês e o árabe tentando falá o guarani, tentando falá o português, o espanhol, e aquela persona que é o paraguaio tentando falar outro idioma, de alguna qualquer maneira tentando se fazê entendê um com outro.

Ao inquirir os informantes de Puerto Iguazú sobre a pluralidade linguística e onde é mais latente, surgem as mais diversas respostas. Observa-se que o turismo é mencionado, nas respostas dos informantes, como forma de referendar a pluralidade linguística em locais como restaurantes, a feira e no comércio em geral.

Para o informante P/1, no centro da cidade há uma concentração maior de turistas e, como há muitos brasileiros residindo em Puerto Iguazú, ele acredita que a pluralidade linguística é inevitável:

PI/1 – No centro, na avenida você encontra brasileiro, encontra holandês e alemão, japonês, porque aqui é uma cidade de muito turismo estrangeiro. [...]

Os informantes PI/2, PI/4 e PI/6 têm a crença de que a pluralidade linguística é mais frequente nos eventos relacionados ao trabalho, para o informante PI/7, a pluralidade linguística é recorrente em Foz do Iguaçu, Ciudad del Este e Puerto Iguazú. Ele acredita que na fronteira a pluralidade das línguas é saliente, principalmente nos eventos, congressos que acontecem na região e é necessário conhecer um pouco de todas as línguas para que ocorra a interação com o estrangeiro e aproveitamento maior do evento:

PI/7 – Ok, é... Aí eu recebo um convite para assistir a uma palestra em Foz do Iguaçu, e tem por exemplo um congresso internacional, que são muitos, os que passam pela região, tanto pros de Puerto Iguazú, quanto Foz do Iguaçu e Ciudad del Este também. [...]Você tem aí um encontro de pessoa, falando um distinto idioma com um distinto ênfase, e com distinta e você fica aí, no meio, curioso [...]isso, é atinge a qualidade do encontro, do congresso por exemplo, porque ele poderia gerar um cem por cento, de resultado positivo, mas acaba gerando um... quarenta, cinquenta, talvez isso é positivo mas dentro da dúvida idiomática.

O informante PI/5 foi o único dos vinte e quatro informantes a trazer o ambiente familiar como local onde a pluralidade linguística aparece, fez referência a ambientes como supermercado, danceterias e centro comercial, onde há interação com paraguaios e brasileiros:

PI/5 – Mais na família, nos cliente, no supermercado ou você vai na danceteria vai

aqui vem muito brasileiro e paraguaio e mais aqui no centro comercial em Porto Iguacu.

Para a informante PI/8, a pluralidade linguística acontece no supermercado local, onde destaca a presença de vários turistas de todas as partes do mundo e faz referência às características físicas que os identificam. Cita os restaurantes e vinhoteca onde a presença de turistas merece destaque. Acredita-se que os preços baixos e a qualidade dos produtos têm atraído turistas de todas as partes e com isso a frequência dos diferentes idiomas é constante nesses locais:

PI/8 – Bueno, aqui em Iguazú normalmente acontece quando vão ao restaurante, que hay de tudo, ora também no supermercado que também acontecia ante por uma questão cambiária, pero que hoy, em uma vinhoteca que tiene muchos brasileiro especialmente, bueno, no supermercado aqui. Estava esperando para pagar su cuenta e adelante um falando italiano, outro francês, hablava japonês, oriental por sus ojo, otro que hablava guarani, se ali, em qualquer negócio que se tá em lá espera se escucha três, quatro idioma ao mesmo tiempo.

Na região da Tríplice Fronteira há uma mistura linguística, em que a pluralidade linguística e cultural se torna evidente, pois integra, na mesma região, pessoas oriundas de diversas localidades, além do incansável vai-e-vem de turistas e consumidores de todas as partes do globo terrestre.

A pluralidade linguística resultante do convívio com os diferentes falares da fronteira, de culturas distintas é o que identifica esse lugar com traços típicos e o diferencia das demais regiões e faz perceber que o falar das três cidades estudadas é, tipicamente, misturado.

O Quadro 18 apresenta uma síntese dos lugares que os informantes apontam em que a pluralidade linguística está mais presente. Percebe-se que as cidades de Foz do Iguacu e Puerto Iguazú são mais frequentadas pelos turistas que vão em busca de lazer e descanso. Em Ciudad del Este são citados apenas alguns locais, já que a cidade é bastante procurada para as compras, são poucos os espaços destacados em que a pluralidade linguística se manifesta. Dentre os espaços mencionados, os informantes destacam o interior da cidade, zona rural, devido ao uso do yopará, aspecto esse que não foi destacado nas demais localidades pesquisadas.

Quadro 18 – Lugares em que a pluralidade linguística se manifesta

FOZ DO IGUAÇU	CIUDAD DEL ESTE	PUERTO IGUAZÚ
<p>A pluralidade linguística se manifesta:</p> <ul style="list-style-type: none"> • no trabalho • no futebol • na escola • com amigos • no ponto de ônibus • nos bares • nos restaurantes • nas danceterias 	<p>A pluralidade linguística se manifesta:</p> <ul style="list-style-type: none"> • no interior do país • no centro da cidade • no comércio • no trabalho • na fronteira 	<p>A pluralidade linguística se manifesta:</p> <ul style="list-style-type: none"> • nos restaurantes • no comércio • na feira • no centro da cidade • nos eventos • nas palestras • nos congressos • nos supermercados • nas danceterias • no centro comercial • na família • na vinhoteca.

As análises do conjunto de respostas do Grupo 3 apontam que a mudança de contexto e a situação sociocultural são fatores que contribuem para a pluralidade linguística das comunidades investigadas, em perfeita consonância com o que afirma Calvet (2002, p. 68-69):

Se os usos variam geograficamente, socialmente e historicamente, a norma espontânea varia da mesma maneira: não se tem as mesmas atitudes linguísticas na burguesia e na classe operária, em Londres ou na Escócia, hoje e cem anos atrás.

Quando os informantes manifestam atitudes positivas com respeito aos turistas e/ou moradores da Tríplice Fronteira pertencentes às diversas etnias, tal fato, promove uma atitude de aproximação das pessoas em função da mistura linguística para interagir com o outro, proporcionando, assim, o exercício do convívio social. Nesse sentido, observa-se que as atitudes positivas, manifestadas por 83,33% dos informantes, superam as atitudes negativas presentes em 16,67% dos informantes no que se refere à mistura linguística, conforme registrado no Quadro 16, que traz uma síntese das respostas dos informantes das três comunidades.

Assim, os informantes evidenciam atitudes linguísticas positivas e/ou negativas, de acordo com os objetivos e/ou interesses situacionais. Revelam atitudes linguísticas positivas quando o assunto versa sobre atividades turísticas, educacionais e sobre o comércio nas três comunidades, marcadas por traços que vão desde a igualdade no trato, à necessidade de adequar-se à situação e à pessoa.

A cultura assim como a língua, não nasce pronta e acabada, ela está sempre

interferindo e sofrendo interferências, principalmente em regiões em que o contato linguístico, entre diferentes etnias, é intenso. Esse contato linguístico e cultural é responsável por influenciar no comportamento, nas crenças e nas atitudes das comunidades de fala. De acordo com Hall (2005, p. 74), “à medida que as culturas nacionais tornam-se mais expostas à influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural.”

No que diz respeito à dinâmica da Tríplice Fronteira, constatou-se que o convívio entre cidadãos de distintas nacionalidades nos mais diversos ambientes é inevitável e positivo para a região. Observa-se que a pluralidade linguística permite algumas vantagens, como a prática das diversas línguas que lá se fazem presentes. As pessoas podem circular livremente no espaço das três fronteiras, têm acesso a três culturas, à culinária, aos produtos importados, ao lazer e ao turismo.

6.1.4 Grupo 4 – As escolhas linguísticas

O Grupo 4 reúne sete perguntas que se inter-relacionam, elencadas na seguinte ordem:

12. *Que língua(s) deve(m) ser mais usada(s) para se ter sucesso na fronteira? Por quê?*

13. *Na contratação de empregados, por exemplo, os patrões dão preferência a candidatos que saibam se comunicar mais em que línguas?*

14. *É possível que seja julgado melhor pela(s) língua(s) que fala do que pela inteligência?*

15. *Para você o (a) senhor (a) quem fala melhor o idioma? As mulheres ou os homens? Por quê?*

16. *No seu trabalho, é preciso escolher um jeito e uma língua diferente para lidar com cada pessoa? Como? Por quê?*

17. *Uma pessoa que tem bastante instrução fala melhor que uma pessoa que tem pouca ou nenhuma instrução escolar?*

18. *Se você/ o (a) senhor (a) tivesse que escolher entre os diferentes falares na fronteira, em sua opinião quem fala melhor e por quê?*

As respostas a essas perguntas são tratadas, a princípio, individualmente e ao final, sobre o conjunto se apresenta um comentário único, conforme procedimento tomado em respostas aos grupos anteriores.

Ao constatar que a pluralidade linguística é evidente na fronteira, principalmente no comércio, fez-se necessário saber, então, que idioma ou idiomas dariam conta da interação comercial e profissional na fronteira. Para tanto, perguntou-se:

Pergunta 12. *Que língua(s) deve(m) ser mais usada(s) para se ter sucesso na fronteira? Por quê?*

Em Foz do Iguaçu, os idiomas que devem ser falados na fronteira, segundo os informantes, são o inglês e o espanhol devido ao grande fluxo de turistas de todos os países.

Os informantes FI/1 e FI/3 destacam o inglês e espanhol porque são, no seu entender, as mais faladas pelas pessoas que visitam a fronteira. O informante FI/1 dá ênfase ao “falar bem” o idioma, porque em Foz do Iguaçu, as pessoas estão habituadas a falar algumas expressões em diversos idiomas. Porém se for para estabelecer uma interlocução mais demorada, não há sequência, justamente por que não há o domínio da língua que permita fluência na comunicação. Ele faz considerações ao português, dizendo que também deve ser valorizado.

O que se pode inferir, desse depoimento, sobre a valorização do português é que as pessoas, de outros países que frequentam a fronteira, necessitam falar um pouco do português para interagir com o habitante de Foz do Iguaçu. O informante FI/1 afirma que os habitantes de Foz do Iguaçu devem aprender inglês e espanhol também, principalmente, para quem trabalha com o turismo, conforme trecho retirado da entrevista:

FI/1 – Eu acho que não aqui só na fronteira, mas no mundo inteiro inglês, né? Inglês e espanhol, eu acho que tem que ser bem falado, mas a gente tem que valorizar o nosso idioma também, certo? Mas, a gente tem que ter conhecimento do inglês e espanhol, principalmente, gente que trabalha na área de turismo.

A informante FI/2 faz referência ao “brasileiro”, inglês, espanhol e aponta para o árabe, que, segundo ela, também é muito utilizado em Foz do Iguaçu, mas considera muito difícil. A informante deixa subentendido que essas seriam as línguas que deveriam ser usadas para se ter sucesso na fronteira porque são línguas faladas pelos habitantes do local:

FI/2 – Olha o brasileiro, inglês e espanhol. [...] Por que é como fala as pessoas que mais convive aqui, o árabe agora tem bastante, né? E é bem difícil.

A informante FI/4 cita o árabe, o espanhol e o inglês como fundamentais, porém se

fosse para escolher um idioma para falar, escolheria o francês. Percebe-se na resposta dela a afetividade pelo idioma francês, ela faz referência ao que os outros devem falar e se exclui do grande grupo ao fazer sua escolha. Esse fato é resultado da ausência de contato linguístico dela com os turistas e demais pessoas que ali labutam. A informante trabalha num recinto fechado (a cozinha do hotel), então, FI/4 vê na escolha da língua uma satisfação pessoal e não uma necessidade social, de acordo com o seu relato:

FI/4 – Se for seguir a sociedade eu acho que a árabe, né? [...] O espanhol. [...]. E o inglês, o inglês é fundamental, mas o que eu gostaria de falar é o francês eu acho, outro idioma não.

O informante FI/5 também considera o inglês e o espanhol necessários, porém afirma que, se a pessoa com mais de trinta e cinco anos não fala inglês, ela vai tentar falar em espanhol. Esse dado apontado pelo informante documenta a diferença que separa as gerações, pois, segundo ele, as pessoas da segunda geração não se dispõem a falar outro idioma que não seja o que elas dominem. Por isso, o interlocutor deve se adequar à fala do estrangeiro, isto é, o morador local necessita conhecer mais de um idioma para interagir nessas situações em que o estrangeiro não domine o inglês, língua considerada hegemônica, ligada ao turismo e às grandes transações comerciais e políticas. FI/5 aponta o mandarim e o francês como as línguas também faladas na Tríplice Fronteira:

FI/5 – Apesar de ser fronteira, é cidade turística, né? Do mundo. Inglês e espanhol. Óbvio, né? Mas eu vejo hoje que eles falam mandarim, né? Mandarim e francês. [...] Se o cara já passou de trinta e cinco ou quarenta anos ele não fala inglês, talvez ele possa até arriscá espanhol, mas inglês ele não fala [...] não adianta tentá conversá inglês com eles que eles não conversam, eles não sabem, né?

Percebe-se, na afirmação de FI/5, que a faixa etária é vista como um fator negativo na aprendizagem de línguas. Sabadin (2006, p.152) reforça o que Dulay e Burt (1977) falaram, quanto mais cedo a pessoa “tiver contato com a língua estrangeira, melhor será seu aprendizado relacionado à pronúncia, podendo, entretanto, variar muito conforme a pessoa” e o ambiente linguístico em que estiver exposta, porém não significa que exista uma faixa etária ideal para o aprendizado de outro idioma. Sabe-se que o fator faixa etária impõe alguns limites, mas não impede a aprendizagem e o conhecimento linguístico.

A informante FI/6 destaca o espanhol como a língua falada para se ter sucesso na fronteira, pois ela tem a crença de que ninguém aprende português para vir para o Brasil, já

que o Brasil está localizado entre dois países falantes do espanhol:

FI/6 – Espanhol. [...] Por causa da... exatamente, da fronteira, a gente tem Argentina, e Paraguai, né? E boa parte das pessoas que vêm pra cá, já vêm com o idioma, o espanhol. Ninguém aprende português pra vir pro Brasil, eles aprendem espanhol.

Para o informante FI/7, não existe idioma certo para se ter sucesso na fronteira e, no seu entender, tudo depende das circunstâncias. Comenta que, se tivesse de eleger um idioma, isso implicaria admitir “o certo” e “o errado” na língua, mas se tivesse mesmo que escolher, sua opção seria o espanhol, porque são duas as cidades em que os habitantes são falantes nativos do espanhol, contra uma, cujos habitantes falam português:

FI/7 – Vai dependê, da realidade do momento, não dá prá dizê que língua que é, se eu dissesse isso era a mesma coisa que dizê que nós temos qui... Um determinado padrão de língua, prá estabelecê um padrão no Brasil, como aquele é o correto, como não tem o correto, ali também não vai tê o correto [...] Então, não tem uma língua específica, ali na fronteira não tem, eu diria que o interessante seria o espanhol, porque eu tenho dois países de língua espanhola, e um país de língua portuguesa [...].

Para a informante FI/8, a língua a ser utilizada deve ser o espanhol, primeiro pela localização e segundo por considerar o português difícil. De acordo com a informante, os brasileiros encontram dificuldades em se comunicar dentro do Brasil, e também ao se dirigirem a outras regiões, tendo em vista a variação linguística:

FI/8 – [...] acredito que seja o espanhol. [...] Português já é considerado uma língua mais difícil de assimilação pelas várias... né? Variantes que nós temos, e o guarani, que é até pouco usado pelo próprio Paraguai, que se utiliza muito mais do espanhol, né? Então... Acho que, acredito, embora eu não fale, mais eu acho que é mais fácil a língua espanhola de ser entendida do que o próprio português. [...] por exemplo, os, os gaúchos, eles falam, rancho, eles falam, vou fazê o rancho. [...] pra mim era uma casa simples, não tinha a menor ideia que rancho significava ir ao mercado. Se dentro do nosso país, nós já temos essa dificuldade, então o português pra eles seria uma dificuldade bem maior[...].

Percebe-se a crença de que o português é uma língua difícil de ser aprendida porque apresenta regionalismos. Sobre essa questão, Bagno (1999, p.13) comenta que a frase “o português é muito difícil”, repetida em todo país, é “uma grande bobagem”, por não ter sustentação científica. Tal fato deriva dos equívocos historicamente criados entre língua viva e concreta e as regras gramaticais. Destaca-se ainda que os regionalismos não são exclusivos do

português, pois toda língua viva sofre variação, mudança e apresenta peculiaridades dialetais.

Ao conversar com os informantes de Ciudad del Este, não houve unanimidade na escolha do idioma, isso resulta do fato de a cidade ser povoada por várias etnias, grande fluxo de turistas e isso dificultou a escolha do idioma. Os informantes apontam o inglês, o português, o espanhol e o chinês, conforme se pode observar na transcrição dos excertos das entrevistas com os informantes.

Os informantes CL/1 e CL/2 destacam o inglês como idioma mais importante, porém o informante CL/1 faz referência ao português como uma das línguas a serem faladas para ter sucesso na fronteira:

CL/1 – É, na verdade o português e o inglês, né? [...] (Risos) E porque... é porque, porque já falei pra você que aqui têm muitos fregueses e pra o mundo também o inglês que é muito importante, né?

Para a informante CL/4, a língua selecionada deve ser o chinês porque a cidade conta com uma população de chineses bem significativa. A escolha linguística destacada perpassa a crença de que o português falado pelos chineses, na fronteira, não é adequado por ser mal falado:

CL/4 – Aqui na cidade é chinês. [...] Porque tem mais chinês que árabe, paraguaio, que brasileiro e o chinês a comunicação do chinês é português, um português mal falado, porque não é correto, né?

O informante CL/5 destaca o inglês como língua universal e o espanhol porque são línguas utilizadas por outros países de acordo com as estatísticas. Conforme a escolaridade, acredita-se na necessidade de aprender mais de um idioma, nas regiões em que é frequente a presença de turistas de outros países. Não há preocupação momentânea de atender somente os habitantes da fronteira, optando pelo português ou espanhol, e sim, de aprender mais de um idioma para acolher a todos que ali se fizerem presentes, independentemente da nacionalidade:

CL/5 – Com certeza o inglês, o inglês e o espanhol. [...] estatisticamente são as língua mais utilizada, eu acho falada e também na Europa, por exemplo, que tem a Espanha um país muito importante que fala o espanhol e o inglês, o inglês que é universal, cê fala em todos os país, eu acho que eles estuda o inglês o...uma língua que você tem que saber pelo menos o básico...

A informante CL/6 destaca o português e o informante CL/7 faz referência ao português e espanhol:

CL/7 – Não tem, não tem uma predileção certa, mas se você aqui não fala português e espanhol você fica fora.

A informante CL/8 diz que a língua a ser usada deve ser o espanhol, em virtude de estar se inserindo no mundo dos negócios e para ter sucesso na fronteira.

Ao analisar as respostas dos informantes de Puerto Iguazú, observa-se que houve unanimidade ao apontar o inglês como língua que deve ser usada para se ter sucesso na fronteira, porém alguns informantes destacaram, em segundo plano, o português seguido do espanhol.

Para o informante PI/1, o inglês deve ser a língua mais usada, tendo em vista o constante fluxo de turistas estrangeiros, portanto os trabalhadores e profissionais do local também deveriam ser proficientes em inglês. Segundo PI/1, o movimento de brasileiros na cidade é bem significativo, por isso aponta o português como uma das línguas que devem ser faladas em Puerto Iguazú:

PI/1 – Eu acharia que primeiro lugar o inglês. [...] Pelo turismo, só pelo turismo, pero, em segundo lugar o português. Português e inglês seria pra mim os dois idioma. [...] Então se você sabe inglês, consegue mais trabalho aqui na fronteira, trabalho no hotel, restaurante, guia de turismo, tudo essas coisa, por isso eu to falando inglês, não é porque eu gosto do idioma inglês, é o que é fundamental ter o inglês e o português. Português porque tem muito turismo brasileiro também aqui [...]

As informantes PI/2, PI/4, PI/6 e PI/8 afirmam que o inglês deve ser falado na fronteira e também referendam o intenso fluxo de turistas estrangeiros. Os informantes PI/3 e PI/5 destacam o português, justificando que os brasileiros são os que mais frequentam a cidade e afirmam que até o turista estrangeiro aprendeu a falar algumas palavras em português. Tal afirmação perpassa a crença de que, se os estrangeiros falam português, os habitantes de Puerto Iguazú têm quase que o dever de falar o idioma também:

PI/3 – Português. [...] Son los que más turista hay, lo que más se habla, português, o mesmo estrangeiro que... Que está vivendo a lá, aquí a las zona de catarata ele vem por, por Brasil, por Rio e ya está, estan pegando pequeñas palabras para falar en português (risos).

Para o informante PI/7, as línguas que deveriam ser utilizadas são o inglês, o português e o espanhol, por considerá-las línguas de prestígio social e por utilizá-las em seu trabalho. Novamente, percebe-se a crença na necessidade de aprender mais de um idioma para ter sucesso profissional:

PI/7 – Deveriam ser faladas as línguas mais universais, eu acho que deve-se falar espanhol, português, inglês [...].

Na resposta dos vinte e quatro informantes das três localidades, constata-se que as atitudes de aceitação de uma língua e rejeição a uma delas andam lado a lado; geralmente impostas pelo “falar correto”. Percebe-se, por meio das respostas analisadas, que há necessidade de estudar outro idioma para formalizar a aquisição linguística oriunda das ruas e do contato linguístico com os turistas. Assim, com uma pronúncia e compreensão mais apurada do inglês, do espanhol e do português, o falante se sente mais prestigiado perante os outros, pela crença de que uma língua pode ser mais importante ou ter maior destaque social do que outra, pelo grupo que a utiliza.

A língua inglesa foi considerada a língua que deve ser usada para o falante ter sucesso na fronteira, seguida do espanhol, do português e demais línguas, conforme visto na questão anterior.

Observa-se que, onde convivem diferentes grupos culturais e sociolinguísticos, as pessoas adotam atitudes que revelam suas crenças relacionadas ao prestígio de determinado idioma, de acordo com suas escolhas linguísticas. As diferenças linguísticas, reinantes entre todos, direcionam à adoção de atitudes também diferentes. Na seleção de uma língua que deve ser mais usada para ter sucesso na fronteira, instaura-se o preconceito linguístico que reflete relações de poder. Há que se pesar que as peculiaridades linguísticas e culturais de cada grupo oferecem oportunidades para adoção de atitudes também divergentes.

Ao perguntar aos informantes a respeito das línguas mais faladas na fronteira eles enumeraram o português, seguido pelo espanhol, porém, ao afirmarem a respeito da língua a ser falada para ter sucesso na fronteira, nem o português nem o espanhol foram associados ao sucesso. Em Puerto Iguazú, o espanhol foi citado por um informante juntamente com outras línguas, mas não de forma exclusiva, fato esse constatado também em Foz do Iguaçu. Essa constatação pode revelar a crença de que é o inglês que deve ser ensinado na escola. Desde o primeiro momento em que o aluno tem contato com o inglês, a professora reproduz o discurso dos documentos nacionais, que norteiam a educação. Os documentos afirmam que a língua

inglesa apresenta prestígio social, poder, é a língua do comércio internacional, da mídia, dentre outros argumentos para convencer o aluno da necessidade de aprendê-la.

Pode-se dizer que os informantes percebem a força, o prestígio do português e do espanhol na Tríplice Fronteira, embora o inglês tenha sido destacado por alguns informantes como o idioma a ser falado para ter sucesso na fronteira. O destaque dado ao inglês finda por desprestigiar as demais línguas, que são usadas diariamente pelas comunidades. Os idiomas referendados pelos informantes das três localidades demonstram que as línguas faladas por eles no dia-a-dia estão distantes de serem eleitas, ao passo que a língua do sucesso, a língua que abre as portas das grandes transações internacionais, é o inglês.

Dos vinte e quatro informantes, 29% dos informantes se referiram ao inglês, 12% dos informantes apontam o português, 12,5% dos informantes afirmam ser o espanhol entre outras línguas citadas. Os dados revelam que a língua inglesa, aos poucos, pode estar perdendo a supremacia, abrindo espaço para as línguas faladas pelas comunidades locais (português e espanhol). Pode-se dizer também que, até pouco tempo, o português e o espanhol não eram prestigiadas socioeconomicamente e agora começam despontar na Tríplice Fronteira, fato esse intensificado após o acordo linguístico firmado pelos países que fazem parte do MERCOSUL.

Ao analisar o Quadro 19, observa-se que, ao somar as vezes em que o inglês, o espanhol e o português foram citados juntos a outras línguas pelos informantes e não de forma isolada, têm-se os seguintes dados 62,5% inglês, 41,66% espanhol e 33,33% português. Constata-se que o inglês é considerado a língua para alcançar sucesso na Tríplice Fronteira, seguida pelo espanhol e pelo português.

Quadro 19 – As línguas usadas para se ter sucesso na Tríplice Fronteira

Cidades Línguas	Foz do Iguaçu	Ciudad del Este	Puerto Iguazú	Total
Espanhol	02	01	—	03
Inglês	01	02	04	07
Português	—	01	02	03
Chinês	—	01	—	01
Português e inglês	—	01	01	02
Inglês e espanhol	03	01	—	04
Português e Espanhol	—	01	—	01
Português, inglês e espanhol	01	—	01	02
Mandarim e Francês	01	—	—	01

Com a pergunta 13, pretende-se saber qual é a preferência linguística dos patrões na contratação de empregados. Esta pergunta pode confirmar ou não se os patrões também preferem empregados que saibam falar inglês.

Pergunta 13. *Na contratação de empregados, por exemplo, os patrões dão preferência a candidatos que saibam se comunicar mais em que línguas?*

As respostas a essa pergunta podem confirmar o que foi dito anteriormente, isto é, se a língua que os informantes elegeram para ter sucesso na fronteira é a mesma que os patrões dão preferência na contratação de empregados.

Em Foz do Iguaçu, 75% dos informantes FI/2, FI/3, FI/5, FI/6, FI/7 e FI/8 disseram ser o espanhol e o inglês. O informante FI/1 afirma ser o inglês a língua a que os patrões dão preferência na contratação de empregados:

FI/2 – Que tem inglês e espanhol.

FI/3 – Aqui, principalmente o espanhol e o inglês.

FI/5 – Básico, né? Que é inglês e espanhol.

FI/6 – Espanhol e inglês, além do português é lógico.

FI/7 – É claro, evidente, você domina o espanhol, eu domino uma língua inglesa, porque nós temos muito estrangeiros da Europa, né? Da América do Norte [...].

FI/8 – Ah, não tenho dúvida, aqui principalmente em Foz, você tem que pelo menos saber o espanhol, né? Um pouquinho de inglês vai ajudar muito mais do que uma pessoa que só sabe um pouco do português, né?

Os informantes acreditam que é a língua do outro que deve ser falada, isto é, o espanhol, a língua oficial dos países vizinhos. Há uma atitude positiva de respeito e cooperação em receber o estrangeiro. Observa-se, de acordo com os depoimentos, que não há a crença de que é o estrangeiro que deva se adaptar ao português.

No entanto a informante FI/4 enumera uma série de línguas que deveriam ser faladas pelos empregados, dentre elas, também o inglês e o espanhol, e declara que não tem muito contato com os turistas, porém que todos deveriam saber pelo menos o básico de cada idioma:

FI/4 – Inglês, depois espanhol, alemão, né? Italiano [...] é totalmente importante desde o mensageiro. [...] Por exemplo, e... é o alemão num sabe se fala, fala japonês, uma

chinesa, eles não sabem já a recepcionista sabe, né? Mas o certo é que todo mundo tivesse um básico, né? Pra uma empresa mesmo teria que... todo mundo sabê e ter contato, né? Mas no nosso caso é cozinha, num tem muito contato, mas quem tem contato por menor que seja tinha que fazer pelo menos um básico [...].

Em Ciudad del Este, 50% dos informantes CL/1, CL/4, CL/5 e CL/7 afirmam que os patrões dão preferência a falantes do português. A informante CL/4 cita o inglês, porém conclui que é o português. O informante CL/7 faz referência a todos os idiomas que o contratado deve falar de acordo com o idioma do patrão para poder interagir, porém chega à conclusão de que os patrões dão preferência aos falantes do português, porque os grandes fregueses são brasileiros:

CL/4 – Maior preferência prá quem fala inglês, né? Que tem um bom salário, mais como tem aqui cheio de brasileiro comprando, é português.

CL/5 – Aqui na Cidade do Leste é muito importante falar em português, se a pessoa sabe falar, tem um português fluído é uma vantagem muito grande, porque é uma língua muito necessária aqui, é indispensável.

CL/7 – [...] quem contrata, a gente, todo mundo fala um pouco de tudo, então não é muito difícil de você entendê ou falá. Má tem uma coisa assim prá você trabalhá no comércio aqui, você tem que falar português, o patrão vai exigí que você fale português, a razão é que a gente que vem comprá aqui a maioria é brasileiro [...].

Dois informantes CL/2 e CL/6 fazem referência aos três idiomas, português, inglês e espanhol; para o informante CL/3, no entanto, os idiomas são português, espanhol e guarani e a informante CL/8 cita o espanhol como a língua preferida pelos patrões na contratação de funcionários.

Nas respostas dos informantes de Ciudad del Este, também se verifica a crença estabelecida em saber o idioma do outro para melhor recebê-lo, a atitude positiva dos informantes frente à língua portuguesa.

Em Puerto Iguazú, 37,5% dos informantes PI/1, PI/5 e PI/7 fazem referência ao português e inglês como as línguas preferidas pelos patrões na contratação dos empregados. Tendo em vista o contexto em que se encontram, e após acordo assinado pelos países do MERCOSUL, essas línguas são ainda mais exigidas:

PI/1 – Bom, aqui é português e inglês [...] português é o básico, português que todo mundo sabe falá [...] e inglês, para conseguí um bom trabalho [...].

PI/5 – Em português, tem sabê o primero requisito português [...] o comércio sim, o turismo inglês [...].

PI/7 – [...] nós temo o MERCOSUL, mais ainda não temo muito, muita prática, de utilizar empregado da internacionalidade [...] a maioria das empresas estão procurando hoje, pessoas que falem inglês, fale português, é fundamentalmente esses dois idiomas [...].

As informantes PI/2 e PI/8 citam o inglês; os informantes PI/3 e PI/6 fazem referência ao português e a informante PI/4 afirma ser o inglês e o castelhano as línguas preferidas pelos patrões na contratação de empregados.

Constata-se nas respostas que 25% dos informantes afirmam que as línguas preferidas pelos patrões na contratação de empregados na Tríplice Fronteira é o português.

Ao somar todas as vezes que o português, o inglês e o espanhol/castelhano (considerados pela pesquisadora como a mesma língua) foram citados pelos vinte e quatro informantes, têm-se o seguinte resultado: 50% dos patrões dão preferência aos empregados que saibam falar português, 45,83% dão preferência aos falantes de espanhol e 41,66% acreditam que os patrões dão preferência, na contratação dos empregados, aos candidatos que saibam falar inglês.

Esses dados revelam que a maioria dos informantes apresenta atitude positiva em relação ao português seguida pelo espanhol e inglês. Para ter sucesso na fronteira é preciso dominar o inglês, conforme registro dos dados do Quadro 19, porém a língua a que os patrões dão preferência na contratação de empregados é o português, como se mostra no Quadro 20.

Quadro 20 – A língua utilizada na contratação de empregados

Cidades \ Línguas	Foz do Iguaçu	Ciudad del Este	Puerto Iguazú	Total
Espanhol	—	01	—	01
Inglês	01	—	02	03
Português	—	04	02	06
Português e inglês	—	—	03	03
Inglês e espanhol	06	—	—	06
Inglês e Castelhano	—	—	01	01
Guarani	—	01	—	01
Português, inglês e espanhol	01	02	—	03

De acordo com os informantes, o português é a língua da preferida dos patrões na contratação dos empregados, seguida pelas demais línguas, incluindo o guarani, que antes não havia sido citado. Conforme referido anteriormente, os informantes têm a crença da preferência do idioma associado à hegemonia, ao poder. O inglês representa status social, prestígio, sucesso, porém, quando o assunto é trabalho, essa crença por parte dos informantes abre espaço à atitude linguística carregada de significado, isto é, o brasileiro é maior consumidor nas três fronteiras, logo os informantes mostram atitude positiva para com o português.

Os informantes têm no trabalho, a sobrevivência, a oportunidade de emprego, e para tanto destacam as línguas faladas no dia-a-dia. Os turistas americanos e europeus, entre outros, movimentam a região, mas o forte ainda é o comércio. Portanto, na escolha linguística para a contratação de empregados, nota-se que a pluralidade linguística ainda é muito forte, considerando-se esses dois fatores – comércio e turismo.

Pergunta 14. É possível que seja julgado melhor pela(s) língua(s) que fala do que pela inteligência?

A complexidade das relações sociais e culturais em territórios registrados pela presença de várias etnias e nacionalidades é marcada pela língua, que se torna um fator que demarca atitudes positivas e negativas de acordo com a língua falada pelo seu usuário. Com essa pergunta, busca-se saber se, diante da diversidade linguística constatada, é possível ser julgado melhor pela(s) língua(s) que fala do que pela inteligência.

Em Foz do Iguaçu, 75% dos informantes não consideram a hipótese de ser julgado melhor pelas línguas que fala do que pela inteligência, enquanto 25% consideram possível ser julgado melhor pelas línguas que falam por terem presenciado tal fato. Para o informante, FI/1, a pessoa inteligente vai aprender outros idiomas, apesar de ele não afirmar, subentende-se que a inteligência desperta o interesse pelo conhecimento de outro idioma:

FI/1 – Eu acho que a pessoa inteligente ela vai aprendê falá otros idiomas também, né? Então é, a pessoa tem que ser inteligente, mas ela vai entendê, mas se ela fala outro idioma isso vai ser bastante útil eu penso assim.

Os informantes FI/2, FI/4, FI/6, FI/7 e FI/8 afirmam que falar outro idioma nem sempre é sinal de inteligência, pode estar associado ao conhecimento, ao interesse pessoal, e

que, não é por não dominar outros idiomas que uma pessoa é denominada como desprovida de inteligência, conforme excertos das entrevistas destacados:

FI/4 – [...] se você aprende três ou quatro idiomas você vai falar, não quer dizer que você seja inteligente [...], você aprendeu aquilo, né? Mais é óbvio que não pode comparar... você... porque você foi, se... se instruiu mais [...].

FI/7 – Ah, eu não creio, não creio, o cara pode ter lá facilidade prá aprendê línguas e sê um poliglota e de repente, ele não ter facilidade prá mais nada [...].

FI/8 – Graças a Deus não, porque eu só falo português [...]. Isso é questão de conhecimento, de estudo que, eu acredito que qualquer pessoa que seja disposta, ela consegue aprender [...].

Os informantes FI/3 e FI/5 consideram possível as pessoas serem julgadas melhor pelas línguas que falam por presenciar situações em que isso ocorre, porém eles não concordam com tal julgamento. Segundo esses informantes, o fato de um candidato falar outros idiomas pode ajudar a conseguir emprego, mas não significa inteligência:

FI/3 – É meio difícil porque, [...] quando as pessoas falam vários idiomas, eles têm mais facilidade de conseguir emprego, mas isso não significa que a pessoa seja inteligente porque aprendeu várias línguas [...]. As pessoas dão mais importância as pessoas que falam vários idioma do que a pessoa que seja inteligente.

FI/5 – É possível que a gente vê [...]. Não é porque ele sabe falá outra língua que ele seja inteligente[...] A pessoa foi contratada pela língua, mas a inteligência não coincidiu [...].

Em Ciudad del Este, 62,5% dos informantes consideram que uma pessoa pode, sim, ser julgada melhor pelas línguas que fala do que pela inteligência, enquanto 37,5% não consideram o fato de ser julgado pelo idioma do que pela inteligência. Os informantes CL/2, CL/4, CL/5, CL/6 e CL/8 afirmam que os empregadores valorizam mais pessoas que falam mais de um idioma, antes de verificar sua inteligência, fato presenciado e que às vezes causa transtornos:

CL/4 – Aqui preferem pessoa que fala mais de uma língua, porque falá mais de uma língua tem abertura de ser inteligente, porque se você fala mais de duas língua é mais fácil aprendê qualquer outra coisa, porque a língua é o que faz, abertura da mente [...].

CL/5 – Ih! Sei lá, teve uma vez, que pegaram uma recepcionista porque ela falava tão bem, mas tão bem o português, e depois despediram ela porque ela era muito assim,

com um QI muito baixo de grado [...].

CL/8 – Sí, quem habla mais língua é mais inteligente, claro que si.

Os informantes CL/1, CL/3 e CL/7 acreditam que não, conforme recorte da entrevista destacado:

CL/7 – Acho que não, se a gente é inteligente vai falá tudo a língua que tem, não vai tê problema, o julgamento vai fica prá nada.

Em Puerto Iguazú, 50% dos informantes consideram possível ser julgado melhor pelas línguas que fala, 37,5% acreditam que não, pois segundo eles, a língua, o conhecimento de outros idiomas é produto do intelecto. Uma informante, representando 12,5%, fez uma série de considerações e não deixou evidente se é possível ser julgado melhor pelas línguas que fala do que pelo idioma.

Os informantes PI/2, PI/3, PI/4 e PI/5 afirmam ser possível serem julgados melhor pelas línguas que falam, principalmente no trabalho, e que há pessoas com habilidade apenas para línguas, conforme se observa nos excertos:

PI/2 – Pode e muito. [...] nós quando fazemos uma entrevista pra trabalho é assim. Você pode saber demais, mas se você no sabe inglês, no sabe computação cê não trabalha.

PI/3 – É posible, es posible. [...] Hay pessoas que são inteligentes para aprender las lengua, pero não são inteligentes en otras cosas [...].

PI/4 – Sí, lamentavelmente si.

PI/5 – Sempre julga mais por la língua aqui, sempre [...].

Os informantes PI/1, PI/6 e PI/7 creem de que, as pessoas são julgadas melhor pela inteligência, pois se a pessoa tem inteligência consegue trabalho, tem facilidade em aprender idiomas e a língua está ligada à inteligência das pessoas, de acordo com os trechos das entrevistas:

PI/1 – [...] pela inteligência, porque se o cara não é inteligente, a moça não é inteligente, não vai trabalhá só porque sabe inglês e português[...].

PI/6 – Não, eu acho que pela inteligência, porque se você é inteligente você pode

chegá a comprendê rápido o idioma. Eu acho que se você ver que tem facilidade de aprendê [...].

PI/7 – Nó, eu acho que nó, eu acho que a língua, a fala da língua, é um produto da capacidade intelectual, a expressão linguística, é uma, uma referência da capacidade da inteligência das pessoas.

Para a informante PI/8, dependendo da função que a pessoa vai assumir, o conhecimento de outros idiomas é fundamental:

PI/8 – Logicamente tenderá que ver que función vai assumir esta persona, se vá ir a trabalhar por exemplo, na recepción de um hotel, o ser numa parte turística de um que tiene que acompanhar a um grupo de turistas ou recepcionar-los no aeropuerto, logicamente, el idioma és fundamental [...]

Ao analisar as três comunidades de fala para saber se é possível alguém ser julgado melhor pelas línguas que fala do que pela inteligência, observa-se que, em Foz do Iguaçu, 75% dos informantes afirmam que as pessoas são julgadas melhor pela inteligência e 25% dos informantes dizem pelas línguas que falam. Segundo eles, é por meio da inteligência que mostram seu conhecimento, suas habilidades e atitudes para aprender novos idiomas.

A questão linguística em Ciudad del Este e Puerto Iguazú é bem evidente, pois, novamente o comércio e o turismo ditam as normas na Tríplice Fronteira. 62,5% dos informantes em Ciudad del Este e 50% dos informantes de Puerto Iguazú acreditam que, se as pessoas têm habilidade para falar diferentes idiomas, as oportunidades de trabalho são maiores. 37,% dos informantes de Ciudad del Este e 37,5% dos informantes de Puerto Iguazú referem-se à inteligência e associam-na à capacidade de falar outros idiomas. 12,5% dos informantes de Puerto Iguazú não souberam responder.

As crenças dos informantes a respeito de ser julgado melhor pela língua que fala do que pela inteligência revelam como as relações sociais são entendidas, principalmente no que se refere ao comércio, ao turismo e à rede hoteleira na Tríplice Fronteira. Esses setores definem o que os trabalhadores façam ou digam em determinadas situações, pois acabam por fazer os trabalhadores acreditarem que as pessoas são julgadas melhor pelas línguas que falam. Essa constatação decorre do fato de a maioria dos informantes aceitar passivamente as normas estabelecidas culturalmente, sem refletir sobre as atitudes linguísticas das pessoas em determinadas situações, pois não basta saber vários idiomas, é preciso inteligência para pô-los em prática. Por conseguinte, falar mais de um idioma é regra estabelecida socialmente para

conseguir trabalho nas três fronteiras.

As pessoas são julgadas pela forma de se comportar, maneira de se vestir, forma de falar, classe social a que pertencem, religião que professam, línguas que falam, inteligência, etnia, opção sexual e profissão. Para emitir um julgamento, primeiro é preciso compreender, apreender o significado do que se quer julgar, para então julgar. Essa seria uma forma sensata de emitir julgamento.

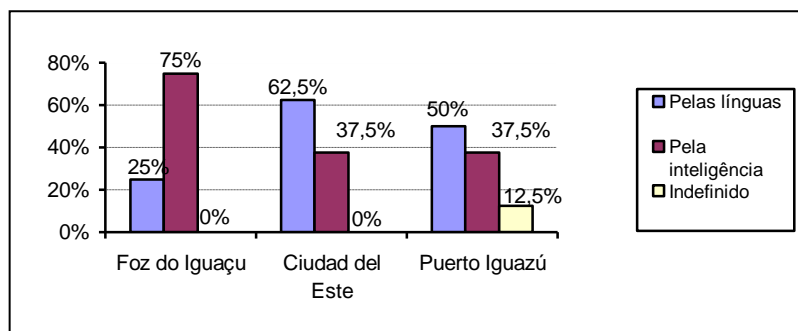
Observa-se que, muitas vezes, as pessoas são julgadas injustamente, isto é, julgadas pelo preconceito, pela intolerância, pelo estereótipo e pelos rótulos que a própria sociedade estabelece. A capacidade de compreender o outro é um ato de inteligência e a apreensão do significado está ligada ao intelecto, logo, ter a capacidade de falar outras línguas está conectada à inteligência. Para fundamentar essa afirmação, busca-se, em GARDNER (1995, p.14), a compreensão de inteligência, que é “a capacidade para resolver problemas ou elaborar produtos que sejam valorizados em um ou mais ambientes culturais ou comunitários”. Gardner considera a inteligência como possuidora de vários talentos, capacidades e habilidades mentais.

Considera-se, também, a referência que dois informantes fazem à adequação das línguas às diferentes funções, que são moldadas de acordo com a realidade do sujeito. Portanto, a inserção do indivíduo em uma situação, submete-o a julgamentos não apenas por falar mais de uma língua, mas também pela maneira como ele se porta diante das situações que exigem um grau de conhecimento mais elevado (a inteligência).

Na Tríplice Fronteira, o indivíduo tem contato com diversos idiomas e, a partir de então, compreende a importância de utilizá-los adequadamente, conforme a situação, contexto, ambiente em que estiver inserido, não apenas para se comunicar e expressar-se com clareza, mas para maior integração situacional. É interessante esclarecer que, de acordo com o contexto social em que estiver inserido, principalmente no que diz respeito ao trabalho, são exigidas atitudes inteligentes para estabelecer conexões com clientes, colegas e superiores ligados ao ambiente de trabalho. Para que o sujeito consiga se estabelecer no mercado de trabalho, isto é, um emprego em um estabelecimento comercial dos mais diferentes ramos, faz-se necessário que possua conhecimento linguístico de mais de um idioma.

O Gráfico 7 traz um resumo das respostas dos informantes das três cidades a respeito de o indivíduo ser julgado melhor pelas línguas que fala do que pela inteligência.

Gráfico 7 – É possível ser julgado melhor pelas línguas que fala do que pela inteligência?



Pergunta 15. Para você o (a) senhor (a) quem fala melhor o idioma? As mulheres ou os homens? Por quê?

Com essa pergunta, busca-se saber quais são as crenças e atitudes linguísticas das três comunidades de fala, relacionada a quem fala melhor, se a mulher ou o homem.

Na comunidade de Foz do Iguaçu, 75% dos informantes consideram que a mulher fala melhor, é mais cuidadosa, é mais estudiosa. Tal fato revela que a escolaridade se fez bastante presente nas respostas. Os informantes afirmam que a mulher tem mais tempo para estudar e 12,5% afirmam ser o homem que fala melhor e 12,5% dos informantes não veem diferença.

Ao questionar sobre quem fala melhor o idioma, a mulher ou o homem, em praticamente todos os casos, a pergunta provocava risos. Mexia de certa forma com o lado afetivo dos informantes, alguns se contorciam, coçavam a cabeça, olhavam para o lado, mostravam certa indecisão, cruzavam braços e pernas, ficavam numa postura mais relaxada. A pequena porcentagem que não soube ou não quis se posicionar mostrou um pouco de inquietação diante da pergunta. Os informantes FI/1, FI/2, FI/3, FI/4, FI/7 e FI/8 consideram que a mulher fala melhor, de acordo com os depoimentos:

FI/1 – (Risos) Eu não sei, eu acho que depende da situação, têm pessoas que falam melhor porque estudou mais ela pode falá melhor qualquer outro idioma [...] as mulheres, geralmente, falam um pouquinho melhor.

FI/2 – Eu acho que mulher. [...], sabe se expressá melhor.

FI/3 – Olha, eu acho que as mulheres se dedicam mais, eu acho que sim.[...] Se você for analisá a mulher tem mais tempo de escola do que os home no geral [...].

FI/4 – [...] mulher fala mais, fala melhor [...]. Eu num sei mais, mais delicada [...].

FI/7 – [...] eu penso que a mulher é mais cuidadosa pelo menos, agora dependendo da

situação, o homem vai falar melhor, a mulher também dependendo da situação vai se cuidar mais com a linguagem [...]

FI/8 – [...] acho que a mulher se comunica bem melhor, ela tem mais maneira de se comunicar [...].

O informante FI/5 afirma que são os homens que falam melhor o idioma, pois eles têm facilidade em se comunicar, tanto com homens, quanto com mulheres, de acordo com seu depoimento:

FI/5 – [...] os homens se comunicam melhor. [...] Talvez pela facilidade que o homem tem de abordar tanto homem quanto mulher [...]

A informante FI/6 não vê diferença, ao considerar que é muito subjetivo e aponta para as diferenças individuais, como se vê na sua entrevista:

FI/6 – Não vejo diferença, eu acho que isso aí é subjetivo, é uma forma... Cada um tem uma facilidade diferente de captar e de se comunicar.

Nas respostas obtidas em Ciudad del Este, 87,5% dos informantes afirmam que são as mulheres que falam melhor o idioma, porque elas têm jeito em lidar com os clientes, apresentam clareza na fala, são inteligentes, delicadas, charmosas e engraçadas. 12,5% dos informantes consideram os dois em igualdade de condições:

CL/1 – Aqui por exemplo têm muitas mulheres que fala bom mesmo. [...] É porque é no momento aqui nos negócios[...].

CL/3 – A mulher fala mais. [...] Eu acho que a mulher é mais rápido de aclarar sua palavra, mas como o homem fala sim muito rápido.

CL/4 – As mulheres. [...] Coloca sotaque, tem jeito... jeito engraçado, né?... Pelo charme mesmo, né? Mulher...

CL/5 – De repente, eu acho que as mulheres. [...] Porque eu escuto assim, várias paraguaias, assim... vendedoras, essas coisas, convencendo o cliente [...].

CL/6 – As mulheres eu acho. [...] Não sei, são mais delicadas.

CL/7 – Têm mulheres que falam muito bem e tem homem que fala muito bem também [...] a gente que geralmente vai falar as melhor coisa as mulheres, a mulher leva... vai ganhar a batalha porque sempre a mulher tem uma preferência especial.

CL/8 – Las mujeres. [...] Las mujeres son mais inteligentes.(Risos)

A informante CL/2 afirma serem os dois, que falar melhor ou pior está ligado à inteligência e à habilidade linguística de cada um, conforme depoimento:

CL/2 – Ai no sei, ai é eu acho que os dois. [...] Porque cada um aprendeu e ele nasceu assim, se criou e aprendeu a sua língua, eu acho que os dois dependendo da inteligência de cada um e do..da praticidade que ele tem com a língua, eu acho que os dois.

Em Puerto Iguazú, 75% dos informantes afirmam que é a mulher quem fala melhor o idioma. Destacam o fator escolaridade como marca dessa diferença, consideram que a mulheres são mais delicadas, se expressam melhor e que os homens são atrapalhados, entre outras caracterizações que são identificadas nas transcrições. Uma informante, PI/6, representando 12,5%, afirma que os dois falam bem e também aponta o fator escolaridade como definidor e outra informante, PI/8, que representa 12,5%, afirma que é o homem quem fala melhor, porque ele é mais decidido, auto-confiante, a mulher é mais tímida e perfeccionista.Tais características fazem com que a mulher crie barreiras psicológicas para se expressar.

PI/1 – Eu acharia que é mais a mulher para mim. [...] a mulher é mais dedicada ao estudo [...] é muito inteligente, né? Ela aprende mais rápido fala prá mim o inglês, o português, tem mais inteligência que o homem [...].

PI/2 – As mulheres têm mais capacidade que os homem. [...] Por que sim, porque as mulheres aprendem sempre, sair e aprender [...].

PI/3 – Ah... Acho que las mujeres. [...] A mulher é sempre más delicada, presta más atención para hablar, para expresarse, para hacerse entender [...].

PI/4 – As mulheres. [...] Porque os homens se atrapalham muito. (Risos)

PI/5 – As mulheres, têm homens, mas a mulher fala melhor. [...] Ela pronuncia melhor, tem mais fonética as mulheres.

PI/7 – Com uma clareza eu acho que a mulher pode falar melhor, mais... [...] acho que, que por exemplo: a minha filha, se meu filho me disse “papai” eu adoro, mais se minha filha diz “papai” eu me derreto (risos) (inint.)

A informante PI/6 considera que, desde que haja estudo, os dois falam bem, de acordo com excerto retirado da entrevista:

PI/6 – Eu acho que os dois podem falar bem, mas se tem um bom estudo, um idioma. Não tenho preferência na mulher e no homem. (Risos) Se estudam falam bem, sim.

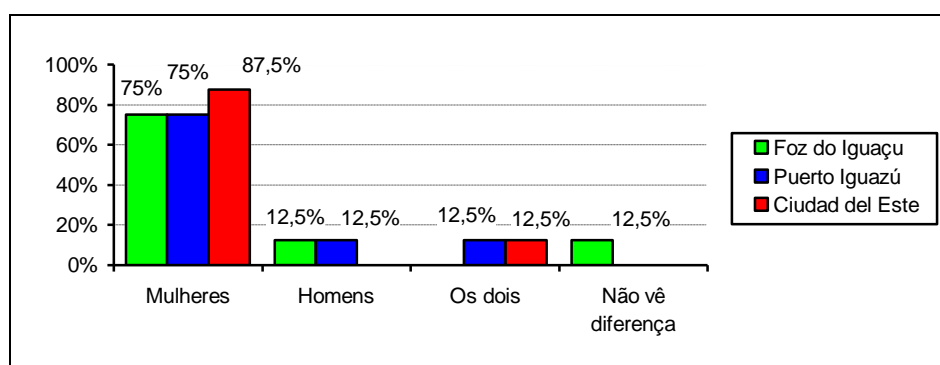
Para a informante PI/8, o homem fala melhor o idioma que a mulher porque ele é auto-confiante, enquanto que a mulher é mais retraída, conforme excerto destacado:

PI/8 – Yo creo que el hombre. Voy analizar de mi ótica. El hombre es más cara dura, chamamos que se anima más, la mujer, lembro do que me acontece errores o que me daba vergüenza, de hablar mal e de cometer porque soy un tanto perfeccionista em vocabulário [...] no pela inteligência (inint.) creo que é uma questão de atitud, atitud, no de inteligência.

O Gráfico 8 apresenta dados em que os informantes das três cidades consideram a fala feminina de maneira positiva, enumerando uma série de atributos como, escolaridade, delicadeza, charme, habilidade, clareza, musicalidade.

Dos vinte e quatro informantes, 8,33% dos informantes, FI/5 e PI/8 referem-se à fala masculina como a melhor, apresentam uma fala machista por associar o falar melhor aos galanteios masculinos, à forma de conquistar, de conversar e abordar alguém. De um lado, FI/5, em seu depoimento, percebe-se que só o homem poderia fazer este tipo de abordagem, enquanto que a mulher, por ser mulher, por este viés, não apresentaria tal facilidade, logo, para o informante FI/5, o homem se expressa melhor do que a mulher. De outro lado, nota-se no trecho da entrevista da informante PI/8, também resquícios machistas, pois ela enaltece a fala masculina, afirma que o homem é mais decidido, ao passo que a mulher necessita de amparo, por ser mais indecisa, e que a hipercorreção ao falar deixa a mulher numa posição fragilizada. O Gráfico 8 ilustra que são mulheres que falam melhor o idioma.

Gráfico 8 – As mulheres falam melhor o idioma na Tríplice Fronteira



Esse ponto marcado pelos informantes, de que a mulher está numa posição mais fragilizada, faz retomar a cultura nacional, que sempre espanhol priorizou as diferenças entre homens e mulheres em nome do resguardo da identidade feminina. Por exemplo, um palavrão, um xingamento, uma atitude mais decidida, sempre foram aceitáveis vindos de um homem, do que partindo de uma mulher. O comportamento linguístico das mulheres sempre foi muito vigiado pela educação tradicional e depois pelas próprias mulheres, com vistas a preservar a diferença comportamental e linguística. A educação tradicional, que repreendeu muitas mulheres, deixou marcas que até hoje se manifestam nas vozes femininas, principalmente no que diz respeito às três fronteiras, onde há mistura dos idiomas.

A informante PI/8 fala tranquilamente que se sente envergonhada de se auto-corriger, deixa perceptível o pudor vitalício que impera em sua fala, que desde a infância se fez presente. A escola da época, segundo a informante, representa mais um elemento castrador da identidade, dizia que não podia falar nem português nem castelhano que deveria falar. Assim, na Tríplice Fronteira, intensificam-se as experiências e os contatos linguísticos e, nessa mistura, para a informante, o homem é que fala melhor o idioma por ser mais auto-confiante e ter mais atitude.

Tanto a segurança quanto a insegurança linguística podem ter suas consequências. No caso da insegurança, conforme visto anteriormente, leva à hipercorreção, o que faz com que as pessoas normalmente passem por situações constrangedoras perante os outros. Em alguns casos, o excesso de segurança linguística pode levar ao pedantismo linguístico, revelador de preconceitos linguísticos, relacionado às pessoas desprovidas do domínio da variedade padrão e seu uso. Não basta dominar as regras gramaticais, há necessidade de saber estabelecer as devidas conexões entre as regras, a fala e o contexto. Os trechos retirados das respostas de alguns informantes ilustram o que se vem descrever:

FI/8 – O nosso português? O nosso português é difícil de ser falado por qualquer um, tanto falando em questão de norma, né? A gramática normativa, agora de se comunicar, acho que a mulher se comunica bem melhor [...]

CL/7 – [...] a qualidade depende da gente, do jeito de falá, a gente que geralmente vai falá as melhor coisa as mulheres, a mulher leva... vai ganhá a batalha porque sempre a mulher tem uma preferência especial.

PI/8 – [...] siempre me gusto que me hijos hablen bem, que no se coma ou consiga sacar las eses finales cuando me corresponde com ela, percebe por ejemplo, Paraguai adolece su idioma, que la gente tem um grave problema com las eses finales, pone onde não debe e saca la que tiene que poner, exatamente e a mi me choca

terriblemente, que quando escuto soy como le me (inint.) Entonces sempre ensisti a mi hijos que hablen bien, que pronuncien las letras bien. Entonces porque soy mui exigente, por isso que sou mais vergonhosa e por isso que devo ser mais cometida, meu marido que é mais cara dura [...].

Portanto, a escolha linguística de quem fala melhor, se o homem ou a mulher, tem por base atitudes sociais, veiculadas pela mídia. Algumas vezes, julga-se o falante e não a fala, como se depreende das respostas dos informantes, considerando a inserção social dos homens e mulheres no mercado de trabalho da Tríplice Fronteira.

Pergunta 16. No seu trabalho, é preciso escolher um jeito e uma língua diferente para lidar com cada pessoa? Como? Por quê?

Com essa pergunta, busca-se saber se nas requeridas situações de interação, definidas como apropriadas para o trabalho, é preciso escolher um jeito e uma língua diferente para lidar com cada pessoa, em função da formalidade da situação e do assunto a ser tratado entre os interlocutores. As respostas a essa pergunta podem revelar atitudes de hierarquia, poder e autoridade que estão associadas às variantes de prestígio, isto é, variantes que dão status aos seus usuários. Enquanto as variantes desprestigiadas são utilizadas pelos subordinados, com pessoas com pouca ou nenhuma qualificação profissional, vistas negativamente, este uso contribui para rebaixar os falantes, estabelecendo, assim, o preconceito linguístico e a discriminação socioeconômica.

Em Foz do Iguaçu, 50% dos informantes, FI/2, FI/4, FI/5 e FI/6 afirmam que utilizam línguas diferentes de acordo com o interlocutor, ou a situação. Outros 50% dos informantes, FI/1, FI/3, FI/7 e FI/8, afirmam que não escolhem um jeito ou uma língua diferente para lidar com cada pessoa, que eles procuram se fazer entender independentemente da pessoa. Para o informante FI/3, seu trabalho não exige o contato com outras pessoas, logo, ele não vê a necessidade de adequar a sua maneira de falar, conforme excerto:

FI/3 – Não, porque a gente num tem contato direto com as pessoas, nosso trabalho não inclui falar com pessoas diferentes não.

Para a informante FI/4, a variação na hora de falar é inevitável, porém, hierarquicamente, há casos em que ela não tem contato com o proprietário, pois o poder é estabelecido também pelo distanciamento, revelado pela ausência de contato linguístico com os superiores, conforme trecho destacado da entrevista:

FI/4 – É o certo, né? Quando eu falo com um amigo de setor é uma coisa, quando eu falo com minha chefe é outra, gerente, com dono, às vezes a gente nem fala, né? Então é diferente.

O informante FI/5 afirma que varia constantemente e enfatiza que, ao falar espanhol, apresenta um forte sotaque e procura se policiar, por este ser motivo de preconceito perante outros falantes de espanhol. Ao falar com os amigos, não têm a preocupação de se policiar linguisticamente, porque quando erra, se os amigos o corrigem, não considera tão constrangedor. O informante fala de maneira diferenciada com os hóspedes e quando o interlocutor abre espaço para que ele se sinta mais à vontade, a linguagem flui mais facilmente, isto é, não tão formal quanto era no princípio da conversa.

Outro ponto a destacar na fala do informante FI/5 é a atitude positiva relacionada à variedade padrão e à língua inglesa, entendida nas entrelinhas e percebida pelo termo *polite*, utilizadas em seu local de trabalho, o demonstra a crença relacionada às variantes mais prestigiadas socialmente. Percebe-se, também, a visão preconceituosa do informante relacionada ao idioma dos argentinos e paraguaios. A atitude negativa demonstrada, ao se referir aos moradores dos países vizinhos, aponta para a crença carregada de preconceito em relação ao sotaque dos falantes do espanhol do Paraguai e da Argentina, conforme trecho retirado da entrevista:

FI/5 – Sim, até pelo meu sotaque de argentino, [...] eu acabo me policiando pra não falar no sotaque, no acento deles [...] um paraguaio falando espanhol é muito difícil de entender pelo acento que eles têm também, rau, rau, rau caipirão [...] Aqui no trabalho tem que ser mais polite (Risos) [...] mas quando você vê que a pessoa te deu uma brecha, que a pessoa é jovem, que a pessoa é atendida... é.. você muda a maneira de falar e com os amigos é diferente, cê fala sem ter medo de errar [...] Se o cara te corrigir vai ser uma coisa mais leve, você vai se senti não tão pesado, mas muda sim. Aqui dentro com os hóspedes e com os colegas de trabalho e fora também.

Para a informante FI/6, a variação linguística está associada à paciência, à timidez e à tolerância, pois cada pessoa tem um jeito próprio de ser. Infere-se que muitas vezes esse fato se reflete nas atitudes linguísticas. Pelo que diz a informante no trecho seguinte, não há uma referência à língua, mas ao comportamento social:

FI/6 – [...] todas as pessoas que visitam Foz, praticamente passam aqui, né? Shopping é o lugar de qualquer estrangeiro. Em qualquer lugar que você vá pra fora do país é o

shopping que você procura porque é muita... misturado, é um jeito de você se sentir um pouco em casa eu acho.[...] Por que as pessoas são diferentes. [...] aqui na livraria, tem gente que tem menos paciência de esperá, outros tem mais curiosidade que precisam de mais tempo, outros são mais tímidos, né? Então, são diversos tipos de pessoas, né? Independente de origem.

O informante FI/7 afirma não variar a maneira de falar de acordo com o interlocutor, para ele é questão de adaptar a linguagem. Porém se o informante vai adequar a sua linguagem à dos interlocutores, ele escolhe um jeito diferente de falar. Como acontece ao se referir à linguagem que ele utiliza durante as aulas aplicadas ao terceiro ano do ensino médio não ser a mesma linguagem utilizada no ensino fundamental. Infere-se que deve ficar mais próxima da variedade padrão, tendo em vista que são alunos de uma faixa etária mais elevada e que se encontram próximos do vestibular, então, o informante FI/7 se utiliza da variedade de maior prestígio social, embora não admita, conforme se observa no trecho em destaque:

FI/7 – Não, você estabelece uma linguagem para determinada turma. Se eu tô na quinta série, eu vô utilizar uma linguagem inteligível para a quinta série, se eu for pra um terceirão, terceiro ano do ensino médio, que eu tenho, eu falo uma linguagem do nível deles, uma linguagem pra trabalhar com a pessoa ali.[...] Não, uma linguagem só.

Em Ciudad del Este 87,5% dos informantes afirmam que é preciso escolher um jeito e uma língua diferente para lidar com cada pessoa e apenas 12,5%, isto é, o informante CL/7 não considera o fato de escolher uma maneira diferenciada para falar com cada pessoa. O informante CL/1 diz que não tem um jeito diferente, porém os três idiomas são necessários para dar atenção aos clientes. Percebe-se a crença negativa do informante relacionada ao falante do guarani, a referência que é feita a esses falantes que, de acordo com o informante, vêm do interior:

CL/1 – Não aqui eu uso as três língua, né? Quem vem o brasileiro fala o português quem vem o argentino fala o espanhol e têm aqueles caras que vêm de, do interior, né? Ai tem que falá o guarani. [...] Em atenção a cliente, né?

A informante CL/4, como se depreende de suas afirmações transcritas a seguir, afirma que fala de diversas formas de acordo com os clientes, demonstra sua crença ao lidar e se comportar com as pessoas que se relaciona:

CL/4 – Eu falo, são vários jeito. [...] Eu tenho monte de freguês de diferente tipo, por

exemplo, uma... uma freguesa que seja religiosa, pela roupa eu já sei que é uma religiosa, não uma monja assim, uma, uma pessoa de igreja, eu já percebo, né? Aí, já falo com língua religiosa. Para oferecê meu artigo. [...] então uso vários jeito, e se é uma pessoa de muita idade, também com muito respeito, (risos), falo mais na alma que no ouvido.

Em Puerto Iguazú, 87,5 % dos informantes afirmam que em seu trabalho é preciso escolher um jeito e uma língua diferente para lidar com cada pessoa. 12,5% dos informantes, não concordam. O informante PI/1 deixa transparecer a crença de que a maneira diferente de falar ou tratar o outro pode revelar preconceito, logo, ele trata todos igualmente:

PI/1 – É, no meu trabalho não, porque, eu falo sempre da mesma forma como tô falando com você, com todos os meu cliente eu falo da mesma forma, porque eu não posso ser diferente com um, com outro porque ficaria mal. Sempre trato a pessoa bem, da melhor forma possível e, no meu trabalho eu tenho que ser, sempre educado e eu não posso trata diferente uma pessoa da outra, sempre o mesmo trato [...].

Para a informante PI/2, o jeito de falar vai depender da língua estabelecida pelo cliente, a informante PI/6 diz que depende da pessoa, de seu jeito, sua faixa etária para que ocorra a escolha do jeito certo para lidar e o informante PI/7 afirma que há necessidade de um jeito diferente, inteligência, “conhecimento neurolinguístico”, mas, não uma língua:

PI/2 – Sim. [...] Depende da pessoa, tem pessoa que vem e diz, não, eu falo português e só português, no quero que você fale espanhol. Já aconteceu muitas vezes, e tem aquele que vem dizer eu falo inglês e só inglês se arruma como puder se souber e se não souber sinto muito.

PI/6 – Não, depende da pessoa que vem, você nota se é uma pessoa amável, você trata de conversá mais tranquilo, se você ver que é uma pessoa meia pesada, você trata de falar um poco mais direto, [...] a gente trata de procurá palavras como senhor, senhora mais educado, sim, sim vai mudando.

PI/7 – É. Eu acho um jeito diferente, mas não uma língua diferente, um jeito diferente até porque, cada pessoa é um universo diferente da outra. Eu acho que tem que haver si, um, um conhecimento neurolinguístico para se referir entre pessoas, não é a mesma coisa falar entre homens e dependendo do tema também o jeito é diferente, tem, tem que ter a inteligência de procurar o jeito mais apropriado.

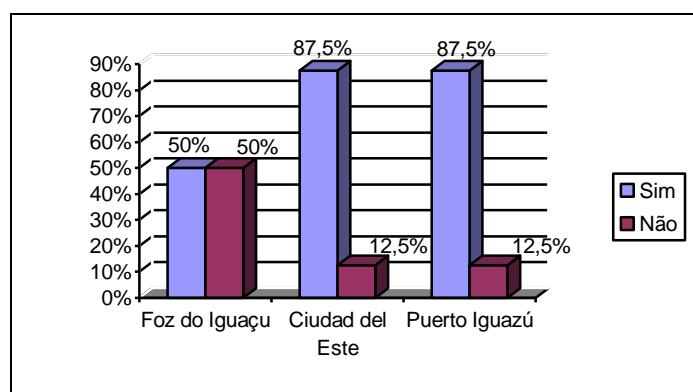
A informante PI/8 reconhece a necessidade de escolher um jeito, uma forma de falar com cada pessoa, relacionada ao trabalho, por se deparar com inúmeras situações em que as pessoas são bastante heterogêneas. Distribuem-se desde as que não apresentam nenhuma

escolaridade até profissionais das mais diversas áreas e de nível sócio-cultural diferentes. A informante acredita ter sido selecionada entre os diferentes profissionais da área jurídica para lidar com questões judiciais que lhe competem. E por dispor de um vocabulário que lhe possibilita ter facilidade em se comunicar com qualquer pessoa, independentemente da faixa etária e/ou classe social que lá se faça presente, e também por apresentar flexibilidade para se adaptar aos diferentes contextos a que é submetida. O conhecimento linguístico unidos à sensibilidade faz com que a informante escolha um jeito para lidar com cada pessoa:

PI/8 – Acontece [...] em mi trabalho vem gente desde analfabeta, profesionales porque tiene questão judiciales que le aconteceram, aí viene de todo el mundo. Porque soy una persona aberta em me despacho, porque soy la juez e em meu despacho entra todo mundo, humilde, limpo, com cheiro de perfume o com cheiro não agradável, qualquer um, porque a todo mundo eu atendo[...] Trato de adaptatar-me al interlocutor que tengo, se es una persona com poca cultura, com poco vocabulário, indubitavelmente utilizo um vocabulário sensijo [...] trato de ser didática para que la gente que vino averiguar algo se vaya com la resposta clara. [...] com palavras bien conocidas quando tieno um interlocutor que se da cuenta, com sua cultura permite. Bueno, que se de conta del câmbio del vocabulário normal, creo que uno reconosca la formação que tengo um vocabulário mais fluido de uno que de outro, então es mais común que vá quem que tenga que assumir.

O Gráfico 9 ilustra a necessidade de escolher um jeito e uma língua diferente para lidar com cada pessoa no trabalho, de acordo com os informantes.

Gráfico 9 – Escolha linguística e jeito diferenciado para lidar com as pessoas no trabalho



Ao estudar as três comunidades de fala, constata-se a variação linguística presente na fala da maioria dos informantes. A necessidade de adaptação à língua do outro no trabalho é fato, mesmo para os informantes que disseram falar da mesma forma, independentemente da pessoa ou da situação. Há momentos, durante os inquéritos, que os informantes acabam por se

contradizer, apresentando situações reais em que o jeito diferente de falar e lidar com cada pessoa se fez presente.

Há a crença, em 25% dos informantes, de que, se existe mudança na maneira de falar para se adaptar à situação, essa mudança é vista de forma negativa por estar associada ao preconceito. Infelizmente essa visão é bastante equivocada, pois a variedade padrão é ensinada nas escolas, justamente para que a pessoa, no seu dia-a-dia, faça essa adaptação linguística, de acordo com os mais diversos contextos situacionais e o conhecimento linguístico possibilita esses ajustes.

A atitude do falante relacionada à língua nunca é neutra, porque envolve questões afetivas relacionadas a sua língua e à língua do outro, que acabam por criar estereótipos e preconceitos. É o caso registrado no depoimento do informante FI/5 quando faz referência ao sotaque do espanhol falado pelos argentinos e pelos paraguaios vistos de maneira negativa e desprestigiada, ao afirmar que o falante paraguaio tem um sotaque “caipirão”.

Na avaliação social, sobre as variedades linguísticas, constrói-se uma hierarquia, em que se estabelecem os modos de falar prestigiados e desprestigiados. Nesse campo, Alkmim (2001, p. 42) destaca aspectos relevantes, como se transcreve a seguir:

Aprende-se a variedade a que se é exposto, e não há nada de errado com essas variedades. Os grupos sociais dão continuidade à herança linguística recebida. Nesse sentido, é preciso ter claro que os grupos sociais situados embaixo da escala social não adquirem a língua de modo imperfeito, não deturpam a língua ‘comum’. A homogeneidade linguística é um mito, que pode ter consequências graves na vida social. Pensar que a diferença linguística é um mal a ser erradicado justifica a prática da exclusão e do bloqueio do acesso aos bens sociais. Trata-se sempre de impor a cultura dos grupos detentores do poder (ou a ele ligados) aos outros grupos – e a língua é um dos componentes do sistema cultural.

A atitude positiva da escolha da língua, para lidar com diferentes pessoas ficou estabelecida a partir do momento em que o informante consegue interagir com o interlocutor no trabalho ou em qualquer outra situação. Conforme visto nos depoimentos, a escolha linguística à adaptação do contexto social vai além do ouvido, mexe com os sentimentos, as emoções do falante e, de acordo com a informante CL/4, sua fala “vai além do ouvido”, pois fala “na alma da pessoa”.

Pergunta 17. *Uma pessoa que tem bastante instrução fala melhor que uma pessoa que tem pouca ou nenhuma instrução escolar?*

Nas respostas a essa pergunta, pode-se identificar as crenças e atitudes dos informantes

diante da fala do outro e da sua própria fala, ao assinalar quem fala melhor, se é uma pessoa instruída ou com pouca ou nenhuma instrução. Sabe-se que todo falante nativo, de qualquer língua, conhece sua língua de maneira intuitiva e a utiliza naturalmente.

As regras básicas do bom funcionamento da língua são incorporadas a partir do momento em que o indivíduo começa a falar, no colo de sua mãe, ou da primeira pessoa com quem tem contato linguístico. A criança vai formulando as primeiras frases a partir da observação e do ouvir o outro. Mais tarde, esse conhecimento linguístico passa a ser formalizado, isto é, ela vai para a escola para aprender as normas, as regras da variedade padrão, que só farão sentido a partir do momento em que são ensinadas dentro de um contexto de uso e não de forma decorada e fragmentada.

Em Foz do Iguaçu, 62,5% dos informantes creem que as pessoas instruídas falam melhor. 25% dos informantes acreditam que nem sempre uma pessoa instruída fala melhor do que uma pessoa com pouca ou nenhuma instrução. E 12,5%, um informante, considera relativo. A informante FI/4 afirma que fala mal, fala “errado” devido às suas origens, apesar do pouco estudo ela informa que escreve bem, como se vê trecho da entrevista em destaque:

FI/4 – Ah, é com certeza. Porque eu, eu escrevo bem, mais falo errado fui criada... minha família é mineira fala aquelas palavra errado uai,[...]

Na resposta, a informante se auto-penaliza em virtude dos regionalismos que ela internalizou, citando a expressão “uai”, nota-se que devido a baixa escolaridade, ela desconhece o que a variedade padrão considera adequado e inadequado. Esse fato remete à escola que, muitas vezes, ao ensinar a variedade padrão, acaba por estigmatizar as variedades populares, pois em alguns casos, o profissional da educação e o material didático utilizados pelo docente não deixam claro sobre a realidade linguística brasileira. É claro que é a função da escola ensinar a variedade padrão, mas é sempre bom lembrar que além da variedade padrão há a variedade popular. O fato de não deixar claro ao aluno essa diferença pode gerar preconceito linguístico. Normalmente a fala está associada ao nível social, intelectual, regional e a mídia reforça esse preconceito, principalmente nas regiões mais estigmatizadas, como é o caso, citado pela informante, do interior de Minas Gerais.

Percebe-se que uma das características dos programas de humor é fazer uso da variedade linguística estereotipada, caricata, típicas de regiões de Norte ao Sul do país, que apresentam fortes traços regionais. Porém os programas humorísticos utilizam as marcas linguísticas regionais de forma negativa, para estigmatizar o outro, nunca de maneira positiva.

As diferenças regionais, sociais, culturais, entre outras, são postas como forma de exclusão e, nas entrelinhas fica perceptível que, se o indivíduo continuar falando determinada variedade estigmatizada, ele será ridicularizado socialmente e jamais conseguirá prestígio social. O prestígio está associado ao poder, ao domínio da variedade padrão e, se possível, sem nenhum sotaque que identifique sua procedência.

Os regionalismos são sempre apresentados de forma preconceituosa e discriminativa, fazendo com que as pessoas internalizem esse preconceito linguístico reforçando a idéia de “certo” e “errado” (SILVA-CORVALÁN, 1988, p. 12). A escola reconhece a variação linguística no Brasil, porém ainda falta preparo, embasamento teórico e conhecimento para trabalhar com o tema, logo, continua-se impondo a variedade padrão como única opção linguística, desconsiderando as demais variedades.

A diversidade linguística brasileira é trabalhada superficialmente em sala de aula, como forma de cumprir o planejamento escolar. Estabelece relação com algumas obras literárias e não com a sociedade que se apresenta em forma de um mosaico linguístico tão importante na composição linguística do cenário nacional.

Para os informantes FI/5 e FI/7, uma pessoa com instrução não significa que fale melhor que as pessoas menos instruídas, pois pessoas instruídas, de acordo com eles, podem ter outro conhecimento, mas não significa que falem melhor, conforme excertos retirados das entrevistas:

FI/5 – Não, eu acho que não. Têm pessoas que já são formadas aqui, já estudaram as línguas e falam pior do que muitos que não tão formados ou que entraram agora. Força de vontade, né?

FI/7 – Não. Ela pode usar um maior número de palavras, ele é um acadêmico, então provavelmente o número de palavras, soma o número de palavras que eles usam vai ser bem maior, três, quatro, cinco mil palavras, não quer dizer que ele fala melhor, não quer dizer que ele se comunica melhor. Aí teria que questionar o que é falar, mas eu não creio.

A informante FI/8 defende as duas partes, isto é, pessoas instruídas e pessoas com pouca instrução. Ela demonstra a crença de que existe uma língua considerada mais bonita, que é a língua ensinada nas escolas, explicada por meio da variedade padrão e por outro lado, que se deve respeitar o jeito de falar da outra pessoa. O fato de não “dominar” a gramática normativa não significa que o falante não saiba se comunicar com clareza, pois há pessoas que têm domínio da norma e apresentam dificuldades ao se comunicar, transmitir o conteúdo,

conforme registrado na entrevista:

FI/8 – Ela tem um português mais bonito, uma colocação melhor, é... vai atingir o objetivo com mais clareza, com mais rapidez, né? Então, vai ter uma linguagem bem mais fácil de se comunicar. Vai atingir, né? Mas isso não quer dizer que a outra pessoa que não domina a gramática normativa também não saiba se comunicar.

Em Ciudad del Este, 75% dos informantes consideram que uma pessoa com instrução fala melhor que uma pessoa com pouca ou nenhuma instrução, enquanto que 25% consideram relativo, tendo em vista que nem sempre uma pessoa com instrução fala melhor que uma pessoa com pouca ou nenhuma instrução. Para o informante CL/1, a pessoa precisa estudar para falar direito, porque senão acaba por misturar as línguas, devido à falta de vocabulário, e o informante associa o falar “ruim” à classe social como fator negativo, pois, para ele, o yopará é uma variante desprestigiada socialmente:

CL/1 – Não, aí... tem que... só... um tem que estudá mesmo, né? Porque é... aquele que no estuda, até fala, tudo ruim assim, né? Essas classes de pessoas é aquele que fala yopará, né? Porque é quando no sabe de um idioma passa do outro [...].

O informante CL/1 apresenta atitude negativa, pois demonstra seu preconceito étnico e social perante os falantes do yopará, tão importante para a formação da língua de uma comunidade. O informante desconhece a mudança linguística e as adaptações que os falantes fazem na língua tendo em vista a constante evolução linguística.

A informante CL/4 considera relativo uma pessoa com instrução falar melhor que uma pessoa com pouca instrução, principalmente na fronteira, lugar onde as pessoas trabalham mais que estudam. Para ela, a fala está associada à língua, traz exemplos entre os moradores da capital, Assunção, e os moradores de Ciudad del Este. Deixa transparecer a crença de que existe uma língua espanhola, que ela considera de prestígio, falada pelos intelectuais, por pessoas preparadas academicamente, e que esse espanhol não é falado na fronteira:

CL/4 – É relativo, relativo aqui na fronteira, porque em Assunção por exemplo as pessoas são mais intelectuais, estuda mais, tem mais preparação acadêmico, que aqui na cidade, aqui na cidade as pessoa é tudo trabalho, trabalho, estudam pouco. Pouco, pouco, mais aqui fala melhor que na Assunção, em português, né? Em Assunção fala melhor o espanhol. Aqui as pessoa vieram do interior, do guarani já foram pra português, sem aprendê falá espanhol, ou seja, o paraguaio que está na fronteira não sabe falá o espanhol, falam pouco.

De acordo com o depoimento de CL/4, o fator escolaridade em Ciudad del Este e Assunção explicam a existência da diferença entre os falantes da variedade desprestigiada do espanhol que compõe a maior parte da população de Ciudad del Este que mescla espanhol com guarani. Os falantes escolarizados falam a variedade prestigiada do espanhol, sem interferência do guarani, que é o espanhol falado, de acordo com a informante, em Assunção. O fato de saber o espanhol se torna relativo na hora de se comunicar em Ciudad del Este, porque a maioria fala português. A pessoa pode saber a língua, falar melhor, mas se o seu interlocutor não partilhar da mesma língua não haverá comunicação.

Em Puerto Iguazú, 50% dos informantes acreditam que fala melhor quem tem instrução. 50% consideram esse fato relativo porque, de acordo com os informantes, há muitas pessoas sem instrução que aprenderam a falar no comércio, na rua e falam melhor do que muitas pessoas instruídas.

O informante PI/1 afirma que há muitas pessoas que não sabem se expressar adequadamente por falta de estudo, e não conseguem um bom emprego. Ele afirma que seu pai nunca estudou, fala melhor do que muitas pessoas instruídas porque sempre lidou com o comércio. O contato linguístico constante com diferentes pessoas, no trabalho do pai do informante, proporciona aprendizagem, conhecimento linguístico e faz com que ele se expresse bem, seja com pessoas instruídas ou com pouca instrução, sem discriminar ou sofrer qualquer discriminação, de acordo com o trecho retirado da entrevista:

PI/1 – Lamentavelmente sim [...] têm casos que a maioria não sabe expressar-se bem por causa que não estudaram, não sabem ler nem escrever [...]. Não é discriminá nem nada, mas não vai consegui um bom emprego [...] não é estar em contra essa pessoa, mas é a realidade. Meu pai não tem estudo, mais é, fala como um senhor, qualquer um, como pode ser um empresário ele pode falá igual, porque ele se criou assim já aqui, trabalhando com comércio, porque ele tem comércio, então sempre aprende, né? Sem nada de estudo, eu to falando. Por isso, tem pessoa e tem pessoa. Tem pessoa que não qué aprendê nada, então esse sempre vai sê, vai falá mal, vai sê burro, então, não sei o que posso dizê, é o que eu penso, né?

Para os informantes PI/7 e PI/8, o fato de uma pessoa instruída falar melhor que uma pessoa com pouca ou nenhuma instrução é relativo. Apontam para o lado semântico da expressão “falar melhor”, porque uma pessoa instruída pode ter conhecimento aprofundado em normas gramaticais, em assuntos filosóficos, vocabulário, porém pode se tornar prolixa em seu discurso e encontrar dificuldade em ser compreendida. Por outro lado uma pessoa menos instruída, algumas vezes pode ser sábia, sensata, humilde, falar pouco e dizer muito;

portanto para os dois informantes, fala melhor quem consegue se comunicar, porque às vezes as pessoas com muita instrução falam por um longo período com um discurso sem significado algum, segundo depoimento extraído das entrevistas:

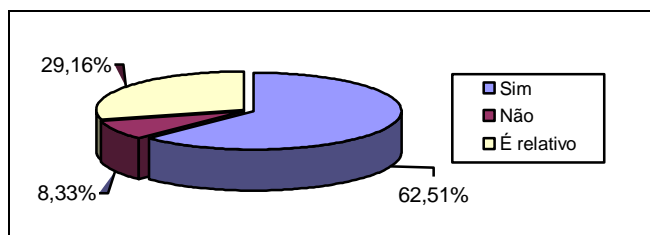
PI/7 – Depende, o que seria falar melhor, é, pode ter muita profundidade, muita filosofia, a pessoa muito instruída, pode ter muita filosofia e talvez uma pessoa que não tenha instrução fale pouco, mais o justo com clareza e objetividade, eu acho que... olha... não sê, quem fala pouco e disse muito eu admiro.

PI/8 – Do ponto de vista lingüístico ou gramatical si. Provavelmente si, porque el estudo las verbo, formación de la oración, sujeto e predicado, como se forman, no solo como habla, mas como escribe, cierto, isso vino con la formación de uno. Quiçá se vamos hablar de contenido el motivo emocional nó. Porque una persona muy humilde quizá, com dos palabras nos dão exemplo de sensatez, humildad de amor al próximo sin tener mucho discurso, entendiste? Uma coisa es la formación dela oración correcta, la utilización de sinônimo, de verbo, e outra coisa el contenido te lo te digo, se yo estou dizendo burrice dizem ustedes (risos) o algo parecido, o coisas frias sem sentido, podó decir muchas palabras e não digo nada, e una persona muy humilde quizá com um gesto disse mucho más do que lo disse em duas horas, sem coração e sem sentimento.

De acordo com os depoimentos dos vinte e quatro informantes, das três localidades, pode-se dizer que 62,51% dos informantes consideram que fala melhor uma pessoa que tem bastante instrução. 29,16% dos informantes consideram essa realidade relativa. De acordo com os depoimentos, uma pessoa sem instrução pode falar tão bem quanto uma pessoa com bastante instrução e que uma pessoa instruída pode ter conhecimento do funcionamento lingüístico, porém pode ter dificuldades para se expressar. Observa-se que 8,33% dos informantes afirmam que não, isto é, uma pessoa instruída não fala melhor do que uma pessoa sem instrução.

Os dados do Gráfico 10 revelam que as línguas devem ser vistas como realmente são, principalmente em contexto de fronteira, em que a diversidade lingüística é maior do que em outras localidades, causada pela complexidade étnica presente na região. O fato de uma pessoa bastante instruída falar melhor, de acordo com os dados, não se apresenta unânime. Percebem-se outros dados apontados pelos informantes que estão ligados à faixa etária, à situação socioeconômica, ao *status* social, à região, ao contato lingüístico para que uma pessoa fale melhor que a outra.

Gráfico 10 – Uma pessoa bastante instruída fala melhor na Tríplice Fronteira



De acordo com os dados registrados, as respostas não se mostram homogêneas, pois a crença de que fala melhor quem têm bastante instrução é relativa de acordo com os informantes. Afinal, nem todas as pessoas têm acesso à instrução nas três cidades pesquisadas, e os que chegam à escola se deparam com o desconhecido, isto é, a língua ensinada é diferente da língua usada. Muitos não dão sequência aos seus estudos por causa do trabalho, isto é, ou trabalham ou estudam, portanto não conseguem conciliar trabalho e estudo, principalmente quem pertence às classes menos favorecidas socialmente.

Observam-se, nas respostas de alguns informantes, atitudes linguísticas carregadas de preconceito linguístico, de acordo com Bagno (1999, p. 13-69) relacionado à posição social, origem, falantes de determinadas variedades menos prestigiadas socialmente, consideradas por esses informantes como forma de falar, errada, feia, deficiente e quem fala dessa forma ser considerado desprovido de inteligência entre outros adjetivos. Uma classe social desprestigiada, marginalizada, sem acesso à educação formal é passível de preconceito linguístico e social.

Para evitar o preconceito linguístico, a escola deve mostrar que as diferenças existem e que devem ser respeitadas, a maneira do outro falar é consequência do ambiente do qual faz parte. Toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de fala que a emprega. Ao deixar de atender, a língua inevitavelmente sofrerá mudanças para se adequar às novas necessidades.

A crença de que pessoas que têm bastante instrução falam melhor, porque tiveram acesso à educação formal, deve considerar a presença de regras variáveis em todas as variedades linguísticas, inclusive da variedade padrão. A fala se apresenta de forma heterogênea e a pessoa não precisa saber escrever e ler para se comunicar, pois, conforme visto, existem pessoas que nascem, crescem, e se comunicam sem jamais terem sido alfabetizadas. No entanto, são falantes e apresentam competência linguística em suas línguas nativas, faladas em casa e faladas socialmente, fato esse devido ao contato linguístico constante.

Outro fato apontado pelos informantes é que há pessoas que conhecem as regras, porém na hora de se comunicar, não conseguem aplicá-las. Esse fato se deve à aprendizagem baseada nos preceitos gramaticais, no hábito de decorar as regras gramaticais, sem compreendê-las, o que torna a fala fragmentada e artificial.

Pergunta 18. *Se você/ o (a) senhor (a) tivesse que escolher entre os diferentes falares na fronteira, em sua opinião quem fala melhor e por quê?*

Com essa pergunta, pretende-se saber dos informantes a atitude linguística relacionada a quem fala melhor na Tríplice Fronteira, já que são três cidades com distintos idiomas, Foz do Iguaçu (BR) fala português, Puerto Iguazú (AR) fala espanhol e Ciudad del Este (PY) cidade bilíngue fala guarani e espanhol.

A maioria dos informantes das três comunidades de fala mostra atitudes positivas perante a sua língua, isto é, em Foz do Iguaçu, 50% dos informantes afirmam que quem fala melhor, é quem fala português porque é a língua que eles dominam, caracterizando-a como linda, maravilhosa, de maior nível, língua nativa. 37,5% dos informantes consideram o espanhol falado pelos argentinos. 12,5%, uma informante, FI/6, cita a mistura linguística e não se refere a nenhum idioma especificamente. Os informantes FI/1, FI/2, FI/5 e FI/8 indicaram como a melhor fala, o português, conforme transcrição de trechos das entrevistas:

FI/1 – Eu acho que quem fala melhor é o português porque eu falo português, certo. Não sei se tá correto meu português, mas eu entendo melhor quando tão falando comigo em português.

FI/2 – Eu escolheria Foz. [...]Porque é o lugar onde a gente vive, tipo assim nasceu, cresceu, né? (Risos)

FI/5 – O brasileiro, mas assim o porquê eu não sei. [...] a cultura do brasileiro é mais, maior nível.

FI/8 – Olha, eu vou ficar com o português, porque é... eu acho maravilhoso, eu acho lindo, fantástico, sempre tem alguma coisa... sempre estamos aprendendo e porque eu não tenho domínio de outra língua[...]

Constata-se nas respostas dos informantes que a atitude linguística varia em razão direta do prestígio atribuído ao vernáculo. Os informantes FI/3, FI/4 e FI/7 fazem referência ao país no lugar das comunidades e consideram que quem fala melhor é quem fala o espanhol falado na Argentina. O informante FI/3 compara o espanhol falado na Argentina com o

espanhol falado no Paraguai e considera que é misturado e o espanhol falado pelos argentinos é mais puro. Para a informante FI/4, os brasileiros fazem usos de muitas gírias e as pessoas preferem o espanhol falado pelos argentinos.

Em Ciudad del Este, 62,5% dos informantes consideram que quem fala melhor são os falantes do espanhol. 25% dos informantes, CL/3 e CL/4, afirmam ser os falantes do guarani porque gostam e por ser a língua nativa. 12,5%, uma informante, CL/2, afirma ser o português porque os falantes das demais línguas mesclam muito e ela acredita que essa mistura não acontece com o português.

Os informantes CL/1, CL/5, CL/6, CL/7 e CL/8 consideram o espanhol, de acordo com o informante CL/1, são dois países que falam o espanhol. O informante CL/5 afirma que o espanhol falado pelos argentinos é melhor, porque eles falam bem e utilizam uma linguagem persuasiva. A informante CL/6 considera o espanhol, tendo em vista que nem todas as pessoas sabem falar português. O informante CL/7 aponta para o espanhol e diz que a pessoa tem que estar preparada para falar outros idiomas, conforme trecho destacado:

CL/7 – A língua, vai ter que ser espanhol [...] Não pode ficar com um só, vai ter que falar espanhol e vai ter que falar português, e inglês também se for preciso.[...] Eu falo preparada aquela persona que, que fala toda a língua posible.

A maneira como é formada a Tríplice Fronteira influencia na visão que o(s) indivíduo(s) faz(em) de si mesmo(s), de sua origem e, portanto, ajuda na constituição de sua(s) identidade(s). Nota-se a crença da nação paraguaia, formada por indígenas (menos prestigiados socialmente) e espanhóis. Em nenhum momento se referiram ao yopará ou ao portunhol, conforme se pode observar. Isso demonstra a crença de serem variantes menos prestigiadas na fronteira, apesar de ser a realidade linguística da região, constatada em depoimentos anteriores.

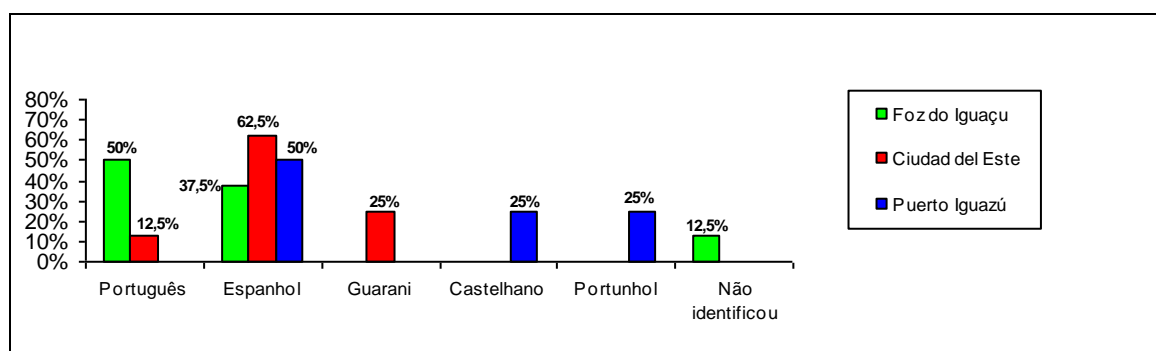
Em Puerto Iguazú, 75% dos informantes consideram o espanhol; 25% dos informantes, PI/3 e PI/4, fazem referência ao castelhano e 50% ao espanhol (50% + 25% = 75%) porque embora os moradores deem denominações diferentes, trata-se do mesmo idioma. 25% representado pelos informantes PI/7 e PI/8 que afirmam ser o portunhol, é a língua mais falada na fronteira.

O informante PI/1 afirma ser o espanhol e argumenta que a Tríplice Fronteira é formada por dois países falantes do espanhol, um país cujo idioma é o português e acrescenta que são poucos os países que falam português. Os informantes PI/2 e PI/5 afirmam ser o

espanhol por considerarem uma língua mais fácil de falar e PI/5 completa que, se for ao Paraguai falando português, ninguém vai entendê-lo porque em Ciudad del Este falam espanhol. A informante PI/6 afirma ser o espanhol porque é uma língua que não apresenta sotaque.

Verifica-se, nas respostas dos informantes, a exclusão das diversas etnias que formam a Tríplice Fronteira e apresentam a crença de que quem fala melhor o idioma é quem fala seu próprio idioma. O Gráfico 11 apresenta os dados das respostas à pergunta “Se você/ o(a) senhor(a) tivesse que escolher entre os diferentes falares na fronteira, em sua opinião quem fala melhor e por quê?”

Gráfico 11 – Quem fala melhor na Tríplice Fronteira?



O contato linguístico das diversas etnias, na Tríplice Fronteira, proporciona um cenário plurilíngue, em que diversas línguas são faladas por moradores das comunidades de fala pesquisadas, português, espanhol/castelhano, guarani, portunhol e demais línguas não identificadas pelos informantes. Quem fala melhor o idioma, de acordo com as respostas dos vinte e quatro informantes, é o falante do espanhol (58,33%) seguido pelo português (20,83%) guarani (25%), portunhol (25%) e demais línguas não identificadas (4,16%) línguas minoritárias, faladas pelas demais etnias localizadas neste cenário.

Verifica-se que várias línguas coexistem, mantêm contato e que desse contato linguístico resultaram três variedades de uso conhecidas por portunhol, yopará e o guaraportunhol. Essa realidade linguística foi comprovada por vários pesquisadores das zonas de fronteira conforme referido no embasamento teórico deste estudo. O que se percebe é que essas variantes são estigmatizadas pelos próprios falantes, que não atentaram para a riqueza linguística proporcionada pelo contato linguístico. Há necessidade de conscientizar os falantes da importância da interação com a diversidade linguística presente na região e tirar o máximo de proveito desse contexto plurilíngue, isto quer dizer, estar aberto ao conhecimento

linguístico e sociocultural presente nesse cenário.

Ao analisar o conjunto de respostas pertencentes ao grupo 4, percebe-se que os informantes apresentam uma crença multifacetada da língua, composta de partes que formam um caleidoscópio linguístico, o qual os moradores da fronteira devem dominar por completo. Não se pode esquecer que essa crença está associada ao reflexo da comunidade multiétnica da qual fazem parte.

A atitude de optar pela língua inglesa, ao contrário das demais línguas que fazem parte do cotidiano dos informantes, contribui não apenas para uma melhor compreensão dos aspectos da diversidade linguística do local, como para uma visão mais ampla de se falar a língua estrangeira das transações internacionais.

A análise das respostas dos informantes, das três localidades, a respeito da língua utilizada para ter sucesso na fronteira revela que no cômputo geral, considerando-se todas as línguas citadas, 62,5% dos informantes elegeram o inglês seguido pelo espanhol 41,66%, pelo português 33,33% entre outras línguas.

Alguns informantes apresentam a crença de que aprender um desses três idiomas é saber sobre a estrutura linguística e adquirir conhecimentos a esse respeito é suficiente para a interação. Essa crença tem origem na experiência linguística na Tríplice Fronteira que exerce grande influência na manutenção dessa crença, de forma geral vista como o domínio das regras gramaticais, não abrindo espaço para uma concepção mais holística da linguagem.

Diferentes culturas podem adequar-se às ideias de aprender línguas conforme seu histórico econômico e sociocultural. A opção linguística para o sucesso na Tríplice Fronteira mostra a crença de que eles possuem uma visão idealizada do inglês, como a língua hegemônica. Os informantes apresentam uma visão simplista de língua e linguagem, consideradas como o acúmulo de vocabulário e estruturas gramaticais.

As representações que os informantes têm sobre a língua a ser usada refletem a tradição de mecanismos de poder centrados no comércio internacional, que expressam crenças comuns sobre a escolha linguística para ter sucesso no mundo dos negócios e não especificamente na Tríplice Fronteira.

Esse fato aponta para análise das respostas da questão que trata da língua escolhida pelos padrões na contratação de empregados. A tradição linguística na fronteira está associada ao mercado de trabalho local, que indica o roteiro a seguir e os moradores se habitam a isso. Por meio das respostas dadas pelos vinte e quatro informantes, em que se somou o número de vezes em que as línguas foram citadas, concomitantemente com outras línguas, têm-se: 50%

dos patrões dão preferência aos empregados que saibam falar português, 45,83% dão preferência aos falantes de espanhol e 41,66% acreditam que os patrões dão preferência na contratação dos empregados, aos candidatos que saibam falar inglês, entre outras línguas.

A respeito da preferência linguística dos patrões na contratação dos empregados, nota-se por meio das respostas, reações positivas com relação à escolha do português. Verifica-se que a escolha linguística está associada aos grandes consumidores da fronteira que são os brasileiros, logo os patrões dão preferência aos funcionários que saibam falar português.

No que diz respeito às línguas de sucesso e às preferidas pelos patrões, percebe-se que a Tríplice Fronteira está se movendo em direção progressiva ao português e espanhol, não apenas como línguas de interação cotidiana. Constata-se que, hoje, mais paraguaios e argentinos usam português em suas transações comerciais e que o *status* do inglês é mantido como língua instrumental e internacional.

Observa-se que as atitudes positivas em relação à língua não são suficientes para preservar a sua manutenção, especialmente em situações de contato linguístico intenso. De acordo com os depoimentos dos informantes, os patrões de países onde o espanhol é a língua oficial tendem a subestimá-la na hora de contratar empregados por dar preferência aos candidatos que tenham conhecimento do português. Embora esses resultados não sejam unânimes, pode-se dizer que as atitudes linguísticas dos informantes com relação às línguas de sucesso e da contratação de empregados são positivas.

Constata-se que, no dia a dia, nas interações comerciais e turísticas na fronteira, as pessoas usam o português, embora não tenha sido destacado pelos informantes. É fato o uso do português na Tríplice Fronteira, devido à preferência linguística dos patrões na contratação de empregados. Em Foz do Iguaçu os patrões preferem empregados que falem espanhol, Ciudad del Este e Puerto Iguazú dão preferência a funcionários falantes do português e são poucos os que têm domínio linguístico, logo a saída é mesclar os idiomas.

Nas respostas à pergunta para saber se é possível ser julgado melhor pelas línguas que fala do que pela inteligência, verifica-se que 75% dos informantes de Foz do Iguaçu acreditam que as pessoas são julgadas pela inteligência. Segundo eles, não adianta a pessoa falar vários idiomas se ela não souber se comunicar, se não conseguir desempenhar a função a ela designada. Em Ciudad del Este (62,5%) e em Puerto Iguazú (50%) os informantes creem que as pessoas são julgadas melhor pelas línguas que falam que pela inteligência. Tal crença aponta para uma visão diferenciada na Tríplice Fronteira, pois as duas comunidades de fala apresentam visão positiva relacionada às línguas que falam. Esse fato demonstra a crença de

que tais comunidades cumprem sua função comercial, pois, o importante é receber turistas e clientes no comércio, em atividades que exijam pouco ou nenhum esforço intelectual, porém se esquecem que o fato de falar mais de uma língua está associado ao intelecto. O fato de alguém falar mais de um idioma demonstra sua capacidade intelectual à aprendizagem de línguas.

Os informantes das três cidades apresentam crenças que refletem atitudes carregadas por fatores considerados positivos e negativos: i) positivo, quando em sua atividade profissional o indivíduo desempenha bem sua função mostrando propriedade intelectual e linguística, falando mais de um idioma; e ii) negativo, se o indivíduo apresenta apenas conhecimento de mais de um idioma e não sabe como lidar com isso; sabe falar, porém não consegue desempenhar sua função, não consegue compreender pequenas tarefas que lhe são atribuídas.

Pode-se dizer que o indivíduo, de acordo com o contexto social em que estiver inserido, procura adequar-se à necessidade de interação linguística e do próprio ambiente. Isso possibilita sua inserção no mercado de trabalho e facilita seu convívio social.

Ao tratar a respeito de quem fala melhor, se o homem ou a mulher, os informantes davam seu depoimento com um leve sorriso nos lábios, todos eles manifestavam sua opinião por meio de gracejos.

Em Foz do Iguaçu, 75% dos informantes consideram que a mulher fala melhor. Segundo os informantes ela é mais cuidadosa, é mais estudiosa. O item escolaridade se fez bastante presente nas respostas, grande parte afirmou que a mulher tem mais tempo para estudar.

Nas respostas obtidas em Ciudad del Este, 87,5% dos informantes também afirmam que são as mulheres que falam melhor o idioma. De acordo com os informantes, as mulheres têm jeito em lidar com os clientes, apresentam clareza na fala, são inteligentes, delicadas, charmosas e engraçadas.

Em Puerto Iguazú, 75% dos informantes afirmam que é a mulher quem fala melhor o idioma, destacam o fator escolaridade como marca dessa diferença, consideram que são mais delicadas, se expressam melhor, que os homens são atrapalhados, intrépidos, mas é a mulher quem fala melhor o idioma.

Tal atitude para com a fala feminina revela uma reação favorável, positiva. As mulheres, até bem pouco tempo atrás, eram consideradas um grupo minoritário, de menor poder aquisitivo, com menos acesso aos bens culturais, intelectuais e com acesso profissional

restrito a algumas profissões, destinadas apenas para mulheres. A ascensão econômica e o desenvolvimento da urbanização impulsionaram as mulheres a conquistar novos campos de trabalho, assumir profissões que antes eram dedicadas apenas aos homens e, hoje, pode-se dizer que as mulheres conquistaram seu espaço, como foi demonstrado por meio da avaliação linguística. Essa atitude linguística demonstra a valorização e o prestígio da mulher na sociedade; rompe com a crença de que a mulher é valorizada apenas pela aparência, que lugar de mulher é em casa, que mulher foi feita para procriar e outros estigmas e preconceitos estabelecidos, que fragilizava a mulher socialmente, desenvolvendo sentimentos de vergonha e auto-depreciação. Hoje o preconceito ainda existe, porém, com menos intensidade, em locais em que as pessoas têm pouco conhecimento, convívio social e acesso ao mercado de trabalho.

Ao questionar os informantes sobre a necessidade de escolher um jeito e uma língua diferente para lidar com cada pessoa, verifica-se que, em Foz do Iguaçu, 50% dos informantes afirmam que utilizam línguas diferentes de acordo com o interlocutor, ou a situação. Os outros 50% dos informantes declaram que não escolhem um jeito ou uma língua diferente para lidar com cada pessoa, que eles procuram se fazer entender independente da pessoa.

Em Ciudad del Este, 87,5% dos informantes afirmam que é preciso escolher um jeito e uma língua diferente para lidar com cada pessoa e apenas 12,5%, isto é, um informante não considera o fato de escolher uma maneira diferenciada para falar com cada pessoa.

Em Puerto Iguazú, 87,5 % dos informantes afirmam que, em seu trabalho, é preciso escolher um jeito e uma língua diferente para lidar com cada pessoa, contra um informante, que representa 12,5%, que não concorda. O informante deixa transparecer a crença de que a maneira diferente de falar ou tratar o outro pode revelar preconceito, logo ele trata todos igualmente.

Ao perguntar aos informantes se uma pessoa com bastante instrução fala melhor do que uma pessoa que tem pouca ou nenhuma instrução escolar, nota-se que, em Foz do Iguaçu, 62,5% dos informantes têm a crença de que as pessoas instruídas falam melhor. 25% dos informantes acreditam que nem sempre uma pessoa instruída fala melhor do que uma pessoa com pouca ou nenhuma instrução e 12,5%, um informante, afirma ser relativo.

Em Ciudad del Este, 75% dos informantes consideram que uma pessoa com instrução fala melhor que uma pessoa com pouca ou nenhuma instrução, enquanto que 25% consideram relativo, pois afirmam que nem sempre uma pessoa com instrução fala melhor que uma pessoa com pouca ou nenhuma instrução.

Em Puerto Iguazú, 50% dos informantes acreditam que fala melhor quem tem instrução, enquanto, outros 50% consideram esse fato relativo porque, de acordo com os informantes, há muitas pessoas sem instrução que aprenderam a falar no comércio, na rua e falam melhor do que muitas pessoas instruídas.

Com a pergunta a respeito dos diferentes falares na fronteira, se o informante tivesse que escolher quem fala melhor, em Foz do Iguacu, 50% dos informantes afirmam que fala melhor quem fala português porque é a língua que eles dominam, caracterizando-a como linda, maravilhosa, de maior nível, língua nativa. 37,5% dos informantes consideram o espanhol falado pelos argentinos e 12,5%, uma informante, cita a mistura linguística e não faz referência a nenhum idioma especificamente.

Em Ciudad del Este, 62,5% dos informantes consideram que quem fala melhor são os falantes do espanhol, 25% dos informantes afirmam ser os falantes do guarani, porque gostam e por ser a língua nativa. 12,5%, uma informante, afirma ser o português porque os falantes das demais línguas mesclam muito e essa mistura não acontece com o português.

Em Puerto Iguazú, 75% dos informantes consideram o espanhol e 25% dos informantes afirmam ser o portunhol a língua mais falada na fronteira.

A explicação geral dos resultados das crenças e atitudes linguísticas desse grupo tem por base pressupostos de que as línguas podem ser comparadas, porém o julgamento consiste na diferença subjetiva dos depoimentos dos informantes que revelam o distanciamento social dos grupos etnolinguísticos principalmente em comunidades bilíngues (espanhol e guarani). O espanhol é considerado melhor do que o guarani, porque é falado pelos grupos mais prestigiados socialmente. O portunhol, que é visto com menos prestígio pelos informantes, foi considerado positivamente por dois informantes universitários da segunda faixa etária de Puerto Iguazú.

7 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após a análise dos dados, pode-se dizer que a primeira hipótese foi confirmada, pois as atitudes linguísticas não são estáticas, os falantes mudam de atitudes quando percebem que se beneficiam com o emprego de determinada variedade, desde que tais atitudes sejam coerentes com seus valores e com suas crenças. Constata-se que algumas atitudes são firmes, seguras e outras são momentâneas. Tal fato faz com que os informantes se adaptem aos comportamentos linguísticos da comunidade de fala e/ou ao contexto ao qual pertencem. Essa adaptação vai desde a velocidade da fala, intensidade da voz, gestos, sotaque, olhar, sorriso e expressões faciais, conforme se pode observar durante as entrevistas e nas respostas dos informantes na análise dos dados. Desse modo, suas atitudes se manifestam na interação com o outro.

Durante a interação, os indivíduos revelam atitudes positivas e negativas relacionadas à variação linguística na Tríplice Fronteira, como se passa com relação ao espanhol e ao guarani. Constata-se que alguns informantes, falantes do espanhol, variedade considerada de prestígio, não falavam nem entendiam o guarani, porém os falantes do guarani, variedade desprestigiada, tanto em Ciudad del Este quanto em Puerto Iguazú, entendiam e falavam o espanhol de acordo com o que exigisse a situação. Eles procuram adaptar sua fala ao interlocutor, isto é, mesclavam as línguas para se fazer entender por meio do yopará e guaraportunhol. As atitudes linguísticas desses informantes podem influenciar na mudança linguística.

Ao se referirem à mudança linguística na Tríplice Fronteira, a maioria dos informantes aponta o sotaque tanto como fator positivo como negativo. O espanhol falado pelos argentinos é visto positivamente, enquanto o espanhol falado pelos brasileiros e paraguaios é visto negativamente, pois, de acordo com os informantes, o brasileiro fala portunhol e os paraguaios apresentam um sotaque muito carregado, com uma pronúncia estridente.

Pode-se dizer que, se um falante tem atitudes positivas diante da língua do outro, ele aprende a falá-la mais rapidamente, ainda mais quando a língua é vista como uma forma de integração entre as três comunidades de fala. Observa-se a função determinante das atitudes no processo de escolha da variedade mais prestigiada.

As atitudes dos moradores da fronteira, devido ao contexto plurilíngue no qual se encontram as distintas línguas, principalmente relacionado ao contato linguístico frequente do português e do espanhol, apontam para uma situação de diglossia vivenciada pelo português e

o espanhol. O contato linguístico dessas duas línguas revela uma mistura falada pelo morador da Tríplice Fronteira denominada de portunhol, conforme referido várias vezes durante este estudo que comprova a segunda hipótese relacionada à diglossia em Foz do Iguaçu, Ciudad del Leste e Puerto Iguazú, situação essa que já havia sido comprovada no Paraguai por Fishman, em 1967, entre o espanhol e o guarani.

As atitudes dos informantes diante da sua própria variedade, considerando as distintas da sua e frente aos dialetos de seu próprio país, estabelecem relação com a identidade dos falantes. Conforme visto nos depoimentos, em que os informantes conseguem identificar a origem deles, de acordo com o sotaque e a variedade linguística utilizada, qualificando-a como de maior ou menor prestígio social.

Quando duas variedades têm diferentes níveis de prestígio, os seus usuários distinguem a variedade prestigiada da menos prestigiada. A variedade prestigiada está relacionada ao *status*, à religião, à educação, à profissão ou a situações formais; a variedade menos prestigiada que está ligada aos interesses grupais, à família, aos amigos e às situações informais. Estas variedades podem ocorrer entre diversas línguas, dialetos da mesma língua ou variedades funcionalmente distintas. É evidente como os moradores da Tríplice Fronteira valorizam suas próprias variedades linguísticas. A origem da forte identidade explica-se pelas guerras travadas, por razões históricas e ideológicas dos três países, sua colonização, o cultivo da erva mate, das grandes madeiras, das disputas pela terra, entre outros fatores, que diferenciam a Tríplice Fronteira do resto do país.

Hoje, nas três fronteiras, há uma concepção diferente da língua associada ao trabalho, pois a sociedade mercantilista local valoriza o falante de mais de um idioma. Logo, o morador sente a necessidade de aprender mais de um idioma para conseguir emprego/trabalho que é fonte de benefício pessoal, porém, sabe-se que o centro do trabalho também é fonte de alienação, quando não se reflete sobre o que se faz.

Nesse contexto, há atitudes positivas diante do português, pois o comércio de Ciudad del Este e Puerto Iguazú vende grande parte de seus produtos aos brasileiros, falantes do português. Os trabalhadores do comércio local falam português, mas não sabem escrever em português. Tal fato sugere que o domínio de escrita do português utilizada no comércio até então não era prestigiado, porque não contribuía para a elevação socioeconômica. Com o acordo do MERCOSUL, conforme visto anteriormente, nos países que fazem fronteira com o Brasil, as escolas têm o dever de incluir em suas grades curriculares o ensino do Português e as escolas brasileiras devem incluir o ensino do Espanhol.

Verifica-se a atitude negativa quando o interlocutor faz opção por falar outro idioma como o árabe, o chinês, ou o guarani, línguas faladas por alguns comerciantes residentes nas três fronteiras, mais especificamente no comércio de Ciudad del Este e alguns casos em Foz do Iguaçu. Esses comerciantes fazem uso de outro idioma com seus subordinados para não serem entendidos por seus clientes, ou, em outra situação social, para que os outros não o compreendam, utilizam-se de outra variedade para excluir um dos interlocutores.

O português falado na zona das três fronteiras apresenta-se mesclado com outras línguas, pois contém lexias e sotaques de outras variedades linguísticas do português brasileiro, originárias de diferentes regiões do Brasil, e também, de falantes de outras línguas que são originários de outros países que ali se fazem presentes. Este fato confirma a terceira hipótese que admite que, por se tratar de um contexto plurilíngue, os falantes de português de Puerto Iguazú e Ciudad del Este aproximam sua fala à do carioca, à do gaúcho ou à de outros falantes de outra região do Brasil, que lá se tenha feito presente, principalmente durante a construção da Hidrelétrica de Itaipu e nos últimos anos devido ao comércio de Ciudad del Este em que muitas pessoas foram para a Tríplice Fronteira buscar melhores condições de trabalho e remuneração. A presença de brasileiros de distintas regiões na fronteira acaba por influenciar na fala do portunhol, que se apresenta com marcas linguísticas das diferentes pessoas que lá residem. O português falado nesta área geográfica é completamente heterogêneo. É possível identificar o falante das três fronteiras por apresentar uma fala com nuances específicas, a fala é mesclada, apresenta características peculiares por causa do contato linguístico com diferentes etnias, essas marcas linguísticas se destacam na fala dos moradores locais que não apresentam uma fala homogênea.

A comprovação das hipóteses que orientaram a pesquisa, documentam as crenças e atitudes de falantes do espanhol em relação ao português e vice-versa.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista tratar-se de um trabalho inserido no âmbito da Sociolinguística variacionista, o objetivo geral foi identificar e analisar as crenças e atitudes linguísticas de vinte e quatro informantes oriundos de Foz do Iguaçu, Ciudad del este e Puerto Iguazú. Comprova-se o fato de que as três comunidades estudadas mantêm um intercâmbio linguístico, isto é, são plurilíngues no sentido de conhecerem a língua falada pelo seu vizinho e de se expressarem por meio dela, conforme observado durante as análises. Observa-se, ainda, que as interinfluências das línguas em contato comprovam uma situação de diglossia presenciada na Tríplice Fronteira, entre as três cidades que falam português e espanhol. A interferência linguística de uma língua sobre a outra criou uma interlíngua conhecida por portunhol, conforme exposto no decorrer desta tese.

As interinfluências das línguas em contato, geradas por seus falantes, são percebidas em diversos níveis, de acordo com os depoimentos dos informantes durante as entrevistas realizadas nas três localidades examinadas na seção que trata da análise dos dados. Segundo Weinreich (1953, p. 1), os casos de desvio da norma de ambas as línguas, nos falantes bilíngues, é resultado da familiaridade que os falantes têm com as línguas de que se utilizam. Essa mistura linguística é resultado da combinação da estrutura gramatical de uma língua com alguns vocábulos da outra.

Nos depoimentos dos inquiridos, sobre as línguas mais faladas na fronteira, constata-se que os informantes de Foz do Iguaçu acreditam ser o espanhol e para os informantes de Ciudad del Este e Puerto Iguazú é o português, indicam que se trata de uma região em que ocorre a heterogeneidade linguística. Conforme referido várias vezes a Tríplice Fronteira é uma região que apresenta diglossia, além do portunhol, foi registrado falantes do yopará e do guaraportunhol, não pesquisadas neste estudo e que podem servir de insumo para outras pesquisas na área da Sociolinguística.

Nota-se, ao olhar a Tríplice Fronteira, que é uma região miscigenada, integradora e sincrética. Os movimentos históricos que mesclaram a região, as interinfluências das línguas em contato, fazem hoje com que a receptividade e a absorção de traços linguísticos de outras línguas não seja apenas tolerável, mas também indicadores necessários para o progresso intelectual. As atitudes linguísticas dos informantes demonstram que não há a crença de proteção linguística com medo de descaracterizar a sua forma. Há sempre de se pensar à língua por meio de seus falantes, já que o contato linguístico se dá entre os falantes de

determinadas línguas.

As atitudes não se criam por si só, mas, ao contrário, são construídas historicamente, ou seja, são elaboradas a partir de uma série de fatores que circundam o indivíduo: fatores sociopolíticos, socioeconômicos, socioculturais e socioeducacionais.

Conforme visto na seção 4.1 que conceitua as crenças e atitudes linguísticas, constata-se que as atitudes são formadas por um componente cognitivo, um afetivo e um comportamental. De acordo com a análise dos dados é perceptível que a aceitação doportunhol seja motivada tanto pelos estereótipos aplicados ao outro (fala misturada) quanto pelos sentimentos adquiridos perante a própria língua e a língua do outro. Tudo isso foi moldado ao longo dos anos, sendo, portanto, o resultado das interinfluências das línguas em contato.

Apesar das falhas e limitações desta pesquisa, acredita-se, porém, ter alcançado os pontos traçados nos objetivos da investigação, o que dá uma profunda satisfação frente aos resultados obtidos após um longo processo de pesquisa, estudo, análise e reflexão.

Esse estudo fez compreender que todas as diferentes etapas do processo são muito importantes. Na verdade, a pesquisa é concluída apenas em termos, para fins de tese. O processo continua e reclama por novos estudos. Os resultados obtidos poderão ser retomados para o prosseguimento do estudo em dimensões mais amplas, nas quais sejam contemplados todos os aspectos implicados na análise das crenças e atitudes linguísticas. A quantidade de insumo linguístico presente na Tríplice Fronteira é fonte inesgotável para a realização de pesquisas na área da Sociolinguística.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Crenças e atitudes lingüísticas**: um estudo da relação do português com línguas de contato. [Projeto desenvolvido pela autora], 2009.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Crenças e atitudes lingüísticas**: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, v. 37, n. 2, 2008a, p. 105-112.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes lingüísticas: quem fala a língua brasileira? In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). **Português Brasileiro II**. Contato lingüístico, heterogeneidade e história. Niterói: EdUFF, 2008b, p. 311- 333.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade e BUSSE, Sanimar. Contato lingüístico e bilingüismo: algumas reflexões para o estudo do fenômeno da variação lingüística. In: **Línguas e Letras**. Cascavel, 2008, p. 11-26.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Lingüístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1990.
- ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. **A dinâmica das fronteiras**: deslocamento e circulação dos “brasiguaios” entre os limites nacionais. *Horizontes Antropológicos*. Edição eletrônica, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php/script=sci_arttext&pid>. Acesso em: 23 de julho de 2012.
- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolingüística. In MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Ana Cristina (org.) **Introdução à Lingüística** – domínios e fronteiras. Cortez: São Paulo, 2001, p. 21-47.
- ALLPORT, Gordon Willard. **Atitudes**. In: Carl Allanmore Murchinson (Ed.) *Handbook of Social Psychology*. Worcester, Mass: Clark University Press, 1935.
- ALTINO, Fabiane Cristina. **Atlas Lingüístico do Paraná II**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2007.
- ALVAR, Manuel. **Español, castellano, lenguas indígenas (actitudes lingüísticas en Guatemala occidental)**. Logos semánticos: *Studia Lingüística in honorem Eugenio Coseriu*. Española, vol. 5, Madrid: Gredos, 1981.
- ALVAR, Manuel. **Actitud del hablante y sociolingüística**. Teoría lingüística de las regiones, Barcelona: Planeta, 1975, 93-114.
- ALVAR, Manuel. **Lengua y dialecto**: Determinaciones históricas estructurales, en *Arbor* (Madrid), LXXVI, núm. 299. Madrid, 1970.
- ALVAR, Manuel. **Estudios Canarios**. Las Palmas: Cabildo Insular de Gran Canaria, 1968.
- ALVES, Maria Isolete Pacheco Menezes. **Atitudes lingüísticas do nordestino em São Paulo**: abordagem prévia. Campinas, 1979. 226 p. Dissertação (Mestrado). – Instituto de

Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1979.

AMÂNCIO, Rosana Gemina. **As cidades trigêmeas: um estudo sobre atitudes lingüístico – sociais e identidade.** (Dissertação de Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade estadual de Campinas: Campinas, 2007.

APPEL, René e MUYSKEN, Pieter. **Bilingüismo y contacto de lenguas.** Barcelona: Editorial Ariel, S. A., 1996.

ARGENTINA. **Ley n.º 26.468**, de 16 de janeiro de 2009. Asociación Argentina de Profesores de Portugués. Integração Educacional Mercosul. Disponível em: <<http://aapp.webnode.com/integra%c3%a7%c3%a3o%20educativa%20brasil-argentina/>>. Acesso em 20 de abril de 2013.

ARTESANATO. **Figura.** Disponível em: < http://3.bp.blogspot.com/_kX_ykC5LuyC/SAVSh3aA7/artesanato.jpg>. Acesso em: 02 de maio de 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724.** Informação e documentação – Trabalhos acadêmicos – Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

ATLAS Censal del Paraguay. Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos – **DGEEC** – Paraguai. Naciones Unidas esq. Saavedra – Fernando de la Mora – Zona Norte, 2004.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Edições Paulinas, 1999.

BARBOSA, Adriana de Oliveira. **Brasilienses e a ideia do não-sotaque no processo de formação de identidade lingüística.** 2002. 82 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2002.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas. **Estado da Arte, Revista Brasileira de Lingüística Aplicada**, Belo Horizonte, 2001.

BARRIOS, Graciela. Planificación lingüística e integración regional: el Uruguay y la zona de frontera. In: TRINDADE, A. M.; BEHARES, Luis Ernesto (Org.) **Fronteiras, educação, integração.** Santa Maria: Pallotti, 1996, p. 83-110.

BERGAMASCHI, Maria Cristina Zandomeneghi. **Bilingüismo de dialeto italiano – português: atitudes lingüísticas.** Dissertação de Mestrado. Universidade de Caxias do Sul: Caxias do Sul, 2006.

BISINOTO, Leila Salomão Jacob. **Atitudes sociolingüísticas: efeitos do processo migratório.** Campinas: Pontes Editores/ RG Editores, 2007.

BISINOTO, Leila Salomão Jacob. **Atitudes lingüísticas em Cáceres-MT: efeitos do processo migratório.** 2000. 105 p. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2000.

BLANCO CANALES, Ana. Estudio de actitudes y creencias lingüísticas en Alcalá de Henares. Su aportación al análisis sociolingüístico de los datos. **Discurso y Sociedad: Contribuciones al Estudio de la Lengua en Contexto Social**. Alicante: Servicio de Publicaciones de la Universitat Jaume I, 2006.

BLANCO CANALES, Ana. **Estudio sociolingüístico de Alcalá de Henares**. Alcalá de Henares – Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2004.

BLAS ARROYO, José Luis. **Valenciano y castellano**. Actitudes lingüísticas en la sociedad valenciana: Hispania, 1994.

BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. Holt, Rinehart and Winston New York, 1933.

BORSTEL, Clarice Nadir Von. **Aspectos do bilingüismo: alemão/português em Marechal Cândido Rondon – Paraná – Brasil**. Dissertação. UFSC/CCE, 1992.

BRASIL. **Lei n.º 11.161**, de 5 de agosto de 2005. Disponível em: <http://coletalingua.espanhola.edunet.sp.gov.br/arquivos/LEI%20N_11.161-5-8-2005.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2012.

BRASIL. **Tratado de Assunção**. Assinado em 26 de março de 1991 pelos quatro Estados Partes – a República Argentina, a República Federativa do Brasil, a República do Paraguai e a República Oriental do Uruguai. Disponível em: <http://www.mre.gov.br/portugues/politica_externa/discursos/>. Acesso em: 22 de janeiro 2012.

BRIGHT, William. As dimensões da Sociolingüística. (Trad. de Elizabeth N. A. Jorge) In: FONSECA. M. S. V. e NEVES. M. F. **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974, p. 17-23.

BUSSE, Sanimar. **Um estudo geossociolingüístico da fala do Oeste do Paraná**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) 2v – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2010.

BUSSE, Sanimar; SELLA, Aparecida Feola. Uma análise das crenças e atitudes linguísticas dos falantes do Oeste do Paraná. **Revista Signum**. Nº 15/1, jun. 2012. Londrina: Ed. UEL, 2012, p. 77-93.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolingüística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMBLONG, Ana Maria. Habitar la frontera: un viaje perpetuo a lo paradójico. **V Congreso Latino americano de Educación Intercultural Bilingüe**. 6 a 9 de agosto de 2002. Lima – Peru, 2002.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Geolingüística: **Tradição e Modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice. Sergipe – um estado com dois atlas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.) **A geolingüística no Brasil – trilhas seguidas, caminhos a percorrer**.

Londrina: Ed. UEL, 2005, p. 103-135.

CARLOS, Valeska Gracioso. Atitudes linguísticas na fronteira de Guaíra – PR. In: Congresso Brasileiro de Hispanistas, 5. 2008, Belo Horizonte. **Anais do V Congresso Brasileiro de Hispanistas e I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Hispanistas**. Belo Horizonte, 1 CD-ROM, 2008.

CHAMBERS, Jack e TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. Cambridge, 1980.

CHIPA Paraguaia. **Figura**. Disponível em: < <http://naminhanel.com/2010/10/27/chipa/>>. Acesso em: 02 de maio de 2011.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Lingüístico do Brasil**: questionário 2001. Londrina: Ed. UEL, 2001.

COSERIU, Eugênio. **Sincronia, diacronia e história**: o problema da mudança linguística. Trad.: Carlos Alberto da Fonseca; Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: USP, 1979.

COSERIU, Eugênio. **Teoria da linguagem e linguística geral**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

DADOS Socioeconômicos, **Foz do Iguaçu**. Disponível em: < <http://www.pmfi.pr.gov.br/Portal/VisualizaObj.aspx?IDObj=12845>>. Acesso em: 30 de abril de 2011.

DAMKE, Ciro. **As interferências do alemão como língua materna na aprendizagem do português**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil, 1988.

DIETRICH, Wolf. Os Brasiguaios no Brasil. Aspectos Fonéticos, Gramaticais e Lexicais. In: NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf (orgs.). **O Português e o Tupi no Brasil**. Editora Contexto. São Paulo, 2010, p. 167-181.

DIRECCIÓN General de Estadística, Encuestas y Censos – **DGEEC** –. Paraguay. Disponível em: <<http://www.dgeec.gov.py/>>. Acesso em: 06 de maio de 2011.

DUBOIS, Jean et alli. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1978.

DULAY, Heidi and BURT Marina. Remarks on Creativity in Language Acquisition. In: BURT, Marina; DULAY, Heidi and FINNOCHIARO, Mary (Eds). **Viewpoints on English as a Second Language**. New York: Regents, 1977, p. 95-126.

ELIZAINCÍN, Adolfo. **Dialectos en contacto**: Español y Portugués en España y en América. Montevideo: Arca, 1992.

ELIZAINCÍN, Adolfo; BEHARES, Luis e BARRIOS, Graciela. **Nós falemos brasileiro**. Dialectos portugueses en Uruguay. Montevideú: Editorial Amesur, 1987.

FARIA CARDOSO, Valéria. A Língua Guarani e o Português no Brasil. In: NOLL, Volker;

DIETRICH, Wolf (orgs.). **O Português e o Tupi no Brasil**. Editora Contexto. São Paulo, 2010, p.155-166.

FASOLD, Ralph. W. Language attitudes [1974]. In: FASOLD, Ralph (ed.). **The sociolinguistics of society**. Oxford, England; New York, NK, USA: Basil Blackwell, 1984, p. 115-134.

FERGUSON, Charles [1959]. Diglossia. In: Fonseca, Maria S. V. da; Neves, Moema F. (Orgs.) **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca Ltda., 1974, p. 99-118.

FERGUSON, Charles and GUMPERZ, John Joseph. Introduction in Linguistic diversity in South Asia. In Anth., **Folklore & Linguistics**. Indiana U. Publications, 1960, p. 41-44.

FERNÃO DE OLIVEIRA [1536]. **A gramática da linguagem portuguesa**. Introdução, leitura atualizada e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional, 1975.

FERREIRA, Carlota e CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: contexto, 1994.

FISHMAN, Joshua. **The sociology of language**. Rowley: Newbury House, 1972.

FISHMAN, Joshua. **Attitudes and Beliefs about Spanish and English among Puerto Ricans**. View points 47, 51, 72. Bloomington: Indiana University Press, 1971.

FISHMAN, Joshua. **Bilingualism with and without diglossia: diglossia with and without bilingualism**. Journal of Social Issues, 1967.

FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmem Maria; DAL CORNO, Gisele Olívia Montovani. **Da Estigmatização à Solidariedade: Atitudes Lingüísticas na RCI**. Revista Médis: história & cultura. Vol. 4, Nº 8. Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul/ RS, 2005.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: 1. ed. Artes Médicas, 1995.

GILES, Howard; RYAN, Ellen Bouchard; SEBASTIAN, Richard J. An integrative perspective for the Study of attitudes toward language variation. In: GILES, H.; RYAN, E. B. (ed.). **Attitudes towards language variation: social and applied context**. London: Edward Arnold, 1982, p.64-69.

GÓMEZ MOLINA, José. Ramón. **Actitudes lingüísticas en una comunidad bilíngüe y multidialectal: area metropolitana de Valencia**. Anejo nº. XXVIII de la Revista Cuadernos de Filología. Valencia, Universitat de Valencia, 1998.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 4ª. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GUMPERZ, John. **Language in social groups**. Stanford: Stanford University Press, 1971.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e

Guacina Lopes Louro. Rio de Janeiro/RJ: DP&A Editora, 2005.

HENSEY, Frederick Gerald. **The sociolinguistic of the Brazilian – Uruguaiayan border**. The Hague: Mouton, 1972.

HYMES, Dell. Models of the interaction of language and social life. (Revised from 1967 paper.) In: GUMPERZ e HYMES, eds. 1972. **Directions in sociolinguistics: The ethnography of communication**. Blackwell, 1972, p. 71-101.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística – **IBGE**. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_dos_Indigenas/pdf/Publicacao_completa.pdf>. Acesso em: 14 de agosto de 2012.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística – **IBGE** – 2010 . Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 05 de maio de 2011.

INSTITUTO Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – **INEP** – 2010. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=comcontent&view=article&id=206:inep&catid=122:inep-estudos-e-pesquisas&Itemid=229>>. Acesso em: 05 de novembro de 2012.

INSTITUTO Nacional de Estadística y Censos – **INDEC** – Argentina. Disponível em: <<http://www.indec.gov.ar/cgi-bin/RpWebEngine.exe/PortalAction?&MODE=MAIN&BASE=CPV2001ARG&MAIN=WebServerMain.inl>>. Acesso em: 06 de maio de 2011.

JORNAL, **BBC** Brasil. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/06/120626_paraguai_semterras_jf.shtml>. Acesso em: 02 de agosto de 2012.

LABOV, William. [1972]. **Padrões Sociolingüísticos**/ William Labov: tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola, Editorial, 2008.

LABOV, William. **The social stratification the English in New York City**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistic, 1966.

LAMBERT, Wallace Earl. **A Social psychology of bilingualism**. Journal of Social Issues, 23, 1967.

LAMBERT, William e LAMBERT, Wallace Earl. **Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966.

LÓPEZ MORALES, Humberto. Creencias y actitudes. El cambio lingüístico. In **Sociolingüística**. 2ª. ed. Madrid: Editorial Gredos, 1993, p. 231-235.

LÓPEZ MORALES, Humberto. **Sociolingüística**. Madrid: Gredos, 1989.

LÓPEZ MORALES, Humberto. Velarización de /RR/ en el español de Puerto Rico: índices de actitudes y creencias en **Dialectología y Sociolingüística: Temas Puertorriqueños**. Madrid: Hispanova, 1979, p. 107.130.

MAPA com a localização de Foz do Iguaçu. **Figura**. Disponível em: <http://www.pmfi.pr.gov.br/portal2/home_turismo/>. Acesso em: 02 de maio de 2011.

MARCONDES, Danilo; FILHO, Danilo Marcondes de Souza; JAPIASSU, Hilton. **Dicionário básico de filosofia**. 3ª ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

MERCOSUL. **Estrutura econômica**. Disponível em: <<http://www.classificados.mercosul.com.br/mercosulatual.htm>>. Acesso em: 10 de março de 2013.

MELIÁ, Bartomeu. **La lengua guaraní del Paraguay**. Historia, sociedad y literatura, Madrid: MAPFRE, 1992.

MERCER, José Luis da Veiga. **Áreas fonéticas do Paraná**. Curitiba: UFPR, 1992.

MINISTÉRIO da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – **INEP** – Censo Educacional 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=206:inep&catid=122:inep-estudos-e-pesquisas&Itemid=229>. Acesso em: 05 de novembro de 2012.

MORALÍS, Edileusa Gimenes. **Dialetos em contato**: um estudo sobre atitudes lingüísticas. 100 p. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: [s.n.], 2000.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

NAIPI. **Figura**. Disponível em: <<http://www.cataratasdoiguacu.com.br/portal/paginas/226-lenda-das-cataratas.aspx>>. Acesso em: 30 de abril de 2011.

NARO, Anthony J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.) **Introdução à Sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003, p. 75-85.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organizações Simões. 2ª ed., 1953.

PARAGUAI. **Geografía ilustrada del Paraguay**. Distribuidora Arami SRL, 2007.

PARQUE Nacional do Iguaçu. **Lenda das Cataratas**. Disponível em <<http://www.cataratasdoiguacu.com.br/portal/paginas/226-lenda-das-cataratas.aspx>>. Acesso em: 30 de abril de 2011.

PASTORELLI, Daniele Silva. **Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema**: um estudo da relação do português com línguas em contato. Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Londrina. Londrina/PR, 2011.

PEREIRA, Maria Ceres. **No oeste paranaense**: língua e aprendizagem em contexto

sociolinguisticamente complexo. Projeto institucional apoiado pela Fundação Araucária. Unioeste. Cascavel/PR, 1999.

PORTAL Brasil. Disponível em: <<http://www.portalbrasil.net/brasil.htm>>. Acesso em: 31 de julho de 2012.

PORTAL de Turismo e Informações de Foz do Iguaçu e da Tríplice Fronteira. **H2FOZ** Disponível em <<http://www.h2foz.com.br/>>. Acesso em: 04 de abril de 2011.

PORTAL MEC, Brasília. **Escola de Fronteira**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12586:escola-de-ronteira&catid=341:escola-de-fronteira&Itemid=835>. Acesso em: 10 de março de 2013.

POTTIER, Bernard. Dialectologia y Gramática. In: ALVAR, Manuel. **Manual de dialectologia hispânica**: el espanhol de Espanha. Barcelona: Ariel, 1996, p. 31-46.

RABOSI, Fernando. **Nas ruas de Ciudad Del Este**: vidas e vendas num mercado de fronteira. Tese de doutorado em Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

RAMOS, Jânia Maria. **Avaliação de dialetos brasileiros**: o sotaque. Revista de estudos da Linguagem, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1997.

REIS, Regiane Coelho Pereira. **Atlas Lingüístico do município de Ponta Porã – MS**: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2006.

RICHARDSON, Virginia. **The role of attitudes and beliefs in learning to teach**. In: SIKULA, John. (Ed.). Handbook of Research on Teacher Education. 2ª ed. New York: Macmillan, 1996. p. 102-119.

RODRIGUES, Rosa Evangelina de Santana Belli. **Em busca de uma história para o léxico rural paranaense**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2007.

ROJO, Guillermo. **Conductas y actitudes lingüísticas en Galicia**. Revista Española de Lingüística, 1981.

ROMAINE, Suzanne. **Language in society**: an introduction to sociolinguistics. London: Blackwell, 1994.

RONA, José Pedro. **El dialecto “fronterizo” del Norte del Uruguay**. Montevideo: Universidad de la República, 1959.

RONA, José Pedro. **La frontera lingüística entre el portugués y el español en el norte Del Uruguay**. Veritas – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1963.

ROSSI, Néelson. Os falares regionais do Brasil. In: **Atas**. O Simpósio de São Paulo. São Paulo, 1969, p. 87-97.

SABADIN, Marlene Néri. **O ensino de inglês em uma escola pública municipal do oeste paranaense**: um estudo de caso etnográfico. Dissertação de Mestrado, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras - Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/ UNIOESTE. Cascavel/PR, 2006.

SANCHES, Roseli Áurea Soares. **Fotografias sociolingüísticas sob a óptica das atitudes lingüísticas na região de fronteira**: Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2006.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. **Vida material e vida econômica**. Curitiba: SEED, 2001.

SAPIR, Edward. **A linguagem**: Introdução ao estudo da fala. Tradução e apêndice de J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1980.

SAUSSURE, Ferdinand de[1916]. **Curso de lingüística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

SCHERRE, Marta Maria Pereira. **Doa-se filhotes de poodle**: variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2005.

SCHERRE, Marta Maria Pereira. **Reanálise da concordância nominal em português**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1988.

SECRETARIA Municipal de Turismo de Foz do Iguaçu. Disponível em <<http://www2.fozdoiguacu.pr.gov.br/Turismo/>>. Acesso em 20 outubro de 2010.

SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. **História do falar e história da lingüística**. Trad. Fernando Tarallo. Campinas: SP: Ed. UNICAMP, 1993.

SILVA NETO, Serafim da. **Guia para os Estudos Dialectológicos**. Belém, 1957.

SILVA NETO, Serafim da. **História da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística**: Teoria y Análisis. Madrid: Editorial Alhambra, 1988.

SOARES, Luiz Felipe de Macedo. O Brasil no cenário regional de defesa e segurança. In: PINTO, J. R. de Almeida; ROCHA, A. J. Ramalho; SILVA, R. Doring Pinho (orgs.). **O Brasil no Cenário Internacional de Defesa e Segurança**. Brasília: Ministério da Defesa, Secretaria de Estudos e de Cooperação, 2004.

STURZA, Eliana Rosa. Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas lingüísticas nas fronteiras brasileiras. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 57, n 2. Junho de 2005. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200021&Ing=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 de março de 2012.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics**: an Introduction to Language and Society.

Harmondsworth: Penguin, 1974.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.

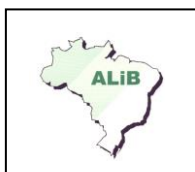
WARDHAUGH, Ronald. **An Introduction to Sociolinguistic**. Oxford, Cambridge: Blackwell, 1986.

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact*. Haia: Mouton, 1953.

WEINREICH, Uriel. *Research. Problems in Bilingualism, with Special Reference to Switzerland*. Columbia University dissertation, 1951.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Empirical foundations for a theory of language Change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Yakov (ed.). **Directions for Historical Linguistics: a Symposium**. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 95-195.

ANEXO A – Ficha do Informante



Projeto de tese: Crenças e Atitudes Linguísticas: Aspectos da Realidade da Trílice Fronteira
Ficha do Informante
 (Aplicação da Ficha de Informante do Projeto ALiB)

DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE	
1. NOME:	2. ALCUNHA:
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. SEXO: A. () M B. () F
5. IDADE:	
6. ENDEREÇO: RUA e Nº: BAIRRO: CEP:	
7. ESTADO CIVIL: A. () solteiro B. () casado C. () viúvo D. () outro	
8. NATURALIDADE:	9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)
10. A. DOMICÍLIOS, ÉPOCA E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE: B. MOTIVO DO(S) AFASTAMENTO(S)	
11. ESCOLARIDADE:	12. OUTROS CURSOS: A. () especialização B. () profissionalizante C. () outros
13. NATURALIDADE: da mãe: do pai: do cônjuge:	14. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? A. sim B. não 15. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO? NATURALIDADE: A. da mãe adotiva: B. do pai adotivo:
16. ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS SUMÁRIAS DO BAIRRO, CIDADE):	
17. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:	18. PROFISSÃO: A. do pai: B. da mãe: C. do cônjuge: D. do informante:

RENDA

19. TIPO DE RENDA: A. () individual B. () familiar

CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

20. ASSISTE TV? A. () todos os dias B. () às vezes C. () nunca	21. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. () novelas B. () esportes C. () programa de auditório D. () noticiários E. () programa religioso F. () filmes G. () outro	22. TIPO DE TRANSMISSÃO: () rede gratuita () parabólica () tv por assinatura		
23. OUVE RÁDIO? A. () todos os dias B. () às vezes C. () nunca D. () parte do dia E. () o dia inteiro F. () enquanto viaja G. () enquanto trabalha H. () domingo à tarde		24. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. () noticiário geral B. () esportes C. () programa religioso D. () noticiário policial E. () música F. () programa com participação do ouvinte		
25. LÊ JORNAL? A. () todos os dias B. () às vezes C. () nunca D. () semanalmente E. () raramente				
26. NOME DO(S) JORNAL(IS): Gazeta A. () local B. () estadual C. () nacional	27. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER: A. () editorial B. () esportes C. () variedades D. () programa cultural E. () política F. () página policial G. () classificados H. () outra			
28. LÊ REVISTA? A. () às vezes B. () semanalmente C. () mensalmente D. () raramente E. () nunca				
29. NOME/TIPO DE REVISTA: _____				
PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES				
	FREQUENTEMENTE	ÀS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
30. CINEMA	A. ()	B. ()	C. ()	D. ()
31. TEATRO	A. ()	B. ()	C. ()	D. ()
32. SHOWS	A. ()	B. ()	C. ()	D. ()
33. MAN. FOLCLÓRICAS	A. ()	B. ()	C. ()	D. ()
34. FUTEBOL	A. ()	B. ()	C. ()	D. ()
35. OUTROS ESPORTES	A. ()	B. ()	C. ()	D. ()
36. OUTROS	A. ()	B. ()	C. ()	D. ()
37. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA?				

PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA

38. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE:

A. () tímido B. () vivo C. () perspicaz D. () sarcástico

39. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO:

A. () total B. () grande C. () média D. () fraca

40. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO:

A. () cooperativa B. () não cooperativa C. () agressiva D. () indiferente

41. CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE:

A. () "A" B. () "B" C. () "C" D. () "D"

42. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR:

A. () grande B. () médio C. () pequeno D. () nenhum

43. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES:

A. () sim B. () não

44. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S):

45. DADOS SOBRE A FAMÍLIA DO INFORMANTE:

46. AMBIENTE DO INQUÉRITO:

47. OBSERVAÇÕES:

48. NOME DOS INQUIRIDORES:

INQ:
AUX:
AUX2:

48. LOCAL DA ENTREVISTA:

CIDADE:
UF:

49. DATA DA ENTREVISTA:

50. DURAÇÃO:

ANEXO B – Questionário das Atitudes Linguísticas do Brasil com o Paraguai e com a Argentina

1. Que língua você o(a) senhor (a) aprendeu na família?
2. Em que língua você o(a) senhor (a) mais fala? Por quê?
3. Em que língua você o(a) senhor (a) lê e escreve?
4. Pode-se reconhecer a origem de uma pessoa pelo seu jeito de falar? Cite exemplos?
5. Qual a língua mais utilizada na fronteira? Por quê? Em que ocasiões essa língua é mais utilizada?
6. Em que ocasiões as pessoas brasileiras/ argentinas/ paraguaias falam espanhol/ castelhano/jopará/guarani/ português/árabe etc.? Por quê?
7. Quais as dificuldades linguísticas que você / o(a) senhor (a) encontra no uso da língua falada na fronteira? Por quê?
8. No dia-a-dia, dizem que as pessoas misturam as línguas: ora falam espanhol ora guarani ora português ora árabe. É verdade que isso acontece?
9. O que você / o(a) senhor (a) acha dessa mistura de línguas? É comum aqui as pessoas dizerem as mesmas coisas em diferentes línguas para melhor se fazerem entender? Saberá dar exemplos?
10. Você / o(a) senhor (a) acha importante essa pluralidade linguística na fronteira? Por quê?
11. Onde você / o(a) senhor (a) convive mais frequentemente com essa realidade linguística (as pessoas falando línguas diferentes em diferentes ocasiões?) na família, na escola (colega/colegas, professor/alunos), no trabalho (relação com clientes, no convívio patrão/empregado), no comércio, quando vai as compras, na igreja, nas relações de amizade.
12. Que língua(s) deve(m) ser mais usada(s) para se ter sucesso na fronteira? Por quê?
13. contratação de empregados, por exemplo, os patrões dão preferência a candidatos que saibam se comunicar mais em que línguas?
14. É possível que seja julgado melhor pela(s) língua(s) que fala do que pela inteligência?

15. Para você / o(a) senhor (a) quem fala melhor o idioma: As mulheres ou os homens?
Por quê?
16. No seu trabalho, é preciso escolher um jeito e uma língua diferente para lidar com cada pessoa? Como? Por quê?
17. Uma pessoa que tem bastante instrução fala melhor que uma pessoa que tem pouca ou nenhuma instrução escolar?
18. Se você/ o(a) senhor (a) tivesse que escolher entre os diferentes falares na fronteira, na sua opinião quem fala melhor e por quê?

ANEXO C – Temas para discursos semi-dirigidos

1. Relate um acontecimento marcante em sua vida (casamento, namoro, profissão...)
2. De que programa de televisão você / o(a) senhor (a) mais gosta? Por quê?
3. Você / o(a) senhor (a) trabalha em quê? Fale um pouco sobre seu trabalho.
4. Conte um caso/ um fato de seu conhecimento (de que tenha ouvido falar, que tenha acontecido com um amigo, etc.)

PARÁBOLA DOS SETE VIMES

Era uma vez um pai que tinha sete filhos. Quando estava para morrer, chamou-os a todos e, depois de ter olhado inquieto e tristemente para o céu, disse-lhes:

– Já não tendes mãe e eu sei que não posso durar muito; mas antes de morrer, desejo que cada um de vós me vá buscar, no Campo do Moinho, um vime seco.

– Eu também? Perguntou o mais novo – um garoto esbelto de quatro anos que estava, inocentemente, brincando ao sol com duas moedas num velho chapéu de feltro.

– Tu também, Tiago.

Quando os filhos voltaram com os vimes, o pai pediu ao menor deles:

– Quebra esse vime.

Ao ouvir isto, o pequeno partiu o vime sem nada lhe custar.

– Agora parte os outros, um a um.

O menino obedeceu.

– Trazei-me, todos, outro vime! Tornou o pai, logo que viu o menino partir o último sem dificuldade alguma.

Quando os rapazes apareceram de novo, enfeixou os sete vimes soltos, atando-os com o fio.

– Toma este feixe, Paulo. Parte-o! ordenou o pai ao filho mais velho – o homem mais valente da cidade.

Vendo que já lhe doíam as mãos de tanto se esforçar por partir o feixe, acrescentou:

– Não foste capaz! O osso é duro de roer!...

– Não, senhor, não fui, e já me doem as mãos, respondeu o moço.

Todos os outros tentaram em vão.

– Se fossem mil vimes em vez de sete, pior seria, exclamou o pai. Quer sejam vimes ou corações, lembrai-vos sempre que a união faz a força. Se estiverdes sempre unidos, ninguém vos fará mal.

Ao acabar de dizer isto, morreu. Fiéis ao bom conselho paterno, até ao fim da vida, foram sempre felizes e fortes como leões, os sete irmãos desta história.

(TRINDADE COELHO. Os meus amores. Apud LACERDA, A. de, HAMMARSTRÖM, G. *Transcrição fonética do português normal*. Coimbra: [s.n.], . p. 27-28. Texto com adaptações. Fonte: COMITÉ NACIONAL DO PROJETO ALIB, *Atlas Lingüístico do Brasil. Questionários 2001*. Londrina: UEL, 2001. p. 47).